



Pixação: arte e pedagogia como crime



Gustavo Coelho

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

piXação: arte e pedagogia como crime

por

GUSTAVO REBELO COELHO DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sergio Sgarbi Goulart

Rio de Janeiro

2009

piXação: arte e pedagogia como crime

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado dório de Janeiro.

Aprovado em 18 de agosto de 2009

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Paulo Sergio Sgarbi Goulart (Orientador)

Faculdade de Educação (UERJ)

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho (Co-orientador)

Instituto de Artes (UERJ)

Prof. Dr. Walter Kohan

Faculdade de Educação (UERJ)

Prof. Dra. Sandra Mara Corazza

Faculdade de Educação (UFRGS)

Dedico a todos os que estão ou estiveram nesta
correria que é a rua. A todos os que viveram e
sobreviveram por esta cultura, mas também
aos que não escaparam dos riscos corridos.

Deixo uma homenagem especial ao **VUCA**,
mais um entre tantos arteiros que tiveram suas
vidas encurtadas pela intensidade desta cultura
que tanto nos encanta. De todo modo, a cidade
não nos permite o esquecimento, flagra a
lembança, a memória e a nostalgia de mais
um de seus heróis, mortos em carne, mas vivos
em pedra. Inapagável lápide.

Agradeço à Débora pelos amparos, amores e orgulhos incondicionais, inclusive pelas madrugadas; ao Paulo Sgarbi por estar sempre pronto a aceitar e encorajar os riscos; ao Aldo Victorio por me apresentar o mal respirável; ao Canevacci pelo seu apreço, carinho, fetiches, e por Roma; à Melissa Eloá por ser um apoio e uma reverberação no grupo de pesquisa; ao Marcelo por ser sem noção e aceitar com todo gás os convites mais negáveis; ao Bruno pela amizade sem pudores e futuras edições; ao Jordan por ser amigo mesmo que distante; aos meus alunos que, por incrível que pareça, são razão das ansiedades que me fazem chegar às 7 da manhã à UERJ; e, obviamente, com ainda mais força, àqueles que me presentearam este trabalho – a todos os piXadores, com menção especial aos que, graças à pesquisa, não só conheci, mas me envolvi de corpo e alma, em constante contágio; finalizando, ao Rio de Janeiro, com suas pedras e ferrugens; à São Paulo, com seus topos e arranha-céus; à Roma com seu esquilino; à Berlim com seu muro; à Atenas com suas ruínas; às demais cidades que ainda me aguardam chegar.

A maiores constrições estão expostas, como em todos os lugares, as vidas secretas e aventureiras. Os gatos de Esmeraldina, os ladrões, os amantes clandestinos, locomovem-se pelas ruas mais elevadas e descontínuas, saltando de um telhado para o outro, descendo de uma sacada para uma varanda, contornando berais com passo de equilibrista. Mais abaixo, os ratos correm nas escuras cloacas, um atrás do rabo do outro, juntamente com os conspiradores e os contrabandistas: espreitam através de fossos e esgotos, escapam por interstícios e vielas, arrastam de um esconderijo para o outro cascas de queijo, mercadorias ilícitas e barris de pólvora, atravessam a compacta cidade perfurada pela rede de covas subterrâneas.

Um mapa de Esmeraldina deveria conter, assinalados com tintas de diferentes cores, todos esses trajetos, sólidos ou líquidos, patentes ou escondidos.

(CALVINO, 1990, p. 83-84)

RESUMO

É possível uma juventude perifezada e criminosa ser encantadora, apaixonante? É possível se pensar esta mesma juventude cotidianamente em situação de fuga, como produtora de fervilhantes estéticas, reverberadora de vozes afirmativas, que amplificam e exibem, diante de nossos narizes, espancadas nas superfícies visuais de nossas cidades, significativas contradições e dissonâncias flagrantes de boa parte dos desafios urgentes para nossa sociedade fragmentada? Esta pesquisa, portanto, se mostrando, logo de cara, nada imparcial, propõe uma aventura intelectual cheia de ousadias, e por que não, crimes, que sugerem, mesmo que nada educadamente, respostas afirmativas a estas perguntas. Para tanto, mergulhei, e, de repente, me vi envolvido, contaminado por uma meninada que escolheu a piXaçãO como forma de espancar pelos muros, topos, marquises, pedras, janelas, ou melhor, pela superfície das cidades, a sua existência, gritando em fetiches visuais, sua condição nada anônima, que, não só habita, mas assina e registra à tinta spray, um projeto de cidade, em grande parte, anonimador. A cidade, aparentemente a contra gosto, veste este seu inescapável jeitão contemporâneo, em outras palavras, nada maquiado, em sintonia com os frangalhos, ruínas e imperfeições que nos constituem. Juventude criminosa reencantadora de projetos civilizatórios falidos? Quanta ironia! Ar respirável pela coragem! Vejo, portanto, a produção estética como condição para a existência humana, como maneira de amenizar as misérias de um vazio contemporâneo, como elemento reencantador de um mundo contaminado por um fetiche UNO metafísico. Tudo isso por uma vida mais fruível, prazerosa. piXaçãO, então, como uma entre as produções juvenis contemporâneas que, mesmo em sua farda condição periferizada, habitantes dos locais não só geograficamente, mas também, simbolicamente invisibilizados, nomademente, com toda audácia e indisciplina, atravessam esta cidade que, pelo que aparenta, não foi projetada para elas. Seres inesperados, bem-humorados, habilidosos na arte de não serem pegos, nem ligando para tudo isso, fervilhantes flagrantes de que nosso histórico projeto civilizatório, pautado em morais euroreferenciadas, grosso modo, cristãs, não dão mais conta, se é que um dia deram. Polifonia urbana evidente, sem saber muito bem o que é crime e o que é arte, outras cidades, outras juventudes, outras estéticas. E eu vou por aí, em risco de vida.

ABSTRACT

Can a peripherized and criminal youth be charmer and lovely? Can we think this youth, in a daily situation of escape, as producer of exciting aesthetics, reverberating affirmative voices, which amplify and show, in front of our noses, spanked over the visual surfaces of our cities, significant contradictions and dissonances flagrant of urgent challenges to our fragmented society? This research, therefore, showing up as a non-impartial work, proposes an intellectual adventure full of daring, and why not, crimes, suggesting, even not educative, affirmative answers to these questions. In this way, I plunged, and, suddenly, saw myself surrounded and contaminated by these youth, who chose the *piXação* as a way to spank through the walls, tops, marquee, stones, windows, or better, through the surface of the city, their existence, shouting out loud in visual fetishes, their non-anonymous situation, that not only inhabits, but signs and registers with aerosol paint, a city project, in several ways, anonymous. The city, apparently against its will, dresses its inescapable contemporary face, in other words, not made up, tuned with the fizzle, ruins and imperfections that constitute us. Criminal youth rechanter of failed projects of civilization? Such irony! Respirable air through courage! I see, therefore, the aesthetic production as condition for the human existence, as a way to temper the miseries of a contemporary felling of empty, as a rechanter element of a world contaminated by a metaphysical fetish UNO. All of this, for a more pleasurable life. PiXação, so, as one of the contemporary youth aesthetic production that, even with its peripherized situation, inhabitants of locals, not only geographical, but symbolically invisibilized, nomads, with all audacity and indiscipline, crosses this city that, apparently, has not been projected for them. Unexpected beings, in a good mood, skilled in the art of not being caught, not caring about all of this, teeming flagrant that show us that our historical project of civilization, based on euro-referenced morals, in some way, Christian, does not account for, anymore. Urban polyphony evident, without knowing very well what is crime and what is art, other cities, other youths, other aesthetic. And I go this way, in risk of life.

SUMÁRIO

Introdução embriagada	10
1.. Encantadora juventude criminosa.	14
2.. Entrando na conversa.. uma metodologia-filosofia.	28
3 .. Fetiches - morais - fetiches - fascismos - fetiches	42
3.1.. Fetiche pela ordem	56
3.1.1.. Juvenilizando os fetiches	57
4.. Uma ficção chamada cidade .. é tudo nosso!	67
4.1.. A cidade reclamada.. patrimônio?	78
4.2.. Desordeiros.. uma pedagogia urbana extrema	83
5.. “Olha pro alto”.. é o bonde do xarpi!	101
5.1.. Sociabilidades em poucas letras.	104
5.1.1.. a 5 estrelas.. Rádio Gruta.. XRF	108
5.2.. Bora pra réu! leva tua pasta!	121
5.2.1.. Eu saio em todos os jornais!! muita mídia!	123
5.3.. Xarpi digital.. pedra e pixel.	127
5.3.1.. Uma câmera numa mão e um jet na outra.	150
5.4.. Do rap ao rock, no xarpi tem de tudo.	157
5.5.. Léco Néma! Deon que tá a tala? cialipo!	158
5.6.. Os primórdios.. CELACANTO PROVOCA MAREMOTO!	162
5.6.1.. G80.. estou velho?	176
6.. São Paulo me chamava! Altas vozes!	186
6.1.. Uma chance perdida pelas belas artes	190
6.2.. Choque cultural? Não seria blecaute?	196
6.3.. Se encheram do vazio ou encheram o vazio?	204

6.3.1.. Carol presa! Artistou demais?.....	211
6.4.. Me misturei. Pesquisador aliado!.....	220
6.4.1.. Envolvido até o pescoço!.....	239
7.. Luz.. câmera.. PICH.ação	267
7.1.. Primeira missão: ferrugem.....	269
7.2.. Segunda missão: topos, pastilhas e correria!	277
7.3.. Terceira missão: amiga carol e um pesquisador criminoso.	287
8.. O dia em que piXadores invadiram a UERJ.....	314
9.. Pedagogia, arte e crime, em íntimo contato.	359
Referências bibliográficas	369

INTRODUÇÃO EMBRIAGADA

Era uma tarde, e eu estava no ponto de ônibus, perto de minha casa, indo para sabe-se lá onde, afinal de contas, o que estava para acontecer tomou tanto o entusiasmo da minha memória que até mesmo o objetivo de estar ali, esperando aquele ônibus, ou seja, o destino para onde iria, foi apagado. Não era, de fato, nem um pouco importante frente ao que estava prestes a acontecer. Agradeço sempre ao acaso, nem tão acaso assim, de ter atrasado um pouco o meu ônibus para que aquele encontro que você nem sabe ainda qual foi acontecesse por completo, como foi.

Enquanto eu esperava, um jovem inclusive na idade e outro não-jovem apenas na idade (**ver p. 20**), ou seja, um com seus 15 anos e o outro lá pelos seus 28 ou 30 anos, apareceram na esquina, vieram caminhando, olhavam para todos os lados, por vezes, falavam baixo um com o outro, riam, mas sempre suspeitando de tudo, até que me perceberam ali, ficaram me olhando por algum tempo. Percebi que queriam fazer alguma coisa, fiquei curioso, ainda bem que, sem ninguém dizer nada, bastaram alguns olhares misteriosos, suspeitos, de quem não sabia quem era quem, para que eles, sabe-se lá como, percebessem alguma simpatia em mim. Pareço ser simpático a ações criminosas, rebeldes, indisciplinadas, inesperadas, desautorizadas ou qualquer coisa do tipo? Talvez!

Após essa negociação de olhares, com confiança total na minha presença nada ameaçadora, o mais novo, enquanto atravessava a rua, retirou da mochila um daqueles isopores para manter garrafas de cerveja gelada, mas, obviamente, não havia garrafa alguma, mas sim uma latinha de tinta spray, ou melhor, uma “tala” (**ver p. 158**) de tinta prateada. Ao chegar ao outro lado da calçada, este, o mais jovem, escolheu aquele muro verde, já meio desgastado para ser seu alvo. Enquanto isso, seu amigo, mais velho e mesmo assim jovem, fazia certa cobertura, nessa altura do campeonato, ajudado também, pelo meu olhar que nem ligava para os ônibus que surgiam, provavelmente, aquele Caxias-

Pilares deve até ter passado e eu nem percebi.

O cheiro de tinta chegava até a mim, mas, logo no começo do primeiro nome, o birro entupiu. Retira-se o birro, assopra-se, tinta ao vento, mais cheiro, tudo desentupido, e o primeiro nome completo, reluzente, refletindo aquele sol de fim de tarde. Após uma sonora gargalhada, o mais velho-também-jovem atravessa rua, enquanto o mais novo, já com mais um nome na cidade, ocupa, agora, o posto do anterior. Birro testado novamente, mais uma gargalhada, sinal de que tudo daria certo, o mundo inteiro, a cidade inteira girava por ali agora. Nomes lado a lado, os cheiros de fumaça de ônibus se misturavam aos de tinta, amizades se misturavam ao muro, vidas em pedra, pedras em vida, como se tudo, tudo mesmo, possuísse, de alguma maneira, uma misteriosa substância invisível, impegável, daquelas que, após pôr a mão, não importe o quanto se limpe, ao menos os seus fortíssimos odores, como o da tinta, continuarão, passe o perfume que for, impregnados. Substância capaz de grudar gelatinosamente até mesmo o que está mais distante, ou melhor, tudo o que aparenta estar intocável, tudo aquilo que vira a cara. Substância, portanto, que, apesar de ter sido encontrada em abundância em grande parte da antiguidade, foi vítima de um longo processo de extinção por parte, especialmente, de uma série de fetiches categorizantes, racionalistas e moralizantes que começaram a se fortalecer nos primórdios da era moderna, mas ganharam projeções inimagináveis, começaram a tomar conta e a se postularem ‘a própria vida’, já pelo século XIX. Contaminaram, compartimentaram e disciplinaram não só os saberes, os conhecimentos, mas a própria condição humana, tudo era passível de seus métodos. Tomaram a humanidade, em especial a ocidentalizada, mas alguma coisa escapou, talvez tenha sido, justamente, o aspecto escorregadio da substância em questão. Quando pensavam estar extinguindo, só se lambuzavam cada vez mais, até que os escorregões começaram a se tornar mais frequentes, tropeços a todo momento, e o nosso tempo chegou. Mesmo que os discursos mais poderosos da sociedade, aqueles dignos de

oficialidade, possuidores dos equipamentos licenciados de amplificação, continuem proferindo, sem pudores, e com menos ainda profundidade e intensidade intelectual, estas mesmas morais, estes mesmos fetiches, a substância reencantadora de mundo, quase perdida, mas que, às avessas, continuava nos lambuzando, às escondidas, começa a se engrossar cada vez mais, a invadir, como que numa retomada, num reencanto, os locais, geralmente centrais, que por séculos, a rechaçaram. E onde essa substância se concentrou, durante tanto tempo, sem ser vista, se potencializando, crescendo em força aglutinada, para, hoje, se espalhar com tanta força, denunciando a todo canto a impossibilidade de se constituir um mundo a negando? Provavelmente nos locais onde o projeto de eliminação desta substância fez vista grossa, menos se ocupou, não fez questão de amparar, mas de periferizar em favor de seu sucesso, que só seria possível mediante esta vontade de ausência, vontade de distinção. Assim se constituíram não só os centros das cidades e seus redutos mais burgueses, como também toda a hierarquização de saberes, conhecimentos, culturas e estéticas necessários a projetos deste tipo. Desta distinção inventada, importante responsável por boa parte da enorme fragmentação e indiferença de nossa sociedade, aparentemente só geográfica, mas, evidentemente, muito mais simbólica, valorativa e cultural, vê-se surgir uma juventude que, justamente por ser periferizada, carrega em si quantidades embriagantes da substância da qual estou falando e põe grandes quantidades dela, justamente, nas suas produções mais intensas, mais inéditas, especialmente aquelas com flexibilidade e extensão prolongadas, do tamanho da própria cidade, quem sabe se estendendo, inclusive para fora dela. Afinal de contas, onde termina a cidade?

Como aqueles dois meninos que, para minha sorte, encontrei. Encontro sem falas, mas encontro dos mais intensos, obviamente muito mais para mim que para eles, que, à primeira vista, provavelmente, viram em mim mais um dos que se amedrontam diante desta substância, frente a qual, nós, os mais contaminados pelas morais construidoras

de um certo ideal civilizatório, claramente, desvinculados desta substância, tentamos nos esquivar. Constrangemos-nos, nos incomodamos, fugimos, e ainda, por vezes, num ato de desespero, ousamos dizer que temos o direito de viver a vida sem nos deparar com elas. “Tenho todo direito de viver minha vida sem ouvir funk.” “Tenho o direito de nunca ter meus portões piXados.” Ingenuidade retrógrada, nada a ver com os desafios que esta juventude contemporânea, ininterruptamente, esfrega em nossa cara, zombando de nossas covardias. Já eram todos esses direitos! Só existem para você, para seu ilusório sono civilizado, mais nada. Estranho, contraditoriamente, antes, me incluí entre os constrangidos, parágrafo recheado de “nós”, e agora jogo, com exclamações ao final, frases de denúncia sobre vocês. De que lado eu falo? Vejo-me, talvez por vaidade, ou por orgulho, na necessidade de dizer a vocês que coloquei o último parágrafo inteiro assim, na primeira pessoa do plural, muito mais como uma maneira de te tornar, já na introdução, um leitor, uma pessoa mais confortável com o que ando pensando, afinal de contas, pela frente vêm linhas ainda mais duras, portanto, todo este emaranhado de “nós” pode te ajudar a tomar fôlego, não te deixando sozinho. Depois disso, posso dizer, eu não quero ter nada a ver com estes contaminados pela moral, escrevo e me jogo em pesquisa arriscada, em pesquisa misturada (**ver p. 220**), em conversa (**ver p. 28**), justamente por isso. Exercícios de fôlego que me possibilitem dizer – “não estou dentro deste ‘nós’”, apesar de que, tem tanto de vocês em mim quanto de piXadores, quanto de funkeiros, quanto de baloeiros, sem deixar de ouvir meu *rock n roll*. Pelo visto, a substância agregadora em questão já me embriagou, não estou falando coisa com coisa, e isso tudo já na introdução, que dirá nas páginas seguintes. Que tal parar por aqui? Mentira! Momento de embriaguês total, isso tudo é só charme, siga. TÁ TUDO DOMINADO! É TUDO NOSSO! TÂMOJUNTOEMISTURADO!

A velhice é um tirano que proíbe sob pena de morte todos os prazeres da juventude. (LA ROCHEFOUCAULD, 2007, p. 69)

1.. Encantadora juventude criminosa.

Tenho 27 anos e minha família acha que sou louca pois não construo nada. Mas o lance de construir nada é ver que essa forma normal de construir a nossa vida pessoal é uma ilusão que afunda mais o mundo. Então, eu dedico minha vida para contribuir de uma forma ativa e forte para uma mudança deste mundo. Eu escolhi não ser uma pessoa normal, que estuda, trabalha, tem filhos e fica velha. (ANARKIA em conversa¹)

A juventude que me desafiei a aventurar revela o pulular de meu encantamento, exatamente no caráter impossível de sua apropriação como objeto delimitável, confortante. É, justamente, então, nesta sua condição inapreensível, que vejo sua maior força como vivenciadora, como protagonista para se pensar uma série de noções que compõem essa interminável composição polifônica na qual vivemos, a nossa contemporaneidade que, nesta pesquisa é não só urbana, mas cosmopolita. Meu interesse principal, portanto, que se vai expandindo, se reaglutinando, se insinuando ao logo da pesquisa, se dá, então, com produções estéticas inventadas e vivenciadas apaixonadamente por esta juventude, como condição para a existência humana, como maneira de amenizar as misérias de um vazio contemporâneo, como elemento reencantador de um mundo contaminado por um fetiche UNO metafísico. Tudo isso por uma vida mais fruível, prazerosa.

No meu caso, é por puro prazer, eu gosto muito de piXar. Como o pessoal diz, piXador não pára, piXador dá um tempo. Prazer de pôr o nome, prazer de conhecer pessoas maneiras. Como o “NADO’s” que eu conhecia dos muros e hoje saímos juntos. (HAIR em conversa)

Como o homem pode ter prazer no absurdo? Enquanto houver do que rir no mundo, é bem o caso; pode-se mesmo dizer que quase em toda parte onde

¹ Sempre que forem citações retiradas a partir de conversas feitas por mim durante a pesquisa, virá referenciado desta maneira. Por que não chamo de entrevista? Ver capítulo 2 “Entrando em conversa. Uma metodologia-filosofia.

houver felicidade, há prazer no absurdo. (NIETZSCHE, 2007d, p. 151)

Jogo-me, então, justamente, neste manancial, em especial nas produções juvenis que, mesmo em sua frágil condição periferizada, habitantes dos locais não só geograficamente, mas também, simbolicamente invisibilizados, nomademente, com toda audácia e indisciplina, atravessam esta cidade que, pelo que aparenta, não foi projetada para elas. Seres inesperados, bem-humorados, habilidosos na arte de não serem pegos, nem ligando para tudo isso, fervilhantes flagrantes de que nosso histórico projeto civilizatório pautado em morais euronreferenciadas, grosso modo, cristãs, não dão mais conta, se é que um dia deram. Polifonia urbana evidente, sem saber muito bem o que é crime e o que é arte, outras cidades, outras juventudes, outras estéticas.

Portanto, esta juventude a ser pesquisada e o acontecimento ‘metrópole contemporânea’, se mostram para mim, como sendo uma parte constitutiva e não retirável do outro, campo amplo de pesquisa onde não só a juventude é sujeito enunciativo, mas a cidade também, indissociáveis, “*carne e pedra*” (SENNET, 2008). Há algo de extremo na própria constituição dos fluxos da metrópole, e é exatamente neste sentido que a juventude dá indícios de seu papel protagonista neste jogo das relações com a cidade. Até mesmo historicamente, quando as cidades ainda se embrionavam, as ações juvenis já eram alvo da preocupação de um mundo adulto que, tendo provado das tentações juvenis, creditavam a este momento da vida um valor perigoso, uma ameaça que devia ser vigiada e regulada em favor da ‘boa ordem’ que, neste momento, logicamente, se confundia entre o cunho religioso, o político e o social, uma vez que estas três noções da vida se viam amparadas na mesma instituição.

A juventude é o tempo dos apetites e do excesso. Assim ela aparece como continuação direta da infância. Após a idade da fragilidade do corpo e das primeiras aprendizagens, vem a da fragilidade da alma e da razão. Por falta de freio e de governo. A juventude entrega-se ao mal. Para a própria sobrevivência

da comunidade. E esse temor percorre todas as pregações de São Bernadino de Siena, por exemplo, é preciso orientá-la. O desenvolvimento deve portanto ser espiritual após ter sido físico. (CROUZET-PAVAN, 1996, p. 191)

Nesse trecho retirado de um estudo sobre a juventude medieval italiana, fica evidente o lugar ocupado pelos jovens, como protagonistas da preocupação dos que tem o papel de organizar e gerir a comunidade. Evidenciando muito mais a potência da ação contra-senso como própria da condição juvenil, que com qualquer outra classificação de caráter etário ou função social, este mesmo estudo, após analisar documentos e discursos acerca dos jovens medievais afirma que:

Mais interessante parece ser a definição sombria dos jovens que os diferentes textos do fim da Idade Média italiana deixam transparecer, vinculando esse 'giovani' menos a uma função ou a papéis do que a comportamentos, em grande parte condenáveis (op. cit., p.192)

Então, já nestes estudos medievais, ou seja, quando a civilização e as cidades começavam a tomar a aparência que conhecemos, este maior vínculo da condição juvenil a comportamentos que à questão da idade – idéia da qual compartilho e levo comigo durante esta pesquisa –, dava evidentes indícios. Um exemplo segue logo abaixo, quando, ao arbitrar uma idade limite para a entrada em uma fase da vida mais madura e responsável, a oficialidade deste discurso parece soar muito mais simbólico que qualquer verdade mais palpável:

A idade da plena responsabilidade e a da maioridade não coincidem. Sobretudo, maioridade não significa entrada na maturidade. O limiar desta última é fixado por São Bernardino na idade de quarenta anos, com o fim das desordens, das fraquezas e das tentações. Quarenta anos: ruptura real ou número simbólico? (op. cit., p. 194)

Em sintonia com meu trabalho, apesar deste recorrente aspecto perigoso atrelado ao discurso sobre a juventude, vale a pena destacar também alguns momentos onde ações

– geralmente de cunho carnavalesco, ou seja, que invertia e colocava momentaneamente às avessas a ordem instituinte – eram legitimadas e aceitas, atribuindo ao jovem um papel justamente de agente pelo reequilíbrio societal, em outras palavras, pela harmonização através da desarmonia, e, nesse meio, a risada juvenil como protagonista.

Neste sentido, vale a pena outro estudo sobre a juventude, desta vez de Norbert Schindler, de onde retiro dois super significativos casos, o primeiro, nos primórdios da era moderna, entre o começo do século XVI e meados do XVIII, quando, para nossa estranheza contemporânea, uma série de organizações juvenis eram reconhecidas oficialmente como organizadoras das festas relacionadas ao carnaval, ou seja, do “*mundo às avessas*”. Levando em conta a região dos Grisões retos-românicos, o pesquisador, por meio de uma série de documentos, sugere que havia uma concepção natural adulta de que “*aqueles em fase de transição – rumo ao estado de adultos, exatamente – administrassem os jocosos rituais de transformação e de renovação encenados no carnaval.*” (SCHINDLER, 1996, p. 276)

Sobretudo nas cidades suíças, havia inúmeras organizações juvenis associadas ao carnaval, as quais, com suas formas de zombarias provocatórias e auto-irônicas, criaram uma boa dose de problemas de interpretação para os historiadores que, no passado, se interessaram pelas tradições populares. (ibidem, p. 276)

Faz todo sentido não deixar de mencionar aqui a ironia que acompanhava estas organizações, tudo mais do que escancarado já em seus nomes, que dirá em seus feitos:

“Corporação da Porca”, de Rapperswill, comprovado por documentos de 1518; ou a “Sociedade do Potentíssimo, Grandioso e Insuperável Conselho” de Zug como aparecia nos protocolos a partir de 1608 com nome falsamente pomposo; ou o “Parlamento dos Loucos”, de Weinfelden, que, documentado até 1786, todos os anos organizava, na quarta-feira de Cinzas, um cortejo em homenagem ao castelo de bailio de Zurique, além de manter um tribunal de deboche (*Spottgericht*), com o qual satirizava os acontecimentos locais. (Ibidem, p. 276)

O segundo caso que escolhi, nem é tão segundo assim, uma vez que mantém ainda este papel protagonizado pela juventude, pelo visto, há muito mais tempo que imaginamos, é o de desconsertar e desrespeitar toda a pompa do que é instituído, especialmente por meio tanto da indisciplina quanto da ironia. No caso, este papel juvenil reharmonizante através da contravenção e da ironização da ordem se cristaliza em situações de mimetismo em relação ao mundo das instituições adultas. Mais uma vez na Suíça da época, no começo do século XVIII, em Appenzell-Ausserrhoden, um grupo de jovens realizava “*no dia seguinte à assembléia dos eleitores [órgão decisório de maior importância]², uma assembléia simulada, na qual imitavam, naturalmente com motes brincalhões dos mais vivazes, as figuras, as execuções, os usos de seus magistrados e pais.*” (SCHINDLER, 1996, p. 300). Era o riso mimético juvenil como agente socializante que, ao passo que zombava da ordem, garantia o acompanhamento da “*assembléia com extrema atenção*”. (op. cit., 1996, p. 300).

Fica evidente a maneira mais leve, mais viva, como as injúrias juvenis, tão socialmente carregadas de simbolismos, eram agraciadas de alguma aceitação por partes da comunidade e, em última instância, pelos adultos que “*naturalmente davam a entender que não sabiam de nada e riam baixinho*” (op. cit., 1996, p. 299). É desta maneira irônica que, ao passo que a sociedade não deixava de se preocupar com as contundentes ações de seus jovens, ao mesmo tempo, não se impunha uma seriedade tão própria dos melhorismos pedagógicos de nosso tempo. Talvez, neste sentido, a sociedade destes antigos incluísse sua vontade de harmonia não em reuniões e planejamentos, mas no inconsciente da vida, que corre entre o sorriso e a gargalhada, em palavras atuais, no que confere ao des-harmônico, ao perigoso. Pulsava ainda, uma confiança, de certa forma, na natureza do tempo atravessador e atravessado pela sociedade.

² Sempre que eu resolver enfiar ditos meus no meio de qualquer citação será feito entre colchetes, em negrito e corpo menor para facilitar a diferenciação.

Nada nos surpreende mais que a generosa tolerância com a qual os adultos desse tempo passado enfrentavam as escapadelas dos jovens, com a irredutível segurança de que tudo era uma questão de tempo. (op. cit., 1996, p. 311)

Mais ou menos o que ouvimos hoje, especialmente em ditos não oficiais, em ditos mais populares: “deixa ele, está na idade de fazer isso”. De todo modo, esse pessimismo ao nosso tempo não vai ganhar o tom deste texto, haja vista que denuncio aqui a superficialidade e a incompletude das ações em tom de projetos oficiais, justificadas sob pretextos ‘bons’ que, mesmo ganhando a segurança dos discursos facilmente defendidos pela mediocridade da lógica oficialóide, encontram, na característica irrefreável da pulsão juvenil, um flagrante bem humorado dos seus limites territoriais com dimensões de viela. Em outras palavras, encaro ações eXtremas desordeiras juvenis como fonte epistêmica para pensar o caráter desregrado, como inerente ao acontecimento vida, e, em última instância, às suas produções que, de fato, nunca se descolam da noção de estética em sua completude.

... deformar alguma coisa é incompreensível numa lógica da medida e da utilidade; chega a ser mesmo, no sentido etimológico, uma perversão, que atua na contramão da racionalidade simples. Além disso, o fato de ligar a incompletude e a estética mostra que esta, ao contrário da moral, pode conviver com a imperfeição, ou seja, incorporar a totalidade da vida, inclusive a sua parte de sombras. (MAFFESOLI, 2005, p. 78)

Sim, desde que a vida esteja ordenada num Estado perfeito, então já não é possível extrair do presente absolutamente nenhum motivo para a poesia e seriam só as pessoas atrasadas que haveriam de exigir uma ficção poética. Em todo caso, estas olhariam para trás com saudade, para a época do Estado imperfeito, da sociedade semibárbara, nossa época. (NIETZSCHE, 2007d, p. 170)

Para horror do ser adulto³, ou seja, daquele que, sob a premissa da proteção,

³ Neste trabalho, a concepção de jovem e adulto se dá em simpatia com Canevacci (2005), ou seja, a importância moderna da questão etária se esfaca.

cria a mania pela organização e transforma o menor indício do caos em situações esquizofrênicas, Sílvia Gallo, em seu estudo sobre Deleuze, afirmou: “*Só a morte vence o caos, só não há caos quando não há nada*” (2003, p. 60). Cabe aqui esclarecer, mais uma vez, que, ao nomear um ser de juvenil e outro de adulto, o faço em simpatia tanto com o que disse acima sobre a incapacidade do quesito idade classificar quem é jovem e quem não, como com o conceito de “*dilatações juvenis*” de Massimo Canevacci (2005), no qual, a importância vinculada à questão etária também é esfacelada.

Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: as dilatações juvenis. (CANEVACCI, 2005, p. 29)

Desta maneira, não há fronteiras fixas e intransponíveis entre a juventude e a idade adulta. A condição juvenil torna-se muito mais relacionada a uma maneira de agir inquietada, fluida, amoral e extrema, que a uma idade ideal de transformação. Da mesma maneira, não é mais a entrada para o mundo do trabalho que garante a fixidez do ser adulto. Além desta passagem não ser mais clara, fica evidente. neste estudo, o livre deslocar entre as duas condições. De acordo especialmente com a ocasião, com a quantidade de iluminação do ambiente, torna-se possível o transitar entre o visível e o invisível, entre a luz e a sombra, a cultura e a subcultura⁴. Os infinitos mascaramentos vão sendo escolhidos de acordo com a sagaz habilidade juvenil que, instantaneamente, ativa ferramentas de avaliação cuja velocidade desafia o tempo de adaptação. Não seria a própria capacidade de, em frações de segundo, se transmutar entre o adulto e o jovem, dismantelando e assombrando categorias, um evidente indício da pulsão-juvenildade?

⁴ Durante este trabalho, as palavras cultura e subcultura estão no mesmo patamar, sem hierarquização de valores. Apenas, em um primeiro momento, assumi o prefixo ‘sub’ como maneira de dizer que ela sobrevive por baixo e por dentro do que é oficial, mais difícil de ser vista, em interstícios proibidos. De todo modo, logo depois, resolvi chamar tudo de cultura, afinal de contas, mesmo apontando a não-hierarquização, volta e meia, tal prefixo soava diminuidor. Por que não apaguei todos os ‘subs’, inclusive este? Flagrantes de minhas mudanças.

Algo pensa, mas acreditar que ‘algo’ é o antigo e famoso ‘eu’, é uma pura suposição, uma afirmação talvez, mas não é certamente uma “certeza imediata” (NIETZSCHE, 2007a, p. 33)

Em admiração a esta incerteza inerente à ininterrupta construção e desconstrução de identidades traduzidas em ‘aparências’ e apoiado na afirmação “*isso é o que importa, reconhecemo-nos no outro, a partir de outro*” de Maffesoli (2005, p. 24), entendo como campo de estudo privilegiado, as profundezas menos iluminadas da juventude, ou seja, suas subculturas. Para estudar tal conceito, caberia aqui uma ampla pesquisa que jamais poderia deixar de mencionar os inovadores estudos produzidos na década de 70, especialmente no *Centre of Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Birmingham. Porém, tal tentativa não terá espaço nestas linhas, uma vez que meu foco não está na arqueologia das subculturas⁵. Aqui, me ateno a entender o prefixo ‘sub’ muito menos a uma negatividade amparada pelo imaginário vertical de valores, como acontece com a palavra ‘subalterno’; que ao aspecto líquido e deslizando da palavra ‘subjaz’⁶. Neste sentido, flagro o perfil desemoldurante de tais potências eXtremas juvenis, que, de fato, sobrevivem a qualquer tentativa enquadradora de cunho moral.

É exatamente na impossibilidade deste enquadramento que a vida, em seus deslimites protagonizados por estes jovens, põe em cheque a utilidade do ‘contra’ nas ‘contraculturas’ como única maneira de não ser nomeado como alienado. Viver no ‘sub’ é a evidência do descentralismo político, do atuar politicamente de maneira apartidária, e, mais ainda, é o flagrante da pulsão-vida, do encontro no sombrio. Onde ninguém quer passar, muitos, geralmente juntos, cismam em habitar, especialmente na madrugada.

Não existe mais uma contracultura, pois morreu a política como utopia que transforma o mundo empenhando o futuro próximo. Não há mais contracultura, pois não há mais o “contra”. (CANEVACCI, 2005, p. 15)

⁵ Neste sentido, ler João Freire Filho em seu livro *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano* (2007).

⁶ Idem nota 4.

Os homens costumam experimentar uma impaciência extrema quando encontram semelhantes naturezas que não *produzem* nada sem que se possa dizer que nada *são*. (NIETZSCHE, 2007d, p. 194)

Será, portanto, numa cultura⁷ atuante nas madrugadas cariocas que, em especial, travei meu mergulho epistemológico, cuja metodologia⁸ será condizente com a minha também condição juvenil, ou seja, possuirá a volatilidade do encontro e da conversa como ponto chave de atuação. Chamo de conversa e não de entrevista, uma vez que, como digo para os próprios jovens pesquisados, acredito mais no contato contínuo e afetuoso que no distantismo das esporádicas e limpas perguntas prontas, exageradamente pré-formuladas **(ver p. 28)**. Tal distantismo é criticado na minha própria prática – o mergulhar de corpo inteiro nas vísceras desta cultura, sem dar espaço para sonhos de neutralidade. O papel de pesquisador não dá garantias de proteção e muito menos legitima ou inibe seus impactos, uma vez que, como disse, não me interessa pela divisão em lados distintos, mas pela completude do acontecimento vida. É preciso entendê-la em sua eterna co-produção e, a partir daí, viver atento no limite entre o observar e o agir, entre o falar e o ouvir, mapeando cada novo movimento, quais as motivações e o que ele pode ter motivado.

A cultura em questão é o “bonde do Χαριπὶ” – meninos e meninas (“Até meninas? – se espantariam os/as machocratas)...

Era uma vontade de liberdade, de agredir um meio banal que eu vivia. Eu, como mulher, me sentia excluída. Eu não podia ir pro baile, zoar, beber, empinar moto, porque eu tinha que ser bonitinha, estudar, trabalhar, ir pra casa, lavar louça, então piXar era revolucionar, subverter isso tudo que colocaram para mim que eu tinha que ser. (ANARKIA em conversa)

...moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro que saem em missões pela

⁷ Relendo, resolvi já aqui começar a chamar tudo de ‘cultura’. ‘Subs’ deletados, como se eu só tivesse pensado neles nas primeiríssimas páginas.

⁸ Mais para frente não chamarei puramente de metodologia, soa chato, soa menor do que é, chamarei de metodologia-filosofia.

madrugada, escalando a cidade o mais alto possível, colocando seus nomes o mais eterno possível, ou seja, fabricando seus delitos que ‘espancam’, a cada nome, o que evidencie acima como a incapacidade de regramento da vida na surdina.

O que é legal na piXaçãO é, por exemplo, eu sou o Tatá, mas, na verdade eu sou o João Ribeiro, o Tatá é um modo do João se divertir, talvez viver algumas aventuras diferentes do cotidiano do João, talvez seja aquela minha máscara de alegria, minha roupa de super herói, um super herói meio vilão, porque, como Tatá, eu desafio qualquer parada, mas, como João, eu não desafio ninguém. Mas nunca deixar o Tatá se tornar o João, porque se depender do Tatá, ele não vai querer trabalhar, só vai querer piXar. O João não, vai querer crescer, quer ver os filhos dele caminhar, minha filha casada, então, no meu caso, o João domina o Tatá. O Tatá não pode dominar o João, mas teve isso, no início, o Tatá estava dominando. (TATÁ em conversa)

Juventude nada aprisionável, escapável, imprevisível. Do que nossos pais tratam logo de escolher, mesmo bem antes do nascimento? O que ocupa lugar especial em todos os documentos oficiais de identificação? O nome, justamente, aquele que vem seguido de sobrenomes familiares, aqueles que só percebemos que foi inventado para a gente mais tarde, depois de alguns anos achando, meio que sem nem pensar muito nisso, que nascemos com aquilo impresso em nós mesmos. Como, então, fazer jus ao nosso cenário urbano-contemporâneo-cosmopolita, com toda sua liberalidade, quase que promíscua, no que diz respeito às infinitas possibilidades de atravessamentos identitários, especialmente juvenis? Atribuir arteiragem ao próprio nome, aventurar a invenção de um novo nome, não somente sonoro, mas também visual, um ‘nome-marca’, som e tipografia no mesmo patamar de importância, tudo em incrível sintonia com os fetiches visuais atravessadores de nossas vidas (ver p. 45). Nomes-marcas-fetiches a serem revelados e compreendidos somente a outros que também ousem fazer o mesmo. Vida dupla? Muito mais do que isso, *multivíduos*.

Por isso a invenção do *multivíduo* na esteira de um pensamento de Nietzsche

que já havia eliminado o prefixo “in” em “divíduo” (que recorro ser a tradução latina do grego “atomon”, o indivisível) na *gaia ciência* de uma divisibilidade e, portanto, de uma multiplicação do eu. Co-divíduo como um *multiple self* que transita fluidamente e pluralisticamente dentro e fora do sujeito singular. (CANEVACCI, 2005, p. 105)

Desnaturalização de seu nome oficial e de tudo que este nome carrega em si, ou seja, uma família, um trabalho, um ciclo social, uma postura, uma moral; para uma apropriação em vida do aspecto ficcional e autoral da criação de identidades, mais fugidia, menos mapeável para a oficialidade e, portanto, mais escapável, fugível, condizente com a *correria* da rua. Prova evidente de que toda a obsessão e fixidez da modernidade pelo indivíduo, em especial o indivíduo coerente, de posição consolidada, trabalho estável, nada vacilante, tem, em nosso tempo, especialmente nessa juventude, nem um pouco cautelosa em escolher para si trajetórias das mais inesperadas, denúncias claras do seu limitado alcance. Neste sentido, mais uma vez, para Canevacci, o trabalho estável “*arrasta e enjaula qualquer outra identidade possível: fazer o mesmo trabalho por toda a vida é segurar-se a uma identidade-prisão perpétua.*” (2005, p. 102)

No entanto, mesmo com toda esta característica dissolvente do processo identitário nessa juventude, processo, inclusive, tático, uma vez que, por ser criado para habitar e atuar em algo que é perseguido como crime, ela se torna, também, maneira de não ser pego, afinal de contas, não é a toa que piXador, quando sai para piXar, não leva sua identidade oficial (**ver p. 118**); mesmo assim, muito graças à situação, em grande medida, frágil, desta condição periferizada vivida por esta juventude, ainda há sim, em muitos casos, um certo sonho pelo trabalho estável e pela família estável, especialmente quando os fragmentos adultos de cada vida vão engrossando a sua presença e suas responsabilidades, mesmo que isso, não reflita, de imediato, como a modernosa relação de causa e efeito, em um abandono total do mundo do $\chi\alpha\rho\pi$ (**ver p. 176**). O que quero dizer, portanto, é que nem mesmo esta relação direta entre trabalho estável e identidade fixa posta pelo amigo⁹

Canevacci, essa juventude permite que seja assim, simples, categorizável.

Eu sou o Leandro. Quem paga as contas, quem dá o que comer às minhas filhas é o Leandro. O Nuno é um personagem. São duas vidas, a diurna e a noturna. Quem está falando aqui é o Leandro sobre o Nuno. O Nuno é maluco, o Nuno não trabalha, não estuda, não tem filho. O Nuno é louco, nem chama que ele vai fazer merda aqui, ele vai roubar a tua câmera. (NUNO em conversa)

Somos todos, em alguns momentos, contraditórios? Ouso dizer que sim. Incoerência? Provavelmente, ou melhor, certamente cometi alguma nesta pesquisa.

Será, portanto, vasculhando cada uma de suas “*artistagens*”¹⁰, cada um de seus modos de sociabilidade, em especial os causadores de náuseas às moralidades burgueso-cristãs, que buscarei atravessar suas capacidades de produzir saberes e conhecimentos, exatamente, onde a moral, cegamente, aplica a ilusão da redução à ‘vândalos’.

Aí, então, se nos entalam, vem uma depredação, e os sabidos do jornal nos lacram, somos chamados de nomes. Vândalos. (ANTÔNIO, 2001, p.122)

Antes de entrar de fato nas artimanhas do Xarpi¹¹, se faz necessário entender a condição juvenil como principal protagonista do ambiente escolar que, para além de uma instituição, é, antes disso, um momento da vida, um momento que não só passa, (mesmo que algumas vezes rápido demais), mas que se entranha em nossos corpos e evidencia suas marcas. Há uma escola que continuamente, por toda vida, atravessa nossos discursos, nossas ações. Por isso, será como uma contundente crítica à moralidade cristã, ao mesmo tempo atravessadora e atravessada pela sociedade ocidental ou ocidentalizada, que este estudo, nietzschianamente, se propõe a defender o indefensável e, assim, denunciar a ilu-

⁹ Não é só charme, posso chamá-lo assim mesmo. Temos uma sintonia muito boa, ainda mais forte após minha estadia em Roma estudando com ele por dois meses.

¹⁰ Termo criado por Sandra M. Corazza em seu livro “*Artistagens – filosofia da diferença e educação*”. (2006)

¹¹ Deixarei, durante todo o percurso textual, a palavra Xarpi com “X” maiúsculo, em simpatia a mesma utilização de Canevacci em *Culturas eXtremas* (2005). “*Em suma, o X, pouco a pouco, tornou-se uma espécie de ideograma que, em virtude da fonética inglesa (X = ecs), acabou por incorporar o timbre sonoro do irregular.*” (2005, p. 44). Outros “X” também perambularão pelo trabalho. Volta e meia, uma experiência será uma eXperiência e algo mais que extremo, será eXtremo, no caso da última palavra, nem é mais homenagem, mas plágio mesmo. Não peço desculpas, agradeço: obrigado Canevacci

são e a ingenuidade do higiênico sonho civilizatório cristão que, ao inventar o vácuo, negligencia a existência da pulsão-vida em seus redutos mais sombrios. Há saberes no vácuo.

Vontade humana de falsificar o mundo, de impor formas ao que é disforme, de simplificar o que é complexo, de regular o que é caótico, de dar sentido ao que é sempre não-senso, de criar o Ser no que não conhece outro estado senão o do devir. (CORAZZA, 2006, p. 34)

O mais nefasto desta condenação de potências juvenis adrenalizantes ao vácuo, ao in-habitado, é exatamente a tutela da ‘bondade’ que a reveste e a torna não só aceitável, mas amplamente defendida como única saída para a sustentação da limpeza de origem eurocêntrica que, neste trabalho, é encarada como a mais dantesca e habilidosa forma de violência, uma vez que atua descorporificada, ou seja, atravessa e toma nossos corpos com um sorriso, com uma sedutora simpatia inegável, na qual, costumeiramente, caímos sem nem percebermos, tamanha a força e agilidade da violência no simbólico. Sendo assim, e amparado pela anterior citação de Sandra Corazza, esta pesquisa se dá em constante auto-vigilância a fim de não deixar escapar qualquer vestígio de tais regras burguesas-cristãs “*falsificadoras de mundo*” que, quando menos esperamos, cismam em apanhar nossos calcanhares. É, exatamente, para me pôr nos limites mais perigosos da aventura intelectual, que optei por este mergulho em comportamentos radicais, uma vez que, assim, fico constantemente frente a frente com o risco de cair no vício reducionista-moralista, ao qual, graças ao intenso apelo jornalístico-escolar-cristão, muitos acabam cooptados.

Finalmente, é claro que não termino de falar sobre a condição juvenil aqui, ela estará amparada praticamente em todas as páginas desta pesquisa, provavelmente de maneira até mais interessante e profunda que nestas dez ou onze páginas que passaram. Mesmo que, em algum momento, das páginas seguintes, ela pareça estar ausente; não está, afinal, sou eu quem escreveu, portanto... Contudo, retomando, pela última vez, os estudos

citados agora há pouco sobre uma juventude dos primórdios da era moderna, vale uma última citação – cópia de um documento emitido pelo clero protestante de Schaffhausen, dirigido ao conselho da cidade, reclamando e denunciando uma série de vícios que se estavam difundido. Vale não só por carregar intimamente muitos dos valores, aflições e vontades comuns, também, ao nosso Xarvide hoje, mas também como maneira de nos aproximar ainda mais da idéia de que estes eXtremos juvenis são constituintes da vida, são agentes de seu acontecimento por completo, a serem convividos, nada aniquiláveis, ou seja, são flagrantes seculares de que toda invenção civilizatória nunca dará conta, ou melhor, é falível já em seu embrião, falsificam e nos negam, ou pensam negar, boa parte daquilo que é memorável.

Além disso, nas trevas da noite circulam com tambores, e durante a noite saem lambuzando com fezes humanas as fechaduras das portas dos pregadores; e mais: cortam árvores de homens probos, a quem custara tanto esforço, dinheiro e trabalho plantá-las. (SCHINDLER, 1996, p. 265)

2.. ENTRANDO NA CONVERSA.. UMA METODOLOGIA-FILOSOFIA.

Seu valor não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças, mantendo-as e não as dissolvendo, e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... e isso é o que a faz interessante... por isso, em uma conversa, não existe nunca a última palavra... por isso uma conversa pode manter as dúvidas até o final, porém cada vez mais precisas, mais elaboradas, mais inteligentes...por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final, porém cada vez mais afinadas, mais sensíveis, mais conscientes de si mesmas... por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa... (Larrosa, 2003, p. 63)

A epígrafe deste capítulo foi escolhida, obviamente, por poemizar e criar uma imagem da ideia de conversa, de uma maneira tão bela que, provavelmente, eu não conseguiria fazê-la. Talvez, deixar apenas a epígrafe como conteúdo total e único deste capítulo metodológico já daria conta, talvez fosse até melhor eu nem dizer mais nada. De todo modo, é muito menos duvidoso que estes '*talvezes*' sejam puro charme, meu charme, puro jogo de oralidade em um texto escrito, afinal de contas, uma das coisas que mais me encantam neste processo de pesquisa é poder ler minhas próprias linhas, esfregar na minha cara o quanto sou vacilante, inacabado. Em suma, este parágrafo, assim como os demais, não passa de conversas comigo mesmo. Há momentos, inclusive, que eu acho tão legal o que acabei de escrever, que já mando para alguns amigos (prefiro chamar assim que deixá-los tão velhos e mau-humorados com o nome de orientadores), e então, a conversa comigo mesmo deixa de ser apenas comigo mesmo, até porque nem o 'eu mesmo' tem sua origem tão específica, aliás, nem origem tem, ousou dizer, assim sem dedicar fontes (mesmo sabendo que tanta gente já disse isso), mas sim, caos. Portanto, quem sabe, estas últimas linhas, em breve, não sejam enviadas para um destes meus amigos, e, após esta conversa, você que lê isso agora nem tenha mais a chance de lê-las, estarão no limbo das ideias

deletadas, reescritas, o antigo limbo dos rascunhos, desconhecido de quem lê e esquecido por quem escreve. Assim como uma conversa, o texto se *interrom...*

O caráter inapreensível dessa escrita deve-se a que ela não é produto de nenhum sujeito uno, permanente e idêntico a si mesmo, mas de sujeitos larvares, precursores sombrios, dinamismos espaço-temporais, ressonâncias rizomáticas, séries de diferenças intensivas. (CORAZZA, 2006, p. 33)

Partindo daí, se nem eu, como autor, como o cara que vai colocar o nome na capa, sou um sujeito uno, imóvel, suporte para verdades, será aí que a ideia do caos como produtor de conhecimento se evidencia. Será, portanto, ou melhor, já está sendo, através da conversa, que encontro não só uma palpável denúncia desta substância inacabada que nos constitui, como também, a metodologia-filosofia que atravessará, de alguma forma, todo o processo da pesquisa, incluindo a sua escrita.

De toda maneira, é importante pensar de que tipo de conversa estou falando, uma vez que, naturalmente, não será toda conversa, qualquer encontro, que, de fato, consiga acontecer em conforto, em convivência com o que Sandra Corazza chamou de “*diferenças intensivas*”. Apesar de que, esta última frase já me soa como um escorregão meu, uma vez que tenta, de uma maneira grosseira, selecionar como uma conversa ‘prestável’ à minha pesquisa somente aquelas muito respeitosas, harmônicas no sentido cafona do termo, ou seja, nada daquilo do que eu queria escrever, mas acabei escrevendo. Na verdade, não consigo imaginar uma conversa imprestável para meu trabalho epistêmico, uma vez que até mesmo a mais dura das conversas, aquelas que podem nem ser entendidas como tais, mas sim como entrevistas, feitas em uma audiência jurídica (**ver p. 212**), onde, cada pergunta visa exclusivamente o ato julgatório, serão, também, material interessantíssimo para a pesquisa. Portanto, mesmo que eu fique bem mais confortável em uma conversa franca, aberta, livre para interrupções, risos e onde não exista um perguntador instituído, as desconfortantes, quadradas, rígidas, são, também, um arsenal para, estando atento, apa-

nhar uma série de discursos oficiais super significativa.

Portanto, meu papel não foi só o de tentar estabelecer meios de comunicação/conversa entre mim e essa galera do Xarpi, mas também procurar frequentar, em certa medida, seus lugares de socialização, sempre atento às conversas que aconteciam entre eles, uma vez que, há, mesmo que esteticamente, uma diferença entre ouvi-los dizer ‘gostamos de colecionar nomes’ e vê-los/ouvi-los encontrar um piXador do qual desejam pedir uma folha com o nome. A ansiedade e o nervosismo frente a um piXador cujo nome é desejado é bem diferente, bem mais arrepiante que uma fala geral, abstrata, sobre esta prática de coleção de nomes. **(ver p. 121)** O mais difícil e constrangedor, no entanto, para mim, é escrever isso, atribuir uma linguagem, algo próximo à violência da tradução. Tudo bem, mas que, ao menos, seja aventureira, prazerosa.

Bem como as referidas conversas/inquéritos entre piXadores em julgamento e juízes são recheadas de discursos interessantíssimos, justamente por deixarem, frente a frente, o juiz, na maior parte dos casos, total desconhecedor da cultura do Xarpi, mas que, por ser ideologicamente detentor de um suposto conhecimento, de um suposto poder de avaliar feitos humanos, é legitimado a, sobre eles, decretar suas penas **(ver p. 212)**; outras conversas com outros desconhecedores, ‘menos poderosos’, desta cultura também foram promovidas, tanto as que aconteciam inesperadamente entre mim e qualquer outra pessoa que, ao saber de meu projeto, se via curiosa e começava a me fazer perguntas; como nas minhas aulas como professor substituto de “educação estética” (nome terrível que, juro, não fui eu que escolhi!) do curso de pedagogia; como também a mais relevante de todas, a que promovi entre o grupo de pesquisa do qual faço parte no ProPEd e 6 piXadores, descrita minuciosamente mais adiante nesta pesquisa **(ver p. 314)**.

Acredito, portanto, que exercitar o receio ao estranho, enfretar os perigos e medos de uma conversa, justamente com os que nos causam vontade de distanciamento, muitas

vezes o nojo, seja uma metodologia-filosofia que permitirá não só a experiência de convivência e percepção com/das imperfeições constituintes do ser humano, como também, ao mesmo tempo em que evidenciam nossas diferenças e nossos preconceitos, através do estabelecimento da conversa, e a incrível possibilidade de rir junto com o ‘estranho’, com o ‘outro’, flagram alguma substância agregadora, algo que nos fazem cúmplices, colágenos da existência. O que nos incomoda mais? Sermos diferentes ou percebermos que há substâncias de densidades elevadas que nos ligam ao que é eXtremamente ‘outro’? O quanto de piXador há em mim? Tanto, mas tanto!

É neste sentido, também, que, ao ter a conversa como base principal de minha atuação, torno-me um pesquisador simpático ao que é errático, imprevisível, afinal de contas, em conversa, não se tem controle dos assuntos que serão suscitados, talvez apenas em seu princípio, em seu ponta-pé-inicial, muito menos da intensidade dos mesmos, do tempo de duração. Como disse Larrosa, a conversa “*simplesmente se interrompe*”. Obviamente, se escuto alguma fala que me parece significativa para meu trabalho, tento intervir na conversa para que tal tema seja aprofundado, continuado, porém, é justamente isso que rege as conversas, mesmo as sem ‘pesquisadores’, não é mesmo? Quando sua fala se torna mais intensa em uma conversa? Quando sua fala faz mover uma conversa? Quando você muda o assunto de uma conversa? Não tem a ver com seus interesses, com o que é mais significativo para você? De todo modo, dois aspectos são importantes na garantia desta postura receptiva ao inesperado: estar atento para perceber que o que é muito significativo para você pode não ser, não ter a menor graça para os demais; e o mais difícil ainda: tentar, pondo em cheque suas vaidades pesquisatórias, perceber significância naquilo que você não julga significativo, mas que, pela empolgação de quem enuncia, parece ter algo grandioso ali que, sem atenção, pode passar batido. Você nem saberá quanta coisa perdeu. Indo além, se nunca saberemos o quanto perdemos, o quanto escapou, toda pes-

quisa é limitada. O quanto eu perdi? Talvez muito, mas não quero que tenha sido. Foi?

Portanto, esse risco a ser corrido, o de perceber a incompletude do sujeito pesquisador, no meu caso, de auto-perceber-se incompleto, vacilante, e, mais do que isso, passar a rir disso tudo, é importantíssimo para elevar ao eXtremo a capacidade epistêmica da conversa como metodologia-filosofia de pesquisa humana. Se, portanto, pesquisando em conversa, você, constantemente, se verá surpreendido por forças e ditos que não julgava significativos, assim como verá suas ‘incríveis’ hipóteses, antes significativas, serem jogadas por terra, esta metodologia-filosofia torna-se, também, mais uma maneira de flagrar a incapacidade de uma pesquisa, ainda hoje, ter muito claramente quem são o sujeito e o objeto dela mesma e, mais do que isso, quem é o autor. E esta é uma mudança de postura importantíssima, uma vez que, mesmo não retirando de mim a categoria de autor, retiro do conceito de autoria seu peso individualista, encerrado em si mesmo. Um autor diluído, flagrante de suas próprias imperfeições, e surpreendentemente bem-humorado com isso tudo. Isso seria, a meu ver, a vitalidade autoral posta à prova. Se, estando constantemente em conversa, ponho como foco de pesquisa, também, minha própria atuação, minhas próprias escolhas e escorregões, qual seria meu lugar? Sujeito ou objeto? Pesquiso ao passo que sou pesquisado. Mesmo que isso seja feito por mim, esse ‘mim’, neste sentido de “*fazer-se ver*”¹², propõe a proposital e paradoxal conversa comigo mesmo, não como uma cafonagem de auto-ajuda, mas como figuração em vida de minha condição de rascunho, tentando, em diversos momentos flagrar isso, as mais duras rasuras, as mais arriscadas mudanças de opinião. Neste mesmo contexto, a categoria de objeto se complexifica, uma vez que ganha voz ativa, fala e modifica, por estar em conversa, os rumos da pesquisa. Desta maneira, se o objeto, ao falar, modifica, inclusive, fontes significativas, ele passa a ser, necessária e filosoficamente, um sujeito da pesquisa, ao passo que, quando eu me

¹² “*Fazer-se ver significa colocar-se na posição – na ótica – que está totalmente dentro dos fluxos visuais e, ao mesmo tempo, totalmente fora. Fazer-se ver significa treinar a auto-observação enquanto se obser va.*” (CANEVACCI, 2001, p. 15)

ponho a falar, me assumo como rascunho de mim mesmo, como atuação a ser, também, pesquisada, sou um sujeito objetivado. É esta postura de conversa, portanto, que complexifica e sugere outros patamares de discussões para a pesquisa, uma vez que vozes ativas surgem de todos os lados e o nível de atenção do pesquisador cresce na medida em que aumenta, também, sua flexibilidade em bem-humorar seus equívocos.

É justamente assim, portanto, que tudo o que eu proponho falar aqui sobre e com o Xarpi jamais será um falar por eles, ou no lugar deles, como um porta-voz. Fujo, portanto, deste “falar por eles” na medida em que me aproximo de assumir este trabalho não só sobre o Xarpi, mas sobre mim. Portanto, os que, por algum motivo, estiverem lendo estas páginas, obviamente, se aproximarão do que acontece na cultura do Xarpi, conhecerão mais sobre suas ações, seus feitos, suas aflições, seus processos de identificação, de sociabilidade e seja lá mais o quê. De todo modo, é necessário, justo e honesto, deixar claro que, além do Xarpi não ser captável em sua completude, seja por qual trabalho de pesquisa for, é óbvio, também o quanto este trabalho é espelho do que eu venho pensando, ou seja, o leitor também aprenderá sobre mim, por mais pretensioso que isso possa soar. Agora, o mais incrível é que, assim como falei sobre uma conversa comigo mesmo, não é raro me surpreender durante meu próprio processo de escrita, passando a me conhecer, ou melhor, a me explorar. Sujeito, objeto, leitor e autor, todos estes, ao possuir voz ativa, manipulam a mesma pesquisa, que se amplia para muito além do tradicional sujeito-pesquisador, objeto-pesquisado e leitor-aprendedor. Tudo isto em sintonia com o que Boaventura de Souza Santos afirmou:

Parafrazeando Clausewitz, podemos afirmar hoje que o objecto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo conhecimento emancipatório é autoconhecimento. Ele não descobre, cria. (SANTOS, 2000, p. 83)

Tendo simpatia por esta ideia que vincula toda descoberta a uma criação, especial-

mente à criação de discurso, de linguagem, ao autoconhecimento, acredito que, ao tomar a conversa como meio científico de pesquisa, assumo e escancaro este papel criador, ficcional, uma vez que, mesmo tendo uma postura aberta a flagrar a voz do objeto que também é sujeito, e a me ver como sujeito falante passível de ser objeto de pesquisa, tais escolhas são todas minhas, por isso, as crio, as invento, e isso é, justamente, o que dá densidade ao que falei sobre o leitor que aprenderá sobre mim.

Sendo maquinada por afectos múltiplos, variações do corpo, vontades de potência, a escrita-artista é perspectivista, não deriva de um ponto de vista transcendente e incondicionado, tal como a consciência ou a razão; possui um caráter condicionado, não relativo nem parcial, implica não a conclusão de que não se pode escrever a Verdade, mas a conclusão, bem mais radical, de que não há nenhuma verdade a ser escrita. (CORAZZA, 2006, p. 33)

É, portanto, também, como dissolvência de possíveis valores de verdades UNAs contidas em meus ditos, que me sinto mais honesto e confortável quando o controle da pesquisa se torna assim, vacilante, e a conversa foi o meio menos regível e mais suscetível a flagrar meus desconfortos, que encontrei, ou melhor, que inventei como metodologia-filosofia. Agora, é importante dizer, também, que não serão somente os meus ditos que estarão lançados neste território inseguro, onde o burburinho e a tagarelice são mais presentes que a fala outorgada, solicitada e concedida. Estarão, também, neste jogo perigoso, os ditos dos autores-conceitos trabalhados durante a pesquisa, que aqui serão postos em conversa, tanto entre si, como comigo, e agora, com você que lê. De todo modo, no caso destes, inclusive por sua posição de citação, esta tentativa de dissolvência do peso de verdade UNA torna-se ainda mais difícil. A meu ver, basta estar entre aspas, com espaçamento e margens diferentes das demais, para mostrar que ali estão ditos não de um mortal, mas de algo a mais. Sendo assim, esta é uma tentativa de, mesmo não lhes retirando as aspas, nem suas margens, torná-los, no mínimo, mais vulneráveis, mais mortais. E

não pensem que, por isso, lhes retiro a importância, muito pelo contrário, não sei como chegaria a estes pensamentos se não tivesse convivido com Nietzsche, Sandra Corazza, Michel Maffesoli, Aldo Victorio Paulo Sgarbi, Massimo Canevacci, Deleuze, Foucault, isso para dizer apenas seis que, assim aglutinados, nem parecem mais seis. Sei apenas, que não o faria sozinho, afinal, retomando, mais uma vez, o que Maffesoli fala sobre nossa constituição a partir da relação com os outros, o sozinho pode ser entendido como o vácuo. Mortalizá-los aqui, portanto, está longe de ser um assassinato, pelo contrário, é muito mais um revigoramento. Entendendo, portanto, a vulnerabilidade como substância constituinte de tudo que é vital, sugiro que não há vitalidade sem sua condição de risco, ou seja, sem sua vulnerabilidade. Neste sentido, a imortalidade, mesmo que de conceitos, longe de viver uma vida eterna, vive a passividade do inquestionável, vive, enfim, a imobilidade, uma morte eterna. A conversa, portanto, é utilizada, aqui, como tentativa de ressuscitar aquilo que se postula vivo demais para estar vivo de fato.

O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. “Se falar *por* alguém parece ser um processo misterioso”, observou Stanley Cavell, “isso pode ser devido ao fato de falar *a* alguém não parecer de maneira alguma misterioso.” (GEERTZ, 1989, p. 23-24)

No campo da etnografia e da antropologia, que, em muitos sentidos, atravesso neste meu trabalho, a relação com o outro, com todas as suas complicações, delicadezas e complexidades é vivenciada no limite, onde qualquer deslize pode significar um tropeço sério, muitas vezes pondo, diante do que é estranho, valores que são seus como sendo universais e, exatamente por isso, insignificantes a estes outros. Erro clássico destas ciências que possibilitaram, justamente, o já citado terrível falar *por*, ou seja, a violência do processo de tradução muito comum a nós, ocidentais. Foi, então, desta tendência, que

surgiram tanto os nomes como, ainda mais violentamente, os valores de ‘nativos’ e ‘exóticos’, sempre numa matriz eurrreferenciada. Quantas vezes objetos cotidianos de uma série de culturas destas ditas ‘exóticas’ não foram habilidosamente surrupiados de seus locais de origem para ganhar valores mercadológicos vinculados ao nome de ‘obra de Arte¹³’ em badaladas galerias europeias? E isso não é, de maneira nenhuma, um erro do passado, superado, mas, apesar de já ter sido alvo de uma série de estudiosos, tal prática ainda acontece com maior frequência do que imaginamos. De fato, a história do ocidente, em grande parte evidente em sua história colonizadora, nos diz muito sobre este, ainda muito forte ranço, esta violenta vontade de se auto-intitular autores da história da humanidade, detentores de saberes, e, mais do que isso, de vocabulários que teriam a fluência, o domínio, ou melhor, o poder de traduzir e documentar qualquer outra cultura em sua completude. Nada poderia ser incompreensível, sem sentido para este homem ocidental, e, se o fosse, chacinas ou políticas escravagistas eram a solução. Tudo na maior legitimidade, acima do bem e do mal, afinal de contas, quem intitulava sobre um ser sua categoria de humano eram justamente eles, os mais humanos, juízes em si mesmos. Usei o verbo no passado, mas, de fato, reverberações, odores destes movimentos políticos ainda podem ser vistos, talvez não de maneira tão ‘oficial’, mas na tirania dissipada de nosso dia a dia, o que pode ser ainda mais ameaçador, justamente, por estar revestido de uma invisibilidade confortante.

Desta maneira, portanto, a conversa, assim como disse anteriormente, serve para, desde que seja honesta, se pôr em desconforto, ou melhor, para transformar esta invisibilidade confortante em uma visibilidade desconfortante. De todo modo, isso requer um esforço e um exercício muito árduo, afinal de contas, quem quer ver suas verdades, suas bases mais sólidas, seu arsenal simbólico posto à prova numa conversa com um

¹³ Sempre que for essa Arte instituída, outorgada, ou seja, sempre que for o meu alvo, virá com “A” maiúsculo, não por achá-la mais importante, mas para que posta assim grande, seja um alvo mais facilmente atingido!

diferente que pode nem mesmo conhecer tais símbolos? No entanto, o grande problema, a maior ameaça não é nem o diferente não conhecê-los, uma vez que, de certa forma, é aí que atua a educação, mas sim, quando este diferente, como todo ser vivente, arma-se de símbolos insignificantes, incompreensíveis, violentos para as antigas certezas do ser não-diferente que se propôs, corajosamente, a entrar em conversa. Este é o tipo de risco que dará fôlego a quem quiser lidar com produções humanas tão indisciplinadas, tão “*extra-morais*” (NIETZSCHE, 2007a, p. 111), **(ver p. 366)** tão não-categorizáveis quanto a produção estética. E foi na conversa, talvez por ser, ao mesmo tempo, o mais simples e o mais complexo fenômeno do encontro, que percebi significativas possibilidades não para a vivida decodificação do diferente à luz das referências do não-diferente, mas de pô-los em uma convivência arriscada, onde cada um, mesmo que, acreditando bravamente em suas verdades, possa, mesclando bons e maus humores, pô-las em risco, anunciando-se legítimos, no mesmo patamar. E de toda esta profunda incerteza, de todo este ‘não saber onde vai parar’, quem sai potencializado, a meu ver, é o conhecimento, a abrangência do pesquisador artista que assim, pela *facilidade* *de* *difficuldade* da conversa, possa desvincular a noção de beleza de suas amarras presas à forma, às cores, à técnica, a todo esse arsenal *mercado* *bélico* amparado pela também invenção ocidental da Arte. Amplitude de olhar, desconfiar do que, à primeira vista, é feio, afinal de contas, esse nome (feio) tem, mesmo que legítimo, muitas vezes, uma ligação íntima com a ignorância. Surpreenda-se, o suor, antes nojento, pode sim, dependendo do papo, tornar-se afrodisíaco. E mesmo que não se torne, o simples fato de ser nojento, para quem quer lidar com produção estética humana, não pode ser impedimento de aproximação, uma vez que, tem alguém produzindo, se empenhando ao máximo naquilo que em você só causa o nojo. De todo modo, vale lembrar que muita gente se arrepia, justamente, ao sentir nojo. Daí estes dois conceitos importantes, invisibilidade confortável caminhando pela conversa para uma nojenta e arrepiante

visibilidade desconfortante.

Mais uma vez pegando no pé do jornalismo, vale ressaltar que é nele que, em nosso tempo, se percebe, mais claramente, o vício na limitada invisibilidade confortante. Ainda um ranço de ocidentais colonizadores? Preguiça revestida por verdade? Donos de um discurso ainda mais forte que o dos juízes na anúncio e no julgamento dos feitos humanos? Sim, tudo isso! Novas caravelas fetichiosas imagéticas midiáticas, e ainda se ousam dizer contemporâneos! O quanto são pobres, no pior dos sentidos, afinal de contas, financeiramente é que não são! É justamente por isso que os repórteres aprendem técnicas de entrevista e nunca de conversa! Mais do que isso, conversa não se tecniciza, nem se configura em blocos de minutos rígidos, por isso, inadequável. Nem mesmo a escrita é muito adequada para figurar uma conversa, de todo modo, é uma aventura que quero percorrer, experimentar tais limites em deslimites. Quem nunca viu um jornalista ficar de calças curtas quando é, inesperada e indisciplinadamente, perguntado pelo seu entrevistado? Jogo de cintura nenhum! No máximo, chamam o *break*! Tudo sob controle! Qual o programa que os jornalistas mais bem sucedidos recebem, já no auge de sua carreira? Não é à toa que, muitas vezes, são programas de entrevistas, em horários nobilíssimos! Diminuidores de vidas, dilaceradores de almas! Os mais prejudicados? Eles próprios passam a vida inteira sendo enganados, se acham belos, quando, na verdade, conhecem pouco mais de meio por cento de toda a beleza que habita em baixo de seu nariz, que dirá da sua cidade, do mundo! Deveriam se documentarizar um pouco mais, mas não em qualquer documentário, Eduardo Coutinho na televisão, no jornalismo, talvez se aventurasse muito bem em conversalizar o mundo de entrevistas. Quem sabe ainda não vemos algo tão corajoso assim?

Nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não

havia sido previsto... e essa é a maravilha da conversa... que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer... (Larrosa, 2003, p.212)

Após ler este trecho de Larrosa, comecei a perceber que o desafio a que me proponho é ainda maior, justamente por perceber que grande parte da relevante diferença entre entrevista e conversa está, exatamente, nesta impossibilidade de se fazer uma conversa, e na dificuldade que há em um pesquisador, simplesmente, entrar numa conversa com seu material epistemológico, afinal de contas, seria muito mais fácil fazê-la. Qual seria esse limite? De todo modo, como já coloquei, o próprio pesquisador, ou melhor, eu mesmo, em posição de “*fazer-se ver*”, minhas escolhas, neste sentido, mais uma vez, passam a ser, também, arsenal epistemológico. Narrações de si mesmo, para mostrar, vitalmente, como se deu minha atuação neste limiar entre as tentativas de se fazer uma conversa, e de entrar nela, especialmente durante as gravações do documentário (ver p. 267). Até que ponto, ao marcar a filmagem de uma conversa, não há condições de eu entrar nela, sem antes tentar ou, até mesmo, fingir fazê-la?

Então a conversa perde necessariamente em fineza individualizante, as relações diversas se entrecruzam, se destroem; a forma que satisfaz a um não é conforme com a maneira de ver do outro. (NIETZSCHE, 2007d, p. 222)

A conversa, portanto, passa a ser mais uma postura que apenas uma metodologia, passa a ser uma maneira não só de encontrar as pessoas, mas de estar atento, também, às coisas. É por isso, então, que, a todo momento, acostumei chamar de uma metodologia-filosofia de pesquisa, uma vez que, a meu ver, neste processo de transformação de um trabalho feito em invisibilidade confortável para um em visibilidade desconfortável, é, justamente, esta mudança de postura que me parece urgente. Em outras palavras, para um estudo que se ponha a provar seu próprio fôlego, e, portanto, que se sujeite a enfrentar e

vivenciar seus desconfortos, acredito que não baste mais ter suas bases fincadas em metodologias, mas sobretudo, flutuantes em filosofia. Se, à medida em que o pesquisador põe suas certezas em jogo, põe, também, a vida e a solidez da própria pesquisa à prova, não vejo outra maneira de intensificar tal eXperiência, que não seja estipulando bases muitos mais filosóficas que metodológicas, ou melhor, atrelando um sentido de filosofia ao que se entende por metodologia. Isso tem a ver com maior envolvimento, com não descolar vida de pesquisa, com se perceber pesquisando fora do horário de trabalho, digamos assim. De todo modo, aqui, eu, provavelmente, esteja falando muito mais de mim, do que postulando alguma possibilidade para novos pensamentos sobre o fazer pesquisa. De fato, é isso, é tentar escrever a minha sensação de ter transformado uma experiência de pesquisa em uma eXperiência, assim alcançando o eXtremo vínculo. Talvez, neste sentido, somente transfigurando as bases metodológicas em bases filosóficas, em metodologias-filosofias, se possa chegar o mais próximo possível do que se entende por 'dar conta'. De todo modo, como em uma conversa, isso tudo não passa de uma sugestão, de uma aventura de pensamento...

Finalizando, tentei, evidenciando uma série de vezes, meus próprios tropeços, aproximar, também, o processo da escrita a estas características erráticas, nada lineares, imprevisíveis, inacabadas, interrompidas da conversa. Durante todo o percurso deste texto, penso que é possível, ou, ao menos, eu gostaria que fosse, perceber que o tom de conversa é protagonista. Mesmo que, em alguns momentos, isso não fique tão evidente, graças a alguma falha de atenção, ou por pura incompetência, em outros, o ritmo do texto, a sua poética, a aventura de sua construção, tem, na conversa, sua principal simpatia. E mesmo que, nesta busca por uma escrita-conversa, o número de falhas e incompetências

seja maior que o de sucessos, esta confissão aqui estampada, já dá conta de toda metodologia-filosofia proposta. Isso se, quando faltar duas semanas para entregar, eu não resolver reler, e apagar tudo isso que compromete minha vaidade. Se você está lendo isso, é porque eu consegui manter a proposta!

41

3 .. FETICHES - MORAIS - FETICHES - FASCISMOS - FETICHES

Destruidores do Visual, amantes do rabisco, fazendo risco, ao mesmo tempo, correndo risco (LEONEL – Rap do Xarpi)

Entendendo os fetiches como uma força impulsionadora e implantadora de desejos. Ao escolhê-los como ambiente a ser aventurado intelectualmente, se faz necessário estar de prontidão, aguçando cada vez mais o nível de atenção, uma vez que a eficácia do mesmo está diretamente proporcional à sua capacidade de tornar-se invisível, de se confundir com os próprios corpos que os simbolizam ao passo que são simbolizados, ou seja, de garantir a cegueira do corpo que o sustenta. São nestas camadas mais profundas, complexas e imperceptíveis do emaranhado da rede social, elevadas e iluminadas pretensiosamente como natureza humana, que ambiente este capítulo em tentativa de, contundentemente, flagrar os valores aí (re)produzidos e afirmar o caráter de produção ficcional ao qual são íntimos e descendentes.

Neste sentido, proponho uma íntima relação entre os micro-conceitos de fetiche, moral e fascismo. Chamo de micro, uma vez que não me interessam os fetiches descartados, mas sim suas versões invisíveis, dissimuladas e sorridentemente benevolentes, o mesmo valendo para as morais e os fascismos. São três nuances que, quando estudadas nas vísceras do acontecimento vida, nos jogos de aparências que as constituem, se descategorizam em prol de uma totalidade mais simpática ao mundo. Em outras palavras, trataremos de tecer uma rede onde estas três noções de forças mais se confundam, mais se assemelhem que se categorizem. E é assim, portanto, que nossa postura de ininterrupta prontidão (nem tão ininterrupta assim, afinal de contas, quem não escorrega, quem não dá uma cochilada? Indicaremos os escorregões como forma de estar em sintonia com a vida), de *escritasentinelas*, busca, sem se deixar contaminar por objetivismos, identificar valores sociais sustentados no inquestionável e inabalável, ou melhor, que já nem precisem mais de ferra-

mentas de defesa, uma vez que sua própria existência já é a prova em si do que e de quem o defende como indispensável para o acontecimento social, vital, um vital que tem menos a ver com vitalidade, um vital da mediocridade. Forças de desejo, fetiches tiveram suas implantações fascistiosamente projetadas a fim de garantir, nos convencer, e até nos confortar a viver aparentemente bem com esta inversão de lógica? O conceito de vitalidade quase primitiva-instintiva foi vítima de uma secular violência moral, ganhando ares de mediocridade? Há algo de fascista na anunciação e defesa fetichiosa de uma moral como “A” moral, a única, a própria vida? Seria cientificamente charmoso manter as perguntas sem respostas, mas descendo deste posto, ou melhor, percebendo nele uma ilusão de ótica, basta sentir o ritmo e o tom do texto para, despudorizando a ciência, respondê-las no sentido mais vital da vitalidade, ou seja, no impulso. Sim!

São, portanto, três perguntas que anunciam a construção, ou a invenção de um problema cuja complexidade este trabalho, de maneira nenhuma, se proporá a esgotar, haja vista que a própria pretensão de um esgotamento caminha para a ingenuidade da verdade, ilusoriamente imóvel, justamente o que esta aventura escriturística busca contundir. Por aqui, conexões serão sugeridas, encontros encorajados e não-modelos demonstrados. Uma contundência dilatadora de sentidos em que até mesmo a fixidez do conceito de fidelidade se juveniliza, se vitaliza, cria fluxos indisciplinados.

Cada verdade pode permanecer tal justamente porque se modifica. Então, o sentido profundo de ser fiel a uma verdade é o de traí-la. Somente traindo a verdade permanece-se fiel a ela. (CANEVACCI, 2001, p. 42)

Somos obrigados a ser fiéis a nossos erros, mesmo com a idéia que por essa fidelidade causamos prejuízos a nosso eu superior? – Não, não há lei, não há obrigação desse tipo; *devemos* ser traidores, praticar a infidelidade, abandonar sempre e sempre mais nosso ideal. (NIETZSCHE, 2007d, p. 295)

Será este o tom que permeará o discurso nas próximas linhas, assim como já atra-

vessou as anteriores. Percorreremos as três nuances de fetiche, moral e fascismo, sem categorizá-las, mas sim, as confundindo, as hibridizando mutuamente em sintonia com o conceito de totalidade da vida, incluindo, aí, suas imperfeições, que compõem o seu grosso, seus locais mais profundos, escuros e surpreendentemente habitados.

Mais uma vez, com um teor de conversa, os fascismos em Foucault; a moral, ou melhor, as morais em Nietzsche e os fetiches em Canevacci baterão um papo, mesclando a lentidão de uma mesa de bar, com a rapidez líquida, sem muito querer falar, dos encontros de elevador. Aos poucos, encontrarão pontos de impulsão, ressonâncias e simpatias. O ar ainda metafísico dos conceitos precisa desta organicidade a fim de ainda suspirar indícios de vida. Daí a metodologia-filosofia da conversa (**ver p. 28**) como arma orgânica bem humorada, daí o imprevisível do encontro em sintonia estética com a organicização dos conceitos. Mais uma vez, a ideia de vitalidade ganha protagonismo na minha discussão como ferramenta flagrante da insuficiência dos conceitos vaidosamente amarrados que, de fato, só servem como sustentação para os sonhos falsificadores de mundo, geralmente anunciados como civilizatórios, ou pior, bondosos.

É aí que, a partir da conversa entre *autoresconceitos*, encontro, na condição juvenil, com seu corpo inquieto e, em última instância, com sua vitalidade indisciplinada, a pulsão vida como organismo impulsionador de outras morais, outros fetiches e outros fascismos, ou seja, como prova vital e orgânica da falha de qualquer projeto que, em seu embrião, já se intitule único, ou seja, 'bom'. É preciso, também, ficar atento para não cair na ingenuidade reacionária, a ponto de projetar um sonho 'perfeito' de não-fetiches, não-morais e não-fascismos, uma vez que isso seria uma reafirmação da unidade, irremediavelmente cristã, que não cesso em contundir, ou seja, seria reafirmar o poder civilizatório do 'bem'. Minha preocupação é denunciar o caráter asséptico e perverso com que um projeto de moral cristão-burguês ganhou status de "O" projeto, de "A" lógica, e pior, de

“A” própria vida. Ouso atribuir a ele e a seus valores de sustentação (obediência, disciplina, humildade, honestidade, fraqueza, trabalho, benevolência), sua inerente condição de invenção, e conseqüentemente, sua construção fetichiosa e fascista da ideia de moral. Em última instância, estas páginas são uma aventura pela desmistificação do que se auto-sugere cegamente e sorridentemente inquestionável, e sob esta perversidade, ousa reger a vida.

... escutamos melhor tagarelando, nessa fala não falante que é o doce murmúrio humano em nós, à nossa volta. (BLANCHOT, 2007, p. 241)

Partindo da descrição dicionária para a palavra ‘fetiche’ como “*subserviência cega e absoluta, ou objeto animado ou inanimado ao qual se presta culto*” (Dicionário OnLine Priberam), e aliando a isso as discussões de Massimo Canevacci sobre atrações visuais fetichiosas na contemporaneidade, comecei a entender esta rede de atraentes desejos, também, como uma linha que tece os interstícios pouco claros entre as noções de moral e fascismo. Levando em conta a íntima ligação, evidenciada por Canevacci (2008), entre a nova comunicação contemporânea e o fetichismo visual, proponho uma dilatação do visual para o campo do simbólico, ou seja, do invisível – terreno habilidosamente ocupado tanto pela ação da moral como do fascismo, indicando, aqui, mais uma vez, a dificuldade e a insuficiência da separação destas noções em categorias.

É evidente que, quando Canevacci estuda os fetichismos visuais, não o faz reduzindo o poder dos desejos ao seu apelo apenas visual, neste sentido, o visual e o simbólico são impassíveis de artificiais separações. As provas disso estão, a todo momento, em nosso redor, o infinito arsenal publicitário que, sob as falsas premissas da democracia e da solidariedade, aciona suas hábeis estratégias simbólicas de implantação de desejos revestidos por uma sedução que só aparentemente é limitada ao visual, mas que dele faz uso como plataforma para mergulho na sua real missão – o processo de valoração, significa-

ção, identificação, exclusão e, em última instância, de fetichização das mercadorias. Ao utilizar este termo, se estamos lidando com estudo sobre a humanidade, vale a pena criar uma ponte com Marx, uma vez que foi justamente ele, quando ainda se embrionavam as forças comunicacionais das mercadorias, a trabalhar, de maneira inédita, este conceito de fetichização neste sentido. De todo modo, sua abordagem, em sintonia com sua época e com suas ideologias políticas, acaba tornando-se anacrônica frente à complexificação que tais conceitos de fetiche, comunicação e estetização ganharam com a contemporaneidade. Coisificar o sujeito trabalhador, atribuir uma força absolutamente alienante às mercadorias, além de vincular intimamente o fetichismo à *mais valia*, ao produto do trabalho, eram um modo, naquele momento, de ser coerente com sua batalha ideológica.

A isso, eu chamo fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo vêm produzidos como mercadorias e que, portanto, é inseparável da produção das mercadorias. (MARX, *apud* CANEVACCI, 2008, p. 246)

De todo modo, manter estas bases de argumento, hoje, seria estar completamente desatento à nossa incapacidade até mesmo de criar bases tão sólidas de discurso. É neste sentido, portanto, que Canevacci afirma a incapacidade de tal dialética marxista sequer conseguir “*morder a contemporaneidade*” (2008, p. 90), uma vez que é impraticável, hoje, tamanhas as forças tanto de estranheza quanto de identificação que se misturam, se confundem e constituem o caldo mais grosso das mercadorias, reluzi-las a uma fonte de alienação, até porque tal alienação tem como referencial central a política ‘dura’, partidária, sindicalista, ou seja, justamente aquela que mais perdeu crédito e que menos atrai as novas forças políticas juvenis atuais. Assim como são ‘outras’ estéticas, as políticas também são ‘outras’, *políticas estetizadas*, as quais têm mais a ver com o encontro de corpos juvenis, de festa, de prazer, ou melhor, com tudo aquilo que, frente a uma racionalidade ainda pautada na modernidade, é subjugada como um desconforto alienante, mas que,

claramente, são as nossas partes que menos foram capturadas ou reguladas pela história moderna ocidental. Prazer eXtremo como resistência? Resistência involuntária, corpórea? Em nome da funcionalidade, portanto, ainda se costuma ouvir, em voz alta, julgamentos baseados na acusação de que “não serve para nada”, “é puramente estético”. Neste sentido:

A acusação de estetização com que habitualmente se criticam estas posições para defender aquelas clássicas ou tradicionais ignora que não há forma da mercadoria contemporânea – não existe aspecto mesmo mínimo de mercadoria – que não seja estetizada. (CANEVACCI, 2008, p. 92)

Este limite do fetiche imposto por esta acusação de alienação embute sem si, portanto, uma vontade de se aniquilarem as forças fetichiosas, aquilo que constitui os símbolos mais presentes em nosso cotidiano cosmopolita-urbano. O que mais vai sobrar? Uma vida digna?

Era este o objetivo não só de Marx, no campo da ideologia política, mas também de Freud num contexto psicanalítico. O primeiro, como já foi dito, acusou o fetiche de uma força alienadora, o segundo o entendeu como um desejo ligado à perversão. A estas duas análises, Canevacci, até por ser contemporâneo, ou seja, já confortável em meio à complexidade das definições nunca absolutas, uniu e misturou estes dois pontos de vista às “*ambíguas oscilações entre identificação e sedução*” (ib., p. 166). Neste sentido, não se anulam as noções de alienação nem a de perversão, mas as duas não são mais capazes de dar conta – se é que um dia deram – de um todo como se postulava, se vêem cercadas, misturadas, em uma rede, onde os processos de identificação e sedução estão no mesmo patamar de importância. Percebe-se¹⁴, portanto, o interesse maior hoje por estas novas noções muito mais vinculadas a um fazer estético que ao político (mais uma vez é a política ‘dura’

¹⁴ Logo eu que odeio tanto estas expressões impessoais, estas abstrações frias, presentes nos famosos “sabe-se”, “percebe-se”, escorreguei aqui. E nem fui eu que percebi, mas meu amigo Paulo Sgarbi que, ao invés de aliviar, de me fazer passar impune, não apagou, mas colocou ao lado, como comentário: “escorregão!”

à qual me refiro). Se a alienação tem a ver com política e a perversão sugere um controle, a identificação e a sedução, caso postas de maneira afirmativa e não depreciativa, como de costume, estão muito mais vinculadas a outra forma de conhecimento, menos cognitivo e mais baseado na expressão.¹⁵

Mais uma vez comparando o atual aspecto interminável, indomesticável do fetiche, retiro mais dois trechos, também de Canevacci, acerca das mudanças da biografia da mercadoria. Digo biografia, uma vez que, de fato, a mesma ganhou vida, ganhou posição de sujeito anunciador, colocando em cheque mais um dos dualismos clássicos entre sujeito e objeto.

A luta de classes, nesta acepção **[marxista]**, tinha como propósito a eliminação do caráter de fetiche da mercadoria. (*Ibidem*, p. 187)

Uma pele bem mais sutil e sedutora envolve a mercadoria e nesta nova roupa dirigida ao consumo penetra no corpo daquele mesmo trabalhador que – transformado em cliente – ao invés de se alienar se iguala naquela mercadoria.” (*Ibidem*, p. 187)

Faz-se urgente, portanto, estudos que se joguem e não saiam limpos dos desejos fetichiosos, dos atrativos visuais. Não é escorregar na obsessão de fuga e destruição símica um tanto quanto covarde dos iconoclastas, ou seja, do anti-fetichismo, mas se sentir inescapável em meio a eles. Tentar destruir os fetiches acusando-os de algo que nos corrompe ou que põe em risco nossa saúde ou nossa autonomia é afirmar que há uma vida mais interessante fora deste mundo, ou seja, é a incrível violência de anunciar o homem como um ser capaz de sobreviver sem a construção de símbolos, ou melhor, do humano conviver sem a mais densa de nossas forças constituintes, o ‘não-humano’. Se é o não-humano que torna a vida humana possível, seria prudente, ou mais honesto, atribuímos aos fetiches sua inexorável condição humana, afinal de contas, algo ‘não-humano’ só exis-

¹⁵ Ver Boaventura de Sousa Santos – “*racionalidade estético-expressiva*” (2000).

tiria sem a presença do humano, se existisse ficção científica auto-produtora, ou seja, uma esquizofrenia. Se a parte mais fervilhante da vida de um anti-fetichista é sua batalha pela destruição dos fetiches, seu sucesso não estaria indissociável da sua morte? Sim! Sim! Sim!

Símbolos, eis, portanto, o indício humano mais primitivo, a mais indicativa de nossa dependência da produção estética como sustentação para o que conhecemos por vida. O que seria das coisas sem sua representação? Uma vida sem vida, oca, um vácuo inerte eterno, um ar irrespirável. Neste sentido, a ação do iconoclasta está longe de promover uma libertação como ele acredita (Então, em algo ele acredita, certo?), em favor de um mundo pautado no cognoscível, no explicável segundo a matriz da razão. Denunciando esta incapacidade, ou melhor, esta ingenuidade da iconoclastia, Bruno Latour afirma o teor anti-humano deste tipo de crítica, ou seja, que toda destruição promovida e defendida pelo iconoclasta é, no fundo, uma autodestruição. No próprio momento em que destrói, se vê destruído, esvaziado.

A única pessoa que está projetando seus sentimentos no ídolo é ele, o iconoclasta com um martelo, e não aqueles que por esse gesto devem ser libertados de seus grilhões. A única pessoa que acredita é ele, o combatente de todas as crenças. (LATOURE, 2001, p. 310)

É, justamente, este perigo de cair na iconoclastia pura que terei que enfrentar, uma vez que, como já pôde ser percebido, um de meus alvos principais, senão o principal, é o messianismo bondoso judaico-cristão que, há séculos, já deixou de ser meramente uma crença para se tornar o que a meu ver foi a arquitetura baseada na violência simbólica mais nefasta já vista, e cujo alcance, por ter sido reificado e incrustado em nossas veias, foi o de maior sucesso, especialmente no mundo ocidentalizado. Sorrateiramente, jorrando uma quantidade de sangue jamais vista, nossas amarras morais foram, assim, sendo compostas, procurando sempre, com a maior habilidade, apagar todas as pistas deste processo

de construção, ou seja, destituindo do ‘fato’ o seu caráter de constructo, de obra, nas palavras de Latour, de “*fatiche*”.

Entramos num mundo de onde nunca saímos, salvo nos sonhos – os sonhos da razão –, um mundo onde em toda parte os argumentos e as ações são *facilitados*, *permitidos*, e *produzidos* por fatiches. (ib., p. 314)

Neste sentido, diferente do iconoclasta que guarda em si justamente o mesmo discurso do messianismo, ou seja, de quem detém, em suas mãos, o poder de salvar as almas de um suposto mal e conduzi-las à liberdade de espírito, minha contundência não se dá sobre a noção de crença, mas sim sobre qualquer moral que, ao se postular única, justifique o aniquilamento de outras maneiras de percepção, de comportamento, de conhecimento e de estética. Em suma, que tenda a reger a arma mais rebelde do acontecimento humano, a imaginação. Se, em tudo que há vida, correm as forças simbólicas, os fetiches; se, ao sermos humanos, condenamos nós mesmos à inescapabilidade do mundo estético-simbólico, minha contundência sobre a moral judaico-cristã-burguesa não pode escorregar no equívoco iconoclasta. Não basta ser crença para ser alvejada, é preciso, antes, perceber nela uma incapacidade de conviver com o dissonante, ou seja, perceber uma incompatibilidade de suas morais e seus dogmas com a nova metrópole do dissenso, a cidade como musa inspiradora (**ver p. 67**). Mais importante ainda é perceber o quanto cheira a sangue sua história e, por isso, o quanto de sucesso foi obtido, qual sua força de abrangência e aceitação. Em suma, em detrimento de que foi capaz de se constituir uma coisa grandiosa. Neste sentido, na história da humanidade, não há nada mais voraz que os valores judaico-cristãos. Afinal de contas, que força imensurável foi essa que nos faz, ainda hoje, mesmo imersos em um cosmopolitismo do qual nada que se aproxime a uma homogeneidade de discurso conseguirá dar conta, entender a obediência como algo orgânico, natural, positivo, quando, a meu ver, é a rebeldia que, grosso modo, constitui a maior densidade,

inclusive dos mais cristãos. Quais os momentos mais marcantes em um romance? Quais as cenas de filmes que nunca esquecemos? Quais os capítulos de novela de maior audiência? Quais os vídeos mais assistidos do *youtube*? O que corre nas maiores aglomerações de pessoas? Ao final de nossas vidas, em nossa biografia, quais serão os capítulos, as histórias mais memoráveis? Aventuras. Fugas. Esconderijos. Escapadas. Gargalhadas. Álcool. Sexo. Prazer. Não-senso. Brigas. Zona. Música. Festas. Beijos. Churrascos. Encontros. Infidelidade. Gozo. Fetiche. Mentiras. Zoação. Vômitos. Noites. Charmes. Cartas anônimas. Trotes. Sexo (esse é saudável repetir). Calote. Audácia. Sagacidade. Choros. Encantos. Desencantos. Reencantos. Dores. Acidentes. Tesão. Conta-se uma história sem todos estes indícios de juventude, ou melhor, de vida? Sim, claro que se conta, e como! A pergunta ideal é – se lembra? Se até mesmo os livros sagrados não ousaram representar a vida sem suas desordens, sem seu caos tão indescolável, ou melhor, sem as partes boas, que violência é essa, que tirania é essa, de jogar sobre nós o peso de viver sem isso?

Hoje, que se costuma invocar a dor como o primeiro argumento contra a existência, como o problema mais funesto da vida, bom será recordar aquele tempo em que se pensava o contrário, porque não se podia passar sem fazer sofrer e nisso havia uma diversão de primeira ordem, um verdadeiro regozijo na vida. (NIETZSCHE, 2007c, p. 65)

Teria sido a moral cristã-burguesa, hoje amplamente mais que defendida, simplesmente vivida como única, o resultado de uma série de ações publicitárias excludentes e falsificadoras de mundo cuja eficácia torna-se evidente justamente quando o fetiche não é mais anunciado, ou seja, quando este torna-se a própria vida? Chamo de moral cristã-burguesa justamente o foco de contundência ao qual Nietzsche dedicou boa parte de suas energias, especialmente em obras como “*O anticristo*”, “*A genealogia da moral*” e “*Além do Bem e do Mal*”. A enorme perversidade que percorre todo o discurso deste projeto cristão está justamente no fato de ele vir recheado de bondades e demagogias sob a descul-

pa de civilizar, ou pior, de humanizar. Se o ser humano precisa de um projeto para se humanizar, o que é ser humano? Qual é o ser humano que tem a competência para ditar e redigir um projeto de humanização? Quais outros tipos de humanos devem ser apagados, ou pior, civilizados – vítimas da compaixão cristã? Já estas perguntas são menos charmosas, não há como as responder com um ‘sim’ ou um ‘não’, mas o caminho a seguir é menos importante que o tom que o acompanha. Sem ironia e contundência, eu não passaria da terceira página de meu próprio texto.

Houve a ousadia de denominar a compaixão uma virtude; ousando ainda mais, dela se fez a virtude, o fundamento e a origem de todas as virtudes.
(NIETZSCHE, 2007b, p. 23)

Permeado por um desejo de poder, este projeto de arrebanhamento retórico do homem em prol de um sonho de humanidade camuflou, sobre o afago da compaixão, suas ações mais nefastas de exclusão com o intuito de tornar este projeto de mundo algo confortável e, mais do que isso, defendido, ou seja, livre de possíveis ameaças. Sendo assim, o paradoxo: na moral cristã, há espaço para a diversidade, cria-se um belo discurso da multiplicidade e da alteridade, “*contanto que...*” (NIETZSCHE, 2007a, p. 109). Desta maneira, são pautadas determinadas condições de integração, ou seja, são elaborados pilares que servem como invenção fictícia para a não-ameaça do conforto societal que, de fato, só serve de sustentáculo para um tipo bem definido de privilégios, todos escancarados para os olhos atentos, nas estéticas e nas arquiteturas que compuseram e ainda compõem, mesmo que em frangalhos, em quase ruínas, as partes projetadas das cidades (centro?), cuja dependência desta ficção é premissa vital **(ver p. 67)**.

A cólera do credor lesado, da comunidade, manda-o de volta ao estado selvagem, [...] a comunidade o expulsa e contra ele já se pode cometer qualquer ato de hostilidade. (NIETZSCHE, 2007c, p. 69)

Mesmo o lesado, mesmo aquele que não usufrui desta promessa de conforto, ou pior, que sua seu corpo diariamente a fim de manter o conforto de uma sociedade abstrata, nunca deve deixar fruir a cólera de uma revolta recalcada, uma vez que isso será passível de repressão e, a partir daí estará legitimado sobre ele todo tipo de fascismo, até mesmo os macros, os sanguinários. Tudo em prol da bondade. Sim, cristã! (Ainda há espaço para a exclamação em textos científicos?)

Talvez deva admitir-se a possibilidade que esse prazer pela crueldade não desapareceu; apenas se tornou mais sutil, se revestiu das cores da imaginação, se espiritualizou e se cobre com nomes hipócritas: “compaixão trágica” é um desses designativos, “nostalgia da cruz” é outro. (NIETZSCHE, 2007c, p. 66)

Qual a imagem mais sagrada do mundo? Poderia ser Jesus sorrindo abraçando as crianças, capturando o lance família. Mas a imagem sagrada é ele crucificado, ensanguentado, com flechas, a imagem já é violenta. O pessoal fica aí pedindo Paz, daí você pára e se imagina no paraíso, como que seria a porra do paraíso? Paraíso, acho que não teria procriação porra, só tirando fruta do pé, não ia ter baseado, não ia ter nada. Paz é uma palavra de utopia, a paz tem que ser procurada pra você. Paz total você só vai ter dentro de um caixão, porque se vem um pernilongo, vem no seu ouvido, você vai bater pra matar ele. A vida é feita de ação. Vai ficar paradão? Não tem como. O mundo é feito de muita história criada pelo alto escalão da sociedade, histórias para amenizar o sofrimento dos de baixo, para que os de baixo se conformem. Esse negócio de paz, você vê que a paz vem dos que lutam por guerra. A paz vem lá de cima, eles dizem que tem que ter um movimento da paz, mas eles mesmo são os causadores da guerra, eles causam isso. (TATÁ em conversa)

Ver sofrer, faz bem; fazer sofrer, melhor ainda: ai está um duro princípio, mas um princípio fundamental antigo, poderoso, humano, demasiado humano, ao qual talvez subscrevessem os macacos, porque, de fato, diz-se que com a invenção de bizarras crueldades já renunciavam o homem e precediam a sua vinda. Sem crueldade não há festa; é isso o que ensina a mais antiga e longa história do homem; no castigo há muita *festa!* (NIETZSCHE, 2007c, p. 64-65)

Há algo de fascista no poder de escolher os nomes e os atributos das coisas, atvida-

de própria da história do cristianismo. Não se pode negligenciar a genealogia dos valores. Não posso, sob ameaça real de cair no jogo fetichioso do confortável, aceitar as justificativas em si que carregam nomes como ‘bom’ e ‘mau’ e, mais perigoso e abstrato ainda, o ‘bem’ e o ‘mal’.

Foram os próprios ‘bons’, os homens nobres, os poderosos, aqueles que ocupam uma posição de destaque e têm a alma elevada que julgaram e fixaram a si e a seu agir como ‘bom’, ou seja, ‘de primeira ordem’, em oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu. (NIETZSCHE, 2007c, p. 25)

Neste ponto, mesmo que soe desconfortável, ou até mesmo por isso, posso dizer que há algo – quem sabe a maior parte, ou ainda a totalidade – de bondoso, generoso e filantrópico nos microfascismos que tanto nos atingem, como logo em seguida ousamos reproduzir, sem nem ao menos tirarmos o sorriso simpático do rosto. Dizendo de outra maneira, há fascismos também nas ações ‘acima de qualquer suspeita’. Digo ‘também’, porque, em simpatia com Foucault, na *“Introdução à vida não fascista”* (1977), me dizer livre dos fascismos e enunciador de uma nova forma de vida seria, mais uma vez, me espelhar na unicidade própria do que teimo em contundir. Proponho, aqui, não a utopia de uma vida limpa dos fascismos – talvez eles também façam a vida pulsar –, mas um estado atento e bem humorado, não no sentido do sorriso cínico, mas sim da gargalhada desconfortante às *“formas pequenas [de fascismos] que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas”* (ib., p.14).

Sou, também, assumindo a posição inescapável das forças que nos atravessam, vítima desta sedutora força de tais fetiches UNOs. Porém é justamente não escondendo o jogo, nos afirmando atingido, também, por eles, que, não nos colocando acima, planando por sobre a vida, mas misturado nela, teremos mais condições e experiências para, encarando-o de frente, examinando-o em detalhes, por dentro, podermos dissolvê-lo como o fez Massimo Canevacci (2008), mais exclusivamente com os fetichismos da comunicação

visual, tirando, assim, aos poucos, não a sua força de fetiche, mas a de postular-se inerentemente UNO.

A narração estupefata favorece perigosas lógicas ilegais que corroem e dissolvem os novos fetichismos. Perfurar as faticidades visuais com o estupor para sair dos fetichismos. Perfurar a atração – sentindo-a. (CANEVACCI, 2008, p. 19)

Continuando nas estratégias de dissolvência fetichista de Massimo Canevacci, acho importante abordar outro conceito criado por ele. Como maneira de trabalhar a força sedutora, o ímã de atenção constitutivo destes fetiches, ele criou o conceito de *atrator*. “*O atrator anula temporariamente o movimento do olho exercendo um poder que une o olhar e a coisa.*” (2008, p. 16). No nosso caso, ao ampliar o fetiche visual para o fetiche de discurso, de moral, o olho imóvel torna-se metáfora para a verdade imóvel e o *atrator* torna-se muito menos localizável, menos material, porém muito mais potente, justamente por estar no ar inapreensível, simbólico, quase como o Xarpi). De todo modo, um nariz não entupido capta seu odor descarado para os que cheiram desvestidos de ideologia, que, repetindo quase que viciadamente, nietzschianamente, vem de uma matriz judaico-cristã de pensamento, justamente aquela evocada por Maffesoli quando ele diz que “*o que está em jogo é a exaltação da vida no que tem de sensível e afetuoso. O ascetismo, a contenção, a limitação, próprios da educação judaico-cristã, não têm mais curso.*” (2007, p. 42)

3.1.. FETICHE PELA ORDEM



O que não consigo suportar neles é a maneira com que levantam os olhos. – Felizmente que, para a maioria, os livros não passam de ‘literatura’. – Que não nos deixemos induzir no erro: ‘não julgueis’, dizem eles, mas mandam para o inferno tudo o que atravessa no caminho deles. (...) Leiam-se os Evangelhos como livros de ‘perversão’ pela moral: a moral é atrelada a esses mesquinhos – conhecem muito bem a utilidade da moral! É a moral que melhor permite levar a humanidade pelo nariz! (...) desse modo colocaram a si próprios, a ‘comunidade’, os ‘bons e os justos’, de uma vez por todas, de um lado, do lado da ‘verdade’ – e o resto, o ‘mundo’, do outro... (NIETZSCHE, 2007b, p. 84)

Neste sentido da invenção ficcional, cuja força está muito atrelada à linguagem, à ideologia e à fé, que começo a pensar o conceito de “ordem”, com tanto aos ditos oficiais quanto aos jornalismo preguiçosos e pouquíssimo perigosos (ver p. 239) que dão corpo, grosso modo, ao discurso fetichista da bem-aventurança, do já criticado ‘bem-estar geral’. Digo preguiçosos por não darem ao pensamento a possibilidade de ir além, de habitar locais sombrios, perigosos, de mover-se, satisfazendo-se em habitar, pela vida inteira, um local onde a moral já se estampa na manchete, onde o jugo já está nas primeiras frases da matéria, onde o espaço para o pensamento perigoso – em outras palavras, pulsante – é negado em favor de uma limpeza, em favor de um nefasto papel de ‘porta voz’ de uma humanidade inventada. Até Nietzsche já falou deles:

De um acontecimento, semelhante espírito gosta de só perseguir um objetivo: não gosta de ver as coisas em toa a amplitude e na abundância de seu desenvolvimento, pois não quer se emaranhar nelas. (NIETZSCHE, 2007d, p. 202)

Outro estudioso das produções humanas que vale a pena retomar neste caminho é, mais uma vez, Maffesoli, que busca, em seus trabalhos, entre outras coisas, um convívio melhor entre a vida e sua “*parte de sombras*” (2005), seus cenários sombrios, nas “partes do diabo” (título de um de seus livros, 2004), ou seja, com a completude da vida. Retomando o que escrevi acima, ele vai dizer que existe um “*fosso cada vez mais profundo entre os que vivem este mundo e os que supostamente devem representá-lo e geri-lo*” (2007, p. 50). De todo modo, nem os seres nem as coisas estão descolados, por mais que, discursivamente, tentem, da força vital que organiciza a vida e a torna indisciplinada; portanto, a meu ver, num sentido imanente, este fosso, se existe, talvez nem seja tão profundo. Ah! Mas as aparências, estas, sim, são.

3.1.1.. JUVENILIZANDO OS FETICHES

Tendo em vista o caráter contraditório entre a fragilidade e a inquietude da condição juvenil, somando-se a isso sua força sedutora tanto como produto a ser cooptado quanto na (re)produção de fetiches, entendo a juventude e seu jogo ininterruptamente identitário como uma ebulição estética que, ao pulsar, produz, intensificada ainda por seu aspecto metropolitano e, indo além, cosmopolita, um manancial de sentidos super férteis para a aventura intelectual a que me proponho.

Era a adrenalina que eu estava precisando, muitos procuram como? Uns, pára-quedismo, outros, surfar, alguns, andar de skate, até tentei andar, mas quase morri, bati com a cabeça e fiquei mal. Então, o lance que eu sabia fazer era com a tinta na mão, desafiar mesmo, desafiar as autoridades, o perigo. piXaçãO não é só chegar e piXar o muro, piXaçãO, hoje, requer estratégia, requer você ter uma qualidade artística no teu nome, visão, um certo equilíbrio. Só quem pratica, quem gosta que sabe qual é a sensação. É como quem é boiola, só quem gosta de dar a bunda que sabe se é bom ou ruim, e isso eu nunca vou querer saber na minha vida. (TATÁ em conversa)

Neste campo de pesquisa, a vitalidade (agora, sim, vital! Suada!) de determinadas juventudes ganham destaque. Seja por habitar lugares onde o sonho civilizatório da moral cristã projete o in-habitado, seja por, indisciplinadamente, remodelar fetiches aceitos em fetiches nauseantes, ou ainda por, mesmo não escapando das relações de microfascismo, nos colocar em constante desconforto frente aos nossos, algumas culturas eXtremas juvenis, ao afirmar a vida em sua totalidade, em suas estéticas não moralizáveis, “*extra-morais*” (voltar para a p. 37), decretam, a meu ver, sob as forças da vitalidade indisciplinar, evidentes falhas do processo asséptico ao qual estamos todos assujeitados. Não seria esta juventude a força que ainda faz pulsar uma sociedade, ou ainda uma cidade, cujo sucesso seria a autodestruição pela higiene? (ver p. 247)

Se na metrópole contemporânea, nem só a do visual, mas uma metrópole mais dissipada, mais líquida, corre, como nunca correu, um complexo fetiche pela comunicação, é imprescindível darmos conta de que não há mais, se é que já houve, qualquer escape a ele, ou melhor, estamos todos enredados e, mais do que isso, atravessados por ele. De todo modo, como de costume, estamos falando de forças que, apesar de serem comuns, ganham intensidades, pesos e alvos diferentes mediante a autorização. Por que o alvo dos *outdoors* são as vias expressas, as ruas principais? Por que grande parte dos prédios empresariais possuem, em seu topo, gigantescas luzes de neon com suas marcas? Por que os vagões dos trens estampam, hoje, uma série de materiais publicitários? Por que os caminhões de transporte carregam, em suas caçambas, as marcas dos que lucram com isso? Por que até os vidros traseiros dos taxistas já ganharam função imagética?

Pois bem, agora até os edifícios mais elegantes, ou melhor, mais inscritos nas novas tendências, decidiram usar sua marca, assinalar sua *griffe*, como qualquer outro objeto. [...] a subjetividade dos edifícios, deve ser marcada, de forma bem visível, exposta aos ventos da comunicação urbana. (CANEVACCI, 2004, p. 194)

Convivemos muito bem com tudo isso, não? Dividimos até, muitas vezes, os mesmos desejos de visibilidade, de reconhecimento, ou não? Somos todos piXadores, ou melhor, pichadores, deixa o X para eles, aqueles com mais coragem!

A piXaçãO é um marketing, teu nome precisa estar em todos os lugares, não importa como. Os grandes nomes de marketing da década de 80 eram a Coca-Cola, como até hoje, Rangler, então, qualquer bairro que você fosse tinha uma loja com essas marcas, então, a piXaçãO é a mesma coisa. (TATÁ em conversa)

Enfim, e os prédios sem neons? E as janelas antes do topo? E as pedras ao nível do chão? E as esteiras das lojas somente vistas à noite e aos domingos? Isso tudo, caso escasseasse ao fluxo comunicacional intenso, morreria. Porém, como eu disse, nada escapa! A morte não é opção no mundo da visualidade, ou melhor, neste nosso mundo, retomando Canevacci, no mundo da comunicação urbana. Fetiches visuais no ar, *atratores* (ver p. 55) democratizados, mas apenas para os autorizados? Que habitantes da cidade são esses que, mesmo descorporificados, não encontráveis, têm o direito de ocupar e serem autores deste intenso fluxo comunicacional urbano, ou melhor, do ingrediente mais atuante em nossas vidas de cidadãos?

Eu acho que todo publicitário, todo pessoal de marketing, queria ser piXador. Se você parar para analisar, estamos vendendo nossa marca sem pedir, imagina se o publicitário pudesse pôr o seu outdoor, com a marca dele, em qualquer lugar, em cima da janela do terceiro andar sem pedir autorização. **[será que pagando ele não conseguiria? O que acontece durante o período eleitoral em qualquer cidade?]** Então, olhando a piXaçãO comparando com o marketing, nós somos privilegiados, nós temos a cidade inteira para a gente colocar nossa marca. Para ele, sai muito mais caro, publicitário nenhum vai ter a liberdade que o piXador tem. Errado ou não, deixando ou não, proibindo ou não, o piXador vai botar a marca dele. Acho que o pessoal da mídia deve ter um ciúme e uma inveja danada do piXador, porque a marca dele está saindo no jornal, está aparecendo, sem pedir autorização para ninguém. Meu nome é minha marca. Meu marketing pessoal feito onde eu quero. Já apareceu em horário nobre, no Jornal Nacional, no RJ TV. **[Quanto deve valer um segundinho**

sequer nos intervalos destes grandes noticiários? Que dirá dentro das notícias.] *Merchandise* sem pagar nada a ninguém. A desvantagem é que a gente não ganha nada. O lucro é só para o ego, muito pessoal, é isso aqui, de repente, é ver vocês dois vindo aqui conversar comigo. Se eu não fosse piXador, eu não estaria aqui conversando com vocês. Se tivesse que ganhar dinheiro ia perder o brilho, ia perder o *glamour*. O *glamour* está no *underground*. Isso é o legal. Se alguém quiser me dar dez reais para eu pôr um nome, não ia ser legal, ia perder o brilho. (HAIR em conversa)

De todo modo, nossa educação estética nos fez, de certa forma, conviver melhor com aquilo que nos alcança em um sentido mais funcional, claro, e por que não, lucrativo. O perigo é que isso não dá conta, é urgente uma deseducação estética tendo em vista a inescapável quantidade de tropeços em outras estéticas, outras lógicas, ou melhor, simplesmente em outros possibilitados pela falência de um projeto UNO e seguro de cidade que, apesar da cegueira de quem os regeu, já anunciava, em seu embrião, tal impossibilidade. Chamo de deseducação estética uma vez que o que dá mais indícios de perturbar, grosso modo, o senso comum, não é o fato de uma comunicação visual ser autorizada ou não, mas o fato de ser compreensível, de poder ser instantaneamente decifrada, de estar enquadrada numa estética moralizadora, de estar amparada por alguma função, na maior parte dos casos, mais uma vez, lucrativa. Conseguimos identificar, de fato, quais são os *outdoors* autorizados e os não-autorizados? Há pouco tempo, inclusive, aqui no Rio de Janeiro, se viu, por todo lado, ações da prefeitura denunciando alguns *outdoors* como “*publicidade irregular*”, o que não levou ninguém a odiá-los, a quere assassinar seus autores, afinal, quem são? Quantas vezes os anúncios de “*vendo e compro seu carro em qualquer estado*”, “*joga-se búzios*” ou ainda “*só jesus expulsa o demônio das pessoas*”, espalhados por tantos muros da cidade do Rio de Janeiro, foram questionados, foram alvos de denúncia ou ainda do interesse jornalístico? Quantas vezes o profeta Gentileza, por sinal, um moralista de dar nojo, personagem lendário do imaginário carioca, foi acusado de vandalismo? Algum dia vão apagar suas obras? Digerido, muito bem digerido.

A publicidade pode pagar para que sejamos obrigados a ver as mensagens deles, e a gente não pode pegar e escrever o nosso nome por aí, essa parada não está certa não. (ANARKIA em conversa)

O cara que piXa no alto faz *outdoor* e o que fica no baixo panfleta. (NUNO em conversa)

Em suma, não é a falta de autorização que perturba tanto a sociedade com relação à piXaÇÃO. Para além de sua audácia, de sua coragem em habitar as madrugadas – tão ‘aterrorizantes’ (uiui!) das metrópoles, aquilo que mais a torna alvo de criminalizações, reduções, violências e preocupações, a meu ver, é sua capacidade de resistir às racionalidades tradicionais, de ser impassível de uma explicação, de ser incompreensível para um regime de verdades, para nossa matriz de conhecimento; por atuar em outra lógica de sentido, uma lógica para além das palavras.

Quanto maior for o perigo tanto maior é a necessidade de se entender rápida e facilmente sobre aquilo de que se tem necessidade; não se expor a um mal-entendido no perigo, essa é a condição indispensável para os homens em suas relações recíprocas. (NIETZSCHE, 2007a, p. 197)

É mais fácil achar o Bin Laden, achar a cura da AIDS do que o cara achar o porquê. Se algum dia alguém responder, todo mundo pára. (NUNO em conversa)

E, por isso, desconforta, impede qualquer tipo de cooptação. Como conviver com isso? Vândalos! Sem nada na cabeça! Idiotas! Emporcalhadores! Bandidos! Marginais! Criminosos!!!!!!! E logo após esta avalanche de nomes, já muitas vezes impressos, um sonoro “UFA!” se ouve às 8 da manhã, um alívio, uma noite de sono tranquilo foi possível, não será mais preciso pensar sobre eles. Ingênuos! Covardes! Vocês que pensam!

Enquanto existir ser humano, existirá piXador. Nunca vai acabar. Sempre haverá algum modo de rabiscar. (RUNK em conversa)

Porém, afirmar tal vida em uma outra lógica pode soar como uma justificativa que

amente ainda mais as distâncias. De todo modo, tal distância só se sustenta em discursos desvinculados de conversas, ou melhor, construídos e criados sobre si, satisfeitos e já bem certos de suas verdades. Deixarei o processo mais denso desta dissolvência de diferenças para depois, quando formos mergulhar mais fundo em minhas aventuras, na maioria delas após a meia-noite. Para agora, retomo o que falei mais acima sobre a transformação dos fetiches aceitos em fetiches nauseantes. Neste sentido, tendo, mais uma vez, a comunicação urbana como cenário, qual a força oficial/autorizada que mais estudou e atuou neste fenômeno? A força dos publicitários. Como estamos pondo em contato, aqui, a ideia de publicitário e a figura do piXador, é bom lembrar, a fim de não cairmos em artificialismos (jornalísticos!!), que há piXadores publicitários (neste sentido, esta comparação se dá entre sua ocupação diurna e sua 'artistagem' noturna), assim como, sem esquecer o que disse a pouco, todo publicitário é um pi'ch'ador. São todos partes constitutivas importantíssimas da nova metrópole comunicacional, ou melhor, compartilham de desejos e *atratores* comuns. Cabe aqui, portanto, nos perguntar: que desejos, que *atratores* são esses?

Quais as aplicações de *outdoors* mais valiosas, aquelas escolhidas para as campanhas mais grandiosas? Quais as missões mais 'mídias' da história do Xarpi? Podemos, sem precisar de muita cautela, responder a estas duas perguntas com uma única resposta, ou seja, são locais onde o nível de atração visual é evidente, onde o olhar é apanhado mais imediatamente – de frente para as vias expressas; locais de grande circulação de pessoas; bifurcações de vias principais; além das tão comuns tentativas em atrelar um monumento símbolo da cidade a uma marca. É óbvio, portanto, que tanto os publicitários como os piXadores, mas nem só eles – todos nós partilhamos desta intensa, ininterrupta e cada vez mais tenaz sedução do visual. Quantas vezes um discurso oficial (sempre jornalístico!) se encantou pelas cores de determinada campanha projetadas sobre o Cristo Redentor? (dia da independência, candidaturas à cidade sede de jogos, ano do Brasil na

França e vice-versa). Quantas vezes o mesmo discurso se indignou com piXações sobre o mesmo Cristo Redentor, sobre a Candelária e sobre o Relógio da Central? (três das ações mais impactantes na história do Xarpi)¹⁶.



Vinga no Relógio da Central



Vinga na cúpula da Candelária

63

A arruaça vence

Jovens paulistas vão ao Cristo Redentor e praticam um tipo de vandalismo que cresce sob as barbas da polícia: a pichação

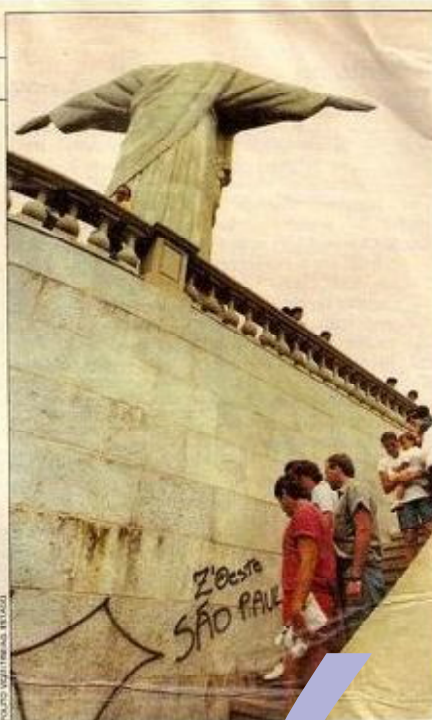
À meia-noite, o alarme do relógio de pulso soou. Os adolescentes paulistas Fábio Luis da Silva, o "Binho", e Ayres Monteiro de Araújo Neto, ambos de 17 anos, levantaram-se, caminharam alguns metros no meio da mata e encararam sua vítima — a enorme estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, o mais conhecido cartão-postal do Brasil. Não havia ninguém por perto. Eles, então, arrombaram uma das portas do monumento e saíram à procura de uma escada que levasse ao topo da imagem. A escada não ficava ali — e a dupla teve de mudar de estratégia. Em vez de pichar o rosto e os braços do Redentor, como haviam planejado, Binho e Neto descarregaram uma lata de spray na base do monumento. Escreveram "Diferentes — Z. Oeste de São Paulo — Apavoramos".

Caiu, naquele momento, um símbolo da resistência à praga dos pichadores. O Cristo era um raro local público do Rio de Janeiro que conseguia manter o vandalismo à distância. A dupla paulista descobriu pioneiramente que o esquema de segurança só funciona durante o dia. Os dois arruaçeiros residem na periferia de São Paulo e viajaram 400 quilômetros para realizar sua aventura. Chegaram ao Rio na tarde de sábado 16, subiram o Corcovado, embrenharam-se na mata e prepararam a

tocaia. Em busca de notoriedade, lembraram-se de telefonar à Rede Globo para anunciar a proeza. "Somos de São Paulo e conseguimos pichar o Cristo", anunciou Binho. Acontece que a dupla cometeu um deslize na expedição noturna e acabou sendo presa pela polícia, uma circunstância quase inédita entre os pichadores. Binho deixou cair o bilhete da passagem de ônibus no monumento e pôde ser identificado. A dupla foi detida na Rodoviária do Tietê, em São Paulo. Como são menores de idade, foram soltos horas mais tarde — para se transformar em heróis entre as gangues de pichadores de São Paulo e os adolescentes da Zona Oeste de São Paulo.

VINGANÇA — "A gente queria isso mesmo, que a nossa fama percorresse o Brasil", explica Fábio, que, em sua fase de celebridade, distribuía autógrafos na camiseta das meninas de sua idade. "Lamentei

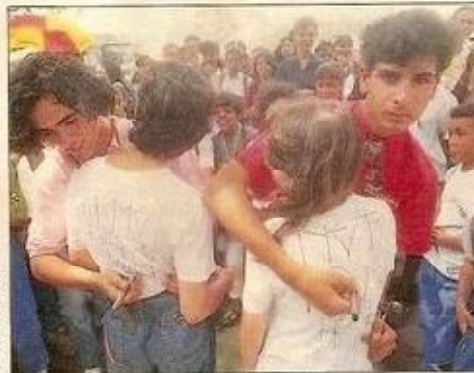
muito a repercussão que isso teve. Se o juiz Wilson Barreto não colheu o depoimento da dupla, eles que não apareceriam justamente após a repercussão ser tão grande. Primeiro, o mais famoso cartão-postal do Brasil. Depois, pela estratégia empregada. Na quarta-feira passada, a Confraria do Garoto, um



A base pichada do Cristo: ação na Zona Oeste de São Paulo



Ayres e Fábio presos ao desembarcar em São Paulo e libertados horas mais tarde: autógrafos



- Ah! Mas as campanhas publicitárias não marcam assim como a tinta destes marginais!
- Não?!

É justamente neste sentido que um fetiche aceito torna-se nauseante. A mesma força e atração visual, portanto, sem a qual não conseguimos mais imaginar uma metrópole, dependendo do dono das mãos que a tome como praticante, pode ser tanto celebrada como denunciada, tanto motivo de prêmios como de rígidas penas. Um paradoxo social que, como disse agora há pouco, diz mais sobre incompreensões do que sobre autorizações – o incompreensível, o inexplicável, tudo aquilo que ponha em risco nosso conforto, não só físico mas intelectual, é preciso ser invisibilizado. De todo modo, não seria um ser atuante e habilidoso, nas zonas invisíveis, muito mais capaz da tomada de assalto, do escape audaz? Invisibilize e violencie simbolicamente uma força estética e, a favor dela, se abrirá um imenso campo de dimensões universais onde, em pouco tempo, serão traçadas as mais sagazes táticas de ataque, os mais bem-humorados treinamentos de fuga, dos quais você jamais tomará conhecimento, afinal de contas, se darão invisíveis, e a culpa, quanto menos aparentar, será cada vez mais toda sua. Sob seus olhos cegos, sob seus narizes entupidos, outras vidas correrão e, com elas, seus organismos mais vitais – as produções estéticas. Quanta coisa você vai perder! Quanta beleza! Quanto espetáculo!

Como falta tempo para pensar e ter sossego no pensar, não se estuda mais as opiniões divergentes: contenta-se em odiá-las. Em virtude da enorme aceleração da vida, o espírito e o olhar estão acostumados a ver e a julgar parcial ou erradamente e todos se assemelham aos viajantes que tomam conhecimento de uma região e de um povo, sem sair do trem. (NIETZSCHE, 2007d, p. 198)

Agora, fique atento, todo esse treinamento, todas essas táticas arquitetadas sem seu conhecimento, nem consentimento, tendem, justamente, por se terem potencializado sem ‘ninguém’ perceber, alcançar os maiores voos, alcançar os maiores índices de visibilidade e fôlego, em nosso caso, chegar, em poucos minutos, ao 10º andar. Quando este dia chegar,

o que será mais fácil para você? Mais uma vez, vamos aos vícios de discurso – Vândalos! Sem nada na cabeça! Idiotas! Emporcalhadores! Bandidos! Marginais! Criminosos! Que tal nefasticidade parasse por aí, mas, logo em seguida, você, covarde e moralista (forçando a barra – cristão!), continua, emite o grito ou o ato ‘heroico’. Assassinem-no! Eu jogo a primeira pedra! Ou melhor, ‘desbiblicando’ – eu disparo o primeiro tiro! Um tiro, e mais um tiro, e mais um outro para assegurar. Assegurar? Para cada um que se vai, surgem outros cinco. Este ‘assegurar’ só servirá para o seu sono, mas você continua dormindo muito bem com tantas mortes simbólicas nas costas, talvez até por elas, em nome delas.

66

4.. UMA FICÇÃO CHAMADA CIDADE .. É TUDO NOSSO!



Me sinto completamente integrado à cidade. Você tem livre arbítrio para sair. Ali você sai e expressa a sua arte. Eu sou da rua. Muitas vezes, vou levar um amigo na portaria do prédio, quando eu vejo já estou na LAPA, o horário já passou. Eu sou totalmente sozinho. A vida me impôs um ritmo de ter necessidade de andar sozinho desde criança. Um dia, fiquei esperando minha avó na escola, e nesse dia ela passou mal e não foi, nunca tinha ido sozinho para casa, aquele dia foi a primeira vez, andei alguns quilômetros até em casa e decidi que minha avó não precisava mais ir me buscar. Me sinto muito bem na rua. (RUNK em conversa)

‘Uma ficção chamada cidade’. Chamo de ficção, uma vez que suas ruas, suas praças, ou seja, seus espaços públicos, onde deveria estar o ponto alto de sua pulsão vida, vem sendo, costumeiramente, alvo de um pensamento funcionalista que ganha o tom de grande parte das ações públicas, geralmente recheado de desejos e, por que não, fetiches da ordem, do regimento da vida em prol de algo a ver com ‘uma civilização melhor’. Uma

invenção de pensamento que, a um olhar um tanto mais atento, torna evidente toda sua pretensa vontade de verdade, todo seu arsenal de beatitudes publicado, a qualquer custo, pelo poder do discurso. “Ordem e progresso” acima de tudo, não importando o quanto de vida deva ser apagado, higienizado para realização ou para a ingênua busca destes ideais que, apesar de serem datados, remetendo imediatamente a militarismos e nacionalismos de algumas décadas passadas, ainda hoje, mesmo que, de certa maneira, dissimulados, continuam atravessando grande parte de um discurso que se postula e se pretende gestor de nosso ambiente, mesmo que, para isso, precise, nefastiosamente, entrar sorrateiro em nossas vidas tornando-se símbolo, até que o discurso não só se justifique, mas se propague; afinal, é o ‘bem’ e este deve, volto a dizer, a todo custo, acima de qualquer suspeita, ou melhor, ao custo de vidas e de almas, ser sempre bem-vindo.

É, portanto, a partir desta problematização que proponho a dilatação do entendimento do que é a cidade, para além de seus já viciados primeiros olhares reduzidos a funcionalidades, para além de seus problemas de habitação e circulação, mas entendendo-a como um corpo que, como nós, sofre ações reguladoras e, por que não, educativas, a cada fonte de indisciplina, ou melhor, a cada fonte de outras lógicas e outras estéticas que ponham em cheque as oficialidades e cânones do ‘bem’, de quem as gere. De todo modo, de antemão, já anuncio a falência de tal projeto; afinal, a cidade é um dos *piores* alunos, daqueles que ‘não ouvem’, daqueles que ‘falam junto’, daqueles que ‘dão dor de cabeça’, daqueles ‘hiperativos’. Em outras palavras, a dissonância, tão própria do acontecimento urbano, é, a meu ver, o que ainda faz sobreviver a própria cidade, afinal de contas, enredada e cosmopolita, é ela, hoje, como já disse há algumas páginas atrás, muito mais fonte ativa de comunicação do que meio passivo de transmissão. Eis, então, seu aspecto não domesticável, incontrolável e irônico.

Como maneira de desnaturalizar essa postura funcional frente ao projeto urbano,

ou melhor, como maneira de pôr em questionamento o que parece ser inquestionável, fui influenciado por Foucault¹⁷, buscar, na própria história da humanidade, em especial da formação das cidades, alguns eventos que, por mostrarem uma série de modos de relação e de valores quase incompreensíveis para o nosso tempo, provoquem um profundo desconforto frente à nossa própria história, ou seja, frente ao nosso passado e, em última instância, frente a nós mesmos. Jogando, assim, portanto, por água abaixo a receita básica, ou melhor, o sonho confortável dos risos amarelos de que, quanto maior o controle público, melhor será a vida e mais perto da civilidade estaremos. Escolhi, então, um caso em especial por tratar do ‘roubo’, algo tão execrado em nossa atual sociedade, mas que, naquele momento, não só era aceito, como era um direito e, ainda, motivo de festa. No começo do século XV, numa vila suíça, a casa de um morador rico foi assaltada, porém, indo de encontro ao conceito moderno de direito, tudo teve que ser encarado como uma brincadeira, a qual terminou numa longa bebedeira envolvendo, inclusive, os empregados da casa. Tudo isso “*justificável pelo ‘direito de furto’ próprio do ritual carnavalesco e que teria podido derivar perfeitamente da cultura juvenil.*” (SCHINDLER, 1996, p. 267).

(ver p. 18) “Direito de furto”? Seríamos capazes de, hoje, conseguirmos conviver com isso? É bem verdade que o valor de propriedade não tinha suas bases tão bem fincadas quanto hoje. Será, portanto, que, de fato, caminhamos para uma harmonia, para um equilíbrio, em suma, para uma civilidade, como acreditam os defensores da ordem?

Sobre este mesmo estranhamento com o próprio passado, vale ressaltar uma bela frase de Jorge Larrosa que repete o que já afirmei, mas com uma beleza que, de fato, não posso deixar de mencionar: “*Se trata de assinalar que há algo em nosso passado que não*

¹⁷ “Apesar disso, as pessoas que me leem, em particular aquelas que apreciam o que faço, muitas vezes me dizem rindo: ‘No fundo, você bem sabe que o que você diz não passa de ficção.’ Eu sempre respondo: ‘Claro, não se trata de ser outra coisa além de ficções’. [...] Meu problema é o de fazer por mim mesmo – e de convidar os outros a fazê-lo comigo, a partir de um conteúdo histórico determinado – uma experiência do que somos, do que é não somente nosso passado mas também nosso presente, uma experiência da nossa modernidade de modo a nos transformar. O que significa que, ao final do livro, seja possível estabelecer novas relações com o que está em questão: que eu, que escrevi o livro, e aqueles que o leram, tenham com a loucura, com seu estatuto contemporâneo e com sua história no mundo moderno, outra relação.” (FOUCAULT, 1994)

podemos chamar de nosso, que se pode tomar como o outro do que somos.” (2005, p. 134). Eis, portanto, o nosso próprio passado como prova da fragilidade com que, muitas vezes, julgamos determinadas verdades como universais e eternas, quando não passam de contínuas e intermináveis mutações humanas. Por isso, não seria, de forma alguma, exagerado afirmar que a categoria criminosa na qual se enquadra determinado ato pode não tê-lo sido no passado e voltar a não ser dentro de um tempo não muito longo.

Tendo nosso próprio passado, portanto, como fonte questionadora de nossas atuais verdades, percebo, na sobrevivência pulsante da inquietude polifônica, inerente ao acontecimento metrópole, em contraste com o desejo de cunho salvador, cristalizado nos projetos, planejamentos e discursos pautados em petulantes sonhos de um futuro melhor, em outras palavras, de um futuro civilizado e asséptico, a meu ver, um indício, talvez um flagrante da evidente relação interdependente entre a própria vida e seus aspectos dissonantes, ou melhor, vivos. Neste sentido, proponho às palavras harmonia, equilíbrio e vida, tão comuns às ações sorridentes pela civilidade, sentidos que não negligenciem, sob discursos violentamente beatos, as imperfeições, o deformado, o indisciplinado, ou seja, todas as produções irremediavelmente estéticas que, por serem impassíveis de limpeza, vão de encontro ao discurso unificante remanescente de um projeto moderno que ainda cisma em se autointitular pretensiosamente harmonioso, equilibrado e, em última instância, vivo.

É este sentido sonhador atribuído às noções de equilíbrio e harmonia, ou seja, ocupando papel de objetivo final, resultado de planejamentos com temporalidade linear de causa e efeito, que procuro denunciar como ilusório, ou melhor, como satisfatório só para quem deles constroi seu palanque e seus privilégios, muitas vezes financeiros. Quantas ações desequilibradas, regadas a sangue são necessárias para construir uma ilusória metrópole do consenso? A partir deste questionamento, podemos, arquitetando uma inversão

de lógica, pensar esta ideia de consenso e de perfeição, como, talvez, o próprio sucesso de um projeto que, sob a premissa do reequilíbrio para o bem, justifica suas violências que, de fato, reafirmo, não são somente sanguíneas, mas também simbólicas. Não só perseguem os corpos inadequados, como também marcam os corpos sobreviventes. Em detrimento do tom um tanto maquiavélico da última frase, os corpos, mesmo marcados, não garantem a adequação, a obediência e a disciplina, ou seja, a vida não se enquadra em previsões de causa e efeito, e talvez seja esta substância inapreensível do aspecto vivido que, cotidianamente e ironicamente trame suas ações pelo reencantamento do mundo, e assim, salvem as palavras harmonia e equilíbrio de seus destinos impotentes traçados e amplificados secularmente pelos que se atribuem o papel de vestir as palavras do mundo.

Desta maneira, teimo, perigosamente em aproximar o sentido oficial das palavras harmonia e equilíbrio, justamente às suas negações, ou seja, às desarmonias e desequilíbrios. Em suma, é justamente em ações nomeadas jornalisticamente de desequilibradas, inumanas, imperfeitas, deformadoras, alvos de aniquilamento como o *Xarpi*, que encontro algo de reequilibrante, de rearmonioso frente à “falastra”¹⁸ dos projetos vaidosos da modernidade salvadora de almas que, secularmente, sob um sorriso harmonioso, disseminou arquiteturas de forças desequilibrantes.

Em meio a isso tudo, a metrópole, ao mesmo tempo como pano de fundo e pano de frente deste jogo orgânico de forças que, no próprio conflito, sustentam o que, a meu ver, é a harmonia em seu aspecto mais vivo, ou seja, ativo, inseguro, perigoso. Uma harmonia que, em vez de olhar para frente, olha ao lado, como quem convive com as imperfeições que garantem a vida em seu pulular fragmentado, inerentemente equilibrado em desequilíbrio, harmonizado em desarmonia, musicalmente, uma polifonia em consonância com a dissonância. Tudo bem que este desvio do olhar em meio às propostas sutilmen-

¹⁸ Falácia seria a palavra gramaticalmente correta, no entanto, “falastra”, mesmo não existindo, parece soar mais potente, dá ainda mais uma cara de falcatrua aos projetos vaidosos em questão, não? Pode ser impressão minha...

te ditadoras de trajetos que o impulsionam a voltar-se sempre para frente pode levar a tropeços, mas a sagacidade em saber se mover da mais lenta contemplação e escolta a mais veloz fuga (ver p. 92) faz do Χαρπι uma boa sugestão para experiências eXtremas e mais complexas dos fluxos comunicacionais, e não só deles, que, ao mesmo tempo, atravessam e constituem a metrópole contemporânea. E não seria esta capacidade de conviver com o contra-senso, com o que supostamente, segundo um projeto judaico-cristão de civilidade, deveria ser execrado em prol do bem da civilização, algo próprio do acontecimento metrópole contemporânea? É possível imaginar uma metrópole onde todos os seus trajetos já estão definidos, ou melhor, onde todos os corta-caminhos já se encontram plenamente mapeados? Ouvi um não? Veio, acho que de dentro de mim.

Neste sentido, quando um desejo de harmonia e equilíbrio societal que obedece e é sustentado por apenas uma lógica ganha ressonância em uma comunidade, tudo o que ousar eclodir deste recalque será imediatamente denunciado como ato desequilibrado, como distúrbio, em última instância como obstáculo à civilidade, mesmo que, ironicamente, seja um obstáculo muito mais pleno de saúde. E desta maneira, o paradoxo do sonho civilizatório fecha seu perverso ciclo, onde toda covardia, toda reação desequilibrada será possível, ou melhor, será ideologicamente legítima em favor de um equilíbrio que sempre terá a ver com o grau de conforto de quem as produz e sustenta.

Continuando estas tentativas de inversão de lógica, como metodologia a fim de desconfortar o que anda aparentemente confortável e conseqüentemente, segundo este modo de pensar, sem vida, vale convidar, para esta conversa, além dos já falantes Nietzsche e Maffesoli, os também contundentes, a seus modos, Todorov e Boaventura. Ambos atravessando assuntos como colonização, dominação, direitos e deveres serão mais dois interlocutores nesta conversa-texto que, na própria despreensão utilitária, acaba por fervilhar em tentações juvenis. Há sempre algo de Χαρπι em quem ousa pensar perigosamente.

O primeiro tema que antevjo como arranque desta conversa entre os quatro já anunciados e meu processo de tessitura é a questão dos valores que, não importando o nome e a classificação dada (morais, religiosos, sociais, civilizantes), tem sua gravidade justamente em sua premissa de discurso, ou seja, no seu aspecto absoluto, cuja violência, mesmo que se cristalize em rastros históricos de sangue, possuem sua maior perversidade no seu aspecto simbólico (mais uma vez!). Em outras palavras, no genocídio cultural.

Todorov, tendo como pano de atuação a colonização dos países da América espanhola, estudou uma série de discursos oficiais da época, em especial do teólogo, jurista e professor da Universidade de Salamanca, Francisco de Vitória, o qual, a fim de enunciar os fatores que possam legitimar uma guerra, ou seja, torná-la justa, coloca a circulação dos valores cristãos como possível legitimadora de qualquer atrocidade:

No que se refere à circulação das ideias, Vitória só pensa, evidentemente, na liberdade, para os espanhóis, de pregar o Evangelho para os índios, nunca na liberdade dos índios para divulgar o 'Popol Vub' na Espanha, pois a 'salvação' cristã é, para ele, um valor absoluto. (1999, p. 179)

Logo em seguida, na mesma página, Todorov, continuando seu estudo sobre estas possíveis justificativas para a guerra, encontra, neste mesmo teólogo, afirmações que, por serem em si julgamentos sob uma perspectiva do bom europeu, imediatamente jogou uma série de práticas culturais indígenas em seu alçapão da lógica utilitária melhorista, ou seja, nomeou-as, enfim, conceituou-as como "*tiranía*", para, imediatamente depois, usá-la como base, como legitimadora para incursões sobre estes selvagens que "*sacrificam homens inocentes*" (*op. cit.*, p. 179) e até mesmo os comem, ou seja, que precisavam do 'bem' e, em última instância, lhes faltava civilidade. Falando sobre os espanhóis, Todorov dispara:

São eles que escolhem os critérios segundo os quais o julgamento será pronunciado; decidem, por exemplo, que o sacrifício humano diz respeito à tirania, mas o massacre não. (*op. cit.*, p. 179)

Penso que somente desta maneira, ou seja, num projeto regado a sangue, a poderosos absolutos e a uma verdade UNA, é que a noção higiênica e ascética de harmonia pode tomar um papel de objetivo final. A meu ver, qualquer projeto que se intitule UNO e em prol de uma sociedade supostamente rumo à perfeição (sabe-se lá o que isso signifique), ou seja, que legitime suas atrocidades em prol de melhorismos, nunca terá relação com harmonia. Talvez, pelo contrário, seja inclusive o reduto maior do des-harmonioso, uma vez que, sob os mantos dos justos, ele sobrevive risonhamente. Em outras palavras, a harmonia, para não ser mais um dos discursos em benefício das falsificações de mundo, precisa de seus opostos, ou seja, das ações eXtremas, dos desequilíbrios tão juvenis que, de fato, nem são tão opostos assim, uma vez que, como fenômenos da vida, são, inexoravelmente, parte integrante do jogo de interdependência não categorizante do vivido. Sendo assim, o sombrio e madrugal desequilíbrio reclama para si, sem pudores, um papel constituinte nesta tensão que, em última instância, constitui a própria vida e seu ininterrupto e infinito jogo, onde o próprio flerte entre o harmonioso e o des-harmonioso, sem julgamentos de valores, compõem suas polifonias. Seguindo ainda este aspecto, a harmonia em seu sentido friccional e visceral, depende do des-harmonioso para se constituir em uma fervilhante plenitude, que em nada tem a ver com o sentido sonhador ideal, tão frequente nos discursos sobre harmonia e equilíbrio plenos.

Dando espaço, assim, a tudo que se ousou caluniar, ou seja, a todos os valores que, em favor do sonho de um mundo melhor, perderam seu aspecto de vitalidade para, ao sofrerem o batismo de nomes repugnantes e com eles suas piores simbologias, serem alvos do desejo de extinção, cuja habilidade transformou tudo aquilo que o ameaça em maldade; retomamos Nietzsche. Em *Além do bem e do mal*, por sinal um título que vem a calhar com nossa desconstrução civilizatória, fica evidente seu ímpeto rasgante em denunciar a hipocrisia moral que, sob muitos aspectos, não só falsificaria, mas buscaria transfor-

mar a vida na sua própria negação.

...agora se sonha em toda parte, mesmo sob aparências científicas, estados futuros da sociedade, cujo caráter de exploração deva desaparecer – isso soa aos meus ouvidos como se se promettesse inventar uma vida que dispensasse toda função orgânica. (2007a, p. 185)

É justamente esta vontade pela completude da vida, em outras palavras, a não lapidação de fenômenos imperfeitos, ou seja, uma epistemologia *além do bem e do mal* que também ganha espaço em Maffesoli. De todo modo, esta vontade não significa, finalmente uma apreensão da vida, uma vez que isso seria um retorno à lógica da medida, ou seja, ao erro do alvo criticado. Sendo assim, esta característica escorregadia da vida, seu aspecto inalcançável e inquieto dá o tom desta epistemologia em favor do trânsito, do não-esgotamento. Pode ser, a partir disso, então, que justamente através da fuga de verdades e certezas, numa escrita que pode soar inútil, ‘não servindo para nada’ aos nossos calcanhares da moral que estaremos, a meu ver, desvinculando a vida de seu ranço moderno pela explicabilidade das coisas. Em outras palavras, atribuiremos o gosto pela ficção, pela imaginação, pela literatura como cerne do próprio vivido, sem, no entanto, nos afirmar fora dele, afinal, é justamente nosso ‘fazer parte’, nossa inescapabilidade que compõe essa polifonia residual. Neste sentido, vale, mais uma vez, um retorno a Nietzsche que, ainda no século XIX, já afirmava o caráter ficcional das verdades e, indo além, o sentido imaginário da própria busca, do próprio sentimento de necessidade por verdades.

Não passa de um preconceito moral acreditar que a verdade é melhor que a aparência. É inclusive a suposição mais infundada que possa existir no mundo. Deve-se confessar realmente que a vida não seria possível se não tivesse por base apreciações e ilusões de perspectiva. [...] Por que o mundo em que vivemos não seria uma ficção? E se alguém nos dissesse: “Mas a ficção necessita de um autor”, - não poderíamos “por quê”? De fato, “necessitar” não constitui também uma parte da ficção? (2007a, p. 52)

Desta maneira, nada escapa ao aspecto ficcional, muito menos a própria verdade que, como todo fenômeno, não está descolado da vida e muito menos flutua sobre ela, ou seja, é só mais um entre os elementos que pulsam. Sendo assim, é neste sentido que Massimo Canevacci, mais um dos inversores de lógicas, reinventa o sentido de fidelidade, no caso, em especial, a fidelidade à verdade. Segundo ele, *“cada verdade pode permanecer tal justamente porque se modifica. Então, o sentido profundo de ser fiel a uma verdade é o de traí-la. Somente traindo a verdade permanece-se fiel a ela.”* (2001, p. 42). **(ver p. 43)** Talvez seja, justamente, dessa fidelidade dilatada que o conceito de civilidade esteja precisando, a fim de que seu projeto deixe de ser rígido, em nome de um amor, para embarcar e sintonizar com o caráter plural e volátil da vida.

É justamente sob este manto do amor ao próximo que Boaventura denuncia e contundi, sem perder seu otimismo, mais uma série de barbaridades legitimadas. Neste caso, retoma, outra vez, o tema da colonização como um acontecimento macro na história da humanidade, mas que, longe de ser algo anacrônico, em vista da nossa contemporaneidade, figura, ainda hoje, especialmente sob a forma discursiva, permeando atuais planejamentos amorosos.

Ditado por uma moral superior, o amor ao próximo pode, assim, sem qualquer contradição, justificar a destruição dos povos indígenas: na medida em que resistem à dominação “natural e justa” dos seres superiores, os índios tornam-se culpados da sua própria destruição. (SANTOS, 2002, p. 31)

De certa forma, é justamente este fascínio, este fetiche pela dominação e, consequentemente, por uma moral gerenciadora de mundo que, ainda hoje, uma oficialidade também sem qualquer contradição, outorga a si o título de “A” humanidade e, sob esta licença, julga seus feitos como o patrimônio da humanidade. Como desconstrução, mais uma vez irônica e juvenilizada, um dos jovens chamado MIK, ao ser perguntado sobre sua sigla, diz: *“é a AT = ALUCINADOS TERRORISTA. Essa é mais que tradicional, é tomba-*

da pelo Patrimônio Histórico Nacional.” (BLOG). Mais uma vez o deboche, utilizado frente a valores pilarizantes da ordem instituída, como ferramenta de re-harmonização da vida, mesmo que em caráter micro, afinal é nele que vivemos. Logo em seguida, o mesmo MIK continua sua irreverente contribuição para as pesquisas sobre educação patrimonial – ao falar sobre ‘a melhor parada que já pegou’, ele diz: “*Monumento do Zumbi na Praça XI, que até hoje tenho uma foto no livro de História do Brasil da 3ª série. Me lembro que essa parada saiu em todos os jornais, MIK é matéria de história!*” (BLOG)

A noção de patrimônio histórico ganha aqui valor de representante de uma cultura oficial, a ser abalada, ao menos pela sonora gargalhada dos que dela zombam em prol de uma plurificação das histórias, de uma desoficialização da moral, uma vez que tais conceitos de história e moral, quando encontrados assim, em tom generalizante, ou seja, amparado pelo valor do UNO moderno, são irremediavelmente precedidos por um processo de seleção conduzidos pelos que se podem intitular produtores da humanidade, assim mesmo genérica e abstrata, mas que satisfaz. De todo modo, a pulsão contraditória da vida que não se deixa apagar, garante, também, a não consolidação de seus objetivos dóceis através das possibilidades não licenciadas de seus abalos. Em outras palavras, ouse reger a vida e esta, mesmo que tome algumas décadas, reclamará as partes que foram deixadas de fora, tudo através de um reequilíbrio pelo excesso, pelo radical, pelo inesperado, pelo eXtremo!

Falando em outro contexto, Nietzsche põe a moral inglesa no patamar da oficialidade que acabo de mencionar quando afirma, como de praxe, sem pudores, que “*no fundo, estão todos decididos a dar razão à moralidade inglesa, na medida em que essa moralidade será útil à humanidade ou ao ‘bem geral’ ou à ‘felicidade da maioria’, não: à fortuna da Inglaterra.*” (2007a, p. 148) Que humanidade é esta, que tem o direito de nomear seus feitos como “O” patrimônio? Como se dá a construção deste poder? Em detrimento de que, esta valoração deste, muito específico patrimônio, se postula? Quais os óbvios indíci-

os contemporâneos destes retornos pelo excesso?

...“o bem-estar geral” não é um ideal, um objetivo, uma coisa conceituada de uma maneira qualquer, mas simplesmente um vomitivo, que o que é justo para um não pode ser justo para o outro, que a pretensão de uma moral para todos é precisamente um preconceito levado ao homem superior; em resumo, que existe uma hierarquia entre homem e homem e, por conseguinte também, entre moral e moral. (NIETZSCHE, 2007a, p. 149)

4.1.. A CIDADE RECLAMADA.. PATRIMÔNIO?

E a cidade foi o ambiente contemporâneo que encontrei tal embate de forma mais evidente, ou seja, onde, mesmo havendo, de certa forma, uma “curadoria” oficial que escolherá os símbolos de cada tempo, a rebeldia, o excesso juvenil constituinte da metrópole, não permite o sucesso absoluto destas escolhas, cabendo a elas a limitação sem graça dos símbolos didáticos, ou seja, quase nada. O que nos importa aqui, no entanto, é a metrópole como local de convivência inescapável entre as coisas aparentemente mais distantes. E, como prova disso, os exemplos são infinitos: quantas indústrias desativadas passam por planos de restauração, como uma nostalgia por um símbolo do passado intocável, ao passo que, neste mesmo local, ao mesmo tempo, pode-se dar uma novíssima ocupação juvenil como as Raves? Quanto tempo leva um passeio do último fuzil da Rocinha à primeira mansão na Gávea? Essa eu posso dizer, efêmeros 1 minuto e meio percorridos por mim e Marcelo quando estivemos por lá por conta do documentário. **(ver p. 267)** Quantas ruas no Rio de Janeiro podem ser caminhadas sem avistar nenhuma piXaçãO? Talvez nas dos condomínios fechados. Talvez! Neste sentido é muito significativo tanto o “*tá tudo dominado*” do funk carioca quanto o “*é tudo nosso*” do Xarpi carioca. Será que, muito antes dos sociólogos, antropólogos e outros estudiosos das cidades, esta juventude sem pudores, funkerizada, Xarpizada, sensivelmente, percebeu muito mais sagazmente a

questão urbana-comunicacional contemporânea? Percepção quase que imediata, logo no seu embrião, ou mais ainda, quase permitindo nascer esta novíssima metrópole comunicacional?

– Mas se a casa é minha, eu tenho o direito de que ela não seja piXada!

– Mas eu tenho o direito de escolher viver minha vida sem precisar ouvir *funk*!

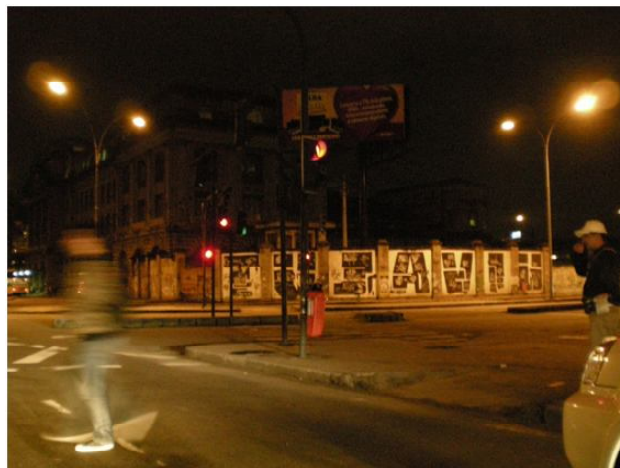
Frases que o quanto que tem de legítimas são o quanto que tem, também, de ingênuas. Não há mais, na cidade, qualquer reduto intocável, onde as estéticas desconfortantes não estejam já reclamando sua posição constituinte não só da metrópole, mas da própria vida. Não há mais segurança que dê conta, não há mais produtividade que, velada por um sonho de direito, como as falas acima, não tropece, justamente, sobre estas outras estéticas, uma vez que estas não são passíveis de apreensão, não possuem redutos, não são localizáveis, a não ser na cidade por inteiro, aquilo que gosto de chamar de ‘estéticas de toda parte’. Em outras palavras, estes tropeços, estas situações inesperadas de contato com aquilo que você jamais gostaria de ter sequer ouvido falar são partes, hoje, indissociáveis do acontecimento urbano-comunicacional, ou seja, apesar de toda a legitimidade dada, inclusive por mim, ao medo e ao temor frente ao eXtremamente diferente e imoral, não há mais maneiras de se representar a metrópole sem eles. Melhor dizendo, acredite se quiser, você não tem mais direito algum de viver sem ouvir o *funk* e, no nosso caso, menos ainda de ter seus muros alheios ao Xarpi, por mais que num momento de desespero você grite, legitimamente, seus medos e, não tão legitimamente assim, seus gostos. Gostos que mascaram medos, medos que aparentam gostos. Enquanto isso, a meninada se diverte, paradoxalmente, mesmo que em risco de vida, talvez, até mesmo por isso.

Na verdade, eu era filho de porteiro, de um condomínio de elite. Então, para os caras de elite, eu era tipo um espião da plebe. Eu podia trabalhar com eles, porque meu pai trabalhava lá e eu era bem aceito, e, quando eu ia na favela, eu podia porque eu era filho de porteiro. Mas eu nem ligava para isso, eu queria era estar me divertindo mesmo, seja no pagode e no funk ou nas festinhas de 15 anos. (NUNO em conversa)

Parece, para mim, portanto, que a nova metrópole sugere uma mudança de pensamento importante – o urgente não é uma busca por um retorno deste direito, mas dissoluções destes fetiches por meio da convivência. “*Não mais criticar, explicar, mas compreender, admitir.*” (MAFFESOLI, 2004, p. 19)

É todo um jogo de conhecimentos e ignorâncias, como em todos os campos de saber. Agora, é mais do que evidente que a força oficial de um serve como justificativa autoaceita, autopromovida, para os projetos de aniquilamento do outro, aparentemente menor, mais fraco, mas, por isso também, mais veloz, menos achável, entrincheirado, capuzes nos rostos, identidades não catalogadas, sem registros oficiais, parecendo os mesmos, aglutinados, força total. Que significado tem um busto de Getúlio Vargas posto numa praça em um bairro central para essa meninada? Que significado tem os nomes do VINGA na Central do Brasil ou do eterno CAIXA espalhados por todo o Rio de Janeiro para o secretário de segurança pública ou para quem cuida da limpeza da cidade? Quem apaga quem? Que outros heróis foram estes? Que cultura você deve cuidar, preservar? E o Estado, cabe a ele abraçar tudo o que é público? Inclusive suas próprias contradições mais do que estampadas em nosso tempo de pós-tudo, de vazio super produtor?

Você apagar muros aí que tem nome da década de 80, que é um registro da história da piXaÇÃo, isso é uma perda. Como o muro da Leopoldina...



(ver p. 122)

...que você tinha nomes antigões, de vários falecidos, aí vem um idiota e fez um grafite gigante, se achando, por cima de toda a história da piXaçãO do Rio de Janeiro. Isso é um assassinato. Agora que estamos organizados, a gente tem até foto, a gente tem gente para escrever, a gente tem livro, revista, começamos a registrar a história, mas há duas décadas, os vinte anos de história que passaram, a gente não tem registro. O registro que a gente tem é o muro da cidade, o muro da cidade é o nosso livro. Então, manter aquilo preservado é manter a nossa história, é manter a história da piXaçãO carioca. (ANARKIA em conversa)

O espaço público deixou de ser apenas espaço geográfico e ganhou deslimites simbólicos. Hoje, o espaço público flutua, está em todo lugar, escorre por nossos dedos, está no ar, no não-humano, especialmente em tudo que tiver a ver com estética e mais ainda com o visual – quanto mais visível for seu portão, quanto mais estrategicamente impactante for seu muro, menos ele será seu, ou melhor, será tanto seu quanto nosso. De todo modo, como você está mais dentro dele do que fora, ele é muito mais nosso do que seu. *Já era! Tá tudo dominado! É tudo nosso!* Calma, ele pode voltar a ser seu, desde que desarticule seus medos de seus gostos – e o mais difícil: seus gostos de suas morais.

O cidadão, mesmo podendo continuar a ter seus gostos, se vê obrigado a conviver com essa superexposição urbana, como se suas preferências fossem reduzidas a um relativismo inútil. (JEUDY, 2005, p. 117)

A cidade, portanto, como interminável exposição, como um painel que aceita tudo, como incrível manancial para os que têm a coragem de estudar a estética sem levar em conta os estudos e pesquisas sobre julgamentos estéticos, uma vez que a cidade não escolhe nem autoriza quem são os credenciados a utilizá-la, pelo contrário, ela é, em si, avessa às ordens, ela se abre, se joga, a cidade é promíscua, para terror dos que passam a vida planejando alguma forma de educá-la. Levando em conta esta característica da cidade e adicionando a isso a necessidade que toda cidade tem de ter, em seu espaço público, figuras de criação contemporânea, Henri-Pierre Jeudy afirma que, ao perceber isso, passa a ser *“inoportuno ou deslocado qualquer julgamento de gosto, uma vez que este está, desde*

logo, condenado a uma forma puramente reativa.” (2005, p. 116) Logo depois, citando Nathalie Heinich, ele afirma não ser mais interessante, especialmente para uma pesquisa estética, os comentários comuns de “é bonito” ou “não é bonito”. “*A questão da beleza nem sequer é mais pertinente*” (HEINICH *apud* JEUDY, id.)

Sem que os financiadores saibam, a cidade confere a toda obra suas possibilidades enigmáticas de inserção espacial e temporal para além dos critérios estéticos que parecem ter determinado sua escolha. O que se tornou público no espaço urbano resiste aos assaltos das críticas mais acerbas. (ib., p. 117)

No entanto, nós, habitantes deste ambiente de complexidades e demografias (de gente, de símbolos, de sentidos e de visualidades), em meio a este imensurável fluxo de comunicações, criamos algumas resistências, alguns mecanismos de autopreservação, afinal de contas, digerir tudo conduziria a uma esquizofrenia sem precedentes. Neste sentido, mesmo os que já desvincularam seus medos de seus gostos e seus gostos de suas morais não estão isentos dos inesperados tropeços. Estes, no entanto, têm grandes chances de se encantar com os machucados produzidos por tais tropeços. Sobre este nosso mecanismo de quase involuntariamente cegar-se frente à nossa incapacidade de processamento, retomo mais uma vez Jeudy, que chamou este momento de “olho bobo” – “*Olhar que de repente adotamos quando, sem nada de especial a fazer, nos entregamos ao fenômeno estranho de ver sem ver, de olhar sem saber.*” (*op. cit.*, p. 120)

É óbvio, no entanto, que este estado essencialmente aberto da cidade, apesar de garantir o surgimento e a sobrevivência, inclusive, das estéticas mais incompreensíveis e mais imorais, é também alvo dos que, ao traçarem suas políticas de segurança e de educação – nem sabem, mas –, fazem mais uma política estética que qualquer outra coisa, ou melhor, permitem e lutam pelo aniquilamento da imaginação. Eis, portanto, o paradoxo que leva as violências, muitas vezes produzidas por estas forças estéticas, a tornarem-se

sanguinárias – a cidade fervilha liberdade, se mostra, se insinua, nos anima os desejos *voyeuristas, sados e masoquistas*, porém, em contrapelo, o ‘bem’ mostra suas garras aparentemente bem aparadas, mas que, se vistas de perto, são mais afiadas do que nunca. Reafirmando mais uma vez Maffesoli, estas garras produzem seus planos – inclusive estéticos – para um embelezamento do mundo, esquecendo que o ‘mal’ nos constitui e precisa ser vivido, teatralizado, como nas sociedades mais felizes. Do contrário, viveremos – como já vivemos^a para ver seus retornos, seus reclames, quase sempre pelo excesso – eis a parte da estética que mais me encanta – “*a parte do diabo*” (MAFFESOLI, 2004). Resultado: torço mais do que nunca pelo ‘mal’, uma vez que, desde já, precisamos agradecer a ele pela incapacidade de sermos definidos pelo ‘bem’. Para nosso próprio reencontro com nossos sentimentos mais primitivos, para um reencantamento de mundo, seremos vítimas de nós mesmos. Nem os primeiros, nem os últimos, mas seremos.

Os atenienses tomavam essa convenção tão ao pé da letra que, na Grécia antiga, a paixão erótica e o apego à cidade eram designados pelas mesmas palavras. [...] A nudez poderia indicar um povo inteiramente à vontade na sua cidade, exposto e feliz, ao contrário dos bárbaros, que vagavam sem objetivo e sem a proteção da pedra. Péricles celebrava uma Atenas em que reinava a harmonia entre carne e pedra. (SENNET, 2008, p. 31)

4.2.. DESORDEIROS.. UMA PEDAGOGIA URBANA EXTREMA

Todorov, a fim de pensar este jogo hierárquico no qual o sentido de superioridade precisa rechaçar para baixo tudo o que convém nomear de inferioridade, ou melhor, de tudo que precisa sofrer retaliação para que o ‘bem’ reine, lança mão de uma declaração de Aristóteles, em *Política*, acerca de um princípio que regeria toda relação hierárquica: “*o domínio da perfeição sobre a imperfeição, da força sobre a fraqueza, da eminente virtude sobre o vício*” (ARISTÓTELES, *apud* TODOROV, 1999, p. 183). Mediante esta afirma-

ção, os valores da superioridade são sobre-humanos, em outras palavras, justificados em si, impassíveis e assépticos quanto a qualquer força simbólica que, a meu ver, são a própria constituição da vida em seu jogo imaginário.

Utilizando, como pano de fundo, algumas possíveis premissas para alcançar uma política emancipatória que abandone seu hábito de, em suas palavras, *localismo globalizado*, Boaventura de Sousa Santos, em sua terceira premissa, fala justamente em uma incompletude da cultura, articulando à noção de cultura a impossibilidade de, nem mesmo através da nefasticidade, se desfazer de seus problemas. Em outras palavras, Boaventura arremessa para longe a noção de perfeição, assim como os planejamentos que a intitulam como possível objetivo, sendo estes não mais que uma ficção ilusória por um efêmero conforto. Em suas palavras,

todas as culturas são incompletas e problemáticas nas suas concepções de dignidade humana. A incompletude provém da própria existência de uma pluralidade de culturas, pois se cada cultura fosse tão completa quanto se julga, existiria apenas uma só cultura. (2003, p. 442)

A partir desta noção de incompletude, começo a relacionar a força estetizadora de mundo – própria de todos os corpos vivos, talvez a única força-base atravessadora de todas as noções de vida humana – como impacto político contemporâneo, mas juvenilizado, no sentido de estar desvencilhado da seriedade tão cara à aparência dos ocupantes destes encargos gerenciadores da coisa pública. E a metrópole, em sintonia com esta ideia da totalidade da vida, ou seja, escapando à cegueira da moral, torna-se também um corpo vivo, ativo neste jogo estético-educacional, deixando escapar, especialmente em suas *partes de sombras* (MAFFESOLI, 2004), fluxos vitais, signos, tatuagens, ruídos, em outras palavras, dissonâncias flagrantes da insuficiência e da violência simbólica que marca um projeto metafísico redutor da cidade a seu aspecto mais superficial e menos vivo, ou seja, desequilibrado em favor de um equilíbrio próprio dos que dele necessitam para seu con-

forto e privilégio. A calma dos bons. Que cidade suicida tomaria lugar se não fosse o resgate delituoso, criminoso, arteiro do *Xarpi*? (e não só dele)

A partir daí, ouve-se falar em cidade orgânica, no sentido de não se reduzir a um ambiente abstratamente metafísico formado e articulado para o confortável circular de corpos habitantes. Perigando este pensamento da calma, a cidade, em seu cotidiano, se rebela, não é apenas objeto de simbolizações pelo homem, mas ganha papel ativo, simboliza ao passo que é simbolizada, ou seja, se joga na rede de nossos eternos e contínuos mascaramentos ficcionais que nos constituem sem pudor. Não é por acaso que seus redutos mais sombrios e mal-cheirosos escondem, por trás de uma aparência inabitada, um ímã atrativo para estetizações insubordinadas. A decadência de muros descascados, quase-ruínas; iluminações precárias, quase trevas sob viadutos infestados pela ferrugem dormitório de pombos; armazéns portuários desativados alimentadores de ratos; longas vias expressas onde não se espera a presença do pedestre; patrimônios cujo sentido e pertencimento se extinguem ao passo que seu nível de exuberância aumenta; tudo isso atrai forças culturais juvenis que, logo ao amanhecer, quando o sono confortável dos bons se encerra, são taxadas, nomeadas, repetitivamente, assim como neste trabalho – *vândalos*. Logo em seguida se fala, sem o menor pudor, sobre uma juventude perdida que não respeita os valores da cidadania e da civilidade oficial, quando, a meu ver, estão em conversação com a organicidade própria da metrópole, carregando em seus corpos o pulsar de uma cidade que se nega a morrer, que impede a cada nova madrugada o sucesso de um projeto asséptico. Em outras palavras, a própria vida, às margens dos projetos, personificada nesta juventude que me encanta, em especial no *Xarpi*, impede, saudavelmente, por meio do que é ilegal, o sucesso das ordenações postuladas ‘a favor da vida’. Meio fora de lógica? Talvez tenhamos uma conta a pagar com o que esteve e continua estando nas surdinas do mundo, especialmente do mundo estético, afinal são eles que impedem a condenação de nossa

respiração a aparelhos.

Que se considere, portanto, uma comunidade aristocrática uma antiga *polis* (cidade) grega, por exemplo, ou talvez Veneza, enquanto instituições voluntárias ou involuntárias de *seleção*: há nelas uma aglomeração de homens, abandonados a si mesmos, que querem impor sua espécie, geralmente porque são *forçados* a se impor sob pena de se verem exterminados. (NIETZSCHE, 2007a, p. 191)

Haja fôlego! E quem lida com estética precisa exercitá-lo. Não há nada mais comum que o afogamento estético, ou ainda a falta de ar estético. Nietzscheiramente, busco, nestes outros ares, uma possibilidade de sobrevivência, de respiração – “*O que é que para mim é absolutamente insuportável? O que é que me sufoca e me abate? Ar viciado! Ar irrespirável!*” (NIETZSCHE, 2007c, p. 40). Há algo comum entre a vitalidade do caráter múltiplo, polifônico e contraditório cheio de fôlego tão próprio da juventude e a dissonância plural constituinte da cidade em composição.

Pois bem, comparo, portanto, a ideia e o conceito de ‘ordem’, em especial o de ‘ordem urbana’, a uma linha reta, uma linha sem solavancos, sem erros, permanentemente controlável, onde a mínima ondulação deva ser imediatamente apagada em prol de um controle, em prol de um sonho, ou melhor, de um sono confortável. Não é à toa que, na medicina, a morte é representada quando a linha cardíaca perde os impulsos, torna-se reta, atrelada a um som contínuo, mono e imutável, enquanto a vida desejável, se figura em gráficos cheios de impulsos, quase sempre mantendo uma certa uniformidade de tempo e intensidade. Porém, basta este “uma certa” para não se apoiar na homogeneidade pura da linha reta, da morte. Basta um olhar atento, se preferir com uma lupa, para perceber que cada impulso cardíaco é sempre diferente e nunca se repete. Palavras como homogêneo, consonância, harmonia e equilíbrio são tão comuns nas receitas por uma vida melhor que uma crítica acerca delas pode soar até mesmo doentia. De todo modo, é justamente isso que proponho, um colocar tudo que se autopromove como ‘bom’ e saudável sob a maior

suspeita. Acredito, portanto, que, de uma maneira contundente, esta vontade de evolução e de civilidade que tanto promove estes desejos de ‘ordem’ tenha papel protagonista na inegável despencada do valor de uso do ambiente no qual vivemos hoje, preponderantemente urbano.

Até que ponto somos privados de usar a cidade reduzindo seu potencial de uso à passagem? Até que ponto as vias expressas engarrafadas são o flagrante da falta de valor de uso e da falência dos sonhos de ‘ordem’, enquanto as ruelas, as vielas podem ser cortacaminhos de fuga, ou melhor, indícios de uma possível retomada deste valor de uso?

Na década de 80, a maioria dos piXadores eram *Boy*, e, na época não tinha moto-boy, era a pé, então, os caras conheciam muita coisa. O piXador conhece muita coisa, às vezes, o cara mora no Leblon, mas tu vai lá em Piebetá, tem nome do cara lá, vai em Raiz da Serra, tem nome do cara lá. Como eu, tu vai em Piraí, em Volta Redonda, na Barra, tudo tem nome meu. Então, o cara passa a conhecer aquilo, de repente, de dia o cara não sabe andar no lugar, mas na madrugada ele já conhece, né? Então, é um grande conhecedor. Digamos que todo piXador deveria prestar serviço ao correio. Aquela rua que o correio não conhece, o piXador com certeza sabe qual é. (TATÁ em conversa)

Vale lembrar que, neste momento em que escrevo este trabalho, a recém-eleita prefeitura do Rio de Janeiro bate no peito com todo o orgulho de quem faz o ‘bem’ e diz estar dando um “choque de ordem” na cidade. Uma das principais práticas que já vem marcando estes primeiros meses de Eduardo Paes na prefeitura é a destruição e a proibição imposta a uma série de bares, muitos deles tradicionais, de *usarem* as calçadas com suas mesas e cadeiras, sob a justificativa de que atrapalha e desordena o livre trajeto do habitante urbano. Eis, então, a materialização e a fetichização da funcionalidade do valor de passagem, passando por cima do valor de uso, este sim muito mais vinculado ao aspecto rebelde da vida, do cotidiano. Em suma, cada vez mais a ‘livre passagem’ torna-se metáfora para a programação da vida, para uma vida sem – ou com mínimos espaços onde possa irromper o inesperado – o risco, o perigoso. Neste sentido, o máximo controle, a meu ver,

significa o mínimo de vida; de todo modo, é esta, hoje, a obsessão dos gestores urbanos.

Outro flagrante deste desvalor de uso que vivemos está no discurso policial. Já fui pego em algumas *blitz* de carro e, mesmo apenas caminhando, já fui parado autoritariamente por policiais, seja aqui no Rio de Janeiro ou em outras cidades. Em todos os casos, a primeira abordagem foi sempre a mesma, ou seja: “para onde está indo?” “vem de onde?”. Percebam que é fora de cogitação você simplesmente estar na rua, afinal de contas, esta, hoje, é feita apenas para suas idas e vindas, pois “quem tem o que fazer” não deveria ficar “vagabundeando” pelas ruas. Em suma – a não ser que você esteja passeando na praia, no parque ou na lagoa, lugares feitos para isso –, estar numa rua comum sem objetivos claros, sem estar a caminho de lugar algum, ou seja, simplesmente usando a rua, especialmente em horários alternativos como a madrugada, torna-se, hoje, justificativa para que sobre você recaia uma série de suspeitas de ameaças contra a “ordem pública”. (ver p. 16)

É justamente sobre o conceito de ‘ordem’ que Henri Lefebvre dedica parte de sua mais conhecida obra *O Direito à Cidade* (2001), dividindo-a em uma *ordem distante* e outra *próxima*, onde a primeira é aquela de que falo, ou seja, a que se propaga de cima, amplificada por seu pertencimento a ideologias, políticas e a instituições, no caso o Estado. Enquanto a segunda nasce de uma maneira mais coletiva, através da organização natural de indivíduos em grupos e na relação entre estes. Sendo também um contundente crítico em relação à primeira forma, ele diz:

Ela se impõe. Abstrata, formal, supra-sensível e transcendente na aparência, não é concebida fora das ideologias (religiosas e políticas). Comporta princípios morais e jurídicos. Esta ordem distante se projeta na realidade prático-sensível. Torna-se visível ao se inscrever nela. Na ordem próxima, e através dessa ordem, ela persuade, o que completa o seu poder coator. (id., p. 52)

Continuando sua crítica a este desejo – em suas palavras, funcionalista – pela or-

dem, ele coloca, de maneira irônica, em cheque uma palavra bem comum a quem defende esta maneira de reger a cidade, a *coerência*. Como se postular universalmente coerente frente à caoticidade e à dissonância tão constitutiva deste acontecimento humano chamado cidade, talvez hoje, sendo ainda melhor expressa como metrópole comunicacional, como o fez Canevacci (2008)?

Como pôr ordem nessa confusão caótica? É assim que o racionalismo de organização coloca o problema. Essa desordem não é normal. Como instituí-la a título de norma e de normalidade? É inconcebível. Essa desordem é malsã. O médico da sociedade moderna se vê como um médico do espaço social doente. A finalidade? O remédio? É a *coerência*. (LEFEBVRE, 2001, p. 30)

Se é esta ‘ordem pública’ que representa, grosso modo, a lei oficial, é justamente fora dela que fui procurar o *Xarpi* como produção estética juvenil indisciplinada que, de alguma forma, representa uma maneira eXtrema de reclamar para si o direito de uso sobre a cidade, em especial sobre seu aspecto mais evidente – a arquitetura comunicativo-visual. Mesmo que possa parecer estranho, ou até mesmo antieducativo, o que, a meu ver, seria mais um motivo de impulso, posto que são indícios do nível de perigo e de interesse desta minha aventura intelectual, encontrei, no bonde do *Xarpi*, ou, sendo mais claro, na meninada da *piXaçãO* mais que um flagrante frente a ineficácia de transformar a metrópole em um lugar amplamente regulado, ainda mais se tratando de uma regulação metafísica, mas indo além, uma fonte para a irrupção de um pensamento reconquistador, ou melhor, reencantador da metrópole, de um reclame, um grito bem-humorado de, como de costume entre eles – repetitivamente, outra vez, “É tudo nosso!” Digo reencantador justamente por recuperar, para a posse do cotidiano, as forças atrativas e estetizantes do ambiente, da natureza; por extrapolar nossa capacidade de uso, apropriação e repaginação do nosso meio ambiente (natureza e meio ambiente aqui não tem nada a ver com selvagem, com o intocável, se urbaniza). Há forças não-humanas em uma simples janela de terceiro andar aparentemente

intocável – neste sentido se reencanta; as forças não-humanas já ditas anteriormente, tão rechaçadas pela modernidade e pelos projetos de cidade. retornam para as mãos de um homem composto, aquele que adere, inclusive, ao não-humano como parte de si, talvez como parte mais potente de si. De todo modo, é preciso não cair no erro de colonizar uma força potencial como a piXaÇÃO dentro de minhas atribuições de significado e minhas literaturizações, afinal de contas, toda a potência que me encantou e que me fez mergulhar de cabeça é, justamente, o fazer perigoso, delituoso, sem nenhum espaço para explicações racionalistas, grosso modo, cartesianas de seus feitos. São irremediavelmente fortes por não estarem nem aí para isso, por viverem independente de qualquer regime de verdade que os utilize como algum trampolim ou coisa do tipo, e mesmo se os utilizarem, habilidosos no dribble, justamente por nem darem atenção, passam intactos por isso.

Escolhi como muito significativas duas características marcantes de tais jovens – mesmo que muitos nem sejam mais tão jovens assim, aqui a juventude, como já foi dito anteriormente, tem muito mais a ver com um ímpeto adrenalizante, com uma capacidade maior de movimentação, que com alguma etariedade –, importantes no sentido de influenciarem, de certa forma, a produção de novas maneiras não só de olhar a cidade como também, mais do que isso, de caminhar por ela, conhecê-la em confusão com o próprio corpo, em suma, de vivê-la intensamente.

Você vê a cidade de outro jeito, você não anda olhando pra nome de rua, você anda olhando pra muro, pro alto, pra marquise. É uma coisa meio louca. Minha mulher fala: “Você toda vez que passa aqui, você olha pra esse muro.” Sabe, já está no instinto. Depois que você bota nome, que você começa a olhar a piXaÇÃO, às vezes você passa em um lugar e logo percebe se alguém botou um nome ali. Você passa um dia, não vê o nome, e no outro dia você percebe que tem um nome novo ali. (HAIR em conversa)

Em primeiro lugar, uma enigmática força de atração exercida sobre estes jovens

por locais que, a um olho ‘bem’ educado, deveria ser evitado, justamente por ser pouco habitado, pouco iluminado, invisível, cheio de riscos e perigosos imprevistos, em suma, morto para a ocupação e vivo como ameaça. Para estes locais, são atraídas, como prova da rebeldia de uma vida irregrável, a vitalidade e a coragem de uma meninada que, produzindo uma estética ameaçadora, por ser confortavelmente nomeada de criminosa, assume, cheias de saúde, o paradoxal papel restaurador de fluxos de emoção, atribuindo, assim, ao termo ‘destruição’, um desconcertante valor positivo, dificilmente digerido por aqueles que têm a ‘ordem’ como cabresto da vida.

Eu prefiro pegar um lugar destruído, abandonado, porque ali eu sei que vai ficar por muito tempo, dificilmente alguém vai apagar. (NUNO em conversa)

Seria o “mal”, o fora da lei, o criminoso capaz de produzir uma arte tão intensa que possa, inesperadamente, atribuir vida e restaurar pulsos a locais da cidade já completamente abandonados? Dizendo melhor, mesmo que ufanicamente¹⁹, é justamente por ser ‘mal’ e por não estar nem aí para a arte, dando gargalhadas que atrapalham o mundo silencioso da mesma, que esta meninada ferve em estética, afinal de contas, esta não tem nada a ver com gosto e muito menos com beleza, indo além, menos ainda com conceitos.

Em segundo lugar, o que me chamou muito a atenção foi a capacidade de misturar velocidades diferentes de atuação. Da rapidez da escalada à eXtrema sutileza e lentidão das escoltas²⁰; da habilidade em alcançar, dentro de poucos segundos, o terceiro andar à lentidão na hora de pôr o nome, afinal de contas “*só vou lá uma vez, então tem que ficar perfeito*” (NUNO em conversa). Um momento representativo para mim foi quando, seguindo de carro a moto de Nuno e Vuto a caminho de uma das missões²¹ por mim filma-

¹⁹ Peço um desconto, afinal de contas, meu envolvimento com esta galera se dá em arrepios. De todo modo, pode ser também uma contra partida à carga ufanicamente negativa de um discurso “oficial” sobre a piXação.

²⁰ Nome dado pela meninada à atividade de andar pela cidade em busca dos melhores locais para “espancar” os seus nomes.

das, ficava evidente a muito maior importância das escoltas e das histórias de cada nome posto. Enquanto eu ficava na ansiedade de chegar logo ao local da ação e da filmagem, eles mantinham, mesmo com o trânsito livre da madrugada, a moto em seus máximos 20km/h, afinal de contas, era preciso distrair a educação do olhar para frente, em favor de um olhar procurador, sem trajeto, ao lado, acima, em diagonal, em suma, um olhar oblíquo que possa captar toda a arquitetura onde as histórias mais intensas de suas vidas e das de seus amigos estão estampadas, abandonando, quase sempre, as mãos do guidão da moto para apontar com mais precisão de onde vem cada uma. Enquanto eu só pensava na ação e nos perigos que eu estava prestes a correr, o processo e o trajeto até ela pareciam muito mais interessantes para eles. De fato, quem arteia sobre a cidade a vive e a usa muito mais confortavelmente, na pegada, do que quem, como eu, a estuda.

Às vezes é justamente no alto, sobre edifícios com que convivemos durante decênios, que alguns sinais singulares, e que nunca havíamos notado antes, improvisadamente nos esclarecem sobre um aspecto recente da cidade.
(CANEVACCI, 2004, p. 193)²²

Retomando a lentidão da escolta, outra prática muito comum – e que torna o conhecimento acerca da cidade, em todos os seus confins, mais distantes de seus centros óbvios, turísticos ou geográficos – é a tomada, ao acaso, erraticamente, de seus meios de transporte, em especial no Rio de Janeiro, do ônibus. Muitas vezes, essa menina, contrariando todos os padrões de uma educação urbanística, se dirige ao ponto de ônibus, pega o primeiro que vier, não importando para onde vá, e desce no ponto final. Assim, sem mapas, com receios, mas sem pudores espaço-temporais, tornam-se, mesmo sem nunca terem ouvido falar nesta palavra, errantes, num jogo bem humorado em que, através destas idas e vindas, as dualidades orientado/desorientado, perdido/encontrado, controle/des-

²¹ Nome dado às saídas com objetivo de piXar.

²² Por mais que aparente, neste trecho Canevacci não está falando de piXação. De todo modo, a livre bricolagem vira prática na pesquisa. Até que ponto lemos aquilo que citamos? Até que ponto depois que citamos, modificamos aquilo que lemos?

controle perdem sua clareza, ganham uma vulgaridade, uma corporeidade, uma simpatia ao caótico do vivido que, a meu ver, dão à cidade sua chance de continuar pulsando. Eis, então, o cotidiano fazendo seu papel, a vida em suas reinvenções, não dando muita trela para as ordens e leis que, para desconforto dos que as tratam como universais, vindas de cima, surgem de dentro deste caos, vêm da vida e, conseqüentemente, são dependentes dela para sobreviver. Neste sentido, *“os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam que os atualizam.”* (JACQUES, 2008, p. 52)

Talvez a característica mais evidente da errância seja a experiência de se perder, ou, como tão bem disse Walter Benjamin, da educação do se perder. Enquanto o urbanismo busca a orientação por meio de mapas e planos, a preocupação do errante estaria mais na desorientação, sobretudo em deixar seus condicionamentos urbanos, uma vez que toda a educação do urbanismo está voltada para a questão do se orientar.” (ib., p. 53)

A fim de dar ainda mais consistência e potência para continuar pensando algumas maneiras de articulação desta produção – à primeira vista criminosa – a um novo pensamento mais possuidor, apropriador, indisciplinado e, em última instância, vivo da metrópole associado à sua pedagogia contaminada por uma arquitetura comunicacional, tentarei, nas páginas que seguem deste capítulo, destinar uma atenção ainda maior a alguns fragmentos retirados de meus encontros com piXadores, em sua maioria filmadas para o documentário, para, através de tais ditos, continuar minhas eXperimentações em tecer uma conversa-texto com alguns outros pesquisadores/pensadores que, de alguma maneira, também tenham, em algum momento, destinado a atenção do seu trabalho, mesmo que a partir de outras matrizes, à perda do valor de uso da metrópole.

A rua é um ensinamento. Nem tudo se aprende na escola, a rua também ensina. Ensina o melhor e o pior de tudo. (DARK em conversa)

A rua é uma escola, uma escola de vida. Tem muita coisa que eu não falo para o meu filho, que meu pai não falou para mim, que meu filho aprende na rua. Meu filho vem falar comigo coisas que eu aprendi na idade dele, que ninguém me ensinou, eu aprendi na rua. É uma coisa que já está ali na rua, não está na casa de ninguém. Você aprende a malandragem, a olhar as pessoas, aprende onde vai pisar, é na rua. Está todo mundo na rua, isso é legal, é a melhor escola que tem, você aprende tudo, a ser bonzinho e a ser ruim, de acordo com a necessidade. (HAIR em conversa)

Nós vivemos em meio ao caos, à miséria e à violência, e eu vivo aqui. Com os olhos bem abertos. Vejo tudo o que está acontecendo. A rua é a visão. Quem está na rua tem a visão. (CAROL em conversa)

Começo com estes três trechos muito potentes e significativos, de onde retirei dois pontos que considero importantes para se pensar, mais uma vez, perigosamente, essa pedagogia, de certa forma nebulosa, que percorre a cidade em seus interstícios simbólicos, invisíveis, e, justamente por isso, bem marcante. Um é este desvestir de beatitude a força pedagógica, uma força que passa, assim, a abraçar a vida de uma maneira mais ampla, sem muitos pudores morais, “*além do bem e do mal*”²³, ensinando o melhor e o pior. Neste sentido, mesmo sem falar sobre pedagogia, não consigo deixar de lembrar Maffesoli, no trecho anteriormente já citado, quando ele propõe esta mesma ampliação ao campo da estética, ou seja, incorporando as imperfeições. De todo modo, a pedagogia e o fazer estético só estão distantes em suas definições mais rígidas, mas, na vida, se encostam, se misturam.

A segunda, além de flagrar, mais uma vez, a relação íntima entre a rua, a urbanidade e o visual, já aprofundado um pouco mais atrás, especialmente, com a ajuda de Canevacci, propõe, também, este entendimento um tanto provocativo da aproximação e da convivência com o caos como uma plataforma para ampliar conhecimentos. A meu ver, isso pode ser encarado como uma amplificação da abordagem dada por Sílvio Gallo, em seus estu-

¹ Referência nada rara nesta pesquisa ao título da obra de Nietzsche (2007a).

dos sobre Deleuze, a este conceito de caos. A fala de Carol, portanto, representa uma ruptura, uma vez que, volta e meia, somos sugeridos a criar uma relação direta entre organização ou compartimentação de pensamento e um maior nível de conhecimento, mantendo uma relação íntima com o que disse anteriormente sobre uma educação urbanista e o “orientar-se”.

A opinião luta contra o caos que é a multiplicidade de possibilidades; incapaz de viver com o caos, sentindo-se tragada por ele, a opinião tenta vencer o caos, fugindo dele, impondo um ‘pensamento único’. (GALLO, 2003, p. 59-60)

Há, para mim, portanto, uma aproximação entre os conceitos de caos e de risco, uma vez que esta luta entre caos e opinião parece ser sustentada na vontade desta última de não só atingir um fictício conhecimento maior, mas também evitar, o máximo possível, a presença do inesperado, do risco. Neste sentido, Celacanto, um dos primeiros e mais folclóricos piXadores do Rio de Janeiro, do qual destinei um capítulo inteiro que virá mais à frente, inventor do piXo “Celacanto Provoca Maremoto”, hoje já com seus 50 anos, em nossa entrevistaconversa, logo após abrir o olho da meninada quanto aos riscos das escadas de prédios, disse: *“Mas como eu vou julgar? Quem vive sem risco, vive sem graça.”* (CELACANTO em conversa). Talvez seja, justamente, um pouco de graça que falte à ideia de conhecimento para descer de um certo pedestal que, mesmo enfraquecido por estas gargalhadas juvenis, ainda mantém fortes bases.

A cidade e a rua representam liberdade de expressão do que realmente o ser humano pulsa de vida. Eu acho que se a cidade fosse só concreto, paredes pintadas de cores simétricas, sem sentido, seríamos robôs numa cidade. (WRANGLER em conversa)

É um fenômeno que imprime na cidade uma emoção. Diferente de simplesmente ter todas as paredes lisas. Tem um diferencial, dá um aspecto mais humano àquela selva de concreto. Nesse ponto, acho que, de certa forma, enriquece. Não digo que enriqueça esteticamente, mas ele coloca um pouco mais de gás

nesse ambiente urbano. (CELACANTO em conversa)

É evidente que o conceito de estética, aqui, está limitado ou amparado por algum ideal de beleza, por alguma moralização estética. A meu ver, se coloca mais gás, enriquece, sim, esteticamente. Como atribuir um aspecto mais humano e injetar gás em um ambiente sem uma produção estética das mais audazes? De todo modo, seguimos. Percebo, aqui, uma relação muito próxima, quase misturada, entre as ideias de risco, graça e vida diretamente vinculadas a esta vital criminalização, no bom sentido (se é que é possível), desta pedagogização do acontecimento urbano, uma vez que o comportamento, sempre dentro do que está estabelecido como lei, hoje, dá ao uso da metrópole um lugar muito limitado, para não dizer sem graça, frente à profusão dos fetiches comunicacionais dos quais já falamos e nos quais estamos mergulhados. Afinal de contas, da transformação da cidade industrial à atual metrópole comunicacional, o que se viu foi uma ebulição das possibilidades de seu uso, em especial de seu uso visual-performático. Neste sentido, a entrevista com Celacanto foi significativa, uma vez que, já no final da década de 70, a cidade, para ele, ganhava justamente este valor do uso comunicacional:

A cidade, para mim, eram só telas, e eu procurava a melhor tela, onde eu pudesse estampar a minha marca. Então, eu não estava nem aí para o trânsito, para o urbanismo, para nada. Eu olhava funcionalmente, onde eu iria colocar a minha marca de forma que as pessoas vissem melhor. (CELACANTO em conversa)

É neste sentido que a pesquisadora italiana Daniela Luchetti, ao estudar a produção da escrita sobre os muros italianos, chamada por ela de *aerosol art*, afirmou que a linguagem do piXador está articulada ao complexo sistema urbano, se reinventando em continuação, “*desarticulando até as regras da comunicação para desvestir a cidade do sonambulismo habitual que parece tê-la agarrado inexoravelmente.*” (2001, p. 78). Retomando, o professor Massimo Canevacci – que, como já pôde ser percebido, dedicou grande parte

de suas pesquisas antropológicas às transformações das cidades, sempre de uma maneira destemida em relação às invenções morais – chamou estas formas alternativas de apropriação da força comunicacional da metrópole, de *interstícios*, os quais seriam, em suas palavras, “*as margens internas no tecido urbano, frequentemente invisíveis.*” (2008, p. 35). Aproximando-se ainda mais da (pretensa) minha epistemologia aqui lançada sobre o fenômeno da *PIXAÇÃO*, Canevacci afirma:

O *Interstício* faz parte da experiência metropolitana, ele é o elemento significativo para aqueles sujeitos que – ao invés de tornar-se uniforme aos lugares ou vagar entre os espaços – criam zonas mutantes através do próprio transcorrer com um corpo-panorama que somatiza códigos ainda invisíveis, mas que podem produzir sentido. (2008, p. 35)

Está posta, portanto, mais uma sugestão à pedagogia do comportamento urbano, uma maneira de fazer frente à uniformização não só dos lugares, mas também da maneira como passamos por eles – que seja um passar mais ativo, marcante, comunicativo, resistindo à passividade quase-morta da palavra “vagar”. Desta maneira, passo a compreender a *PIXAÇÃO*, não só como uma parte já constitutiva da metrópole, mas como uma arte, como uma produção estética contemporânea que tem o tamanho da cidade que ela ocupa, e, como não há mais cidade com limites muito certos, o cosmopolitismo lhe cabe muito bem. *PIXAÇÃO* não é um nome, o *PIXADOR* não é só o seu nome, eu, como aventureiro aqui, ousou dizer que a cidade inteira do Rio de Janeiro está em um *XARPI*, em cada um deles e em todos ao mesmo tempo.

A rua é minha casa, eu moro mais na rua que na minha casa mesmo. Cara, a rua, como diz o rap do Leonel, a rua nunca me traiu e é para ela que eu dou moral. A pessoa aprende mais na rua que na escola. A escola é papel, escola é teoria, rua é prática. Rua é rua, só quem vive na rua é que sabe, não tem como explicar. Quer aprender mesmo, vem pra rua. É como se fizesse parte do meu corpo, quando eu piso no chão, é uma coisa só. Casa é só pra dormir mesmo. Quer fugir de mim, fica na minha casa, eu nunca vou lá. Meu trabalho é na rua, meu

divertimento, meus amigos, tudo. (NUNO em conversa)

*No subúrbio, na baixada
na avenida ou na viela
a ponte são os traços
do artista que pisa na tela*
(RUNK e LEONEL – Rato de Pista)

piXaçãO, portanto, como um flagrante da vontade e do fetiche comunicador que nos atravessa, a quase indistinção entre a velocidade das fibras óticas, cada vez mais comuns e velozes, e o corpo marcado pela habilidade, sagacidade e coragem desta menina que, mesmo sendo constantemente violentadas, leva a comunicação da sua marca e do seu nome como estilo de vida.

Você só ganha cicatriz. Isso aqui é Penha, esse Estácio, ainda tenho Copacabana, eu tenho Avenida Brasil. Isso aqui tudo é um mapa. Cada cicatriz é um troféu.
(NUNO em conversa)

Quando o homem julgava necessário criar uma memória, isso era acompanhado sempre de sangue, de mártires, de sacrifícios; os mais espantosos holocaustos e os compromissos mais horríveis (como o sacrifício dos primogênitos), as mutilações mais repugnantes (como a castração), os rituais mais cruéis de todos os cultos religiosos (porque todas as religiões foram em última análise sistemas de crueldade), tudo isso tem sua origem naquele instinto que soube descobrir na dor o auxílio mais poderoso da memória. (NIETZSCHE, 2007c, p. 59)

Aquele meu nome não é só um nome, é uma lembrança. Quando passo por lá, lembro como foi, quando foi, com quem foi, lembro dos amigos. (FLIT em conversa)

Fica evidente a complexificação do espírito, da alma da cidade para esta menina, ela assume-se em uma mistura corpóreo-visual, dissolvendo, assim, os fetiches, tornando-os palpáveis, vivíveis. Não se sabe mais distinguir muito bem onde termina o corpo e onde começa a cidade, mesmo em nível de representação.

...a privação sensorial a que aparentemente estamos condenados pelos projetos arquitetônicos dos mais modernos edifícios; a passividade, a monotonia e o cerceamento tátil que aflige o ambiente urbano. (SENNET, 2008, p. 13)

Andando pela cidade, vendo seus nomes, seu corpo se emociona, a lembrança de momentos, a nostalgia te arrepia, enquanto, sozinho, revendo seu corpo, a cidade se expõe em um mapa cheio de fluxos, sempre vivo, em intensa construção. Intensa por ser feita com e a partir da dor. De todo modo, aqui, a dor não é, de forma alguma, negativa, torna-se uma honra, uma prova, um diploma de conhecimento da metrópole, a cicatrização do fetiche, o esvaziar de sua força violenta por ser invisível, caminhando para algo mais orgânico. E é desta maneira, com outros mapas, outras placas, que o conhecimento da metrópole se modifica, ganha matrizes alternativas, referências criminosas. Placas que desconfortam justamente por flagrarem uma ignorância de quem não compartilha com tal conhecimento, placas somente para quem, de fato, está mergulhado neste mundo onde o fluxo simbólico-comunicacional-visual é ininterrupto.

Uma vez, fui com a minha mãe em Bangu²⁴, ela nunca tinha ido e para ela eu também não. Realmente eu até tinha ido, mas não sabia nome de rua nem pontos de referência. Aí a gente se perdeu, e ela nervosa, preocupada. Eu: “não mãe, fica calma, é por aqui.” Eu fui lendo os nomes na parede, porque piXador piXa onde as pessoas passam, ou de carro, rua principal. Então, se eu vir uma rua sem piXaçãO, eu vou na outra, porque na outra é que passa gente. Então, eu conseguia andar tranquilamente em Bangu com ela. “Você conhece isso aqui?” “Nunca vim aqui” “Como é que você conhece, então?” “Foi sorte mãe.” Na verdade, eu estava vendo a minha placa, que era a piXaçãO, e ela preocupada com a sinalização. Na época, em 92, não tinha placa em Bangu, era deserto. E eu, vendo as minhas placas, conseguia andar perfeitamente. (NUNO em conversa)

De todo modo, obviamente, como forma de garantir que aqui eu apenas dou sugestões, estabeleço e invento minhas conexões que podem servir para uma amplitude maior

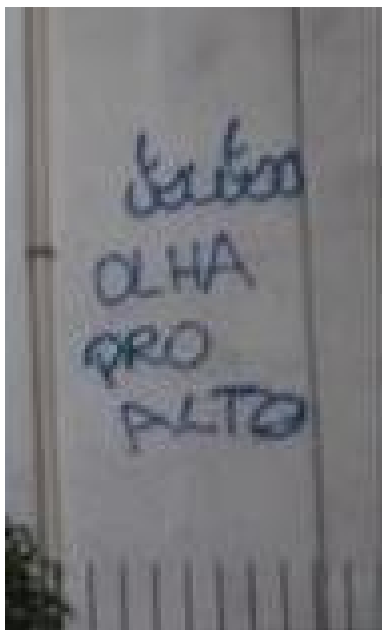
²⁴ Bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, conhecido simbolicamente por ser longe do centro.

de pensamento, mas que nem chega perto de ser um modelo; ou melhor, como maneira de não cair no erro de tomar a eXperiência do piXador pela cidade como um exemplo a ser seguido, ou como uma proposta que salvaria nossa pobre relação com a pedra, vale perceber em outra fala de Nuno esta incompletude:

Eu queria chegar para uma pessoa que não piXa e dizer – “e se eu fosse você?”. Eu queria acordar, entrar no ônibus, normal, não olhar nem para a esquerda, nem para a direita, só a placa, só para onde que ele está indo. Olhar para o muro e não ver a piXaÇÃO. Porque é complicado, se você me ver no ônibus, eu estou sempre assim (mexe a cabeça de um lado para o outro, para cima, para baixo). Abro a janela, troco de lugar, fico vendo muro, escoltando, anotando o nome da rua, o espaço, se é marquise, se é janela, com quem que eu quero pegar o negócio. Coisa de maluco. E é outra referência, por exemplo, se alguém perguntar – “sabe onde é o mirante da Ilha?” E a pessoa não souber – “Na ilha tem mirante?” Podemos dizer – “é pô aquele que o Nuno pegou com o Vuto.” É outra visão. Coisa de maluco isso. (NUNO em conversa)“ (FOUCAULT, 1994)

100

5.. ""OLHA PRO ALTO".. É O BONDE DO XARPI!



Depois que a pessoa entende que virou um movimento cultural, que envolve outras coisas além da própria ação, tem réu, tem pastas, ela pode até encarar diferente, mas uma parte só. Até porque a grande maioria já vê com preconceito, até porque as matérias que saem sempre são ejetadas colocando o piXador à margem da lei, como vândalo. Se colocassem uma entrevista como deveria ser, com a gente explicando o contexto, eles vão ver que não é um ato marginal em si, mas uma coisa que o ser humano traz na sua própria essência. Mesmo porque os homens que viviam nas cavernas, eles punham o que eles viam através da sua escrita nas cavernas, e nós herdamos essa memória motora de nossos ancestrais, então isso vem desde os primórdios, passando por todas as eras e chegando nos tempos atuais, não é de agora. Vai pôr isso na cabeça de alguém que não tem esse conhecimento. Todos nós temos memórias motoras de nossos ancestrais. Herdamos isso. (RUNK em conversa)

Após esta citação, fica claro o caminho em contrapelo à arte instituída que este trabalho percorrerá. Não há como ser de outra maneira, visto o caráter delituoso da própria ação que, ao agir onde a lei nega, se potencializa e escancara a própria incapacidade do judiciário em reger a totalidade da vida. Meu interesse, portanto, como já disse, está na ação e nas sociabilidades do “bonde do Xarpi”, ou seja, nas suas ‘perambulações diárias’, neste caso, muito mais noturnas.

Com efeito, não se pode mais reduzir a arte somente às grandes obras geralmente qualificadas de culturais. Toda a vida cotidiana pode ser considerada uma obra de arte. [...] as perambulações diárias e o lazer não podem ser mais vistos como elementos sem importância ou frívolos da vida social. (MAFFESOLI, 2005, p. 12)

Em seus estudos sobre o cotidiano, ou na poética das *artes de fazer*, Certeau evidenciou a política do “dom” como uma “*tática desviacionista*”, que, quando analisada em nossa atual economia do lucro, ganha em potência transgressora, especialmente aparecen-

do como “e[X]cesso¹ (*desperdício*), *contestação* (*a rejeição do lucro*) ou *delito* (*atentado contra a propriedade*).” (1994, p. 89). É neste último que o ato de Xarpi pode ser configurado, uma vez que, para acontecer, depende especialmente de uma propriedade alheia que serve de plataforma ou de tela. Uma tela tomada de assalto. De todo modo, nem aqui a categorização dá conta, nem é só delito e muito menos deixa de ser excesso e contestação ao mesmo tempo.

“*Eu sou arteiro, não me confunda com artista, não estou em capa de revista, eu estou na pista.*” (Rapper Leonel). Nem precisava eu declarar o trajeto contrário à arte instituída, bastava apresentar logo esta ‘frase denúncia’ que, ao reduzir a vivência do artista instituído à sua fama, o condena a quase escassez potencial, visto que o arteiro, pelo contrário, potencializa sua “artistagem” na capacidade de astúcia e sobrevivência, cujo ateliê não possui iluminação nem endereço fixo. No seu ateliê nômade, que é a rua, a galeria do Xarpi não possui o privilégio do ócio produtivo inspirador, próprio dos bem aventurados gênios da grande arte. Não há tempo hábil para isso, é preciso correr, ficar ‘na atividade’, escalar com rapidez e precisão, senão “*roda pros cana ou pros segurança*”. Como já disse um deles: “*A piXaÇÃO usa um conceito de arte que nenhum outro artista usa – coloca sua própria vida em risco*” (DJAN em entrevista para UOL). Talvez seja justamente isso que dê ao arteiro a saúde que, neste sentido, falta ao artista. Os arteiros do Xarpi não fabricam sua arte, ‘espancam’ seus nomes; não vendem suas obras, as impõem; não assinam a obra pronta, a obra é a própria assinatura que, de fato, não convém a todos compreender. Impor e espancar são palavras perigosas e violentas, sinal que fazem bastante sentido neste trabalho e não podem ser podadas aqui por uma moral da escrita. Mais pra frente, falaremos sobre um possível retorno dos eXcessos recalcados que servirá como manobra, como pensamento indisciplinado para se pensar afirmativamente o que intitulamos

¹ Aqui, tudo é de Certeau, somente o “X” é meu, ou do Canevacci.

como “mal”.



A arte não é “um fenômeno neutro. A arte deixa marcas em nossas mentes; a arte sempre provoca julgamentos.” (SMIERS, 2006, p. 122). No caso do Xarpi, tais marcas não se atêm à mente. Para estudar os impactos desta atividade, é preciso ignorar tal dualismo entre corpo e mente e entender o corpo num sentido expandido. Um corpo sem limites que, ao ser criador e criatura

da eterna co-produção com o mundo, neste caso, em especial com a cidade, se dilata, rasga seus trajetos com sua constante produção de sentidos ao mesmo tempo em que deixa suas cicatrizes no corpo urbano, que também é seu. (ver p. 98) Levando em conta que “toda forma produtora de significação para um grupo determinado, pode ser insignificante para outro” (MAFFESOLI, 2005, p. 24), os transeuntes urbanos, costumeiramente, até mesmo como maneira de se proteger da avalanche imagética globalizada (a ser discutida mais à frente), sequer percebem a ininterrupta sucessão de nomes espalhados por literalmente toda cidade.

Só são levados a declarar algum julgamento quando colocados de frente com a questão, ou seja, quando possuem um imóvel “espancado”, quando conhecem alguém do Xarpi, e (não reduzindo à apenas estas três possibilidades) em especial, quando a potência da tinta atinge totens do valor moral cristão civilizatório – imagens santas, monumentos públicos e prédios de valor histórico ou político. Aí, rapidamente, a ação jornalística julgadora e falsificadora de mundo imprime ou põe no ar seus ditos já viciados, mais uma vez, na redução a “vândalos”.

Se você mora na cidade do Rio de Janeiro, não tem como você não pensar em piXaçãO, porque, por onde você andar, vai ver uma. Hoje em dia, nas novelas, mesmo as feitas em cenário, eles mesmos põem uma piXaçãO ao fundo, porque se tornou uma paisagem urbana, não tem como, hoje, um cara criar um cenário de uma cidade grande sem colocar a piXaçãO. Senão, você vai pensar: que porra é essa? Só se for cidade militar ou miliciada. Então, não tem como. (TATÁ em conversa)

5.1.. Sociabilidades em poucas letras.

Quando se ouve a expressão “vândalos”, o discurso jornalístico diminui não só todo um enredamento de conhecimentos, mas também um fenômeno que, como veremos nesta pesquisa, tem dimensões muito maiores do que se imagina, a apenas uma palavra, mas como a vida não é passível de redução, assim como as oficiais, uma cultura como esta, também esconde (claro, só para quem não as vive) suas próprias organizações e ferramentas de sociabilidade. Entre elas está a criação e composição das ‘siglas’. Estas são como grupos de piXadores²⁵ que, por afinidade, familiaridade ou bom desempenho na rua, criam seu grupo e o batizam. Como as palavras que dão nome a tais grupos acabam sendo longas demais tanto para a velocidade necessária à sobrevivência do fazer no Xarpi quanto para a economia da tinta, tornam-se siglas a serem postas ao lado do nome como identificação de pequenos grupos dentro desta cultura, que é, apenas aparentemente, pouco habitada.

A importância dada por esta galera à determinada sigla se dá devido aos mesmos aspectos que tornam determinado nome conhecido entre eles, ou seja, a quantidade aliada à qualidade dos ‘espancamentos’. Quanto mais nomes, quanto mais alto, quanto maior a dificuldade da escalagem, quanto mais eterno (pedras e pastilhas), mais uma sigla ganha prestígio. A partir de então, torna-se um ciclo onde o prestígio de uns transforma-se

²⁵ É importante perceber que um pichador está longe de ser um piXador, assim como a pichação está longe de ser a piXaçãO.

em vontade de prestígio para outros. Desta maneira, a coprodução fica evidente: alimenta-se a vontade tanto de tornar-se piXador quanto de aumentar a frequência das missões, como também de ingressar numa sigla ou criar a sua.

Para entrar numa sigla não tem segredo, é disposição! Vão ver teus nomes, ver q vc tá na ativa e vão te convidar (NATH em conversa)²⁶

Hoje, no Rio de Janeiro, entre as principais siglas estão: DV, VI, VR, LF, FR, LD, AR²⁷. Segundo Nath, se qualquer uma destas te convida, é sinal que você é ‘considerado’. A poetização evidente nos significados de cada uma delas deixa clara a vontade de impacto, própria dos arteiros:

DV.. Destruidores do Visual. Aqui, o visual é revestido de uma oficialidade indesejada. À medida que vão criando o seu próprio visual através do “jet de tinta”, os arteiros desta sigla destroem o visual instituído, ou seja, aquele com “V” maiúsculo. Um reclame, uma retomada de posse da principal força urbana hoje – a comunicação visual.

FL.. Foras da Lei. Flagra-se aqui a existência de vida aonde a lei não chega, existe um certo vilarejo habitado ou trafegado fora da lei. Seria este local o vácuo tão desejado pelo sonho da civilidade?

FR.. Filhos da Rebeldia. Nega-se aqui o sentimento paternalista de cunho familiar tradicional. Os pais destes jovens se transfiguram na própria rebeldia que os move no sobe-e-desce da cidade. Assim, afirmativamente rebeldes, no mínimo, põem em cheque a ‘naturalidade’ da condição de obediência que tanto passa a nos constituir logo após Deus ter separado a luz das trevas.

LD.. Legião DiabÓlica. Se Nietzsche piXasse (se tivesse spray, na época, eu não duvido mesmo!), esta, com certeza seria sua sigla. Alguém já viu alguma imagem santa

²⁶ Como algumas conversas da pesquisa foram feitas pela internet, estas virão coladas fiéis à original, dando vazão a volatilidade escriturística própria da rede.

²⁷ Com certeza, algumas ainda não foram descobertas, visto o caráter “em andamento” da pesquisa.

gargalhando? Eu prefiro a alegria de viver no riso. “*A postura do agressor que ri, zomba e escarnece, segundo HALLIWELL (1991, p. 288), assemelha-se ao canto do galo vitorioso nas rinhas de galo. Seu cantar e bater vigoroso de asas seria a materialização sonora da ‘hybris’*” (BARBOSA, 2008, p. 92)

AR.. Amantes do Rabisco. Será que os jornalistas taxadores de vândalos conseguem imaginar a beleza do amor que circula até mesmo em lugares supostamente imbelezáveis? Morrerão sem ver o grosso da beleza humana, ou seja, seus odores mais incrustados.

VR.. Vício Rebelde. A intensidade da pulsão-vida evidente na prática que se torna vício. Assumir, estetizar e praticar seus vícios, mais um flagrante de nossa animalidade, do primitivo que, quanto mais lutamos em negá-lo, maior será sua força, jamais iremos nos desgarrar! Ele retorna, assim, em eXcesso.

Nós que vemos as coisas sob outro perfil, nós que aguçamos nossa vista e nosso espírito na questão de saber onde e como a planta “homem” se desenvolveu mais vigorosamente até aqui, cremos que foram necessárias, para isso, condições totalmente contrárias, acreditamos que, no homem, o perigo da situação teve de crescer até o e[X]tremo, o gênio da invenção e da dissimulação (o “espírito”), sob uma pressão e uma opressão prolongadas, tiveram de se desenvolver em ousadia e sutileza, a vontade de viver teve de se elevar até a absoluta vontade de potência. Pensamos que a dureza, a violência, a escravidão, o perigo na alma e na rua, que a dissimulação, o estoicismo, os artifícios e as diabruras de toda espécie, que tudo o que é mau, terrível, tirânico, tudo o que no homem puxa para o animal predador e réptil, serve de igual modo e tão bem para a elevação do tipo homem como seu contrário. (NIETZSCHE, 2007a, p. 59)

De fato, a disposição é o que move os arteiros e suas artistagens, e nada mais empolgante que o ciclo movimentador citado anteriormente. Desta maneira, no interior desta cultura, é o coletivo que movimenta as microações e as macros também, afinal de contas, se escalar dez andares sem equipamentos de segurança é micro, eu já não sei mensurar mais nada. O agir em conjunto multiplica a potência de ação, ou melhor, é talvez

a maior de suas forças motivadoras. É exatamente esta coletividade, marcada por tantos sentimentos como o afeto, a amizade e o companheirismo que garantem o pulular de encontros, cuja finalidade é antes do ato de Xarpi, o fortalecimento diário das inter-relações pessoais.

Coisas que só fazem sentido pela presença do outro, pela presença diante do outro e que, também, para retomar uma observação de Memórias de Adriano, conduzem à 'elaboração de um sistema de conhecimento humano baseado [no] contato' (MAFFESOLI, 2005, p. 19-20)

Então, época de colégio, era novinha, devia ter uns 12 anos, um amigo da minha sala se amarrava em Xarpi, daí ele ficava me mostrando uns nomes. Dentro do colégio mesmo, já tinham piXado lá, foi até o SEL que piXou. A gente ficava imitando, inventando nome para a gente, e foi até ele que inventou o meu nome, que eu tenho até hoje. Conheci a Nathy de laranjeiras, que até faleceu depois. Ela tinha uma sigla IF, Inferno Feminino, que eram várias minas, mas as outras nem se amarravam em piXar muito, era mais, tipo, vamos ter um bondezinho. Aí, quando comecei a piXar com ela mesmo, aconteceu um acidente com ela, foi atropelada e faleceu. Foi então que quis piXar mesmo, em homenagem a ela, porque ela se amarrava. (KEL em conversa)

Em meio a tais criações e agrupamentos, de fato, não há como negar a iminente sensação de competição. Sensação esta, que, especialmente no Rio de Janeiro (faço questão de marcar esta peculiaridade carioca, uma vez que, em outras capitais, as brigas e os limites bairristas são muito mais perigosos) dos dias de hoje, dificilmente gera conflitos violentos, agindo muito mais como animadora de novos encontros e novas missões.

Aqui no Rio não rola aquela parada de gangue, o Xarpi aqui não fica nessa parada de rivalidade. Até existem umas gangues entre aspas que são as siglas, mas elas não são rivais, de que um cara de uma não possa sair com o de outra. Aqui no Rio o pessoal é mais mente aberta para essa parada. (TAS em conversa)

5.1.1.. A 5 ESTRELAS.. RÁDIO GRUTA.. XRF



5 Estrelas

No entanto, não são mais só em siglas que essa meninada se organiza. À medida que o tempo foi passando e as reús²⁷ (ver p. 121) aumentando tanto em frequência quanto em número de presentes, a amizade, os laços de afeto foram ultrapassando os limites das siglas, surgindo situações em que você tornava-se mais amigo, mais próximo de uma pessoa de outra sigla. Naturalmente, como não há regras, nem restrições quanto à possibilidade de sair e fazer missões acompanhado de membros de outras siglas, sua preferência, como parceiro de ação, passa a estar numa sigla que não é a sua e, muitas vezes, como prova da rebeldia cotidiana, você torna-se mais íntimo dele que de seus próprios companheiros de sigla. Até aí, não há problemas, afinal de contas, bastava piXar seu nome vinculando cada um a sua sigla. Só de seu nome estar ao lado do outro já deixava marcada a nova parceria. Porém era preciso marcar isso de alguma maneira, ou melhor, sendo, obviamente humanos, era necessário dar algum nome, batizar estas novas possibilidades de

²⁷ Maneira como eles chamam as reuniões que acontecem quase que diariamente em uma série de bairros do Rio de Janeiro.

pertencimentos e agregações. Normalmente chamados de famílias, estes novos grupos, geralmente são mais amplos, agregando uma quantidade maior de pessoas que, não importando mais a qual sigla pertencem, inventam mais uma forma de estarem juntos. Hoje, no Rio de Janeiro (é bom lembrar que todo este mecanismo de siglas e famílias é peculiaridade do Xarpi carioca, ganhando outros nomes e papéis, mesmo que parecidos em outras cidades) as duas principais famílias são a “5★” e a “40°”.

A 5 estrelas, quando foi criada, ela veio com o propósito de unir a classe da piXaçãO. Os piXadores tinham muita briga, não tinham muita união. Quando a 5 estrelas veio, veio com a proposta que chamamos de família. Tinham siglas, e não tinha mais nada, era mais bairrismo. A 5 estrelas veio, então, para ser para além da piXaçãO, bagulho de amizade, formou aquela galera que piXava junto, mas além disso, eram amigos fora da piXaçãO. Tem galera da Ilha, da Penha, de Realengo, de longe, que nem sempre piXa junto, mas são amigos. Tentamos chamar o Rio de Janeiro para junto da gente. É uma união de siglas, cada um permanece na sua sigla, mas forma uma família. (TOKAYA em conversa)

Em 2003, quando eu voltei, comecei a conhecer uns malucos de outras áreas, Baixada, Cascadura, Tijuca, comecei a frequentar outras reuniões. Daí, comecei a colar com outros amigos, começou a surgir uma união de vários bairros, vários amigos que saiam juntos para Xarpi, só que eram de várias siglas. Começamos a Xarpi todo mundo junto, em 2005 já tínhamos uma grande afinidade. Quando chegou em 2006, criamos a 5★, que é, nada mais nada menos, que a união de vários amigos que já se conheciam, já se gostavam, mas cada um tinha sua sigla. Uma união que unia todo mundo sem cada um precisar abandonar a sua sigla. (TAS em conversa)

De todo modo, com a popularização entre o pessoal, muita gente começou a entrar na 5★, alguns inclusive, mesmo sem ter entrado ‘oficialmente’ (incrível, como mesmo em um lugar tão fora das oficialidades, ainda se pode falar em outras oficialidades) já passaram a escrever junto ao nome ‘5★’. Começava a ganhar certo status o fato de “ser da 5”. Antevendo e percebendo certa perda de liga, de densidade que tinha a família em sua

origem, seus principais membros, em especial os fundadores, também devido ao enorme crescimento das responsabilidades, especialmente na organização de uma série de eventos, churrascos, peladas e da manutenção do programa de rádio semanal (do qual falaremos logo abaixo), resolveram convocar uma reunião da ‘diretoria’ para que, a partir de então, fosse decidido, levando em consideração tanto a amizade, quanto o nível de envolvimento e participação efetiva, quem ficaria oficialmente (mais uma vez) como integrante da 5★. Logo em seguida a esta decisão, foi publicada, no *fotolog*²⁸ da família, uma lista com os que continuavam como integrantes. De certa forma, à primeira vista, me incomodou um pouco o vocabulário empresarial utilizado, se autointitulando diretoria e conselho. No entanto, logo em seguida, talvez flagrando minha paixão ufânica pela pesquisa, resolvi construir uma interpretação afirmativa e inventei, para mim, um discurso que utilizava, justamente, o que me deixou com pés atrás, como força emancipatória. Diretoria e conselho tornaram-se, a meu ver, ao serem deslocadas das grandes empresas para uma família de amigos, uma fonte irônica, uma prova da nossa capacidade indisciplinada de apropriação e reelaboração gramatical-vocabulária-simbólica. Tudo a nosso favor!

Na mesma postagem que divulgaram a lista do que seria a ‘nova 5★’, publicaram também o texto abaixo esclarecendo qual a postura e o papel da família:

SOMOS UMA FAMÍLIA DE PI XADORES E GRAFI TEI ROS COM
COMPONENTES DE QUASE TODOS OS BAI RROS, CI DADES E REGI ÕES
DO ESTADO DO RJ, ALGUNS ATÉ DE FORA DO ESTADO, E DE FORA DO
BRASI L.

MAS TODOS UNI DOS E FORTES , I NDEPENDENTEMENTE DE QUALQUER
RI XA BAI RRI STA, NÃO ACEI TAMOS FALS I DADE NEM I NVEJA, TODOS
NÓS NOS FALAMOS E PREZAMOS PELA É TI CA E AMI ZADE.

²⁸ Site de publicação de fotos muito usado pela galera da piXação tanto paulista quanto carioca.

SOMOS UMA "ONG" FORMADA SÓ POR AMIGOS, PESSOAS QUE JÁ SE CONHECIAM, MESMO FORA O Xarpi, ALGUNS JÁ SAÍAM PRA MISSÕES JUNTOS, OUTROS AINDA NÃO TINHAM ESSA OPORTUNIDADE DE Xarpirem JUNTOS, MAS COM A CRIAÇÃO DA 5★ ESTRELAS, ISSO VEIO A SOLIDIFICAR A NOSSA UNIÃO.

POR SERMOS UMA FAMÍLIA GRANDE E COMPLICADA, TEMOS QUE LIDAR COM SITUAÇÕES INUSITADAS QUE ACONTECEM NO Xarpi, COMO CIÚMES BOBOS, OU CHOQUE DE EGOS NATURAIS, POIS TODOS NÓS SOMOS SERES HUMANOS E PASSÍVEIS DE ERROS...

NÃO NOS UNIMOS PARA TRAZER DISCÓRDIA NO MUNDO DO Xarpi, NOS UNIMOS EM TORNO DESSA MARCA APENAS PARA CONCRETIZAR NOSSOS SONHOS, NOSSOS DESEJOS DE SERMOS FELIZES FAZENDO AQUILO QUE GOSTAMOS AO LADO DE QUEM GOSTAMOS E NOS SENTIMOS BEM...

PORQUE, NESSA VIDA LOUCA, 'O QUE IMPORTA É SE SENTIR BEM', MAS 'CADA UM NO SEU ESTILO', E 'NUNCA MUDANDO NOSSA CONDUTA', PORQUE 'O SENTIMENTO NÃO PODE PARAR...'

ASS: '5★ APENAS OS FORTES SOBREVIVEM...'

(<http://www.fotolog.com.br/familia5estrelas/36798306> Acesso em 17/03/2009)

Fica evidente, no tom da mensagem, a importância maior do encontro, do estar junto com quem se gosta, da amizade do que do próprio Xarpi em si. Melhor dizendo, não há como reduzir o Xarpi apenas às missões e aos nomes nas paredes, mas é uma complexa rede de sociabilidades, onde a vontade de estar junto e os jogos de identidades e pertencimentos, como nas mais diversas outras culturas urbanas e jovens e até mesmo nas adultas, constroem o grosso, a parte densa onde se sustenta toda esta cultura. Sim, Xarpi é cultura! Nossa, que afirmação mais óbvia, não era de fato necessária!

As manifestações similares de prazer despertam a imagem da simpatia, o sentimento de ser semelhante: o mesmo fazem também os sofrimentos comuns, as mesmas tempestades, os mesmos perigos, os mesmos inimigos. [...] E desse

modo o instinto social surge do prazer. (NIETZSCHE, 2007d, p. 85)

Desta organização coletiva, uma série de empreendimentos obteve sucesso, contribuindo para uma ainda maior complexificação e alcance desta cultura encantadoramente criminosa. Passam a ser visíveis flagrantes da incrível quantidade de habitantes deste mundo, muito acima do que qualquer estimativa construída por quem, mesmo sem sequer bater um papo com eles, já os lançam para as margens. Neste sentido, as organizações e os eventos produzidos pela 5 estrelas mostram, claramente, quantitativamente (cientificamente, matematicamente, ou melhor, com todo rigor – olha lá, é ironia!) que talvez a margem esteja tão ou mais povoada que o centro do rio, quase sempre em maré baixa, ou melhor, maré mansa, mansinha. Estou falando em primeiro lugar do programa de rádio semanal transmitido online pela Rádio Gruta, que se chama “Gruta 5 Estrelas”, e logo depois falarei sobre o Xarpi Rap Festival, evento que chegou este ano a sua 4ª edição.

O programa teve início no meio do ano de 2008, uma vez que a Rádio, apesar de já estar transmitindo *online*, possuía alguns horários ainda vagos, ociosos. Sendo assim, após algumas conversas entre os membros da “5★” e o pessoal que coordenava a Rádio Gruta, o projeto foi concretizado, passando o programa a ir ao ar toda sexta-feira das 18h às 21h. Quando soube deste feito, fiquei surpreso, uma vez que, para mim, era quase paradoxal. Quando ia imaginar uma cultura tão invisibilizada e criminalizada como o Xarpi tendo um programa de rádio, ainda mais numa rádio que, mesmo sendo *online*, era aberta? Chamo de rádio aberta porque não foi uma rádio criada para estar na surdina, muito menos uma rádio criada pelos piXadores. Nela convive uma série de programas, inclusive os mais comportados, como de MPB e jazz. Por isso, um programa de três horas semanais que anuncia, sem pudores nem pensamentos de segurança, a todo momento, seu vínculo ao mundo do Xarpi, me causou este espanto paradoxal. De todo modo, a meu ver, isso só aumenta o potencial de alcance da rádio, e muito mais do que isso, comprova sua força

juvenil, eXtremamente corajosa e contemporânea, bem diferente das muito pouco interessantes FMs oficiais, com suas concessões há tempos muito questionáveis. Há uns três anos, em outra pesquisa, percorri todo o dial FM do Rio de Janeiro e, acreditem, existiam 24 rádios evangélicas! (que dirá nas AMs) E estas ainda têm a cara de pau de reclamar e produzir campanhas contra as rádios piratas. Se derrubarem aviões, a culpa está bem longe de ser delas! Mas isso é outra pesquisa...

O programa começou assim, falamos para eles – “Nós temos um grupo, a 5★, temos muitos amigos, mas é uma parada de piXador”. Não, tudo bem, mas no dia que acontecer alguma coisa, vai rolar a parada da camuflagem, alguma parada de grafite e tal. Então a parada vai acontecendo, enquanto é uma rádio de internet, mas o público alvo que entra na rádio são só os piXadores mesmo. Quando acontecer de ficar mais explanada, vamos tentar camuflar, mas o pessoal que está ligado na rádio sabe qual é o fundamento e não vai esquecer isso nunca. (TOKAYA em conversa)

A maior parte do programa é feito com música, prioritariamente funk e rap underground (independente, fora do mercado principal instituído), alguns destes últimos, sendo compostos e gravados, inclusive por pessoas do Xarpi como Runk e Leonel, cujas letras também percorrem este texto. Durante os blocos de fala, dois ou três apresentadores coletivizam o microfone sempre de maneira descontraída e com um planejamento bem maleável, totalmente entregue aos vacilos das piadas e dos risos. Por ali, divulgam as festas, os churrascos, as reuniões, anunciam as missões mais comentadas, e, ao mesmo tempo, conversam, ou melhor, teclam *online*, em tempo real, com alguns ouvintes-piXadores através do *chat*²⁹ aberto no site da Rádio – como dizem eles, “está formado o burburinho!” Além disso, na maior parte dos programas tem alguma presença especial, algum convidado é entrevistado, sempre um nome memorável do Xarpi. Assim, o conhecimento encontra mais um canal de amplificação, os ouvintes-piXadores e mesmo os ouvintes-não-

²⁹ Bate-papo online em tempo real.

piXadores-mas-que-de-alguma-maneira-foram-parar-ali passam a conhecer um pouco da história de vida daquele personagem, como foi sua época, suas maiores aventuras, seus mais memoráveis riscos, e claro, os mais marcantes nomes na pista, mesmo que já apagados do muro, mas acesos na memória.

Agora, o mais impactante em relação ao Gruta 5★s – ele é, de longe e desde seu início, o programa de maior audiência da rádio, como pode ser visto na foto a seguir, onde o número em vermelho é o número de *downloads* mensais e entre parênteses, o crescimento de um mês para o outro:



114

Invisíveis? Nada relevantes? Vândalos e basta? Temos que romper com tudo o que nos cega, com tudo o que torna o ar mais rarefeito, com todo entendimento de vida ralo, sem densidade; com tudo o que nega a obscuridade que constitui o humano. Em suma, com tudo o que trabalha, há séculos, pelo estreitamento do nosso entendimento de vida, negligenciando as mais óbvias evidências da existência de vida saudável onde só se vê doença. Perde-se tanto! Quanta coisa já pode ter morrido sem termos tomado conhecimento? Cabe agora, urgentemente, pôr a vida em risco, sob a ameaça de viver sem percebê-

la.

O segundo feito da galera da 5★ que não há como não levar em consideração é o XRF, sigla para Xarpi Rap Festival, um evento que, praticamente, nasceu junto com a família, uma vez que suas primeiras edições foram as maiores responsáveis para uma maior agregação, por concretizar de fato o grupo, afinal de contas, era preciso comprometimento para transformar o que, nas duas primeiras edições, era um churrasco em baixo de um viaduto na Vila da Penha, num evento que ganhou apoio de um clube e de um candidato a vereador (por incrível que pareça! O que não fazem por votos?), levando mais de 600 pessoas que pagaram apenas 1 real para entrar na quadra do Esporte Clube Coimbra, também na Vila da Penha. Contando com atrações como apresentações de rappers, MCs e DJs, sorteio de camisas da 5★ e latas de tinta, o evento ainda tinha um telão onde eram projetados vídeos e fotos de Xarpi, em sua maioria filmados e muitas vezes editados por eles mesmos. De todo modo, a principal atração do evento, desde a sua primeira edição, era o que chamavam do “Oscar do Xarpi Carioca”. Em alusão irônica ao mais conhecido prêmio concedido anualmente aos grandes nomes do cinema mundial (ou melhor, americano?), eles também criaram e desenvolveram seu “Oscar”. Em votação aberta tanto pela internet, especialmente pela comunidade do orkut³⁰, quanto durante as primeiras horas do evento, são escolhidos os melhores dentro de cada categoria que sobem ao palco, recebem sua medalha e saem festejando, como heróis que, de fato, são. As categorias são: melhor no topo, melhor na janela, melhor no recuado, melhor andarilho, melhor nas pedras, melhor sigla, melhor *fotolog*, melhor relíquia, melhor caligrafia (categoria incorporada ao prêmio apenas na última edição), melhor revelação, e o mais temido prêmio – o “cagão do ano”.

Duas categorias que merecem melhores explicações são a “relíquia” e o “cagão

³⁰ Site de relacionamento mais utilizado no Brasil.

do ano”. A primeira se refere aos grandes nomes do Xarpi de antigamente, grosso modo, da década de 80, que já tenham parado, mas que, nos últimos anos, graças ao “boom” da G80 (da qual falarei mais adiante), retornaram, mesmo com seus adultos trinta e muitos anos, a frequentar as madrugadas do Xarpi, a pôr seus ímpetos juvenis novamente à prova. Desta maneira, este prêmio vai para o que tenha voltado com mais força, com mais presença. Já o “cagão do ano” é justamente isso mesmo, um prêmio em forma de um troféu abacaxi para aquele considerado mais medroso, que mais foge de maiores riscos e aventuras, por isso, temido por todos, mas que, na hora da entrega do prêmio, causa a maior apreensão e as melhores zoações.

De todo modo, vale a pena darmos uma atenção especial a última edição do evento, realizada dia 29 de janeiro deste ano (2009), uma vez que ganhou proporções jamais vistas anteriormente na história do Xarpi. Isso porque a 5★, junto, principalmente, à Rádio Gruta, conseguiu firmar parceria com uma das mais conhecidas casas noturnas da LAPA (bairro tradicional boêmio do Rio de Janeiro que, após alguns anos em declínio, passa por um momento de efervescência, de retomada), o CINELAPA. Até aí, tudo bem, mas até que ponto tornar-se parte da programação de uma grande casa noturna pode tirar do XRF sua força coletiva, sendo, inclusive, até em certa medida, um facilitador para a cooptação desta cultura tão indisciplinada? Alguns indícios merecem ser destacados para se pensar esta pergunta: a incrível diferença tanto na quantidade do público quanto no preço do ingresso; a presença de seguranças profissionais; a necessidade de apresentação de identidade para o ingresso; e a autorização para entrada com latas de tinta, ao passo que se proíbe de utilizá-las dentro da casa (nem preciso dizer que não deu certo, né?).

Como já disse, na edição mais lotada, ou seja, a terceira, no Esporte Clube Coimbra, na Vila da Penha, mais de 600 pessoas pagaram simbólicos 1 real no ingresso. Já na quarta e última edição, o preço subiu, sendo cobrado 10 reais para quem tinha nome na lista

amiga (qualquer um que colocasse o nome na comunidade do orkut e chegasse antes de meia-noite) e os demais pagavam 15, uma inflação que fazia jus ao crescimento e à mudança de local do evento, mas que, ao mesmo tempo, levou a alguns resultados evidentes para quem esteve lá. Primeiro de tudo, a quantidade caiu de mais de 600 para cerca de 300 pessoas (informação dos próprios organizadores), ao passo que a porta do evento, o lado de fora da casa, ficou, talvez, mais lotado que a pista. Além disso, era, também, super significativo perceber que a maioria dos que ficaram ali do lado de fora, conversando, bebendo, encontrando os amigos, não só não sentiam a menor necessidade de entrar como também já foram para lá seguros de que não entrariam. Como percebi? Muitos foram sem dinheiro, de chinelos, roupas do trabalho, ou seja, nada que simpatizasse esteticamente com aquele lugar de seguranças engravatados. Tudo era tão óbvio, todos ali sabiam, mesmo sem combinarem, que muitos ficariam bebendo na calçada com eles, seria mais uma réu extra, como qualquer outra, talvez um pouco mais especial por contar com mais gente, por ser mais ampla (talvez tenha sido nisso a maior contribuição do XRF). E o anúncio dos vencedores? Todos ali perderiam? Isso não parecia importar muito, bastava dormir e, no dia seguinte, ficar sabendo de tudo pelo *fotolog*. Perder a festa e o anúncio? Que nada, o importante era encontrar o pessoal, rever a galera, beber uma cerveja, contar as aventuras e as aflições, enfim, tudo o que qualquer um faz naquele chopinho após o trabalho. Como eu estava lá filmando, e podia trafegar entre o ambiente interior e a calçada, a coisa ficava evidente, ainda mais quando, passada quase a noite inteira, já lá pelas 4 da manhã, resolveram anunciar o prêmio. Nem eu aguentava mais, estava louco para ir descansar, mas a pesquisa me fazia ficar para filmar a tão aguardada entrega dos prêmios. Resultado: foi, de longe, o momento mais broxante da festa; a pista já estava às moscas; os que ainda restavam estavam mais bêbados do que nunca; até que um dos MCs, tão ou mais bêbado que todos ali (isso não é um ponto negativo!), anunciou, em cerca de cinco minutos, todos os

vencedores. Imediatamente depois, sem nenhuma comemoração mais significativa, as luzes se acenderam e a festa chegava ao fim (será a toa que as melhores festas são em ambientes escuros? Que o encerrar da euforia está ligado a um acender das luzes?).

Outra questão importante, como disse, era a necessidade de se mostrar a carteira de identidade para que o ingresso na casa fosse permitido. O que esqueceram de avisar aos seguranças é que, para um piXador, sair de madrugada para uma boate não significa, quase nunca, ir apenas à boate e pronto. O trajeto de ida e volta é situação convidativa para suas principais “artistagens”, ou seja, todas as suas táticas de escape e fuga estarão na manga. Uma delas é nunca sair com qualquer documento de identidade. Pode parecer irresponsável, mas, de fato, se um policial te enquadra e você está sem qualquer documento de identidade, isso resultará em um penoso trabalho burocrático, caso ele escolha te levar à delegacia. Sendo assim, é sempre mais fácil, nestas situações, ele te liberar, mesmo que, para isso, te pinte todo, te esculache, mas ao menos você sairá com a ficha limpa. Mais fácil limpar o rosto e o machucado que a ficha, não? Resultado: muitos foram barrados por estarem sem seus documentos, causando uma certa revolta em alguns – onde já se viu um evento organizado por e para piXadores cobrar documentos de identidade oficiais? A minha é FYT e basta! O Felipe só surge depois que a luz acender! Um dos que passaram por este constrangimento resolveu, portanto, comprar briga, tanto com os seguranças quanto com os organizadores, tentando, diversas vezes, entrar sem ser visto, mas, nas duas tentativas que vi, foi violentamente impedido e arrastado para fora pelos seguranças, causando um terrível desconforto entre os organizadores, o pessoal da Rádio Gruta e os que administram a casa. De todo modo, lá pelas tantas da noite, encontrei com este mesmo rapaz lá dentro, já dançando, bebendo (e como!), curtindo. Algum jeito ele deu, como sempre! Escalando?

Agora a maior ingenuidade da casa: permitiu a entrada de latas de tinta (até aí tudo

bem, pareceu compreender que, antes ou depois da festa, os muros da cidade se insinuaram para os arteiros), ao mesmo tempo em que proibiu a utilização delas dentro do ambiente da boate. Isso pode até dar certo, mas só nos primeiros 10 ou 20 minutos. Portanto, no começo ainda da noite, alguns piXadores, que já conhecíamos de outras filmagens, vieram nos pedir para filmar suas aventuras pelo banheiro da casa. Lógico que não hesitamos, lá fomos nós. Belas imagens feitas, o cheiro da tinta impregnando e o banheiro ficou mais bonito (para poucos, mas nem são tão poucos assim) e mais horrível para a maioria (que nem tenho certeza se é tão grande quanto parece). Ao final da festa, os organizadores, numa tentativa de contornar a situação, o que me pareceu um tanto decepcionante, frente ao meu encanto com a força indisciplinada do Xarpi, criticaram a atitude dos que piXaram o banheiro, o que teria 'enfraquecido', ou 'queimado o filme' do Xarpi. Bem, quem queima o filma de quem? O Xarpi precisa manter seu filme limpo frente à oficialidade da casa e suas regras? É possível fazer uma festa do real Xarpi sem qualquer ato indisciplinado? Penso que não. Mas estas perguntas são provocativas, afinal de contas, mesmo entre o pessoal da 5 estrelas, as respostas e pensamentos não são iguais.

De todo modo, vale lembrar, 600 presentes pagando 1 real, dá ao caixa R\$600,00, enquanto 300 pagando 10 reais, alcança os R\$3.000,00. Mesmo assim, o lucro maior não fez todos os integrantes da 5 estrelas, mais uma vez, terem um discurso único de sucesso após o evento. Isso ficou evidente quando, algumas semanas após o evento, conversamos com a Anarkia para o documentário/pesquisa e ela revelou que houve certo racha entre ela e a família 5 estrelas, justamente devido às reflexões feitas por ela após o evento.

Eu acho que, a partir do momento que você começa a envolver dinheiro, quando você sai da rua e vai para um ambiente oficial fechado, a coisa começa a se corromper. Acho que se organizar é legal, mas deve ser muito democrático, sem hierarquia, e falar o que é de quem, ter um dinheiro que não é de uso comum, isso tudo acaba tirando os ideais principais da parada. Acho que estamos

num momento onde não se sabe onde isso vai parar, mas que está gerando várias questões, várias pessoas já estão saindo da 5★, várias pessoas estão deixando de apoiar o XRF. (ANARKIA em conversa)

A partir do momento que a 5★ se enquadrou, porque foi para um espaço fechado, vendeu ingressos a 10 reais, fez tudo o que uma pessoa normal faz, a 5 estrelas institucionalizou o Xarpi, digamos assim. Se você faz parte do mundo, se trabalha, você pode pagar seu ingresso e ir ao XRF. Para mim a 5★ se ferrou por causa disso. Eu saí no momento que vi que ela se afundou, que se vendeu. Porque o cara que é ratão mesmo da piXaçãO, que mora lá na baixada, que tem que pegar o trem de calote porque senão não tem como chegar, ele nunca terá 10 reais para pagar um evento. piXaçãO não é isso, é fazer um evento, mesmo que seja um real para pagar o som, mas que todo mundo da cidade venha. Tanto que o XRF, quando era na rua, lotou com 600 pessoas, agora o último que foi num clube na Lapa deu 200 e poucas pessoas. Olha quantas pessoas ele excluiu, e quem ele excluiu foram os piXadores de verdade, quem foi, foi o playboy. PiXador ratão mesmo, que mata noite botando nome, não foi ao XRF. Então o pessoal da 5★ está vendendo uma ilusão que não existe. (ANARKIA em conversa)

Frente a estes questionamentos que, mesmo antes do evento, já tomavam minha cabeça – e pelo visto, tomavam, inclusive, os pensamentos de quem era parte integrante da 5★ –, vale ressaltar um trecho de minha conversa com dois dos organizadores, Tokaya e TAS, antes mesmo do evento acontecer. Pensando, então, que a aproximação do Xarpi a uma casa noturna oficial pode oficializar a piXaçãO de uma maneira que a torne vulnerável e mais acessível, especialmente a jornalistas, à polícia, perguntei ao Tokaya se ele não tinha medo que isso pudesse acontecer:

Eu já pensei nisso, no dia que acontecer isso, eu penso em fazer as festas voltadas para o público já cativo. Fazer festas o mais escondidas possível, marcadas pela internet, para não ter esse problema de chegar repórter ou polícia na parada. Mas a festa vai acontecer, de algum jeito vai acontecer, mesmo que seja na rua, a festa não vai morrer cara. (TOKAYA em conversa)

A gente tem como dar continuidade ao evento associado ao programa de rádio

e ao público que curte o rap e o hiphop. O público que curte o Xarpi é o mesmo que curte *hiphop* e a Rádio. Então, dentro das festas, automaticamente, o público que vai é aquele que curte o Xarpi, curte o grafite. Por isso, na minha mente, esse evento não vai morrer, ele consegue unir o Xarpi, o grafite, o rap, o *hiphop*, ele tem um apelo muito grande. A gente vê que isso não vai morrer. O evento não é da 5★, tem o carimbo da 5★ porque quem organiza é ela, mas é um evento que une todas as gerações do Xarpi, une o pessoal dos anos 80, dos anos 90 e dos anos 2000. A nossa intenção não é chegar ao jornal, mas ficar no *fotolog*, internet, orkut, a própria Rádio. Nunca passou pela minha cabeça, divulgar no jornal. Mas se, de repente, acontecer, estaremos preparados para tudo, não sei o que vai acontecer, eu deixo um ponto de interrogação. (TAS em conversa)

5.2.. BORA PRA REÚ! LEVA TUA PASTA!

Semanalmente, em diversos bairros da cidade, praças públicas são escolhidas, graças à segurança do trânsito contínuo de jovens, como ponto de encontro onde diversos piXadores dos mais diferentes bairros se encontram. Lá, entre uma zoação e outra, são narrados os ‘espancamentos’ mais marcantes da semana; ficam conhecidos os rostos que antes eram apenas nomes; são comentadas as situações de perigo, ou até mesmo as ‘rodadas’³⁰; são trocadas novas táticas de atuação; são formadas novas siglas; são negociadas e resolvidas as possíveis rixas; mas tudo regido pela informalidade própria de um encontro juvenil.

Entre tais acontecimentos próprios destes encontros, a negociação das rixas é mais uma ferramenta de sociabilidade importante para a manutenção e certa organização da cultura. A principal causa são os “atropelos”, quando, por descuido ou por intenção, a tinta de um nome esbarra ou passa por cima de outro ou de outros. De todo modo, assim como não existem lideranças centrais, a resolução de tais situações se dá, na maior parte dos

³⁰ Quando são flagrados e sofrem represálias de policiais, seguranças ou moradores.

casos, por meio da conversa entre as partes envolvidas, ou entre as siglas pertencentes. Uma desculpa pública por meio da inserção de um “foi mal” ao lado do nome, geralmente resolve (lembrando que isso é bem próprio do Xarpi carioca, ganhando ares mais eXtremos e violentos em outras capitais). Porém, em alguns casos, especialmente quando o “atropelo” é intencional, a negociação pode demorar mais e envolver um maior número de pesso-



Alunas da minha turma de Educação Estética olhando uma pasta de piXador.

as. Certa vez, um grafiteiro que também tinha uma marca de roupa, resolveu utilizar toda a parede da estação da Leopoldina³¹ para um trabalho, sendo que esta, era uma parede ‘reliquia’, visto a quantidade de nomes nela imortalizados. Para este ‘atropelamento’, não podia ter outra

resposta que não fosse na mesma moeda. Dias depois, a parede amanheceu repleta de nomes por cima do grafite, agora desfigurado.

Outra prática muito comum nas reús são as trocas de assinaturas, cobiçadas especialmente por aqueles que se ocupam em organizar pastas a fim de garantir a documentação e a história desta cultura pela qual tem tanto carinho, que no Rio de Janeiro já possui cerca de 30 anos. Deste modo, como as reús são os melhores momentos para encontrar o maior número de praticantes, ex-praticantes e admiradores, é nelas também que se dá o ambiente ideal para tais trocas. Risca-se o nome numa folha de papel que vai direto para as pastas destes colecionadores. Afinal de contas, qual cultura não se ocupa em preservar sua história, seus atores, seus feitos, seus heróis? Mas não só de nomes é composto tal acervo, alguns vão além e arquivam, inclusive digitalmente, todas as matérias veiculadas pela

³¹ Tradicional estação de trens do Rio de Janeiro.

mídia que, de alguma maneira, se ligue ao Χαρπι. Seja uma denúncia, seja um “patrimônio ultrajado” como na foto anterior, ou até mesmo um edital de moda tendo as paredes piXadas como cenário; tudo vai pro acervo.

5.2.1.. EU SAIO EM TODOS OS JORNAIS!! MUITA MÍ DIA!

De todo modo, a maneira de captação deste material que mais me impressionou foi a feita a partir de imagens publicadas na imprensa oficial, seja pelos jornais impressos, pela televisão ou pela internet. O mais interessante é que esta busca não se importa, não liga, não está nem aí para o conteúdo das matérias, para o significado das manchetes, ela se limita a ver as imagens pelas imagens e mais nada. Melhor dizendo, passeia-se pelos jornais, assiste-se à televisão e aos vídeos *online*, dando muito mais atenção às imagens em si que aos objetivos oficiais delas, ou melhor, atribuem, revestem as imagens com um outro significado, com um outro objetivo e interpretação completamente rebelde e imprevisível.

Eu não leio jornal, eu vejo as foto, depois, só se tiver algo de meu interesse que eu leio. Como na televisão, primeiro eu vejo o que está no fundo, só depois que eu ouço.” (NUNO em conversa)

Abaixo coloco duas imagens, a primeira retirada da coluna de Anselmo Góis, no Globo, e a segunda captada a partir da televisão do programa Balança Geral:



Ao lado da lixeira da prefeitura, o nome do NUNO



Nome do NUNO, e não só dele, ao fundo.

E ainda tem gente que acredita em leitura de imagem, ou pior, alfabetização visual (disciplina inclusive presente nesta faculdade) ou, indo mais fundo, educação estética (disciplina que ministro, mas não escolhi o nome³¹). Por exemplo, se houve uma enorme batida de carro que parou o Rio de Janeiro e ganhou as telas, as páginas da imprensa, o que importa, de fato, não é saber a gravidade do acidente, sua causa e seus efeitos de engarrafamento, mas sim ficar atento para perceber, mesmo que no menor e menos focado espaço possível, quais os nomes estavam no muro que, acidentalmente, apareceu na foto ou no vídeo. Um assassinato importante aconteceu e a cena foi filmada ou fotografada. Quem morreu? Como foi? Importa muito menos, ou nada, frente à parede sobre a qual o corpo caiu, afinal de contas, ali está estampado o seu nome, você está na mídia, o fetiche visual que engrossa o caldo da cidade não só está em você, como te constitui, é grande parte de você. “A maior mídia!” dizem eles, e daí não há mais como negar o nosso papel, mesmo que micro (muitas vezes nem tão micro assim) na constituição e na vivência dos fetichismos visuais que são, grosso modo, o que fazem da comunicação contemporânea urbana, talvez, o maior fenômeno antropológico e social no qual, mesmo que passemos sem dar conta, somos parte integrante, ativas, enunciantoras de comunicação. Somos, de fato, a maior mídia, maravilhosamente e saudavelmente desobedientes em alfinetar, em dissolver o poder das que se intitulam grandes, especialmente das jornalísticas que não sabem de nada sobre o que se passa por aqui. O cotidiano e suas táticas sempre estarão bem humorados para pregar suas peças. Certa vez, um jornalista disse a uma piXadora que não fariam mais matérias sobre esta cultura, visto que isso a alimentava e a fazia crescer (tudo isso justificável e muito bem justificável sob o dogma de um jornalista socialmente responsável – quanto enjojo!). Agora, com este novo modo de ler jornal e ver televisão, atento

³¹ Mais um escorregão! Pelo visto, sou como a cidade que me apaixonei em viver-pesquisar, em frangalhos, vacilante, em pedaços irreconciliáveis, ou melhor, apaixonante. Como Paulo Sgarbi me disse “logo você que não liga muito para as nomeações?” Tudo bem, de todo modo, é logo na primeira aula que digo “quanta ousadia este nome, não é mesmo? Logo uma das forças humanas menos educáveis, a força estética, sendo posta aqui como algo pedagogizável, aff!”

apenas às imagens, como filmar a cidade, especialmente seus cantos mais problemáticos, sem mostrar, mesmo que de passagem, mesmo que sem nem saber, as piXações? Na edição, podem até tentar desfocar, e, com certeza conseguirão, são habilidosos nisso, mas eu e meus amigos conhecemos cada esquina desta cidade e saberemos que ali, onde a maioria só vê desfoque, nós vemos nossos melhores amigos e companheiros. Mais uma vez, quanto se perde...

Já que falei de táticas, é honesto fazer uma referência a Michel de Certeau, que nos presenteou com seu conceito de tática, mas que aqui trago uma outra coisa que, no fundo, é a mesma:

Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade. (1994, p. 175)

Após esta frase, poderíamos levar o senhor Certeau para acompanhar algumas missões do Xarpi e conversar com alguns destes meninos e meninas multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos? Escapam e, não só isso, dissolvem, portanto, a disciplina sugerida pelo fetichismo visual e pela linguagem publicitário-jornalística, justamente por estar eXtremamente e vificamente dentro dele. É neste sentido também que, mais pra frente, falaremos, como anuncia Certeau ao propor a partir destas indisciplinas, uma aproximação a “uma teoria das práticas cotidianas”, numa possibilidade de ver neste crime e, certamente, não só neste, fontes de inspiração prático-social para se pensar o espaço vivido, a familiaridade da/com/na cidade e mais do que isso, uma pedagogia urbana.

5.3.. XARPI DIGITAL.. PEDRA E PIXEL.

Retomando a construção do acervo de imagens, assinaturas, histórias e tudo mais que constitui esta cultura, podemos dizer que, hoje, é um acervo que ganha vida e respira na própria volatilidade da internet, em especial nos *fotologs*, que, por estarem facilmente interligados por meio de *hiperlinks*, vão tecendo uma rede diária de visitas e possibilidades de comentários, os quais são, de fato, a expansão das réus que, hoje, não se limitam mais à praça, ganharam a rede, se dissiparam entre as trocas de mensagem pelo *fotolog*, os *scraps* e *posts* do orkut e as cada vez mais lotadas réus virtuais tanto pelo MSN³², que costumam acontecer toda quarta-feira, como as no já falado e lotado *chat* da Rádio Gruta.

E não foi só no ambiente urbano que me aventurei, que me arrisquei, utilizei a internet (a internet já não é mais ou menos urbana e vice-versa?) também para isso. De todo modo, apesar de não pôr minha vida física em risco, como em algumas situações do documentário, são as mesmas plataformas simbólicas existentes entre sujeito e objeto de pesquisa que busco também nesta experiência 'internética' (prefiro internética à virtual, porque pode soar diferente do real), romper e aventurar. Há tanto de mim no objeto, há tantas falas no objeto, há tanto do objeto em mim, há tantas aflições parecidas, mas bem, esta discussão já tomou grande espaço no capítulo sobre a conversa como metodologia-filosofia de pesquisa, afinal é basicamente nela que, toda possível distância segura escapa. Por agora, vamos à experiência na internet que não passa de uma experiência de conversa, mas que por alguma razão eu não deixei no capítulo sobre a conversa.

Minha ideia foi, ao invés de apenas visitar e analisar os *fotologs* dos piXadores, como uma pesquisa mais tradicional poderia ter feito, resolvi criar o meu *fotolog*, entrar na rede deles (ou seria nossa?) e ser parte ativa da criação ininterrupta de fluxos comunicacionais. Frases das cidades foi o nome que escolhi para o meu *fotolog* e, nele,

³² Programa de mensagens instantâneas mais utilizado no Brasil.

como já anuncia o nome, foquei nas frases colocadas, muitas vezes, ao lado dos seus nomes, uma vez que vejo nelas um momento em que a aparentemente fechada cultura do Xarpi, usa uma gramática mais geral, para que todos, mesmo sem saber quem foram os autores, possam ler e ser impactados de alguma maneira. Talvez este seja um flagrante evidente da insuficiência de uma cultura se fechar 100% sobre si mesma. Então, passei a postar constantemente fotos destas frases aliadas a alguns pensamentos provocativos sobre elas, esperando, a partir de então, os possíveis comentários de demais pessoas presentes naquela rede, em sua maioria, obviamente, piXadores. E não só isso, passei também a frequentar e a atuar nos *photologs* dos demais participantes, criando, assim, mais um mecanismo de mergulho e afetação minha junto ao objeto (ou seria sujeito?) da pesquisa. Escolhi as mais significativas para a pesquisa (que podem, e provavelmente serão, diferentes das que você escolheria, portanto, feche essa dissertação! Ande, escape dela! Visite o *photolog* – www.fotolog.com/frasesdascidades e, logo em seguida, abandone-o, siga pelos outros linkados na coluna da direita! Mova-se! Encante-se! Enoje-se!) e as coloco aqui agora junto com as fotos e pensamentos postados³³:

³³ Obviamente que aqui, apesar de eu ter selecionado os comentários que julguei mais significativos, eles não foram corrigidos diante da gramática oficial portuguesa, tanto para ser mais fiel quanto para deixar estampada as novas línguas internéticas que circulam cada vez mais por aí.

Dizem que somos loukos



13/08/08

129

Inaugurando o Frases da Cidade!

Dizem que somos loukos, mas apenas evidenciamos o caráter vivo na metrópole!

Flagramos a insuficiência de seu projeto de segurança e limpeza! Deflagramos os gritos dos que deste projeto zombam com a maior sabedoria!

Vida longa ao Frases da Cidade!

mafia44_mafia44 disse em 13/08/08 20:30

MUITO BOA A INDEIA MANIN....

JA TA ADD AKI JA ADD AI TBM.....

GOABOY TI 44 + MAFIA 44

instintourbano disse em 13/08/08 21:25

TAMU JUNTO MANO.....

Aqui eu não 'perdoou!!!



17/08/08

Não é só ele que não perdoa, mas a própria ebulição polifônica da cidade impede o perdão. Está tudo na nossa cara e ninguém tem o direito de não ver!

Bem em baixo do nosso nariz.

acaoam1984 disse em 18/08/08 07:36

Rua uranos esquina com Euclides Faria.

mafia44_mafia44 disse em 18/08/08 09:12

NAO TEM PERDAO MSM NAO.....

saby86 disse em 18/08/08 09:35

Muito boa a sua ideia, tbm acho muito foda frases nos muros, afinal o recado tem que ser dado..... vou ver se acho alguma frase do eterno PLANO de SG e mandar pra vc.....

gop_31 disse em 20/08/08 11:04

SE FRASES DE AMOR, PRA TI FOR BEM ACEITO, LA NO MEU FOT TEM ALGUMAS SICERAS E BONITAS HOMENAGENS PARA MINHA PATROA,RSRSRRS....

130

BANDIDOS DO CÉU



22/08/08

Se a cidade cresce pra cima, nós como corpos confundidos com ela, também subimos junto, escalando as zonas de perigos inventadas por aqueles que não sobreviveriam sequer um segundo nelas. E o pior, estes que dormem nas coberturas discursam sobre um céu ilusório, só deles...

Quando eles fecharem os olhos, dormirem, alguém espancará a sua janela. Vc tem direito de dormir tranquilo? HA HA HA NÃO!

saby86 disse em 22/08/08 13:25

Sempre com belos textos, show de bola.....

Já achei uma frase maneira ,quando tirar a foto vou mandar pra ti.....

131

1 MINUTO DE FAMA



24/08/08

Se a mídia brinca com a gente, nada melhor que brincar com a mídia. Ainda há algo de público no espaço que se diz público. Parece redundante, mas não é, geralmente toda coisa oficial que se auto-intitula pública o é apenas para os que são donos dela.

Mas os vírus também querem seus minutos de fama. E sem dó vamos lá e tomamos ela, sem pudores!

saby86 disse em 25/08/08 00:11

Show de bola, muito bom o q vc está fazendo, nem sei se vc é charpi ou só um admirador mas acho muito legal sua iniciativa.....

Já tirei uma foto com uma frase ,depois te passo.....

gop_31 disse em 25/08/08 13:37

QUEM FOI QUE DISSE, QUE NO MEIO EM QUE VIVEMOS SOMOS TODOS MARGINAIS, TAMBÉM TEM GENTE MUITO CULTA, E VOCÊ É A PROVA DISSO MEU CAMARADA,PARABENS PELOS TEXTOS EXPLÍCITOS A VERDADEIRA REALIDADE EM QUE VIVEMOS,ABRAÇO.

pekenagigante disse em 26/08/08 13:17

eu já passei por esse lugar ai!

nas minhas férias do trampo , eu vou passar um semana ai,

bora marcar de dar um rolê heim

abração

DI LADIN



26/08/08

Para além da verticalidade e da horizontalidade da cidade, tem horas que ela se esgueira, torna-se diagonal. Mas nosso corpo continua subindo, não perdoando nada. Seja de que jeito for, é tudo nosso.. até di ladin!

edfoda08 disse em 27/08/08 21:45

É

DI

LADIN

DIN G DIN G DIN G DIN G DIN G DIN

le_doidera disse em 28/08/08 00:28

os mlk brincaram !

criativo

passa la depois

vaLEu. paz

bali - le

admiradordaarte2 disse em 28/08/08 10:50

Caralho... geral cheio de neologismos!

canil_cyck disse em 28/08/08 12:54

di ladin é gostosin...rs, mandou bem!!!

133

SEM DESCANSO



29/08/08

Pode ser que seja onde a maioria dorme que os organismos das cidades trabalhem mais inquietantemente, ou seja, SEM DESCANSO! Quando todos acham que por cessarem os engarrafamentos, a cidade dorme, SEM DESCANSO ocupamos este espaço só aparentemente inabitado!

instintourbano disse em 30/08/08 03:07

SEM TRÉGUA!!!!

acaoam1984 disse em 30/08/08 07:55

Vocês não dormem mesmo.

saby86 disse em 30/08/08 11:00

Talvez pela pressão da vida não podemos descansar.....

134

CULTURA REAL!



01/09/08

Quais os fatores que levam uma cultura a ser real, ou mais real que outra? Até que ponto afirmar a sua própria cultura como real é afirmar que outras não valem nada?... Só reflexões que estes muros me fazem ter...

saby86 disse em 02/09/08 09:37

Difícil saber o que é real ou não, ainda mais se tratando de cultura.....

hairxarpi disse em 02/09/08 10:58

eu creio q o nosso movimento seja real.....

é só ver o q fazemos nos muros.....

agora não sei até q ponto é cultural ou artistico.....

real eu sei q é.....

gop_31 disse em 02/09/08 11:49

PARA UNS NÃO PODE SER REAL, MAIS PARA MIM O Xarpi É UM FATO!

135

Não sou do Inferno, mas o meu piche é eterno



05/09/08

Se para a vida pulsar é preciso o convívio com as imperfeições, o céu em sua plenitude deve ser uma inércia de sorrisos sem graça! Fervilhar no inferno, eis a paixão, eis a graça da vida!

saby86 disse em 05/09/08 15:51

Tão infernal como nosso dia a dia.....

gruta5estrelas disse em 06/09/08 15:20

muro muito eterno na cohab em ramos.

add aí,

irmandadisagrada disse em 09/09/08 01:13

Só feras, Bofe, Bolt, Plaf e essa frase ficou engraçada.

136

NA CARA DOS HOMENS. . .



11/09/08

Está tudo lodo de baixo do nosso nariz, tudo tão na nossa cara, mas somos levados pelos ditos oficiais a transcender por um projeto de limpeza ilusório. Ingênuos os que pensam sobre como o mundo deve ser, viva aos que vivem o mundo que é, que está sendo!

acaoam1984 disse em 11/09/08 15:48

Metete a cara mané.

instintourbano disse em 11/09/08 15:58

A CHAPAAE É KENT.....NA CARA E NA CORAGEM.....

saby86 disse em 11/09/08 16:01

Existem muitas coisas que estão bem na nossa cara e não conseguimos enxergar.....

137

Arte + Crime + Amor



15/09/08

O amor transborda pela cidade, atravessa os limites do corpo, vai longe, indisciplinado. Amor, crime e arte - coisas só aparentemente divergentes, mas que juntas provocam uma verdadeira orgia.

Galera que convidei para ir à UERJ amanhã. Tudo confirmadasso! Podem confirmar por aqui mesmo. De todo modo, ligarei pra vocês logo logo.

Na porta de entrada da UERJ às 16:15! (ver p. 314)

instintourbano disse em 15/09/08 12:19

confirmado!

nath__paesleme disse em 15/09/08 12:25

confirmado!!!!!!!!!!!!!!

bjos gugaaaaaaaaaa

edfoda08 disse em 15/09/08 18:16

CONFIRMADO!!!!!!!!!!!!!!

saby86 disse em 15/09/08 21:00

O mistério do amor é maior que o mistério da morte..... (Oscar Wilde)

138

O POETA É VOCÊ QUE LÊ



14/10/08

Antes de tudo! FOI MAL O SUMIÇO GALERAAAAA! Mas como alguns sabem, graças a minha pesquisa, vim parar em Roma para um curso de antropologia cultural e por isso andei um pouco sumido, mas mesmo daqui, retomo agora o *fotolog*, como a mesma acuidade de sempre, mas agora com algumas frases italianas, que tal?

De fato, se o ocidentalismo atribuiu a quem escreve o título de poeta, isso já está mais do que antiquado e retorgrado, o poeta, de fato é quem lê! Na cidade, o poeta é quem, em seu percurso, dá espaço a uma ou várias olhadas de lado, esquecendo um pouco, ao menos por alguns segundos de olhar só pra frente. Poeta na cidade é aquele que não se limita a andar somente nas vias principais, mas pega errôneamente as laterais, indisciplinando o percurso já posto. PiXadores, os poetas da rua!

acaoam1984 disse em 14/10/08 15:19

Gostei dessa,poetas da rua.

saby86 disse em 14/10/08 20:09

Show de bola. Parabéns ppelo trabalho der dado frutos.....

fotra_ag_1990 disse em 27/10/08 15:47

APROVEITA MANO E REPASSA TUDO Q TEM AÍ PARA TODOS DAKI...

139

Anti-Graffiti! HA HA HA Ingênuo



22/11/08

Fala Galera!

Bem, mais uma vez ando meio sumido, mas é que fiz um pequeno giro pela Europa e agora, estou com um mega arsenal com mais de 4 mil fotos de piXaÇÃo.

Bem, desta vez não é de fato uma frase no muro, mas num carro que achei em Berlin, uma das cidades onde a relação entre a cidade e os muros é mais intensa e além disso, histórica. Por isso, suas superfícies são, de fato, vivíssimas.

De todo modo, sempre tem os sonhadores de uma cidade limpa, quer dizer, morta. E ainda tem uns que, espertamente, lucram com o grafites. Pensem, o sucesso total desta empresa será justamente o decreto da sua falência.

Dia 8 de dezembro estarei de volta e estarei no XRF FATO!!

familia5estrelas disse em 22/11/08 14:39

uma vez grafitei com um amigo da alemanha aki no rio e ele falou que la tem policia especializada só pra pegar grafiteiro, tem helicoptero e tudo..la a cena é muito mais forte que aki.. mo doidera essa foto ai valeu cara abraço!

Stile

saby86 disse em 22/11/08 14:42

Essa foi boa..... os muros de Berlin tinha muita pichação ,só esqueci qual dos lados pq

140

na outra se vc fosse pichar ficava por la mesmorsrs

nath__paesleme disse em 22/11/08 14:59

kero pichar a europa todinhaaaaaaaaaaaaaa

pragado_sistema disse em 24/11/08 06:19

bem loko eim

mais ae q carro é esse? falow aliado fika na paz!

((PrAGAS*DO*S1ST3MA)) 13 anos na luta deixando o sistema de refem!

boyplay1622 disse em 24/11/08 10:39

“ CALÇA DE VELUDO ou BUNDA DE FORA “ PIXAR ESSE CARRO TODO . !

RSRSRS ABÇ IRMÃO !

141

BE VANDAL



27/11/08

Um pouco de vandalismo somado a um bom humor faz da ironia e da falcatura as chaves para se entender e mergulhar na arte contemporânea e na vida da nova metrópole!

saby86 disse em 27/11/08 11:33

Será que vc é vandalo por fumar? rsrs

acaoam1984 disse em 27/11/08 11:49

O vandalismo está em todo lugar.

daniel_tj disse em 27/11/08 11:51

Boa tarde.

Uma boa frase pode marcar uma pessoa para sempre.

Foi uma frase de um pichador que me fez olhar para os muros.

Abraços.

142

Momento de Liberdade



14/12/08

É justamente quando a juventude zomba de algumas leis que ela chega o máximo possível próximo de algum sentimento de liberdade. De todo modo deve ser ágil, no corre, uma liberdade que não tem espaço para relaxamento. Mas tudo com muita rizada!

saby86 disse em 15/12/08 09:08

Momento de liberdade são raros hj em dia.....

143

Capitalizado, vendido... mas é pelo bem!



21/12/08

Pelo bem, em nome de um determinado regime de verdades chamado regularmente de “bem”, são acometidas as maiores violências. Digo maiores justamente por serem simbólicas, por ferirem o espírito e não a carne diretamente.

Em nome do “bem”, ou melhor, em nome desta inofensiva loja do Shopping Rio Sul, o Xarpi fica assim, domesticado, sem forças, até “bonitinho” no pior e mais nefasto dos sentidos.

Ao menos a rua e a cidade inteira continua rindo disso tudo, sem nem ligar!

Na corrida das filmagens.. vamo q vamo!

saby86 disse em 22/12/08 08:02

Até que é maneiro por um lado ,quem sabe não vejam os pichadores com menos preconceito mas por outro é meio estranho ser um produto de loja já q todos criticam essa arte....

MADE IN COMPLEXO



09/01/09

Do local ao global, o Xarpi ao mesmo tempo que afirma seu lugar de pertencimento, quebra todos os limites da geografia, uma cidade sem fronteiras. Seja na vertical, do baixo ao 10o andar; seja na horizontal, da Pavuna ao Leblon.

É o fazer simbólico inexplicável!

nathna disse em 10/01/09 10:20

gugaaaa e suas postagens.

um dia escrevo textos iguais aos seus

vuto_lm disse em 17/01/09 14:06

FALA MEU GRANDE AMIGO GUGA.

FOI MAIOR SATISFAÇÃO TER CONHECIDO VC E O MARCELO

ESPERO PODER TROCAR NOVAS IDEIAS COM VCS..POW NAQUELE DIA

PARAMO O TRANSITO CARA,COISA DE DOIDO MSM

145

Então vc veio me matar não é... Toma Toma Toma



19/01/09

Se vc é um arteiro e sua arte possui uma estética que vai de encontro à limpeza tão sonhada, sobre você já estará justificada o maior dos crimes simbólicos, o aniquilamento estético... Mas vc ri disso tudo e... Toma Toma Toma

passeivi disse em 19/01/09 14:26

caraca isso ai era um funkão das antigas ! hehe
abraços!

146

Arte é valor. Roube!



27/01/09

Seria o roubo da arte um ato artístico, poético? Seria o roubo mais um conceito de arte? Levando para o campo visual, a cidade não permite mais a propriedade do visual, tudo é de todos e nada é de ninguém. Roubo do visual, interferência na paisagem, indisciplina na arquitetura. Não seria este roubo uma forma de manter a cidade viva? Não estaria a destruição sempre vinculada a uma construção?

Perguntas sem respostas prontas, são melhores que as decorebas, intensificam o pensamento.

irmandadisagrada disse em 27/01/09 06:36

Cada um com seu ponto de vista, Apoio totalmente a liberdade de divulgar opiniões mesmo que não concorde com elas, defenderei sempre o direito que todos tem de dizelas.

Abração do amigo Sany

nathna disse em 27/01/09 06:46

Faço das palavras do Sany as minhas.

Sou pichadora e não ladra.

Mas cada um com seu cada qual.

Grande abç!

147

gamel_g80 disse em 24/02/09 20:18

Quem nao faz nada de errado??? O mundo ta cheio de hipòcritas que chega a dar NOJO
!!!

gdbdbdg disse em 26/02/09 21:27

O hiphop sempre roubou as bases do James Brown - que na hora de tocar quer mais é casa cheia!! Anonimato é que é perigoso! Se tiver um pouco de respeito ainda vai bem também! Roubo? Existe? Então vira homenagem, né?

Caraca, filosofei...

148

Não Pixe, Crie!



03/03/09

Assinatura de uma pintura feita no muro de uma madeireira em Olaria.

Agora me digam, me parece que este rapaz limita o ato de criar a tudo aquilo que lhe conforta... uma estética disciplinada, confortável, higiênica, que não cause falta de ar e se possível com lucros e cores.

Que para ele o Xarpi apenas destrua, isso só dará mais potência, afinal toda criação mais sublime prevê uma grande destruição. Enquanto isso a criação do “bem” limita e aniquila o poder estético do que julgam como “mal”... invenções deste mundo cheio de moralizações estéticas.

Compareçam ao próximo - - o Churras da Sul! Estaremos lá em uma das últimas filmagens pro filme! Apareçam todos!!!!!!

qualetio disse em 03/03/09 23:26

Nada se cria , tudo se copia ou será q não? Eis uma pergunta q fica sem resposta

hairxarpi disse em 04/03/09 08:11

nesse caso ai....seria

não crie....pixe.....kkkkkkkkkkkkkk

viras98 disse em 04/03/09 09:07

criando piche nas ruas rrsrsr !!!! blz cara !!!! viras

149

edfoda08 disse em 06/03/09 11:57

XINGU MORA AKI NA AREA...KKKKK MO SEQUELA DO CARALHO ..KKKK

Continuando neste caminho do “Xarpi digital”, um *blog* ganhou destaque por ser, talvez, o único a focar exclusivamente o tema da piXaçãO. Falo do “Paginas de Tinta”¹⁴, o qual passou um bom tempo publicando, quase que diariamente, longas entrevistas com esta menina do “bonde do Xarpi”, tanto com os mais novatos, as revelações, quanto com os mais lendários, com os históricos. Mesmo tendo as entrevistas como principal tipo de postagem, o *blog* também já abriu espaço para artigos, tendo sido inclusive um meu (pode pôr no Lattes?), notícias e, até mesmo, histórias de consagrados piXadores falecidos, como o eterno “CAIXA”. Lembrando que, por este *blog*, eu tenho um carinho muito especial, uma vez que, foi meu primeiro achado, minha primeira fonte de contato. Quem o comandava e o comanda ainda hoje (mesmo que numa frequência mais moderada) é o Nuno (aquele que costuma ver de cima quando passa a viatura), o qual teve papel fundamental no meu percurso dentro desta aventura (ou seria pesquisa?). Sendo assim, as pas-tas, os *fotologs*, as comunidades do orkut, os *posts* do “Paginas de Tinta”, e finalmente as reús, caso mantenham esta intensa troca de informações e materiais, já podem, de fato, garantir a existência de uma biblioteca do Xarpi carioca. O patrimônio e a memória estão assegurados, mas sem a cafonagem de uma política de restauração.

5.3.1.. uma câmera numa mão e um jet na outra.

Neste cenário que trafega entre o real e o virtual, entendendo-os não como dualidades, mas como noções que se perpassam, se confundem, e levando em conta a gradativa perda do valor transcendental e aparentemente descorporificado do produtor audiovisual, em virtude do alargamento alcançado pela popularização de uma série de novas tecnologias, tanto de produção como de distribuição, a galera do Xarpi, condizente

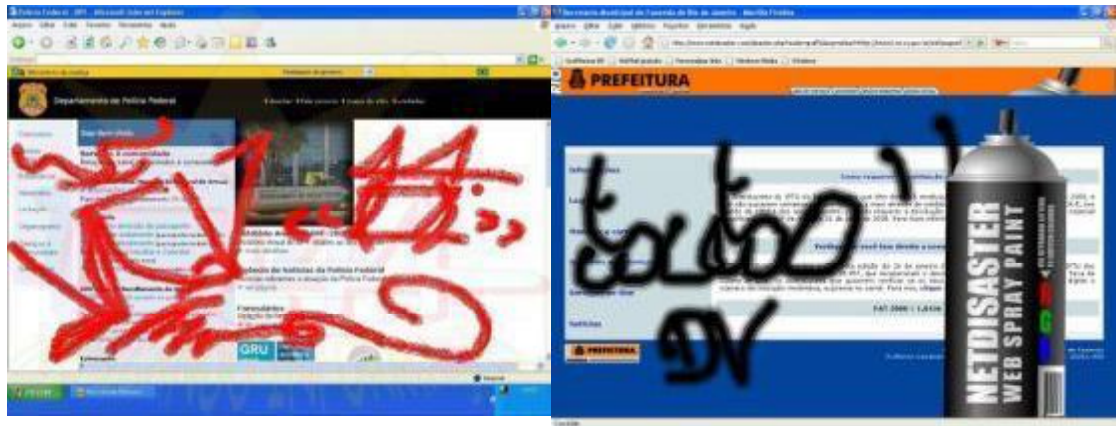
com a sua condição juvenil, rapidamente se adaptou, ou indo além, criou novos valores de sociabilidade cotidiana através destas novas possibilidades audiovisuais, que ganham em intensidade, especialmente quando são pesquisadas na potência de suas vinculações a tais sombrias culturas, cuja atuação encontra na internet e nas madrugadas inabitadas, a volatilidade e segurança ideal para seu hibridismo identitário.

O audiovisual, nas mãos não só do “bonde do Χαρπι”, deixou de ser objeto de consumo para tornar-se ferramenta de manipulação, de poetização, de expressão. Não basta mais desenvolver uma caligrafia, criar um nome, escalar o mais alto, espalhar o mais longe, conhecer todos os redutos da cidade, é preciso levar esta força impactante para todos os ambientes propícios de estetização e de fetichização, ou seja, para um protagonismo da comunicação, mais uma vez, especialmente a visual. Não há mais cultura contemporâneo-urbano-cosmopolita que não destine à produção e distribuição de vídeos um papel central na sua produção de significados, em seus processos de sociabilidade, e o Χαρπι, tendo a comunicação visual como base de seus impulsos estéticos, de forma alguma, escapa disso. Neste sentido, a internet e sua nova capacidade de armazenamento de vídeos, em especial pelo site YouTube, se transforma numa nova plataforma para as artistagens que, mesmo não saindo das sombras madrugais, ganham a luminosidade do monitor. Sejam vídeos das ações, montagens com fotos, registros das reús, ou vídeos das pastas, todos os elementos passam a ser passíveis de captação e poetização. A palavra passível dá até um tom de autorização, mas não é bem assim, tudo é tomado a reboque, de impulso, não se pede permissão, não dá nem tempo de alguma autoridade autorizar, caiu na rede, já era, mais uma vez, “é tudo nosso”.

Por isso, é cada vez mais comum, hoje, o piXador ampliar sua capacidade de comunicação e, por isso, como já questionei acima, a internet vai, em certa medida, se urbanizando, ao passo que o urbano se internetiza, numa simpatia estética que, aqui, tem a

ilegalidade, o inesperado como sentidos de aproximação. Assim, não só a internet é influenciada e alimentada pela cidade, mas o contrário também acontece na mesma intensidade. Uma ruela pouco habitada, pouco trafegada, antes esquecida tanto pelo piXador quanto pelos publicitários, por não atingir os olhares dos passantes, agora pode ser ocupada, utilizada e artistada, especialmente por esta meninada, afinal de contas, é mais seguro, mais difícil de rodar, e a publicação em um *fotolog* ou em um álbum do orkut, com boa divulgação, torna aquele espaço *quase-nunca-visto* em um potente atrator¹⁵ visual. Da via expressa super povoada ao *fotolog* mais visitado, do monumento central ao vídeo mais assistido, as simpatias e os fetiches visuais dão indícios de que a diferença entre eles está cada vez menos clara. Portanto, não são poucos os piXadoradores que, agora, precisam de dois compartimentos, um para guardar o *jet* e o outro para guardar sua câmera digital.

E não é só o muro que se transfigura em *site*, o *site* também se torna muro, mesmo que seja com muito menos potência. Alguns *sites* como o *Paint that Shit* (www.paintthatshitgold.com – em português: pinte esta merda – ainda no ar) e o *Netdisaster* (www.netdisaster.com – em português: desastre na rede – denunciado e posto fora do ar pelo Yahoo! e pelo Ebay) possibilitam você carregar qualquer outro *site* da rede, e sobre ele, através de um *jet* virtual, pôr seu piXe, fazer seu desenho, qualquer coisa. De todo modo, não há como comparar a potência, afinal de contas, mesmo que algumas grandes marcas, como aconteceu, se incomodem, este não deixa marcas. Assim que você atualiza a página, tudo volta ao normal. No entanto, não é por não ter potência que deixa de ser significativo, até porque, entre a galera do Xarpi, os poucos que se aventuraram nisso (saudavelmente preferem as escaladas), escolheram o *site* da prefeitura do Rio de Janeiro ou da Polícia Federal. Por que será?



Enquanto a mão suja a câmera de tinta, a câmera digitaliza a tinta e, no meio disso tudo, o que parecia ser inanimado ganha vida, torna-se sujeito ativo, pulsante. O analógico e o digital se aglutinam e, mais uma vez, os eXtremos, os riscos demolem uma série de dualidades, pondo-as em um convívio audaz.

De todo modo, assim como a técnica e o risco da utilização do *jet* de tinta andam juntos, o mesmo acontece com a câmera. Se o local da missão é muito escuro, se não há uma iluminação noturna que daria um clima mais ativo à foto, que se deixe a luz acender, que a festa termine, mas pela manhã, já sóbrios, a cidade põe em cena, bem focado, seus últimos feitos artísticos, ou melhor, arteiros. Após o sono, geralmente meio atrapalhado pela quantidade de adrenalina que faz o corpo tremer, o piXador retorna ao local, agora para o momento contemplativo, filma, fotografa, eterniza. Hoje já não é mais apenas a pedra que eterniza, a imagem também, a urbanidade da internet, o digital faz o analógico se perpetuar, pedra em pixel, pixel em pedra. Se alguém apaga no dia seguinte, a dor é grande pro arteiro, mas, se já foi filmado, fotografado, disseminado e compartilhado, a dor diminui numa nostalgia da memória documentada, arquivada. Como aconteceu com a gente, certa vez, durante a filmagem do documentário. Em uma daquelas madrugadas, passamos boa parte dela filmando Fyt e Luri *arteirando* por Botafogo. Em uma das missões, na Rua São Clemente, eles subiram nas janelas do primeiro andar, puseram seus

nomes, escreveram a frase “MUITO RISCO PARA UM RABISCO”. Contudo, no dia seguinte, já ao meio dia, passei novamente em frente ao local, todo animado, querendo ver aquela obra amanhecida, quando, para minha surpresa, já havia sido apagada. De todo modo, o HD da câmera guardava a memória da cidade em *high definition*.

Mais uma vez, feche esta dissertação, abandone-a por um tempo, ou para sempre se preferir, a documentação desta galera está na rede. Visite já o Youtube e digite Xarpi! Ou melhor, já dei uma facilitada para você, alguns vídeos estão na seção “Youtube” do DVD desta dissertação, mas não se limite a ele, vá à rede, há tanta coisa que eu deixei pra lá, que vi e já esqueci, que sequer encontrei, além de todos os vídeos postados enquanto você lia isso aqui. De qualquer maneira, enquanto você fica aí assistindo vídeos, vou continuar escrevendo. Te pedi para abandonar meus escritos? Não acredite em mim, tudo isso é puro charme, tudo é um jogo de sedução, se você me obedecer, na ilusão de que, seguindo o que o autor pensa, você o lerá melhor, não terá compreendido bem o sentido do trabalho, e pior, me sentirei abandonado. Portanto, continue lendo ou...

Um vídeo que me chamou muita atenção por ser eXtremamente significativo para se pensar esta relação multiforme entre *fotofilmagemcorpocidadeXarpi*perigo chama-se “Passeio na Perimetral”, e pode ser visto tanto no DVD quanto no link: <http://www.youtube.com/watch?v=0HEfXzFYGq0> . Nos primeiros segundos, o vídeo anuncia o seu propósito “com o Xarpi incluso na era digital, ficou mais fácil divulgar as ‘obras’ de cada piXador”, logo depois emenda – “acompanharemos NUNODV indo tirar fotos de uma de suas saídas. Repare que o momento da foto pode ser tão ou mais difícil que o ato de Xarpi”. Logo de cara, vale a pena pensarmos porque que ele fez questão de por aspas na palavra *obra*. A meu ver, de imediato, os mais arte-educadores (Os premiados! Os mais publicados! Os pesos-pesados! Mais Anti-Educativos, Aiai Não Adianta!) pensarão “Tavendo, ele mesmo sabe que aquilo não chega a ser uma obra de verdade”. Repito, mais

uma vez: o quanto se perde! Da mesma forma que isolam o artista em um local sem força, sem eXtremeza, ao se negarem o papel de artista, mas sim de arteiro (Quanta sagacidade! Que drible!), como então tirar de seus feitos também o peso de OBRA? As aspas têm o poder de dissolver, de dar mais leveza para continuar. Talvez a Arte seja tão sem graça, tão cafona que, ao não se encontrar uma palavra melhor, usa-se obra mesmo, mas com aspas, por favor! (Mais um drible!) Vale a pena reforçar este belo drible com um rápido pensamento sobre a construção da ideia e da super-valorização do que se passa a se entender como Arte, sem esquecer que, para isso, serve como base, uma construção super habilidosa de uma linguagem própria que sustenta seus aspectos sublimados.

A linguagem específica com a qual se discute o mundo da arte é uma cortina de fumaça que confere uma mística ou aura especial a esse aspecto da vida burguesa. A burguesia classifica suas preferências como “arte”. A própria linguagem confere um status distinto ao que é apreciado. (TAYLOR, 2005, p. 48)

Subindo pela mureta estreita, com espaço para pouco mais que meus dois pés, de um dos mais altos e longos viadutos do Rio de Janeiro, tão alto que nem é mais um viaduto, e sim uma avenida – a Perimetral. Ele vai-se insinuando. “De um lado, os carros, do outro, um abismo”. Um ônibus passa, tudo treme, vou pro acostamento e fico ainda mais próximo deles, que passam velozes, ou continuo na mureta que, tremendo, faz os centímetros que me separam do abismo crescerem em ameaça? “Terei que ir pela mureta”. Com todo o cuidado, com o equilíbrio de um piXador, só aparento estar com algum medo nestas linhas não escritas por mim. Aqui, na mureta, no vídeo, no ferrugem, na “Triferrulogia Nuno e Fyt”, sou confiante, me sinto confortável, encontro o equilíbrio. Diferente deste que fala, temendo a minha queda, ingênuo. Sigo já mais acostumado com o treme-treme, finjo nem ligar muito para a altura à direita. À esquerda – “essas fotos já tenho, quero as dos três ferrugens novos”, os mais recentes, mais altos, sem desligar a câmera, é claro.

“Está ficando alto”. Enquanto eu digo isso, rindo, aquele que escreve acredita que estou suando mais. Passa a suar ainda mais. Subindo pelo lado direito, corro mais riscos, os ônibus preferem esta pista, quase não há acostamento, talvez uns 15 centímetros. “Caralho, passou raspando na minha orelha, senti até o vento!” Olha! Lá no alto, “Kadu e Stile, dois amigos da tinta”. Mesmo quase não os vendo, os ferrugens e as pastilhas garantem nossos encontros, encontros de olhar. Um jornal voador me interrompe, é mais um atrator visual, mesmo que aparentemente seja lixo. Marginais invadem ônibus e matam um passageiro. “Infelizmente, nenhuma novidade!” Assim como este que escreve e eu estamos em primeira pessoa, nos confundindo, a câmera também pede seu papel de protagonista, ela torna-se um ser que olha, e mais, que me olha, que nos olha. A mureta tremida me serve de base, sem muita segurança, foco nele, eu poso para ela, alguns minutos ali sentados, mostrando conforto em estar contemplando, justamente onde só se deve passar acima dos 50km/h. Isso deve dar um medo! O ônibus que passa sacode a camisa, devo ir sempre esgueirando a mureta, senão. “Preciso atravessar, vem comigo!” Pela primeira vez, falo com alguém, à câmera e aos que estão dentro dela. Atravesso ruas não atravessáveis, ser irresponsável, quanta ousadia.” Cálculos automáticos entre mim, mim e o carro. “Dá um frio na barriga essa hora.” Vamos à outra mureta, mais uma vez poso para mim, para vocês, sento com as mãos sobre o joelho. “Uuuuuii!!!!” Foi por pouco! Limpo as mãos e sento, agora ainda mais confortável, recostado ao poste que jamais foi recostado por ninguém, mureta que mais parece um banco. “Essa porra fica balançando.” Como vou manter o foco e não deixar tudo tremido? Mãos na cabeça. Relaxante posição de sobrevoar a cidade, de ocupar lugares nunca ocupados, um ar tão puro, poderia dormir aqui, é a minha casa, contemplação do que é nosso, da beleza que escapa. Que visual! “Daqui vai dar pra tirar a foto!” “Chega de filme, agora vou fotografar.” “Não tem jeito, quem passa vê!” Seria bom se assim fosse, mas a maioria não vê, vive sem nem tomar conhecimento,

experiência pro saco, morte sem experiência. Tropeços.. T..ro...p.e....ço..s. Disso ninguém escapa. Obviamente que estes dois últimos parágrafos farão muito mais sentido se lidos ao mesmo tempo que o citado vídeo for visto, de todo modo, sua leitura desamparada do visual também será muito bem vinda, talvez mais imprevisível. eXperimente!

5.4.. DO RAP AO ROCK, NO XARPI TEM DE TUDO.

O aspecto sonoro, claro, também não podia ficar de fora, haja vista a importância e centralidade que a música exerce em todas as culturas juvenis. Neste caso, o domínio do “rap” – especialmente do *rap underground* e do *funk*, ainda mais os proibições, como já até foi dito pelo pessoal da 5 estrelas – é evidente, talvez pela instantaneidade em poetizar com a linguagem, com a letra. Neste sentido, uma figura que me encantou foi Leonel, o *rapper* do Xarpi e seu parceiro de rimas e tintas Runk, mais um que mistura sua ação no Xarpi com suas poesias *raps*, os quais nos presentearam durante nossa conversa filmada, com um pequeno trecho de uma letra que, segundo eles, estava sendo dita ali em primeira mão:

Se as ruas estão te chamando,
Deixe sua mente aberta
Onde quer que você vá
Minha grafia te desperta
Chamam de andarilho
Por onde eu passei
Eu nunca vi corôa nem tão pouco conheci o rei
Sou apenas mais um entre tantos
Que estão inseridos na mesma cultura
A arte rabiscada que já levou pra sepultura
Quer colar, é só chegar junto
Mas não venha pensando que é Disney
Eu não posso mudar de assunto
Querer transformar um pato em cisne
A verdade às vezes dói quando aparece de surpresa
A tinta não destrói, mas afasta a tristeza
(RUNK e LEONEL)

No entanto, vale ressaltar que o pessoal mais antigo e que retornou neste embalo da G80, tem no *rock* nacional da mesma década sua mais forte referência musical. Tanto que, até mesmo o programa Gruta 5★, do qual já falamos, vez ou outra, faz um bloco de *rock* oitentista em homenagem a esta rapaziada.

Pensei em destrinchar as letras que foram mais significativas para mim, de todo modo, ao ouvir mais uma vez e começar a criar os enredamentos de minhas aventuras e poetizações de conhecimento, percebi que, grosso modo, eu já falaria de tudo aquilo, mesmo que nem sequer desse atenção às letras (o que seria um erro, uma falha, uma falta de sensibilidade tremenda). Optei, portanto, por diluir este destrinchamento dos momentos letrísticos mais interessantes por toda a dissertação em um trabalho minucioso entre anotações, audições, releituras, cortando, colando, picotando, remodelando, fazendo da música um elemento presente em toda extensão do trabalho, mesmo que tornasse este subcapítulo pequeno demais para o tamanho da importância da música na cultura. De todo modo, estou em sintonia, talvez, inclusive, com o papel da música hoje, cada vez mais presente no cotidiano, nos trajetos, nos percursos, sem deixar de ser ouvida em casa, ou seja, está em toda parte, como nunca esteve. E vale a pena dizer, que a indústria da música nunca teve tanto prejuízo quanto hoje, ao passo que, paradoxalmente, nunca se ouviu tanta música. Deixemos assim, então. A cada novo parágrafo, você pode ser convidado a escutar um mp3, a ler uma letra, assim, de supetão. Ah! E não é porque falo isso somente agora, na página (número da página), que antes eu já não tenha feito o mesmo inúmeras vezes.

5.5.. LÉCO NÉMA! DEON QUE TÁ A TALA? CIALIPO!

Assim como toda cultura, o Xarpi também se debruçou sobre a talvez mais complexa construção estética da humanidade, a linguagem. Se faltava apenas isso para que os mais tradicionais aceitassem a piXaçãO como cultura, agora vocês estão satisfeitos? Con-

vencidos? Escorreguei! Eu nem precisava me preocupar com vocês. Não há nada mais óbvio que dizer que o Xarpi é cultura, é a mesma coisa que dizer que música é cultura ou que a universidade lida com conhecimento. De todo modo, esta capacidade de manipular a língua, de indisciplinar a gramática, de se apossar dos códigos oficiais da língua e transfigurá-los é mais comum do que se percebe à primeira vista. Qual geração que não tem suas gírias emblemáticas tão comuns e cotidianas para si, quanto estranhas ou cafonas para a mais nova? Quantas vezes não entendemos nada que nosso avô fala? No entanto, para cada tempo que surge, é, obviamente, a juventude que assume o protagonismo de inventar as recodificações de vocabulários, que marcarão suas épocas, as quais levarão incrustadas em si como nostalgia, como marca daquele momento de total efervescência e fertilidade estética. Criação que continuará tomando sua língua mesmo na mais alta idade, momento que estranhamente, seus netos não verão sentido, ‘coisa de velho’. Quem nunca criou em seu grupo de melhores amigos, um código, uma gramática secreta para que ninguém os entendesse? Digamos que os advogados e juízes, esse povo da legalidade, tornaram-se profissionais da coisa, e pior, conseguiram tornar algo tão interessante em... vocês sabem.

De uma forma paroxística, encontramos uma postura de resistência [...] na bruxaria, consistindo [...] em alterar a ordem das letras, para ‘derrubar a ordem divina, com objetivos diabólicos, e estabelecer em seu lugar uma desordem infernal’. Esta ‘deformação mágica das palavras’ é paradigmática. Pode ser encontrada [...] na gíria da bandidagem e da marginalidade, mas também em todas as técnicas do *new age* e outros discursos dissociados da ordem econômica estabelecida. (MAFFESOLI, 2004, p. 34-35)

No Xarpi carioca, foi a chamada língua do TTK que tomou este lugar. Ninguém sabe muito bem ao certo onde, de fato, surgiu esta língua. De certa maneira, a busca pela natureza e origem de uma língua, seja ela qual for, assim como de outras produções estéticas com este nível de complexidade, geralmente só nos remete a indícios, a possíveis fontes

de inspiração, mas nunca a uma origem assim clara, essencial, divina que, por vezes, acabamos querendo encontrar, sempre ingenuamente não atrelando ao caos sua capacidade criadora.

No entanto, esta língua, o ΠΚ, tem seus primórdios evidenciados pelo próprio nome, provavelmente no bairro do Catete que, junto com a Glória, ligam a Zona Sul ao Centro do Rio de Janeiro. Colocando lado a lado a fonética do nome ΠΚ e o nome do bairro do Catete, já se percebe, já se pode, facilmente, induzir como é a criação desta reorganização linguística – inverte-se as sílabas das palavras e busca-se, com a prática e a cotidianização, a maior fluidez e domínio da fala. Algumas pessoas que viveram a juventude na década de 70 me disseram que esta língua foi inventada em um momento de ditadura militar, como maneira de passear pelas ruas, conversar livremente, sem que a polícia percebesse do que se tratava o assunto, especialmente aqueles mais proibidos. De todo modo, se isso de fato vem daí, foi uma bela apropriação da galera do Χαρπι, uma vez que o objetivo continua sendo o mesmo, o da camuflagem, do escape, da fuga, baseando isso tudo na incompreensão. Inclusive, o próprio nome Χαρπι nasce da versão ΠΚ da palavra πιΧαρ.

A origem da língua do ΠΚ eu não sei ao certo, mas dizem que vêm de antes da πιΧΑÇÃO, da ditadura, quando os jovens, os estudantes queriam conversar sem que a polícia, sem que os militares percebessem o assunto. Caiu muito bem para o Χαρπι, porque, imagina, lá na marquise, chega a polícia, aí neguinho já grita né: “Cialipo néma! Deon que ta a tala?” (HAIR em conversa)

Dentro desta codificação, algumas palavras ganharam destaque pela sua centralidade quando o assunto é Χαρπι – cialipo, zequimar, tatin, lhermu, romu, tala. Estas são palavras que, basta ler as sílabas ao contrário para que se descubra o significado. De todo modo, como em toda gramática, há suas exceções. Agora, é interessante perceber que são exceções surgidas pela cotidianização da língua, pelo seu uso. A palavra ‘casa’, por exemplo, quando falada em ΠΚ deveria ser ‘saca’, no entanto, a língua, por ter sua fundamentação

muito mais na oralidade que na escrita (afinal de contas, foi criada para ser usada na correria da rua), inverte a fonética e não a sílaba em seu aspecto escrito. O resultado, portanto é 'zaca', uma vez que, o 's' de casa tem som de "z". Interessante também é a mudança que ocorre com a palavra 'jet' (de *jet* de tinta) quando, em ΠK, torna-se 'tjé', mais uma vez, dando total prioridade à oralidade que à escrita. De todo modo, com a popularização do uso da internet entre esta rapaziada, a língua do ΠK vem-se adaptando à escrita. Vez por outra, não só por segurança, mas por já estarem tão acostumados a falar em ΠK com os amigos piXadores, muitos escritos deles, principalmente nos *fotologs*, orkut e YouTube, acabam escriturando a fala.

Como exemplificação tanto da oralidade quanto da escrita, e mais ainda do nível de fluência que se é possível chegar através do uso sucessivo, sugiro que agora ouçam o mp3 disponível no DVD em anexo. Acabei de passar uns 30 minutos tentando passar os versos em ΠK do Leonel para uma versão escrita, mas, ao passo que, em alguns trechos, pela entonação, a codificação ficava mais difícil, mais eu achava que era justamente esta dificuldade que flagrava minha incapacidade em decodificar e, mais ainda, denunciava que, se eu fosse mais a fundo, estaria desvelando uma cultura que precisa de certa nebulosidade, de certo mistério ilegal para ser interessante. Portanto, paro por aqui nesta brincadeira vaidosa e charmosa de se dizer conhecedor de algo que não precisa ser reconhecido. Cabe a você ouvir e exercitar seu fôlego, se lhe interessar, é claro.

Vale ainda dizer, ou melhor, confessar, que, no momento em que não conseguia decifrar tudo da letra em ΠK do Leonel, fui ao MSN e procurei ajuda com alguns piXadores. E não é que nem eles conseguiam decifrar tudo? Pondo-me em risco, balançando os poderes que uma dissertação de mestrado me dá (que dirá uma tese!), pergunto: será que, se eles tivessem conseguido, e eu, de fato, incluísse aqui a letra devidamente decifrada, eu seria honesto, publicaria, deixaria claro quem, na verdade, os decifrou, ou seja, quem eram

os autores, ou passaria eu mesmo a acreditar que fui eu? (e não foi?) Que sei tudo, absolutamente tudo sobre eles? (e não sei?) Afinal de contas, quem é o autor desta tese? (eu!) E você? No meu lugar, o quanto isto te serviria, assim como me serviria?

Ética? Muito mais do que isso! Encanto! Afeto!

5.6.. OS PRIMÓRDIOS.. CELACANTO PROVOCA MAREMOTO!

Mesmo estando o retorno da 680, sendo, de fato, fortíssimo e muito comentado entre o pessoal do Xarpi, vale a pena irmos ainda um pouco mais para trás, quando já, na segunda metade da década de 70, o Rio de Janeiro começava a conhecer e, como não podia ser diferente (ou podia?), a se incomodar com seus primeiros piXadores de muros (mal sabiam onde isso ia parar, ainda nem sonhavam com janelas, topos, ferrugens). Já em meus primeiros contatos com a molecada atual, eu já ouvia falar, quase em tom de lenda, sobre o pioneiro, o cara que, lá pelos anos de 1976, começou a espalhar pela cidade a frase misteriosa e enigmática “CELACANTO PROVOCA MAREMOTO”. De todo modo, alguns diziam que ele ainda estava vivo, que trabalhava em algum jornal, mas tudo ainda parecia meio nebuloso, não se podia saber ao certo. Mas, de fato, eles estavam certos.

Após algumas pesquisas pela internet, encontrei o *site* pessoal (www.catalisando.com) de um cara que se intitulava C@T, abreviação de Carlos Alberto Teixeira. Tendo ingressado em física nuclear na



PUC-RJ em 1978 e, depois, continuando na mesma PUC, trocado para análise de sistemas, ele vinha, já há algum tempo, sendo colunista de informática e internet em uma série de veículos da imprensa. Desde as minhas primeiras impressões, fuxicando o *site* dele, ficava evidente que existia nele uma vontade de tumultuar a rigidez, a ordenação que há, grosso modo, neste campo de conhecimento. Isso podia e ainda pode ser percebido tanto em seus textos para imprensa quanto em uma série de outros feitos que ele, irônica e corajosamente, publica, sem o menor pudor em seu *currículum vitae* informal disponível abertamente no *site*. Para começo de conversa, vejam acima a foto pessoal estampada em seu currículo. O segundo fato significativo para se pensar o papel da ironia nesta galera (no C@T em especial) que, como já foi dito, nas primeiras páginas deste trabalho, tem muito mais a ver com um ímpeto adrenalizante, com uma capacidade maior de movimentação, que com alguma etariedade. (ver p. 20), é o que ele batizou de “*atestado de hacking*” emitido pela própria PUC no ano de 1981, o qual é exibido já em sua primeira página, quase como um troféu. Na verdade, ele, sagazmente, renomeou como prova de sua habilidade em *hacking*, uma severa advertência assinada pelo diretor de um dos laboratórios de informática da PUC, o RDC:



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

rio datacentro

Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1981

RDC-724/81

DO: Diretor do RDC

AO: Aluno Carlos Alberto Teixeira
Departamento de Informática, P-15
Matrícula nº 88118811

ASSUNTO: Advertência

Prezado Senhor,

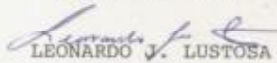
Fui informado pela Divisão de Apoio Técnico do RDC sobre o envolvimento de V.S. em atividades relacionadas a acesso e a ações a arquivos reservados do sistema Interact, a nível de P.P.

Tal prática é caracterizada como uso inadequado de recursos do RDC e explicitamente mencionada no documento "Normas que Regem o Uso das Facilidades Computacionais do RDC" de conhecimento de V.S.

O RDC tem como sua responsabilidade zelar pelos direitos de sua comunidade de usuários e salvaguardar os interesses da Universidade, e com essa finalidade que normas, regulamentações e recomendações sobre o uso dos recursos computacionais são estabelecidas. Ato como os praticados por V.S. trazem transtornos e prejuízos a muitos outros usuários e contrariam os interesses da Universidade.

Venho através deste, adverti-lo que, em benefício de seus usuários e dos interesses da PUC/RJ, o RDC tomará medidas enérgicas que incluem não só penas acadêmicas mas, também, eventual ação legal caso episódios como o ocorrido venham a se repetir.

Atenciosamente,


LEONARDO J. LUSTOSA

DIRETOR

RIO DATACENTRO

LJL/ea

Rua Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22.453 - Rio de Janeiro - BRASIL

Enquanto, para uns, ou melhor, para as oficialidades, o uso fora do esperado de certas ferramentas é visto e denunciado como inadequado, perigoso e, por isso, passível de uma severa advertência, para esta juventude eXtrema que vê, desde os muros da cidade ao laboratório de informática como matérias-primas ideais para suas “artistagens”, tudo não passa da sua encantadora capacidade de apropriação do que é inapropriável, de “artistagem” do que aparentemente não tem nada para artistar, ou seja, de dar movimento àquilo que é imóvel. Agora, quando a instituição pensa emitir sobre ele um documento punitivo, não está, nada mais nada menos, que reforçando, que atestando, agora documentado e carimbado, em papel timbrado, as suas mais audazes habilidades.


Quando você ironiza, você, de certa forma, cutuca. Se você der uma cutucada na sátira, na ironia, você desperta a pessoa a olhar por outro ângulo, além de ser prazeroso. Até na internet, nos *e-mails*, quando você quer amenizar alguma coisa, você põe aquele rizinho (rsrs), né? Aí fica claro que está brincado. O mais interessante é você não colocar aquele risinho, deixar a frase do jeito que está e o cara pensar – “será que ele está falando sério, acho que vou matar esse cara.” Já fiz muitos grandes inimigos assim. Mas quando conversávamos, viam que não tinha nenhuma animosidade, era apenas uma ironia. (CELACANTO em conversa)

Bem, mas o que mais importa para minha pesquisa é que o Celacanto (chamarei, a partir de agora o C@T de Celacanto, como a galera do Xarpi o referencia) expõe, mais uma vez, em seu *curriculum online*, portanto, como valorização de sua trajetória, o fato de ser o autor da célebre piXaçãO “CELACANTO PROVOCA MAREMOTO”. Se é para ser *vitae*, que o seja por inteiro, certo? (para poucos). Em suas palavras: “*Fui grafiteiro em Ipanema, no Rio, na década de 70, quando criei uma logomarca bem transada que fez fama nos muros da cidade: ‘CELACANTO PROVOCA MAREMOTO!’*” Talvez se intitular “grafiteiro” no lugar de piXador pode ter sido uma maneira de amenizar possíveis problemas, uma tática para evitar que possíveis portas fossem fechadas por conta disso. De todo modo, não diminui a coragem em escancarar o seu histórico como uma juventude

adrenalizante. Logo depois deste trecho, ele lembra que, através desta sua fama pelas paredes da cidade, ele, sem nem saber como, foi encontrado pela produção do programa da Angélica. Como ele diz: *“Anos mais tarde fui contratado pela TV Manchete como artista plástico para grafitar o cenário de um programa da Angélica.”* De certa forma você, por meio de uma atividade estética ilegal, criminosa, com todo o peso da indisciplina juvenil, ganhar dinheiro de forma oficial, com nota fiscal de prestação de serviços, sendo batizado de artista plástico, não há como negar – algo de cooptação de esvaziamento da força e da pulsão acontece. No entanto, segundo ele, foi a produção do programa que o intitidou como artista plástico, afinal de contas, na nota fiscal (abaixo), era preciso atribuir um nome àquele serviço. Porém, no fundo, como pude perceber durante a entrevista, ele riu disso tudo, e conta essa história não como maneira de provar sua ‘qualidade artística’, como muitos fatalmente cambariam, mas sim em tom de habilidade, como uma prova sim, mas da sua capacidade de driblar e de ainda, mesmo rindo baixinho, ganhar um dinheirinho que, na época, foi até bem alto.

166

900 2-11008 - 2FOO 28L

 REDE MANCHETE	NOTA CONTRATUAL PARA PRESTAÇÃO DE SERVIÇO CARACTERISTICAMENTE EVENTUAL	Nº 8438
--	---	----------------

TV MANCHETE LTDA., com sede à Rua do Russel, 766 - 4º andar, na cidade do Rio de Janeiro, RJ, com inscrição no COC(MF) nº 30.664.064/0001-58, contrata os serviços de **CARLOS ALBERTO TEIXEIRA DA SILVA FILHO**, residente na Av. Pasteur, 196 / 101, Rio de Janeiro, RJ

CEP _____ tel _____ com inscrição no CPF(MF) nº 606 754 137, 04


portador(a) da CTPS nº _____ série _____, para trabalhar no período 21/9/86 em serviços caracteristicamente eventuais, para realização do trabalho abaixo mencionado.

O(a) contratado(a) prestará serviço à Empresa contratante na função de ARTISTA PLÁSTICO, na produção SHOCK, representando o personagem _____, com a remuneração de R\$ 17.940,00 (Dezessete mil, novecentos e quarenta cruzeiros).

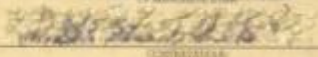
relativa ao período acima mencionado, a qual será paga ao término do serviço aqui contratado ou, o mais tardar, dentro de cinco dias úteis subsequentes.

Esta NOTA CONTRATUAL vai assinada pelas partes contratantes, para todos os efeitos da legislação em vigor.

Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1986



 CONTRATADO(A)



 CONTRATANTE

DECLARAÇÕES


1 - DECLARO NÃO ESTAR cadastrado(a) como autônomo(a) no IAPAS.
 ESTAR cadastrado(a) como autônomo(a) no IAPAS sob nº _____

2 - DECLARO NÃO ESTAR cadastrado(a) como autônomo(a) no ISS.
 ESTAR cadastrado(a) como autônomo(a) no ISS sob nº _____

3 - DECLARO NÃO HAVER
 HAVER completado este mês o limite de contribuição para o IAPAS.

4 - DECLARO NÃO HAVER
 HAVER recolhido o Imposto Sindical referente ao ano em curso.

5 - DECLARO TER O REGISTRO PROFISSIONAL N° _____



 ASSINATURA DO CONTRATADO

m/ks

TM-821 - 270 Via 2504 - 2.501 e 6.500 - 01487

167

Agora, não foi à toa que a produção da Angélica o escolheu e ainda pagou, sem titubear, a quantidade pedida, dando a entender, portanto, que pagaria ainda mais, ou até que esperava um preço maior, afinal, fechou o negócio sem contra proposta. Cabe aqui, já, então, uma breve relação entre a publicidade, a comunicação e o fetichismo visual que, naquele momento, tinha seu grande crescimento e sua grande tomada do ambiente urbano

em geral. Noções que aprofundarei mais adiante, e que aqui, falando de Celacanto, deixarei, então que ele conte:

Uma vez, estava no ônibus e ouvi um cara atrás de mim querendo se mostrar para a menina, e ele dizia: ‘Sabe essa piXaçãO aí do Celacanto? Sou eu que faço.’ Daí, eu virei e perguntei: ‘Como é que é? Não é você não, sou eu, você está mentindo.’ Ele colocava o rabo entre as pernas. Então, virou até um jeito de você cantar uma menina, dizer que era o Celacanto. Nessa mesma conversa do ônibus, tinha um cara de terno e gravata que presenciou, chegou e me deu um cartão e disse: ‘Eu trabalho com marcas, você tinha que registrar essa marca.’ Eu, moleque, caguei, guardei o cartão em qualquer lugar. Fui muito burro e mal assessorado. Devia ter feito isso, talvez ainda seja tempo. Antes de vocês lançarem este filme, eu vou registrar essa marca! (CELACANTO em conversa)



Perdeu a chance de ganhar uma boa grana mesmo, certamente muito maior que a conseguida com o programa da Angélica. E não foi só ela que percebeu fonte de capitalização naquela frase que tomava a cidade, não só seus muros, mas seus ditos, seu folclore, suas lendas. Além dela, tiveram, especialmente, duas campanhas publicitárias que lhe marcaram, tanto que ele guarda até hoje o material impresso de cada uma:

Depois teve duas lojas que se chamou “Celacanto”, uma na Tijuca e outra no Jardim Botânico. Uma de presentes e outra de cama e mesa, nada a ver. Ainda tiveram duas campanhas publicitárias que utilizaram, uma de uma marca de jeans que, por usar risca de giz, colocava ao fundo da campanha um quadro negro que tinha tanto a minha marca quando a do LERFAMU; além da “BeMoreira”, que era uma loja da época, que lançou uma campanha na TV, no rádio, em jornais, revistas – “Celacanto provoca maremoto de preços baixos”. Porra, devia ter registrado essa marca, faturava alto. Aí foi o auge, né?” (CELACANTO em conversa)



Além disso, claro, este meu encontro com o Celacanto também foi importante para saber, através das histórias de vida dele, não só as diferenças e semelhanças entre quem piXava naquele tempo e quem piXa hoje, mas também começar a recapturar, pela memória, quais outros piXadores também estiveram em ação naquele tempo. É notório, portanto, que, apesar de ele ter alcançado uma maior fama, por baixo dela, uma série de nomes foram apagados. O poder da conversa, portanto, foi usado mais uma vez, e a partir daí, pudemos rememorar outros nomes e aventuras urbanas de fins dos anos 70. Naquela época, inclusive dentro da própria PUC, também fazia sucesso outro piXador, o LERFAMU.

Nas palavras de Celacanto:

Isso começou, eu tinha 16 anos, estava no colégio, inquieto para caramba, naquela fase que você quer se afirmar, que você quer mostrar que pode dominar o mundo. Estava numa aula, acabou a aula e eu tinha visto uma reprise de um seriado japonês chamado Nacional Kid, tosco pra caramba, em preto e branco, e um dos episódios era “Os seres abissais”. Nele, tinha um professor, um oceanógrafo, malvado pra caramba, que dizia com eco “CELACANTO PROVOCA MAREMOTO”. Na mesma hora, eu bolei, com giz no quadro negro, esse grafismo com uma moldurinha, uma seta e uma gota, mostrando que o maremoto começava ali. Fiz outro do outro lado do quadro, e era um intervalo, então enchi a sala inteira com esse troço, de giz colorido. Aí virou uma obsessão, comecei a fazer no colégio inteiro. Aí fui pra rua e, com giz não dava, só em tapumes que fazia um contraste bacana com o branco do giz, depois comprei um pilot, um pilot mais grosso, até que tomei coragem de comprar um *spray* de tinta. Aí começou, arranjei uns adeptos que gostavam e me ajudavam a fazer a

vigilância. Aí comecei a fazer a Zona Sul toda. Então, apareceu um oponente na época, o LERFAMU, conheci também, já morreu até. Estudávamos na PUC e começamos a fazer uma guerra, um atacando o outro verbalmente pelos banheiros da PUC. Então, os banheiros de lá ficaram emporcalhados. Era meu oponente mais à altura, até que começaram a aparecer outros piXadores, aí resolvemos nos unir contra os menores. Então, através das paredes do banheiro, marcamos um encontro em Copacabana, aí selamos um pacto. Na PUC, não nos conhecíamos, apenas pelos ditos do banheiro. Ele estudava comunicação social e eu física, então eram prédios diferentes, mas depois nos unimos e lutávamos contra o que chamávamos de ‘seres inferiores’ que eram os outros garotos da região do Jardim Botânico, Gávea, Botafogo, nós ficávamos mais em Ipanema, Leblon, São Conrado, ele morava na Gal. Glicério, em Laranjeiras, mas morreu de cirrose tem uns 15 anos. (CELACANTO em conversa)

De todo jeito, após conhecer o cara que, para muitos, foi quem iniciou, ao menos no Rio de Janeiro, o que se entende por piXaçãO, após saber de onde ele veio, que locais ele frequentou, fiquei com um profundo receio, com uma grande desconfiança, provavelmente com boa quantidade de preconceito³⁴, de que esta fama não seja, de fato, real. Fiquei pensando até que ponto o fato de sua marca ter ocupado os bairros da Zona Sul carioca, ou seja, o local mais turístico da cidade; habitado pelas pessoas de maior poder aquisitivo, pela intelectualidade burguesa, autora em grande parte dos ditos oficiais, das colunas mais badaladas dos jornais, não foi fundamental para construir sobre ele, ou inventar sobre ele, este papel quase que folclórico de precursor de um fenômeno que passaria a se alastrar por todo o Rio de Janeiro? Como saberíamos se alguém antes dele já piXava os bairros de São Gonçalo? Como saber se alguém, em Belford Roxo, já teria criado para si um nome e espancado algum muro? Quais os locais da cidade que têm suas histórias contadas, que têm seus cotidianos documentados pela imprensa, que têm voz amplificada? Ou melhor, quem, até mais ainda naquela época, compunha a imprensa, onde moravam? Lembro de já ter procurado alguns livros sobre a história do Rio de Janeiro.

³⁴ Logo com uma pesquisa dessas, eu me assumir portador de algum preconceito? Fato denunciativo da invalidade da minha pesquisa ou obviedade constituidora de nós? Preconceito leva à desconfiança ou a desconfiança é flagrante de preconceito?

ro em imagens, mas nenhum deles passava da Praça XV, da Av. Presidente Vargas e, claro, começando pelo Leblon. Bem, não se tem provas para bancar esta minha desconfiança, de todo modo, cabe sim um ‘pé atrás’, um receio, afinal de contas, algo que há muito tempo ocupa com muito mais densidade e demografia as áreas periféricas das cidades, algo que é produzido muito mais por uma juventude periférica, ter sido inaugurado no Leblon é, para mim, ao menos, desconfiável. Como já disse, tal postura receosa quanto a esta “verdade”, pode até ser vista como preconceituosa às avessas, mas a parte mais interessante da aventura intelectual não é duvidar, ainda mais daquilo que é grandioso? O que foi soterrado, o que não é mais sequer encontrável, após a invenção do museu? E após a invenção do Leblon, quais bairros têm o acesso à sua história e a seus patrimônios quase que sem nome, dificultados, para não dizer impossibilitados? Para pesquisar o que ficou sob os solos de Olaria³⁵, quão eficiente e desbravadora deveria ser a equipe arqueológica? E nestes detritos levados pela terra, quantos outros Celacantos poderiam reencontrar o ar?

Contudo, ele se lembra de ter visto algum filme que retratava os trens do metrô de Nova Iorque, ou seja, onde essa história de estampar um nome, uma marca pela cidade começou a ganhar os moldes que vemos hoje por todas as demais metrópoles. Talvez, então, por ter tido acesso a esse tipo de informação, Celacanto pode, quem sabe, ter sido, de fato, um dos precursores:

Eu tinha visto em filmes, mostrando a periferia de Nova Iorque, os metrô
velhos. Mas o meu nome era uma frase com sujeito e predicado. Baseado naquilo
eu resolvi colocar essa marca, porque também era misteriosa – o que será isso?
(CELACANTO em conversa)

Obviamente que não duvido que tenha sido, mas não duvido ainda mais que tenha
havido muitos outros esquecidos, perdidos pelos redutos indizíveis da história, abafados

³⁵ Óbvio que não é a toa que escolhi este bairro do subúrbio carioca como exemplo. Apesar de estar prestes a me mudar, moro nele desde que nasci, há 25 anos. Fica como homenagem, como memória.

sob as tintas mais impregnantes que, não coincidentemente, tendem a serem, quanto mais distantes do Leblon, mais invisíveis, menos encontráveis. Sem com isso, no entanto, retirar o valor dos feitos de Celacanto, até porque, conversando com minha amiga e primeira orientanda³⁶ Thalita, ela me fez pensar algo que não havia pensado: será que, para um jovem com boa condição financeira, fazer algo assim ilegal é ainda mais difícil? Difícil não tenho certeza, mas mais inesperado e chocante para todos, isso sim, ainda mais levando em conta o período de repressão militar que vivíamos:

Na época era regime militar, era ditadura, tinha o perigo de você ser confundido com um subversivo, o maremoto podia ser uma revolução, um levante armado, e não era nada disso. Mas eu tinha uns conhecidos que tinham pais militares que estavam putos com esse negócio, querendo saber o que era isso, atentos. Na época, tinha um prefeito chamado Marcos Tamoyo, falecido, que também estava atrás de pegar um cara como bode espiatório, para virar exemplo. Pegaram um cara que tinha uma marca muito bonita, o 'Egg' – eram duas cascas de ovos, com a gema caindo, pegaram ele, enfiaram muita porrada, deixaram ele de cueca, piXaram ele todinho. Aí deram uma segurada.” (CELACANTO em conversa)

De fato, ser piXador naquele momento, ainda mais em bairros que, supostamente, eram para ser mais bem protegidos, eram e continuam sendo cartões-postais, não devia ser fácil, contudo, aventura e facilidade não caminham juntas. Foi, portanto, preocupado com a segurança de seu filho, que o pai de Celacanto, como jornalista do Jona do Brasil, na época, o aconselhou a se identificar, a conceder uma entrevista para o JB, desmistificando tudo aquilo, mostrando o rosto, dizendo onde estudava, o que gostava de fazer, com o intuito de mostrar que era uma pessoa “normal”, que não era nenhum “marginal”. Isso tudo, na concepção de seu pai, ajudaria a diminuir toda aquela tensão, toda a preocupação dos militares que, na época, segundo ele, chegaram, inclusive, a desconfiar que eram locais marcados por traficantes para venda de drogas. Então, dia 20 de julho de 1978, o JB

³⁶ Sabe aquela pessoa que nunca aceita tudo o que eu falo? Aquela que sempre flagra minhas contradições? Esse melhor tipo para engrossar um estudo.

publicou, na primeira página do Caderno B, uma matéria com o título “CELACANTO REVELA SUA IDENTIDADE: tem 17 anos, estuda física e vai à praia em Ipanema.” A mesma matéria também fez menção a outros nomes, outras marcas como o MEGALODON que pintava uns tubarões por aí.



O que que é isso? Quem é esse cara que faz? Passei aqui ontem, não tinha esse troço? Quando ele fez isso? Quando saiu a matéria no JB e minha cara apareceu, aí foi a glória pro ego, né? Às vezes na rua, vinha alguém falar, pedia autógrafo, para mim era a glória. Hoje em dia, quando eu encontro alguns amigos da mesma idade, quando rola esse assunto de Celacanto, aí eu digo que fui eu, aí: “O que, você era o Celacanto?” Daí eu conto a história. (CELACANTO em conversa)

Todo esse plano de seu pai parece que deu certo, uma vez que ele nunca teve qualquer problema com os militares, sequer foi alguma vez flagrado pela polícia. Contudo, para ele, a coisa não parou de repente, foi parando aos poucos, especialmente devido ao curso de física que, como ele diz, foi tomando muito tempo e impedindo suas saídas. Abandonou o *spray*, voltou a andar somente com um pilot na bolsa e, sem saber muito bem como, acabou parando.

Tá aí, gostaria de ter guardado isso na memória, a última vez, uma pena mesmo, devia ter registrado isso. (CELACANTO, em conversa)

Sobre a condição e fama de precursor, nem ele mesmo dá muita trela, prefere se dizer como ‘um dos primeiros’, até porque toda essa história sobre o seu nome surgiu, como ele mesmo me disse, há pouco tempo, coisa de menos de quinze anos. Fato, também, que, mesmo fazendo certa ponderação quanto à aparência da cidade, não lhe retira o orgulho de poder se dizer parte da história não só deste fenômeno, mas do próprio Rio de Janeiro:

Me sinto orgulhosíssimo, mas se eu soubesse que ia sujar tanto... Mas eu não posso fazer julgamento. Estou com quase 50 anos, eu penso completamente diferente de quando tinha 16, então, se eu pudesse voltar ao passado, eu seria novamente o que eu era, então, eu faria a mesma cagada de novo. Não tenho filhos ainda, quando tiver, se ele quiser fazer, o que eu vou fazer? “Faz aí cara, fica de olho para não ser pego porque não quero te tirar da cadeia.” Sugiro que não faça, mas meu pai também sugeriu e eu fiz, não adiantou nada. Deixa fazer, sei lá. [...] O espírito que norteia o piXador de hoje é o mesmo de antes. É aquela coisa do ímpeto da juventude, pela inexperiência e imaturidade, a falta

de noção do perigo. [...] Na época, eu não escalava porque não tinha isso, não tinha pensado nisso, não tinha essa competição que tem hoje. Mas se eu fosse jovem hoje, eu subiria com toda certeza, até porque, eu, na época, fazia alpinismo. (CELACANTO em conversa)

Antes mesmo de termos conversado com Celacanto, em outra conversa, com o Tatá, piXador que, mesmo tendo começado ao final da década de 80, permanece, entre idas e vindas, atuante, se referiu a outros da antiga, inclusive ao próprio Celacanto e emendou: *“Se existe o TATÁ, eu não sei se eu agradeço ou xingo esses caras. Eles abriram as portas para isso.”* (TATÁ em conversa)

Agora, é importante, também, a meu ver, não tratarmos estes piXadores mais antigos como únicos causadores do fenômeno, como origens essenciais para o acontecimento disso tudo, afinal de contas, algo tão denso, complexo e com dimensões tão amplas, me parece, não poder ser reduzido, cegado a uma origem individualizada assim. Mesmo que tenha, de fato, um indivíduo a inaugurando, penso, que depender e vincular a existência de todo o fenômeno, de toda esta proporção, a uma inauguração assim, pontuada, ultra-pessoalizada, pode, talvez, com mais facilidade, embaçar aquilo que julgo mais relevante nas vozes reverberadas nestes feitos audazes – toda discussão mais filosófica e sociológica que proponho com este trabalho, todo processo de procurar, de intuir, de propor forças afirmativas para uma possível compreensão, claro, provisória, deste fenômeno entrelaçado pelas forças e movimentos sociais que o encorajaram a ser, hoje, indubitavelmente, uma das partes mais marcantes na constituição da paisagem urbana como a conhecemos. Sobre isso, numa passagem até engraçada de nosso papo, quando perguntei a ele o que ele achava que teria acontecido se ele não tivesse existido, ficou evidente até o peso que essa originalidade tinha sobre o Carlos, agora mais Carlos que Celacanto: *“Se eu não tivesse feito nada, outro teria feito, como foi. E o hábito até emulado do exterior, das manifestações de parede, ele acabaria respingando aqui.”* Completou ainda, com bom-humor, me

agradecendo pelo questionamento feito: “*Com este questionamento, você acabou de retirar uma culpa de mim, eu não fiz tanta diferença assim. Agora saindo daqui eu vou pra praia, sem culpa, nunca mais.*”

Ele não é, no final das contas, mais do que a condição preliminar de sua obra, o seio materno, o terreno, a ocasião de apresentar o adubo e o estrume sobre o qual, a partir do qual brota – e, por conseguinte, na maioria dos casos, alguma coisa que é preciso esquecer se se quiser ter prazer na própria obra. O estudo da *origem* de uma obra interessa aos fisiólogos e àqueles que praticam a vivisseção do espírito; mas nunca, absolutamente nunca, aos homens estéticos, os artistas! (NIETZSCHE, 2007c, p. 99)

5.6.1.. G80.. ESTOU VELHO?

Hoje em dia eu me sinto mais realizado pelas amizades que fiz, e não são daquelas que são passageiras. Claro que você não vai estar sempre com aquela rapaziada, mas foi criado um vínculo que acho que quem estiver vivo daqui a 30 anos vai ter ainda reunião, mesmo que não seja colocando nome, os churrascos vão ter ainda, esse elo acho que não vai ser rompido. (TATÁ em conversa)

Logo após estes primórdios, veio a incrível década de 80, quando, longe da crise econômica, do que se chamou de a década de atraso, o Xarpi carioca pareceu não ser afetado, muito pelo contrário, mesmo ainda convivendo com os últimos anos de uma ditadura militar, viu o seu mais importante momento, seu primeiro grande ‘boom’. Em outras palavras, foi nesta década que começou a se ver com mais frequência aqueles símbolos estranhos e incompreensíveis pela cidade, momento, também que se populariza o termo piXaçãO com “ch” e que, logicamente, começa a se intensificar a perseguição, e com ela, a execução de piXadores com “X”.

Nomes consagrados do Xarpi carioca surgem neste momento. Com letras mais arredondadas, uma escrita mais tradicional, dispendo as letras normalmente da esquerda

para a direita, além de uma tipografia mais próxima da gramática ‘oficial’, naquele momento, grande parte dos nomes eram bem legíveis mesmo aos olhos de quem não tinha nenhuma relação mais próxima com a $\pi\chi\alpha\zeta\tilde{\alpha}\omicron$. Entre esta galera, lógico que muitos já não só largaram, como também morreram, mas os que tornaram-se mais significativos para meu trabalho são os que, após mais de vinte anos parados, por algum motivo, nesta primeira década de novo milênio, resolveram retornar com força total, entre eles: Ranes, Tane, Gol, Tico, Nado’s, Hair, Dark, P2, Fino e outros que, pela incapacidade da pesquisa em alcançar a totalidade de uma cultura de dimensões muito maiores do que se postula, deixo aqui minhas desculpas e, ao mesmo tempo, minha homenagem.

De todo modo, o que mais vale é perceber os motivos, as influências, as forças que fazem pessoas com uma vida aparentemente bem adequada a um modelo cristão, ou melhor, estabilizada, um bom emprego, uma família saudável, filhos, cuja história com a $\pi\chi\alpha\zeta\tilde{\alpha}\omicron$ se limitava a um momento na juventude dos anos 80, a colocar novamente a mão no *spray* e, não só isso, passar a sair regularmente com outras pessoas que, como ele, também retomaram ativamente a vida no $\chi\alpha\rho\iota$, mesmo após mais de 20 longos anos ‘aposentados’. O resultado é que, hoje, não é nada raro presenciar pessoas já com seus 40 anos que, após saírem de seus empregos, marcam encontros-missões com seus antigos novos amigos. Seja tomando coragem e sendo honesto com a esposa, o que acaba gerando possíveis e grandes desconfortos com a família, seja, quando não acham prudente a honestidade, criando maneiras de ludibriar, afinal de contas, chegarão, a partir de então, alguns dias mais tarde.

Retomando o que coloquei há algumas páginas, quando falava sobre o Celacanto, é neste fenômeno do retorno da G80, que fica mais evidente o que eu, em sintonia com Canevacci, chamo de força juvenil, ou, sendo mais geral, de juventude desgarrada de suas clássicas amarras etárias, afinal de contas, estes tipos de experiência, se analisadas sob

lógicas mais oficiais, mais ou menos amparadas no bem-estar da família, serão facilmente e imediatamente enquadradas em algo de irresponsabilidade e infantilidade. Como de praxe, nestas páginas (creio que já tenha dado para perceber), nunca pararemos por aí, ou melhor, não seremos jornalistas preguiçosos. Cabe, mais uma vez, portanto, irmos à conversa, percebermos não só tais fatores motivacionais como também o tom de voz, as emoções, as aflições, ou seja, toda a experiência de vida que possibilitou esta retomada, que tornou opção escolhida, mesmo consciente do risco que corria em ser alvo fácil para denúncias de infantilidade e irresponsabilidade.

Voltei a piXar de 2006 para cá, que a galera da G80 voltou, todo mundo voltando a piXar. Só piXo com eu e mais um, eu e mais dois, e naquele esquema, para, olha, está vindo um mendigo ali, para, deixa o mendigo ir embora. Sem risco, não pode ter risco. Depois de velho, imagina, tem neguinho assinando processo, é foda, queima o filme pra caralho. Mas eu também não escondo de ninguém não. Até tentei esconder da minha mulher, mas ela percebeu – “Você está piXando?” “É, estou.” “Mas você não é mais adolescente!” “Você está tentando embarreirar uma coisa que, desde que você me conhece, você já sabia que eu fazia. Só porque não sou mais adolescente, eu não posso piXar? Fala sério!” Não faço nada, nem um tipo de contravenção, e não posso nem piXar um murinho de vez quando, né? (HAIR em conversa)

Claro que, se levarmos em conta, como parâmetro de avaliação para a fala de HAIR, os valores que constituem o ideal moderno, ocidental e tradicional de família, qualquer pai que, mesmo tendo seu emprego fixo como Hair, continue piXando, será enquadrado como um pai irresponsável, que não tem amor nem respeito pelos seus filhos e esposa. **(ver p. 20)** Agora, a meu ver, é evidente que estes conjuntos de valores, diante de nossa complexidade polifônica urbana contemporânea, já há um bom tempo não dá conta, não faz mais sentido. E mesmo que eu já tivesse em sintonia com este pensamento, foi na casa do Hair, conversando com ele e com seu filho de 9 anos por mais de três horas, que isso se apresentou, se escancarou diante de mim, me contagiou. Longe de tentar esconder sua vida notur-

na, que nem é tão mais frequente assim, de seu filho, nas fala de Hair, fica evidente que o Xarpi não passa nem perto de ser um tabu entre eles, mas sim um dos assuntos que mais os tornam próximos, que mais os tornam íntimos. Era evidente, em seus sorrisos, nas paredes do seu terraço que estampavam o nome do pai e do filho, no olhar de Hair, nas mãos que não paravam de acarinhar o garoto, o carinho e a paixão por aquela cultura que já dava provas de hereditariedade.

Meu filho, com 9 anos, já botou o primeiro nome, eu só fiz isso com 12 para 13 anos. E gosta muito, já está pegando na tinta, já conhece, levo ele nos churrascos comigo, quando é um lugar legal, ele vai amarradão. Já conhece a maior galera.
(HAIR em conversa)

É claro para mim que, neste caso, e, com certeza, não só neste, o Xarpi, em todas as suas vertentes, constitui grande parte do capital cultural desta família e que, por isso, torna-se, com toda legitimidade, boniteza e paixão, papel importante e central na preocupação de Hair, como pai, de ver em seu filho a perpetuação de todo arsenal cultural que ele construiu, justificando, encantadoramente, o seu orgulho e carinho por aquele filho que o supera, que, já aos 9, criou seu nome e o colocou na parede. Irresponsabilidade? Ouso dizer que poucos pais têm uma relação tão intensa e íntima com o capital cultural que forma sua família quanto Hair, afinal de contas, todo o cuidado com a preservação desta cultura e com sua perpetuação em seu herdeiro deverá, inegavelmente, conviver com uma série de obstáculos que surgem, justamente por sua consciência de que aquilo com que ele se encantou como maneira de viver, aquilo sobre o qual ele despendeu grande parte de suas energias, se não a maior delas, é nomeado como crime a ser combatido para o 'bem' da sociedade. No entanto, o crime, cuja eliminação habita, em muitos, os sonhos de uma sociedade melhor, para ele, é mais um charme, mais um atrativo. O que quero dizer é que não há contradição em determinada produção ser, ao mesmo tempo, crime e capital cultural, ainda mais quando a atividade, mesmo nascendo do processo de periferização sofrido,

com ousadia, não se limita a habitar apenas os locais da cidade já destinados a eles. Ouso dizer que é o nomadismo indigesto, incompreensível e indisciplinado da $\pi\chi\alpha\zeta\tilde{\alpha}\omicron$, ironizando o projeto de cidade que paradoxalmente, tanto a nega quanto a possibilita e encoraja, que a joga naquele limbo onde crime, incompreensão, indigestão, falta de profundidade filosófica e preguiça imóvel classe mediana, tornam-se palavras e expressões para dizer a mesma coisa. Agora, imaginem a minuciosa dedicação necessária para, dentro de uma cultura periferizada e criminalizada, você conduzir, de dentro dela, ou seja, com toda legitimidade, como vem fazendo Hair (e não só ele), um trabalho de pesquisa, de preservação de memória, de perpetuação daquilo que te constitui, e tudo isso, amparado por apenas uma agência não financeira de fomento – a própria paixão.

...não há luta a propósito da arte cujo pretexto não seja, também, a imposição de uma arte de viver, ou seja, a transmutação de determinada maneira arbitrária de viver em maneira legítima de existir que, por sua vez, atira qualquer outra maneira de viver na arbitrariedade. (BOURDIEU, 2007, p. 57)

Sendo assim, levando em conta esta reflexão de Bourdieu, o que passa a não ser legitimado é não só a cultura da $\pi\chi\alpha\zeta\tilde{\alpha}\omicron$, mas também tudo o que a circunda, a criminalização perpassa o ato de $\chi\alpha\rho\iota$, mas toma também qualquer outra prática que constitua a cultura, o crime passa a ser não um ato, mas um modo de viver, uma arte de viver. De todo modo, o que proponho não é um processo de legitimação nos moldes que estamos acostumados, e que, de certa maneira, vem acontecendo com o grafite. Uma legitimação mais interessante e de acordo com nossa condição polissêmica de cidade contemporânea, e por isso, difícilíssima, deve ser levada a cabo pela força afirmativa de quem pratica. Ao menos no campo da educação, de onde falo, é urgente amparar estas ‘outras’ estéticas, especialmente as periferizadas, por lidarem com conhecimento e saberes sem nomes, invisíveis; e, mais ainda, por estamparem descaradamente nos desafios de nossa contemporaneidade. Agora, que seja um amparo corajoso, pronto para ser alvo de todas as críticas

civilizatórias, uma educação nada beata, nada domadora de corpos, convivente às contradições de nosso tempo.

Retomando a relação de Hair com seu filho, é claro, que todos os riscos que fazem parte do cotidiano de quem escolhe ser piXador assusta o pai, grande conhecedor e sobrevivente disso tudo. Neste sentido, mais uma vez, com toda legitimidade, ele se preocupa com o que virá pela frente, com a intensidade que seu filho possa vir a vivenciar esta cultura. Daí a contradição a que estão todos sujeitos, entre o cuidado com o filho e a paixão pela piXaÇÃO é flagrada:

Hoje em dia, a educação que a gente dá pro nosso filho, não cabe mais o “faz o que eu mando, não faz o que eu faço”. Eu ouvi muito isso da minha mãe e do meu pai. Não cabe mais isso. Cabe orientar. Não sei se eu gostaria que ele saísse de madrugada para piXar como eu fiz quando eu era moleque. Não tem como eu dizer para ele que não vou aceitar. Vou orientar. De repente a gente põe um nomezinho junto. O bacana é que ele gosta, gosta e sabe desenhar. Quem sabe ele até começa a se interessar também pelo grafite. (HAIR em conversa)

Esta mesma relação contraditória e super legítima também foi flagrada em outras falas. Capital cultural criminoso, paixão pelo filho, vida pela cultura. Carinho, sagacidade, preocupação e ousadia, *tudo junto e misturado*:

A Julia, minha filha, já conhece. Ela anda na rua procurando, só que ela não comenta comigo. Conhece o meu, do Isac, da Kel, do Caixa. Conhece de ver minha pasta, de me ver em *photolog*, orkut. Ela não sabe ler, ela sabe o formato. Um dia, ela perguntou o que estava escrito naquele que era um biquíni. Fui ver na pasta, e era o Nito, um nome que parecia um biquíni. [...] Vou esconder minhas tintas. Que moral que eu vou ter pra falar pra ela não fazer isso, se eu mesmo vivo isso intensamente? Só vou ter que aconselhar, ajudar a fazer escolta, fazer uma sigla para ela “HT – Herdeira do Trono”. Mas proibir não tem como não, porque me proibiam e olha a merda que deu. Só não sairia com ela, mas ajudaria na caligrafia. (NUNO em conversa)

Lá em casa, todo mundo sabe, desde minha mulher até meu filho. Eles levam

numa boa, não incentivam, e nem eu incentivo meu filho. Ele até conhece alguns nomes e tal. Tem 14 anos, mas até o momento que eu sei, ele não se interessou em praticar. Até porque, eu não incentivo. Não vivemos em um mar de rosas, não quero isso para o meu filho, já vivenciei, já passei isso na pele, lances desagradáveis, tiros, porradas, ter que fugir, me esconder, e eu não quero isso para ele. Minha relação com ele é franca, aberta, a realidade é nua e crua, coloco para ele assim. Se ele resolver fazer, é com ele, não tem como impedir, só não vou apoiar e nem dar minhas tintas. (RUNK em conversa)

Retomando a relação entre Hair e seu filho, Breno, o filho, quando perguntado sobre o que sentia quando via pela cidade o nome do seu pai, ele não só falou o que sente como também mostrou certa preocupação e cuidado com a vida de seu pai: *“Às vezes eu falo pro meu pai pra ele não vacilar na rua. Quando vejo o nome dele eu sinto alegria.”* (BRENO em conversa) Alegria de conviver com seu pai por toda a cidade, por ver seu pai surgir de repente após uma esquina, e também de já poder compreender, de dentro, esta cultura tão incompreensível para a maioria de fora. De todo modo, o menino, até potencializado pela condição de morador da Rocinha, acaba vivendo nesse tráfego entre o dentro e o fora com uma habilidade mais sadia. Nesta circulação, então, fica já claro que não se pode vacilar, afinal de contas, como disse Runk mais acima, não adianta achar que é Disney.

Tudo o que eu falei nos parágrafos anteriores sobre uma dedicação apaixonada pela preservação de uma memória, de um patrimônio desta cultura feito pelo Hair, se materializa na gigantesca pasta mantida por ele em eterna construção (**ver p. 21**), seja através de uma pesquisa que resgata nomes históricos, ou na atualização diária dos novos nomes da meninada atual. Imagina você pertencer a uma juventude que fez história ao criar um fenômeno inédito, em que a cidade, em grande parte não só não projetada para eles como também construída sobre as bases da intocabilidade, passa ser alvo de suas assinaturas, ou seja, daquilo que constitui a mais relevante criação linguística humana, o seu nome. Uma destruição para o reencantamento, para o repertencimento, para não deixá-la morrer. Como

deixar que a oficialidade negligente apague toda a memória daquilo que você fez parte, daquela cultura que você e seus amigos deram, literalmente, a vida? A pasta de Hair, como parte de seu capital cultural familiar, aliado a proximidade e carinho com seu filho, garantem, para ele, esta necessária perpetuação:

Tipo, meu filho tem 90% de chance de virar piXador também. E eu não vou poder dizer pra ele que não. Como é que eu vou dizer para ele que não? Estamos até fazendo um curso de grafite, que é um lado menos mal visto. E pô, imagina o que ele vai ter na mão daqui a vinte anos. Eu coroinha com 60. Esse lance da pasta, não sei se pode se dizer que é cultural, mas de repente pode até vir a ser, você vê diferença de caligrafia, tem um pessoal de minas, tem um pessoal do grafite, tem de todo canto, da Baixada, da Zona Norte, Zona Sul, neguinho de 80 até um pessoal de 2009 tem aí na pasta. Tem nomes aqui que eu já vi pessoal vendendo em pasta por cinco ou seis mil reais. Nomes de piXadores que já morreram e não tem como ter uma folha deles mais. É bem valorizado. É um resgate, de conseguir o nome até de gente que nem piXa mais, mas que põe o nome na folha. (HAIR em conversa)

E ele ainda teve, em seu tempo de mais jovem, outra pasta que, por ignorância de sua mãe, acabou virando lixo:

Eu tinha um caderno da década de 80, de uma galera que morreu, só que ficava aqui em baixo, e eu morava com a minha mãe. Agora que o pessoal voltou, fui lá no quartinho, revirei tudo, não achei a parada. “Pô, mãe, a senhora viu aquele caderno?” “Aquele todo rabiscado? Ah joguei fora.” Tinha muito nome maneiro, MAD, MAR, COCAL, uma galera de 80 que era foda, geral morreu e pouquíssima gente tem o nome deles em folha. Porra, muito foda. Se eu tivesse isso hoje, neguinho ia ficar louco. (HAIR em conversa)

E veja, a pasta inteira está disponível no Youtube, ou melhor, a versão daquele momento, afinal ela está sempre em uma atualização interminável. Como está em ordem alfabética e o Youtube só permite vídeos com no máximo dez minutos, deixo aqui o primeiro link, depois vá viajando pelos vídeos relacionados –<http://www.youtube.com/watch?v=vB9vGIWC4NM>

Aproveitando a deixa, foi muito comum nas falas dessa galera a íntima ligação entre a popularização do uso da internet no começo deste milênio e o retorno da G80:

A internet foi a grande responsável pela volta dos antigos. Porque tinha um *fotolog*, o “Xarpi da antiga”. Para mim, ali foi o começo. Eu acompanhava ele, ele colocava o nome da pessoa e contava a sua história. A partir daí, cada um foi mandando fotos pra ele postar. Naquele momento, você podia postar sem ter *fotolog*, até que de repente, para interagir passou a ser exigido que você tivesse também um *fotolog*. Fui e criei um, daí, eu piXava para tirar foto. A quantidade de comentários vai te alimentando. Coisa de moleque, de pirralho, mas eu gosto. (NUNO em conversa)

Eu voltei a piXar por intermédio do computador. Encontrei o Runk no orkut, entrei em contato e, a partir daí, revi a galera toda na réu da Penha que eu nem sabia que acontecia. Tem muita gente que eu só conhecia por *fotolog*, que eu não conhecia pessoalmente, às vezes estamos juntos na reunião, o cara me dá um nome, e quando eu chego em casa é que percebo “pô esse cara é do *fotolog* tal”. A internet como um todo está fazendo o pessoal interagir muito mais. Você divulga seu nome, você faz um resgate, eu gosto muito de tirar fotos de nomes antigos. É legal mostrar para a galera nova um nome que, de repente, o cara morreu, pô, o cara nunca mais vai botar outro nome, e você vê neguinho ratando o nome do cara. Então, você botando estes nomes no *fotolog*, o pessoal já olha com outros olhos. Vai colocar um nome ali e vê um nome meio apagado, já pode pensar, pô o nome do cara está apagando, é antigo, vamos por do lado. Isso é muito legal. (HAIR em conversa)

Parece-me, portanto, que a internet, sua popularização e seus inúmeros ambientes de troca serviram como as reuniões de ex-alunos de qualquer colégio. Reativações de memórias, lembranças nostálgicas, repetições de reuniões, maior frequência dos churrascos, e aquilo foi ganhando maiores proporções e começando a retomar o sentido para muitos ali. Em pouco tempo, uma lata chega à mão, o barulho da lata é ouvido, o cheiro da tinta entra nos narizes, os muros se insinuem, os perigos viram desejos e a G80 reaparece com toda a força.

O que me fez voltar foi quando eu fui numa reunião e imploraram para botar

um nome. A princípio, eu relutei, eu não queria, até que eu senti o cheiro da tinta, aquilo mexeu com minha fisiologia. (RUNK em conversa)

185

6.. SÃO PAULO ME CHAMAVA! ALTAS VOZES!

Com grande parte da pesquisa feita no Rio de Janeiro já bem encaminhada, alguns fatos envolvendo a piXaçãO na cidade de São Paulo ganharam grande destaque, não só entre os que vivem esta cultura, mas também, graças à amplitude dos acontecimentos, entre espaços importantes da mídia hegemônica. De todo modo, não foi apenas este grande alcance que me fez amplificar minha atuação como pesquisador para além do Rio de Janeiro, mas sim minha incapacidade de me manter afastado. Acabei, mesmo sem saber direito se isso se tornaria, de fato, material de pesquisa, me envolvendo de uma maneira tão intensa que, não raro, me via pensando se aquilo que eu estava fazendo poderia ser considerado crime. Não que esta possível consciência inibiria ou diminuiria minha atuação, muito pelo contrário, percebia claramente que, quanto maior minha coragem e quanto maior a dificuldade em diferenciar as ações de um pesquisador das ações de um criminoso, mais densa e interessante seria a pesquisa. Até porque, tal indistinção entre o fazer epistemológico e o fazer criminoso garante, a meu ver, ao estudo feito, um prolongamento, uma extensão de seu alcance, uma vitalidade mais durável durante os séculos que virão. Vamos, então, ao que aconteceu, ou melhor, ao que eu vou contar sobre o que aconteceu.

O primeiro episódio que me fez me envolver, portanto, aconteceu especialmente com Rafael Augustaitiz, um rapaz que, desde seus 12 anos, frequentava a cultura da piXaçãO com toda dedicação. Sempre morador da periferia paulista e, com isso, segundo ele, testemunha de uma série de violências, inclusive sobre membros de sua família e amigos, conseguiu, via PROUNI³⁷, uma bolsa de 100% para frequentar o curso aparentemente mais simpático à atividade sobre a qual mais se interessava dedicava, mais tinha

³⁷ Programa do governo federal do Brasil que destina bolsas de estudo em instituições de ensino superior privadas a alunos com poucas condições financeiras.

amor. Começou, então, o curso de artes visuais no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, localizado em uma área super nobre da cidade.

*Influenciado a prestar o vestibular, me questionei como iria pagar.
Uma luz no meio do nada!
Meteremos os pés na porta e o resto Deus prepara!
Mete o pé não, mas como é minha casa, vou escorar e me debruçar!
É tudo nosso!!!*
(RAFAEL AUGUSTAITIZ em texto enviado a mim)

“Sou um do únicos, humildemente, olha lá senão, o ‘primeiro pixador’ da *piXaçãO* Paulistana a se formar em artes visuais. Batalhador e sofredor de perifa³⁸ desde criança, busquei na **faculdade mais antiga de arte de São Paulo**, uma ajuda, e na arte o sustento e sobrevivência. Porém, propus ao **Centro Universitário Belas Artes de São Paulo** umas das maiores obras que tinha de melhor a oferecer dentro do que seria um trabalho artístico contemporâneo. São Paulo, umas das maiores metrópoles do mundo, das entranhas do social, espancando gritos na selva de pedra, encontra-se o **efeito colateral do sistema, as pixações. Apresentei** como trabalho artístico a **‘exclusão social’**. Uma chinfra³⁸, reforçando um protesto contra o sistema capitalismo e os direitos de um cidadão que, até então, é ‘limitado’ e surreal pro extrato de baixa renda. **Ao contrario de olharmos só pro nosso umbigo**. Porém, eu, aluno cidadão que, a todo momento me apresentei como pixador, que sempre respeitou a instituição, tenho o direito de **liberdade de expressão** no trabalho conclusivo de artes visuais, **livre arbítrio e não servo-arbitrio.**” (RAFAEL AUGUSTAITIZ em texto enviado a mim. *Grifos do autor*)
(ver p. 234)

Sem nunca negar seu vínculo à cultura da *piXaçãO*, e tendo, obviamente, mesmo antes de frequentar a academia, já feito incontáveis obras por toda a cidade...

³⁸ Gíria paulista para periferia.

³⁹ Gíria paulista que quer dizer, em certa medida, uma brincadeira. Em gíria carioca seria como uma ‘onda’ ou ‘tirar um sarro’.



188

Rafael – 30 andares.

..., Rafael, mesmo dentro da faculdade, em sua relação com os professores, não escondia a cultura que não só lhe constituía, mas era a parte que mais o diferenciava como artista. Sua vida naquele meio, portanto, fatalmente seria constituída por uma série de conflitos iminentes. Seja por sua condição de morador da periferia, aluno bolsista, piXador e, mais do que isso, por estar frequentando as belas artes, não para adocicar a sua piXaçãO, mas para continuar a fazê-la com ainda maior intensidade, sua passagem, se fosse morna e confortável, seria frustrante frente ao potencial de desconforto às outorgas da Arte que ele poderia promover e promoveu. Com certeza, o vislumbre pelo mundo das artes poderia tê-lo apaziguado e, com certeza, já o fez com muitos outros que por ali passaram, mas Rafael não engoliu a seco. Prova disso são seus inúmeros trabalhos feitos durante os quatro anos em que esteve matriculado naquela instituição, tendo a piXaçãO como foco. Um deles merece, inclusive, uma atenção especial, menos por ter sido feito a convite de uma professora da instituição, como parte da mostra em comemoração aos 100 anos de Oscar Niemayer no Memorial da América Latina de São Paulo, e mais pela repercussão que este seu trabalho teve sobre seus próprios pensamentos, justamente por estar neste limite entre habitar a arte instituída sem largar a piXaçãO, limite complicado que o fez sentir-se desconfortável naquele momento. Aberta ao público dia 15 de dezembro de 2007, a exposição destinou, então, uma grande parede branca a ser ocupada pela sua arte, como mostra as fotos abaixo:



Sobre os incômodos que sua obra estampada numa mostra de arte o fez passar, Rafael, via MSN, em conversa comigo, disse:

Trancendencia horizontal da história, e transcendencia vertical de Deus. Quase pirei com aquele simbolo que fiz de todas minhas loucuras, diversas escaladas. Nada me incomodou como aquilo. Uma espécie de encanto. Aquela parada, pelo local me incomodo. Criei uma máscara onde meto pra lá que foda-se. Nem eu entendia o que tinha feito. Evitei até que os piXadores fossem ver. Enclausurado. Privei a piXaçãO. Não fiz o deslocamento dela. Poderia até fazer como o genial pintor Magritte – ‘isto não é uma piXaçãO’. É como se eu tivesse pegado tudo e sacrificado na casa do Estado. Criou uma distancia, trancendencia horizontal. O que está no limite é a piXaçãO. Terra céu, vida e morte. Parecia que estava lado a lado com a loucura, e aquilo não foi nada perto dos trampos que faço. Muitas coisas ficaram tangíveis depois disso pra mim. Só deixou de me perturbar depois do feito nas Belas Artes. Tenho que fazer algumas coisas. Meu espirito pede. Não consigo mais pensar a não ser o que tenho de fazer. Acho que depois que fazer o que tenho, fico de boa.”

(RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

6.1.. UMA CHANCE PERDIDA PELAS BELAS ARTES

De todo modo, sua obra mais relevante ainda estava por vir, mais ou menos 6 meses depois quando do seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso –, um *grand finale!* E foi! Nada mais óbvio que se tratar, mais uma vez, de algum trabalho vinculado à piXaçãO, e, como em todo bom trabalho final, a complexificação, um ir mais a fundo no que é estudado é crucial para a qualidade do trabalho. Com ele não seria diferente, a diferença, na verdade, estava nas belas artes. Ela até suporta um piXador em sua instituição, contanto que ele não vá tão a fundo, que não se torne estudioso demais, artista tão denso, aluno tão bom quanto Rafael. Como bem diz um trecho de Hakim Bey, o chamado profeta do caos, que estampa a primeira página do perfil de Rafael no orkut e do qual fiz questão de copiar e colar no meu:

As instituições têm oprimido a imaginação e desonrado o intelecto, degradando as artes a fim de estupidificá-las e promover a escravidão espiritual, a propaganda para o Estado e o Capital, reações puritanas, lucros injustos, mentiras e arruinamentos estéticos. (BEY, Hakim.

<http://catarse.110mb.com/hakimbey/caos/caos.pdf> Acesso em 04/07/2009)

Qual foi, portanto, a obra de Rafael? De fato, foi a piXaçãO em seu aspecto inteiro, sem se limitar à letra nos muros, mas incluindo nela a parte mais grossa desta cultura,

a não-autorização, a indisciplina, a irresponsabilidade, o nomadismo, o atravessar como furacão, escapando sem ser visto, ou melhor, suas partes mais juvenis, mais saudáveis, incluindo, como não poderia deixar de ser, seu questionamento quanto à autoria, afinal de contas a obra não era mais só dele, mas da molecada toda, da cidade de São Paulo inteira. Dia 11 de junho, data da exposição dos trabalhos dos formandos, incluindo Rafael, cerca de quarenta *piXadoresartistasarteirosamigos* invadem o prédio das Belas Artes e, entre eles, já não se pode mais distinguir Rafael. Capuzes nos rostos, tintas pelos bolsos, tudo deveria ser piXado. piXa TUDO!



Choque Photos

Obviamente, a represália, os brutamontes segurando as Belas Artes (ela não se suja se protegendo, contrata, é nobre demais para isso, prefere enviar uma nota oficial que ver sangue em suas mãos. Covardona!) viriam com violência para cima deles, e mais óbvio ainda, a reação da molecada deveria ser habilidosa, fugaz e também violenta. Se entregar seria correr o risco de ver sua cultura ser alvejada mais



uma vez. Era hora de alvejar!
Longe de esta violência ser motivo para diminuir a obra da menina, era parte integrante da artistagem, da estética ali proposta – fato indigerível para as Belas Artes constituída até

o pescoço pelas morais judaico-cristãs. Ouso dizer, o sucesso do trabalho do Rafael, ou melhor, de toda a menina, seria o fracasso do trabalho institucional. Em outras palavras, quanto mais intensa e legítima fosse a ousada obra de TCC, menor seriam as chances de o diploma ser emitido. Resultado, aluno jubilado, preso, processado, ou melhor, sucesso total! Trabalho eXtremo!

Rompi com um mundo das aparências, o diploma mesmo é válido no mundo das aparências. Não faço questão. Se um dia eu for atrás será só pelas pessoas que me apoiaram. Acho que transito nos dois. (RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

Nada mais compreensível que a tensão entre a ortodoxia da instituição de ensino (ortodoxia mais que afirmada pela reação assustadoramente conservadora da própria ‘Belas Artes’ que, diga-se de passagem, não traiu seu nome) e a postura e ação abusada do rapaz.

A tensão apontada está justamente no embate, nas palavras de Boaventura de Souza Santos, entre a força reguladora e as energias emancipatórias (2000). Rafael piXou paredes, divisórias, mobiliários e a arquitetura da faculdade. Não fosse uma instituição supostamente voltada para o ensino da arte, ele poderia tranquilamente ser aniquilado pelo sistema de crenças que cuidam da higiene da cidade como cenário estéril para os corpos e mentes disciplinados. Mas a razão da presença e ação de Rafael era justamente o aventado

sentido institucional: formar artistas, professores de artes, etc... Então, não seria fácil digerir Rafael e suas obras, afinal elas têm o tamanho da cidade de São Paulo, que cresce sem parar para todos os lados, sobretudo para aqueles que o ‘bom gosto’, a ‘racionalidade’, o ‘bom senso’ e a ‘boa educação’ não querem olhar. Não seria fácil nem possível esconder Rafael e impedir que seu feito nos levasse a pensar sobre os sentidos desse ensino de arte, abreviador de qualquer investimento filosófico na análise dos trabalhos de seus alunos. Rafael nos impõe pensar sobre a gravidade do cenário educacional que ainda se vale, rápida e violentamente, dos constrangedores recursos capazes de alcançar o senso comum de uma classe média anestesiada, como tentativa de dar conta da interrogação que Rafael gravou indelevelmente nas paredes da ‘educação artística’.

A tal ‘Belas Artes’ – alheia, como o demonstra de forma inequívoca os gestos de seus dirigentes, a toda uma velha discussão sobre os sentidos e limites da produção estética, sobre outorgas e experiências – parece desconhecer a imensa produção contemporânea da arte outorgada e das manifestações estéticas desautorizadas, mas não menos interessantes aos grandes teóricos e intelectuais da arte. Assim, outro aspecto a ser evitado, com a redução do instigante trabalho de Rafael, é o distanciamento daquela instituição ao que alimenta a pesquisa em artes na maior parte das instituições realmente devotadas ao seu estudo e ensino destituídos de pudores falsificantes, ou melhor, calmantes do que é friccional e fervilhante.

“Os índices seriam de extrema importância, ‘simbólico’, ‘de repente um valor capitalista estimado’, ‘poderia me apropriar e substituir tudo o que seria móvel’ e finalizar a mostra com os apagamento das paredes, isso se é que teria que apagar, afinal, é uma instituição Belas Artes ou é o quê?”

***O impulso e a cegueira fez com que apagassem a minha “obra” preconceituosamente. Quem vai me indenizar???** A minha ‘verdadeira’ arte, a de peso, não é prostituída facilmente, não é pra qualquer um, é pra quem eu queira ou vai ter que ter cacife, o peso capital não é paralelo à referente obra vendida de Beatriz Milhars. Com todo respeito a ela, servindo de referencia – 1 milhão de dólares atingidos. [...] Já se passou dias do caso ocorrido, deu tempo pros acadêmicos pensar e refletir sobre o choque que o trabalho propôs? Afinal, é uma academia de arte ou o quê?”*

(RAFAEL AUGUSTAITIZ em texto enviado a mim. Grifos do autor.)

Quem lida com a estética têm que ter corpo, e o simples fato desta existência do corpo em seu estado dilatado já empurra para longe qualquer necessidade de legitimação que possa prescrever uma alimentação da potência do acontecido. Sendo assim, talvez seja justamente a força de independência tão presente no trabalho do Rafael o ingrediente que mais tenha causado os enjoos conhecidos nas reações já previsíveis de tais ‘Belas Artes’ que, sem medo de errar, tornaram-se, como todo reducionismo conservador, motivos de ironia para uma juventude que ao ‘nada querer saber’ sobre isso, garante sua sapiência.

Também sem medo de errar, plenas de convicção, sob suas crenças na civilidade de suas ações como indiscutíveis sustentadoras de suas só aparentes feições de saúde, tais ‘Belas Artes’, sem saber, escondem o flagrante óbvio para um olhar sem tantos vícios, de seu estado terminal. Rafael, então, surge como um equipamento de choque desfibrilador, uma chance de sobrevivência, ou melhor, de ressurreição fora das convicções restritivas para as ‘Belas Artes’ que, mesmo sem palavras, retoma suas nunca perdidas vaidades de ares superiores, planando por sobre os homens. Em suma, prefere, sem nem dar conta, perder esta chance.

E nem precisava de tantas palavras bem articuladas, se bem que, como já falamos, para o jogo das aparências, podemos utilizá-las como tática. Bastava ouvir em elevados decibéis a sensatez do desequilíbrio: em palavras do próprio Rafael: *“Somos abusados? Que se foda! É um orgulho pra vocês eu estar dentro dessa podre faculdade. Não sou seu filhote, não preciso do seu aval. A arte, hoje em dia, é pra quem está na pegada. Para os bunda-moles, ela morreu faz é tempo.”* (Ditos enunciados por ele enquanto era algemado pela polícia)

Em simpatia com a ideia da totalidade da vida, a meu ver, tais ‘Belas Artes’ só se libertarão de seus invólucros constitutivos na medida em que forem se confortando com a

ideia de infidelidade a verdades, a morais, ou seja, se confortar no trânsito do próprio fazer estético em seu aspecto completo, incluídas, aí, as infidelidades aos valores. Em outras palavras, trafegando pelo desmantelado e pelo imperfeito sem seus ainda claros desejos de eliminação, ou melhor, de preservação de si. É exatamente neste sentido que Rafael é, ou deveria ser, se é que ainda não será, como ele, sabiamente declara, um orgulho não só para o Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, mas para a genérica ‘Belas Artes’ em si. Talvez ainda haja tempo.

Antes mesmo de decidir por tamanha obra, Rafael me confessou que já havia conversado sobre seus sentimentos com um de seus professores, segundo ele, “o mais picão” da faculdade, com o qual se dava bem:

“Fui conversar com um professor que admirava. Malokeiro eu, expus essa questão que tinha feito, o que tava sentindo [aqui ele se refere àquela obra já dita acima, feita e exposta no Memorial da América Latina], achava que me daria uma luz. Tinha quase certeza que ele sabia do que estava acontecendo, o que eu estava fazendo. Me falou que eu estava à deriva. Louco! Ai eu falei, isso é bom, fico lado a lado com a loucura, administro ela, ai sim faço arte. Com todo respeito, se vc tivesse crescido onde cresci, seria chamado de nerd e tomaria tapa na cabeça. Ficamos um buscando no outro, olho no olho, comecei a pegar fraquezas no cara. Sei lá, algo muito estranho, o mundo real e o mundo das aparências, e os cara são zicas também, são cultos, mas, ao mesmo tempo, são atrasados. Tipo dois mundos. Enquanto falam, eu ajo, mas as sensações foram além. Ficam presos em fantasmas, só leem, a realidade eles conhecem, mas..... Eu tumultuo. ‘Viu como não é pira minha? Faço acontecer.’ Tenho vontade de mandar esse salve pra ele, tirando um baratinho, rrsrs....”

(RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

Os nômades nada esperam da cidadela atravessada e não a desejam ocupar. É apenas uma coincidência ela surgir no caminho vagabundo dos primeiros. Como chegaram, artistas em transe e trânsito permanente, partem sem se importar com o que é feito e com o que é pensado nos intestinos das ruínas intactas que, apavoradas, os rejeitam. Em seu fluxo e devir, com seus olhares delirantes e suas criações alegres e ferozes, os nômades, belas crianças, da cidadela triste e rancorosa, nem se aperceberam.

Rafael é uma preciosa notícia! E não parou por aí.

O mesmo ocorre na história da humanidade; primeiramente as forças mais impetuosas abrem caminho pela destruição, mas sua ação era, no entanto, necessária para que mais tarde costumes mais amenos erguessem no local sua morada. Essas energias terríveis – aquilo que se chama o mal – são ciclóticos arquitetos e construtores pioneiros da humanidade. (NIETZSCHE, 2007d, p. 177)

6.2.. CHOQUE CULTURAL? NÃO SERIA BLECAUTE?

Alguns meses depois, mais precisamente em um sábado, dia 6 de setembro, o alvo seria uma galeria cujo nome e proposta, aparentemente, supunham um local destinado às artes do *underground*, da rua, em suas palavras, “artes com procedências paralelas às artes acadêmicas”. A galeria se chama ‘Choque Cultural’, nome que, além de supor tal abertura a estéticas não-acadêmicas de arte, sugere, ainda, uma capacidade de convivência melhor com noções de efervescência, adrenalina e, até mesmo, de violência, constituintes de muitas destas produções. O que me espanta, mas que nem deveria espantar tanto assim, é a quantidade grande de obras expostas, ou melhor, postas à venda nesta galeria, vinculadas ao que se acostumou chamar de ‘arte de rua’, muitas destas, tendo, inclusive, a estética da piXaÇÃO como forte influência. Aí está o grande perigo, este limite entre influência e cooptação, e, mais ainda, entre a mercadologização e a domesticação. Fica a pergunta: quantos *voltz* de potência a ‘Choque Cultural’ aguentaria? Quão domesticada a piXaÇÃO precisa estar para figurar entre as obras ali expostas-vendidas? Se a ‘arte de rua’ é, grosso modo, tida como crime, até onde vai a coragem destes curadores que se apresentam tão antenados com o que acontece na cidade, em também cometê-los, em se confortar vivendo-os?

Aguenta-se, encoraja-se, vende-se e expõe-se isso:



Foto retirada do site da Choque Cultural

Perdem o fôlego com isso:

197



Choque Photos

A primeira imagem, postada no site da galeria, mostra uma instalação feita pelo artista Zezão, integrante da 'Choque Cultura', em Los Angeles, numa exposição chamada 'São Paulo'. Já a segunda é uma foto da invasão sofrida pela galeria. Enquanto uma é

instalação artística, a outra é crime; enquanto uma é arte de rua ou ainda *street art*, a outra é sabe-se lá o que, provavelmente, vandalismo; enquanto, na primeira, se conhece o artista, na segunda, é a juventude nômade desautorizada quem assina; enquanto, numa, a curadoria propõe um valor, na outra, não é vendável, simplesmente está, arte em imanência com a cultura urbana. Talvez a própria cidade a encomende, a compre, por um valor simbólico, não foi assim na primeira? Para se ter São Paulo por inteira em Los Angeles não precisou flertar com a piXaçãO (talvez com 'ch')? Então? Até o risco de vida pode ser um preço a ser pago. Mas o primeiro estava autorizado, era convidado, diriam alguns. Grande vantagem! Lembro muito mais das festas a que fui como *penetra* que nas convidadas. Quanta audácia!

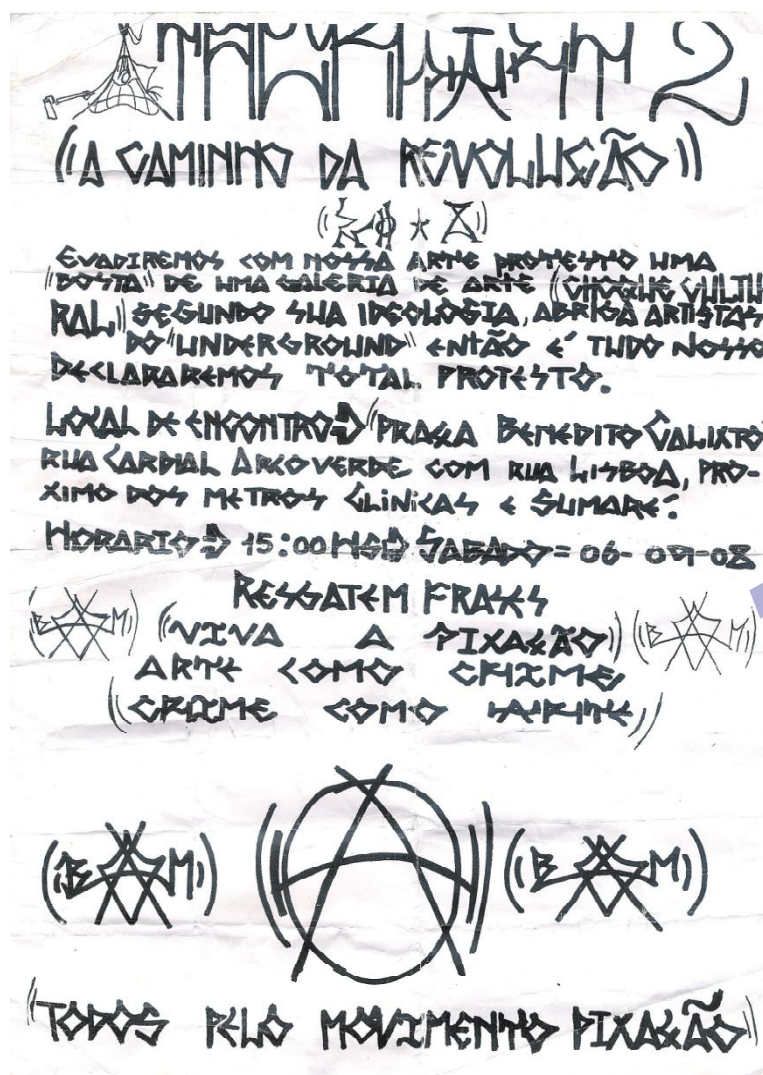
Não me proponho, aqui, diminuir as obras de artistas como Zezão, que tem na rua sua matéria-prima, suas principais fontes de inspiração, mas pôr em cheque os regimes de verdade que circulam esta habilidosa invenção da aristocracia ocidental de meados do século XVII – o conceito moderno de arte, ou melhor, o mundo-mercado da arte.

Nem para Dante nem para Tomás de Aquino o termo Arte tem o significado que associamos a ele, e já se enfatizou ou se admitiu que para Tomás de Aquino cozinhar, fazer sapato ou malabarismo, e dominar a gramática e a aritmética não são atividades menos artísticas que a pintura, a escultura, a poesia e a música, atividades que nunca mais seriam postas em um mesmo grupo, nem mesmo categorizando-as como artes imitativas. (KRISTELLER apud TAYLOR, 2005, p. 57)

Quero dizer com isso que, mesmo nos redutos, nas galerias que se dizem menos institucionalizadas, mais alternativas, basta pô-los, justamente diante de produções estéticas eXtremamente alternativas, ou melhor, inadaptáveis à moral vigente, para ver reagir a vontade controladora de uma curadoria super descolada, mas muito bem formada e educada.

Então, dias antes ao já marcado dia 6 de setembro, alguns chamados foram espa-

lhados tanto pela cidade de São Paulo, quanto pela internet, especialmente pelo orkut e fotologs:



199

A meu ver, a parte mais significativa do convite está, além da própria estética da piXaÇÃO, tomar conta, nas primeiras palavras, quando lança, sobre a ‘Choque Cultural’, o título de uma ‘bosta’ de galeria, uma vez que ela, segundo o próprio convite, afirma abrigar “artistas do *underground*”, sendo assim, como dizem eles, mais uma vez, “é tudo

⁴⁰ “Atack Parte 2: evadiremos com nossa arte protesto uma bosta de uma galeria de arte “Choque Cultural”. Segundo sua ideologia, abriga artistas do “underground”. Então é tudo nosso. Declararemos total protesto. Local de encontro: Pça Benedito Calixto. Rua Cardinal Arco Verde com Rua Lisboa, próximos dos metrô Clínicas e Sumaré. Horário: 15:00 Sábado 06-09-08 Resgatem frases: “VIVA A PIXAÇÃO”, “ARTE COMO CRIME, CRIME COMO ARTE” “TODOS PELO MOVIMENTO PIXAÇÃO”.

nosso!” Estava justificada, assim, a sua posse, a sua tomada de assalto, ou um processo de avaliação: o quão *underground* é o artista ali legitimamente amparado? Ou, para fazer parte do *underground* dito, defendido e amparado pela galeria, seria preciso um processo de passagem coordenado por uma curadoria que, apesar de se dizer estética, não tem o fôlego de vivenciá-la nietzschianamente ou maffesollianamente – em suas partes, de fato, mais sombrias, mais invisibilizadas, ou seja, não conseguem desvincular de seus pareceres estéticos, seus ranços morais. De todo modo, enquanto a curadoria escolhia as partes da rua que deveriam ser bem expostas-vendidas, a própria rua, no que ela tem de mais inapreensível, no corpo de sua juventude nômade, atravessadora e marcadora, impediu seu próprio processo de envernizamento. Tudo bem, óbvio que tudo o que for escolhido para estar naquela galeria não tem a menor força nem significância frente ao que, de fato, extrapola e joga ao chão todo o vínculo que, historicamente, foi construído entre a noção de estética e de moral. Em outras palavras, a força significativa do fenômeno da piXaçãO está, de certa forma, por acontecer independente de qualquer manobra patrocinada pelo mundo da arte. Portanto, mesmo que os piXadores nem ficassem sabendo sobre o que era feito naquela galeria, a piXaçãO em si já é anunciadora de uma série novas perigosas plataformas, para também novos possíveis entendimentos da emergente metrópole comunicacional, do estudo da estética, do campo da educação, da cultura, em suma, das ciências humanas.

De todo modo, com a intensidade do nomadismo contemporâneo protagonista, vivenciado por esta juventude que se nega a aceitar o papel coadjuvante a ela proposto por um projeto perifizador e gentrificador⁴¹, tanto na esfera geográfica da cidade quanto em seu ainda mais violento projeto estético-moral-simbólico, o controle sobre quais territórios os ‘Rafaéis’ irão atravessar e ocupar se dissolve, há mais espaços, então, para os inespe-

⁴¹ Termo comum em alguns estudos de arquitetura acerca do processo de esvaziamento e não utilização de uma série de espaços públicos. Como se desse a idéia de uma centrífuga de gente.

rados encontros de lógicas. Ironicamente, então, como vimos, Rafael Augustaitiz, corajoso e ousado piXador, quase que como num malabarismo do acaso, passa a frequentar, por quatro anos, o curso de artes visuais e, conseqüentemente, ambientes institucionais das belas artes junto com seus símbolos, sua linguagem, seu vocabulário, todo seu arsenal simbólico. Até aí, tudo bem, tudo confortável, uma vez que, como já disse, muitos saem dali encantados, vislumbrados. Não foi o que aconteceu com Rafael.

Como ele mesmo diz, foram anos de desconforto frente àquilo que, para ele, fazia pouco sentido, uma sensação forte de não pertencimento àquele contexto simbólico, tempos de sentido diminuído frente a algo que se postulava diante dele como mais grandioso, convivências tensas com alguns professores, enquanto outros, poucos, viam nele, de fato, uma possibilidade para a amplificação do estudo da arte, da estética, uma chance de tornar aquele ambiente de discussão mais plural, uma chance de conversas com outras lógicas de produção estética. Como eu disse, foram poucos, e mesmo estes poucos, após a primeira obra, pelo visto, também foram perseguidos:

Uma professora foi mandada embora, porque falou que são todos cuzões, só falam o que já foi dito. Fiquei sabendo que ela falou num debate com os alunos que eu coloquei a coisa pra funcionar. Os cara estão digerindo ainda. Enquanto há discussão, há dúvida, enquanto há dúvida, não poderiam ter me expulsado. Adorei mesmo, vou tumultuar mais. Como diz o Raul, eu sou a mosca que pousou na sua sopa; prefiro ser uma metarmofose ambulante; não adianta me detetizar, porque vc mata uma e vem outra em meu lugar, Raulzito. (RAFAEL AUGUSTAITIZ em conversa via MSN)

Sendo um centro universitário particular, outra experiência em potencial foi a circulação de Rafael por ambientes e pessoas das mais diferentes camadas sociais, experiência que, sendo feita e vivida numa filosofia da conversa, é, evidentemente, enriquecedora.

O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. “Se

falar *por* alguém parece ser um processo misterioso”, observou Stanley Cavell, “isso pode ser devido ao fato de falar *a* alguém não parecer de maneira alguma misterioso.” (GEERTZ, 1989, p. 23-24) **(ver p. 35)**

Rafael, então, sem deixar, obviamente, de frequentar os grandes *picos* da piXaçãO e de escalar imensos prédios, passa, também, a conhecer galerias, museus, centros culturais daquilo que é, grosso modo, conhecido como Arte. E a ‘Choque Cultural’, até mesmo por se anunciar como local destinado a produções contemporâneas de artistas não-acadêmicos, em especial os simpáticos à cultura urbana, de rua, fatalmente não escaparia aos olhos de Rafael. Atento à limitada capacidade de fôlego de quem comandava a galeria, evidenciado pelas obras expostas e pela condição, grande parte das vezes, vendável das mesmas, Rafael viu, naquele lugar, uma assepsia que não condizia com a produção que ele e seus amigos produziam. Arte *underground*, arte da rua, vivenciada por ele há décadas, numa intensidade à flor da pele, ou seja, indissociável de sua própria condição vivente, vida e obra numa coisa só, não seria passível daquele encaixotamento, não se expõe, se vive. Como certa vez ouvi o grafiteiro carioca Marinho dizer: “A melhor coisa do piXador é que ele não arrumou o problema que eu arrumei, que é querer ser artista.”

Não se pode entender a piXaçãO, portanto, limitada à sua produção tipográfica, ao nome no muro, muito menos às suas reelaborações como na instalação do artista Zezão dita acima. A piXaçãO, em sua completude complexa, não é apreensível numa exposição, numa foto que seja, ela só se completa no momento que é eXperienciada, vivida, em toda sedução de sua subversão, em todo desconforto que produz, em todo peso carregado por aqueles que, ao escolhê-la como opção para ocupar o mundo, para escrever sua vida sem autorizações, aceitam o fardo e o orgulho irônico de se apaixonarem pelo crime. Se um local se propõe, então, a amparar estes tipos de produções estéticas, não me venha com doses homeopáticas que, ao passo que garantem um nome ‘descolado’ à sua galeria e uma aparente e charmosa posição não-acadêmica contemporânea, não passam de afogados

aniquiladores da imaginação! Rafael e seus amigos, na mesma intensidade, apenas sugeriram o óbvio: dar à galeria o que ela mesmo anuncia como sendo seu material de interesse, mas, desta vez, não seria em pedaços escolhidos por ela, mas por inteiro, com toda a força, com todos os decibéis que a constituem, goela abaixo.

Contudo, era evidente que a galeria não iria digerir aquilo, como veremos. E não venham dizer que Rafael é o suposto líder, o manipulador, como alguns chegaram a denunciar, ele apenas atravessou, em sua trajetória, contextos simbólicos quase incompatíveis, de lógicas bem diferentes, mas que tinham como substância comum a incrível dependência humana de sua capacidade em viver inexoravelmente produzindo estéticas. De todo modo, tal imenso conhecimento, tamanha experiência, foi coletivizada com seus amigos *arteiros*, coisa até que as Belas Artes deveria se propor mais a fazer. O grande drible, na verdade, foi que ele, para desconforto da instituição, que não engole tão bons alunos assim, aprendeu da melhor maneira possível: às avessas, sem curvar-se, alongando-se, coluna ereta. ‘Choque Cultural’? Blecaute Cultural poderia ser mais apropriado!

O tempo que a arte era o belo já passou, isso ficou para trás, estamos no século XXI. A Arte não é mais para ser bonita, para enfeitar a minha sala, a arte é para falar da população, expressar quem a gente é, refletir sobre o nosso mundo, então, um grafite numa parede que ele só é bonitinho, que só serve para embelezar a cidade, ele é uma merda, não é porra nenhuma, não é nada, não é nem grafite. Não quero um grafite para colorir a cidade, quero um grafite que faça a minha vizinha pensar sobre alguma coisa. A piXaçãO não tem como a pessoa gostar, a gente gosta porque a gente entende, algumas pessoas acham lindas, mas as pessoas normais nunca vão gostar. Por isso que eu vou gostar muito mais dos meninos da piXaçãO do que dos meus amigos grafiteiros, apesar de ter escolhido o grafite para mim. Mas na totalidade do movimento, a piXaçãO é muito mais pura porque não se vendeu. (ANARKIA em conversa)

Então, chegando o sábado dia 6 de setembro, concentração feita, todos caminharam juntos em direção à galeria. Entraram normalmente como se fossem contemplar as obras, mal sabiam os seguranças que ali entravam artistas do *underground* e da rua, justamente

no local que discursivamente os acolhe. Então... piXa tudo!!



6.3.. SE ENCHERAM DO VAZIO OU ENCHERAM O VAZIO?

Desta vez, todos conseguiram escapar, e o próximo alvo já era de se imaginar: a polêmica 28ª Bienal de São Paulo, apelidada, tanto pela população quanto pela imprensa, de a Bienal do Vazio, uma vez que, nas falas de seu próprio curador – Ivo Mesquita – propunha algo, em seu ponto de vista, corajoso:

Quis propor uma reflexão sobre o sistema das bienais, a Bienal de São Paulo como um estudo de caso. O térreo é uma espécie de praça, um ponto de encontro, com atividades desenvolvidas pelos artistas. No primeiro andar, um espaço de serviços e o vídeo lounge. O segundo andar, a planta livre, que enfatiza a arquitetura do edifício, rompendo com o formato tradicional. O terceiro andar

é o plano de leituras.

(http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2008/10/23/_bienal_do_vazio_comeca_neste_sabado_pode_ser_alvo_de_pichadores-586086074.asp Acessado em 16-06-09)

Segundo o próprio jornalista que fez esta matéria a partir desta coletiva de imprensa, percebeu não só um tom de voz desconfortável do curador, como também uma significativa diferença diante de suas falas anteriores. Agora, ele, quando abordava o segundo andar da mostra, aquele que, propositalmente e conceitualmente, não exporia nenhuma obra, sequer mencionava a palavra “vazio”, que teria sido o pivô principal de toda a polêmica. No lugar dela, foi escolhida a muito menos potente “planta livre”, enfatizando assim sua relação direta com a arquitetura do edifício.

Como maneira de justificar conceitualmente aquele espaço vazio, o qual sofreu algumas denúncias sobre uma suposta crise econômica e estrutural da instituição Bienal e, a mais grave ainda, de lavagem de dinheiro, foi elaborado, também, o tema “em vivo contato”, o qual, justamente, significaria tanto o contato entre público com a arquitetura, quanto supunha maior relação entre o público em si. Não era muito claro se tal espaço estava aberto a intervenções desautorizadas, de todo modo, é fato que algumas mais bem comportadas aconteceram e não foram interrompidas pela organização, o que sugeriu uma simpatia à ocupação do espaço, contanto que... **(ver p. 212)**

Haja vista os locais de verdades e valores tão contraditórios atravessados e marcados, não só pelo Rafael, mas agora, também, pelos seus amigos, aquele andar vazio proposto pela Bienal, me parece, seria um cenário ideal para estampar, ou melhor, espancar, estas contradições conflituosas. E isso, para que fosse legítimo, para que fosse, de fato, piXaÇÃo e não pichação, deveria ser feito justamente como foi, em ATACK, portanto...

públicos, que serviriam, ou melhor, acreditam servir como um banco de dados para que a humanidade não perca de vista seus principais feitos artísticos, que os arquivem para as futuras gerações, sendo assim, como ficaria um artista que já o era sem nem saber desta nomenclatura pomposa e que, justamente, por não identificar tal pompa como pertencente à sua produção passa a se intitular, em contraposição, como arteiro? Como ficaria, então, este que, ao conhecer a pompa, e mais ainda, seu discurso universal, não se percebe amparado, acolhido, protegido, muito pelo contrário, já nasce encontrando na ameaça seu lugar de produção estética?

Neste sentido, tão significativo quanto a invasão, foi o convite ou o chamado espalhado pela cidade e pela internet estampado acima. Não só pelo seu conteúdo, sobre o qual nos debruçaremos em seguida, vale a pena pensarmos, também, o quanto a escolha por espalhar tais convites pode, de alguma maneira, evidenciar a simpatia que esta menina tem para com o território metropolitano e virtual que habitam com espírito nômade. Se existe um lugar onde encontrarão simpatizantes à sua proposta de reclame, este lugar só pode a cidade e sua virtualidade, assim, sem endereços fixos, inapreensível, liquidamente. Enquanto isso, museus, galerias e a cidade parecem corpos em relação de incompatibilidade, uma vez que as imperfeições, o contraditório, as dissonâncias e as ilegalidades que constituem, ousado dizer, a parte mais densa e pulsante da cidade e das produções estéticas que a atravessam, me parecem, ainda, inapreensíveis para o fôlego limitado inerente à lógica de museus e galerias. A cidade inteira até cabe numa galeria, em um museu ou numa instituição de Belas Artes, como coube à força, mas o fôlego para ampará-la e protegê-la, mantendo a legitimidade, requer fôlego e coragem demais para quem escolhe despende seu tempo e saber projetando, sonhando e administrando galerias. Portanto, nos moldes de hoje, a meu ver, mesmo que uma galeria tenha sido criada, afirmando seu interesse pelo não-acadêmico e pela rua, como aconteceu com a Choque Cultural, a voz gritada, com

cordas vocais calejadas, porém potentes, da rua, a cidade com seus decibéis muito além do permitido, todo este barulho ensurdecedor, toda esta visualidade desconfortante que constituem a beleza de uma metrópole contemporânea, só pode ser encontrada pulsante, fervilhante, ou melhor, com legitimidade em uma galeria de arte se for feita como foi, na base da invasão, do crime não-autorizado, mas sem ser pega, escorregadia, nômade como já é. E a juventude é perita, habilidosa, pós-doutora em não deixar a legitimidade da rua se esvair.

É justamente, então, neste sentido que o conteúdo do convite à invasão da Bienal é muito potente, é anunciador do abismo, do imenso disparate entre o que acontece de estética pelas ruas e o que os regimes de verdade da arte conseguem digerir, contemplar.

Nada do que suposto natural, a simbólica e singular piXaÇÃO paulistana, espancar na tinta, galerias e museus de arte, transcendendo “além do bem e do mal”, prestando seu papel aos “confortáveis”, contribuindo com a arte e com a humanidade. (transcrição do convite acima)

Apesar do começo de difícil interpretação, a meu ver, a meninada supõe como óbvio, como movimento natural, mediante o histórico aviltamento e invisibilização ao qual tal juventude periferizada e, conseqüentemente, todas as suas legítimas produções foram e continuam sendo condenadas. Neste caminho, mesmo que tais produções sejam independentes, aconteçam à revelia do que as instituições de arte decidam sobre elas (talvez seja essa sobrevivência nem ligando para ela, que mais a atormente), o nomadismo desobediente dessa meninada não permitiu a intocabilidade da arte. Portanto, a trajetória desobediente e inesperada de um jovem que, na condição de periferizado, ousou – provavelmente sem nem perceber que ousava tanto, o que o torna ainda mais legítimo – ocupar lugares, bancadas as quais não lhe eram simbolicamente destinadas, perante as quais ele era o “outro”, o inesperado; ousou não se curvar, não se vislumbrar diante de um discurso-verdade que não fazia sentido algum frente ao que ele vivia-produzia; tal trajetória, então,

intensificada pela condição não apenas singular da piXaçãO, mas esparramada pela cidade, em constante contaminação coletiva, muito mais que uma linguagem estético-artística, mas uma cultura, com toda a complexidade que tal nomenclatura contém; já anunciava potentes rupturas, intensos embates, há tempos já estampados por toda a superfície deste aburguesado projeto de metrópole, incoerente e conflituoso em si mesmo. De todo modo, como já disse, a arte instituída parece cada vez mais anacrônica frente à explosão estética urbana contemporânea, ao mesmo tempo encorajada pela falência deste projeto de cidade e denunciadora desta mesma falência. Se durante a idade média e maior parte da modernidade, a arte teve papel protagonista no planejamento e na construção da cidade como a conhecemos hoje, em nossos tempos atuais, pós-tudo, é justamente de onde a arte menos se ocupou, de tudo o que ela periferizou em favor de uma centralização metropolitana que, desobedientemente, negando séculos de adestramento, irradiam, emergem as produções mais instigadoras, mais interessantes, mais anunciadoras de um novo panorama *artístico-arteiro-cultural-estético* muito mais amplo. Por isso, “ALÉM DO BEM E DO MAL”, por isso, “prestando seu papel aos ‘confortáveis’ e, por isso, “contribuindo com a arte e com a humanidade.” Que chance esta menina deu às belas artes, às artes de se moverem numa direção inédita, com uma velocidade e contemporaneidade jamais vista! De todo modo, diferente da metrópole contemporânea que, por se insinuar livremente, se atualiza a cada instante, a arte, com suas políticas, poderes e fetiches mercadológicos, se satisfaz em criar estampas para se mostrar atual, descolada e atendida. Portanto, enquanto a arte se negar a esta manobra habilidosa e veloz sugerida pela menina que zomba dela, continuará tendo apenas uma opção, apenas uma escolha diante de estéticas zombeteiras, a cooptação, a domesticação e a mercadização, nesta ordem. Em outras palavras, a arte deveria se espelhar na versão contemporânea da metrópole que ela mesmo planejou e ajudou a construir, mas que hoje, como num golpe reequilibrante, humanista pelo crime, se revela, ironica-

mente, ao avesso. Arte do avesso, ou o avesso como arte.

Retomando a história da bienal, tudo bem que soa interessante e super atual a proposta do “vazio”, ou da “planta livre”, no sentido de propor uma experiência da arquitetura do prédio. De todo modo, não se pode, para uma curadoria que se preste a pensar um pouco mais corajosamente, deixar de pôr em discussão, filosoficamente, o conceito de experiência, afinal de contas, que experiência arquitetônica mais pobre é esta, de onde a própria arquitetura deve sair intocada? Que contemporaneidade há nisso? Que sacralização mais cafona e anacrônica uma bienal de arte foi capaz de promover, e pior, transvestida de “corajosa”, de questionadora! Bem, convenhamos que, se tem alguém que vive eXperienciando (esta sim com X maiúsculo) a arquitetura de maneira eXtrema, em risco de vida, confundindo seu próprio corpo frágil com o concreto aparentemente indestrutível e eterno, esse alguém são muitos, são piXadores. Posso dizer, portanto, que os piXadores da bienal, ou melhor, da cidade inteira, podem ter, mais uma vez às avessas, salvo a experiência arquitetônica promovida pela curadoria de seu evidente fracasso conceitual? Afinal de contas, eles já fazem e vivem isso (percebam, o quanto, no contexto da arte, esta expressão faria mais sentido se dita “vivem DISSO”. Entre os piXadores, a potência da mistura indissociável entre vida e obra de arte propiciam um natural “vivem ISSO”) todo dia, ou melhor, toda madrugada, sem convocarem suas coletivas de imprensa. Tal conceito, então, longe de seu aparente ineditismo, já é vivido com muito mais intensidade fora daquele 2º andar sem graça.

Então, dia 26 de outubro de 2008, às 18h, como combinado no convite, um grupo de cerca de 50 pessoas – entre eles apenas uma menina, chamada Caroline Pivetta da Mota (mais tarde você saberá o porquê de eu dar atenção especial a ela) – se encontrou no ponto de ônibus em frente ao Detran e, logo depois, partiram pelo Parque do Ibirapuera em direção ao pavilhão da bienal. As pessoas entraram como se fossem público mesmo, e só

começaram o ATACK quando perceberam que já estavam sendo perseguidos pelos seguranças que já os julgavam segundo suas aparências “periferizadas”, como veremos mais à frente em depoimento do próprio chefe da segurança. Obviamente, para manutenção e sobrevivência da complexa obra-performance em questão, passaram a ser necessárias boas doses de violência, afinal de contas, era preciso não só produzir a obra como também escapar audaciosamente. Alguns, moralistas-jornalistas de espírito, vão ilegitimar a ação apenas por seus impulsos violentos, através de ditos muito comuns como “*se bateram em alguém já perderam a razão*”. Pois bem, a violência, no caso, além de ser determinante para o sucesso da ação, era mais do que isso, era parte indissociável da mesma, tão significativa quanto as letras nas paredes, eram os corpos em arruaça, eXperienciando a arquitetura sem se deixarem controlar. Coragem e ousadia como conceito de arte.

O protesto da bienal para mim foi perfeito. O Vazio. A Arte institucionalizada ela é tão podre, que o cara não tem dinheiro para pôr obra de arte no espaço, e tem a cara de pau de dizer para a gente que é uma reflexão do vazio. É o cúmulo de criar um conceito para uma obra que na verdade não existe, entendeu? Tá de sacanagem com a nossa cara. Aí os moleques vêm, piXam tudo. Aquela performance de piXar aquela sacanagem da bienal foi a grande obra, acho que de todos os tempos, de todas as bienais. Foi uma coisa natural, não foi programado, ninguém esperava. Dou o maior apoio. (ANARKIA em conversa)

6.3.1.. CAROL PRESA! ARTISTOU DEMAIS?

Pois bem, após toda ação-obra, os seguranças, a fim de não deixá-los escapar até a chegada da polícia militar, confinaram todos no espaço destinado ao guarda-volumes. De todo modo, o que os separava do espaço externo da bienal, ou seja, o que os distanciava de uma possível fuga era uma parede de vidro transparente e, obviamente que aquilo não os deteria, afinal de contas, são peritos em eXperienciar a arquitetura mesmo que seja se machucando. Pegaram, portanto, uma daquelas bases de ferro de onde saem as faixas que

ordenam as filas e quebraram o vidro, fugindo todos por ali, menos Caroline Pivetta, que já havia sido contida pelos seguranças. Pode ser coincidência, mas também vale para se pensar, entre os 50 pichadores, apenas a única menina foi pega. Quanto isso pode ser indicativo? Bem, todavia, foi ela a única encaminhada à delegacia de polícia e, mesmo antes do julgamento, mantida presa por cerca de 2 meses. Sobre isso falaremos mais adiante. De qualquer maneira, foi a partir do material escrito como resultado da audiência acontecida em 17 de fevereiro de 2009, no fórum Ministro Mário Guimarães, na sala de audiências da meritíssima juíza de direito da 4ª vara criminal, Drª Márcia Tessitore, que teve como ré Caroline Pivetta, que retiro alguns trechos, especialmente da testemunha de acusação e vítima, o senhor Mario Rodrigues da Silva, pessoa responsável pelo esquema de segurança do pavilhão da bienal, e que em seu depoimento detalhou bem como, segundo ele, tudo aconteceu:⁴²

Mário: Era por volta de 16:30 horas, na Bienal eu sou o responsável pela área de recursos humanos, pela parte de manutenção predial e de eventos. Aí nós íamos ter naquele dia uma apresentação de uma dupla de performáticos, que é “Fischerspooner”, e esses artistas iam se apresentar no piso térreo do pavilhão da Bienal, mas eram artistas que atraíam um público muito grande, pessoas de várias tribos. Então nós separamos as entradas: as pessoas que visitam a Bienal, que são de família, pessoas idosas, era um domingo; e quem ia frequentar, participar da apresentação, do show, eram mais jovens. [...] Para a gente não ter nenhum tumulto, contratempo, nós separamos as entradas, quem ia para o show, ia entrar pelo piso térreo; e quem ia visitar a Bienal, ia entrar por outro lado. Nós fizemos isso por causa das ameaças que nós tivemos do grupo de pichadores **[aqui deixarei com “ch”, uma vez que é uma cópia fiel do documento oficial, mas lembrem-se, quando forem eles, podem ler com “X”]**, que iam invadir o prédio.

Juíza: Como foram as ameaças?

M.: Pela internet, pela Folha de São Paulo, telefonema anônimo, eu trabalho há 16 anos lá, foi uma pressão terrível, as pessoas não

⁴² Atenção ao fato de que, quando o que estiver escrito forem pensamentos meus em meio às falas da audiência, ou seja, quando não pertencerem ao documento, virá entre colchetes.

conseguiam trabalhar direito, a gente ficava parecendo que todo mundo tinha usado droga porque estava num ritmo assim desesperado, porque a qualquer momento, alguém podia entrar e fazer alguma coisa.

Aqui vale retirar um trecho, exatamente desta matéria da Folha de São Paulo em questão, onde os próprios curadores afirmam as ameaças:

“Estamos esperando esse tipo de ação e tomamos providências para evitá-la. Isso é um absurdo”, disse ontem o curador da 28ª Bienal, Ivo Mesquita, na entrevista coletiva de apresentação do evento.

“Nós sabemos que eles estão convocando gente da periferia da cidade para fazer isso, e essas pessoas não sabem o que elas vão encontrar. Em geral, quem faz esse tipo de ação o realiza à noite, mas aqui eles não sabem no que vão estar se metendo. É um lugar público e que terá muita segurança”, afirmou a outra curadora da Bienal, Ana Paula Cohen.

Para ela, “o que quem lidera isso quer fazer é aparecer na imprensa. E ele está até mesmo violando um código de ética dos pichadores que é não pichar em cima do trabalho de outros, caso eles venham pichar obras aqui.”

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u459724.shtml> Acesso em: 24/10/2008)

Enquanto Ivo Mesquita esbarra na pobreza de pensamento, na limitação à nomenclatura “absurdo” e pronto, Paula Cohen tem um discurso ainda pior, no estilo “você não sabem com quem estão falando”, piorado quando, de maneira suspeita, porém significativa para o meu trabalho, chama toda aquela galera de “gente da periferia da cidade”, o que, a meu ver, soa como “essa galera que não entende e não sabe de nada do que se passa por aqui”, como se isso fosse condição inerente a uma vida mais feliz, e pior, como se ela também não fosse imensamente ignorante diante das coisas que acontecem lá onde ela chama de periferia, lá no fundão. Ao final da fala, ela ainda tem a prepotência de querer se mostrar grande conhecedora da cultura da piXaçãO, conhecimento superficialíssimo, reducionista, jornalístico, senso comum no pior dos sentidos. Ela caiu de bunda ao portar

a AK-47 da arte, enquanto os Rafaéis, para “ALÉM DO BEM E DO MAL”, aprenderam a manuseá-la com muito mais eficácia, aguentando o tranco sem perder a mira.

Retomando a audiência, agora Mário fala sobre o possível autor das ameaças:

M.: Augusto, “Pixo Bomb” [**Augusto? Creio que ele tenha se enganado graças ao sobrenome de Rafael Augustaitiz, uma vez que o nome dele foi divulgado em diversos meios de comunicação**], que pichou a Faculdade de Belas Artes e uma galeria. Nesses ataques [**como é o Mário falando e não os Rafaéis, o ataque perde força, ganha um gramático “qu” no lugar do contemporâneo e eXtremo “CK”**] que fizeram na Faculdade de Belas Artes e na Galeria Choque Cultural, que eles falaram na entrevista que deram, que foi divulgada em todos os meios de comunicação, que o próximo alvo era a Bienal. Três dias antes de inaugurar a Bienal, eu fui no distrito policial de Tutoia, não sei o nome, fiz Boletim de Ocorrência de grave ameaça, porque eu era o homem de frente, então eu sabia que se acontecesse alguma coisa, isso poderia me causar algum problema profissional, por eu ser responsável pela segurança do evento e fisicamente também, porque eu ia defender o meu pão, lá é o meu ganha pão.

[...]

J.: E seria o mesmo grupo?

M.: Mesmo grupo, inclusive foi o mesmo grupo, liderado pelas mesmas pessoas, inclusive esse “Augusto”, que era o “Pixo Bomb”, estava na Bienal nesse dia.

M.: Eu estava na frente, já tinha separado os dois públicos dos dois eventos, e eu estava na linha de frente, com os seguranças e os bombeiros, que foram pessoas que também foram agredidas, que eu vi três pessoas assim, entrando, que não era questão de discriminação, eu via que não era público de uma Bienal [**hummm, então existe um perfil visual de “público de uma Bienal”, uma escolha estética que, certamente, tem a ver com periferização, com a mesma matriz de sentimentos que fazia Rafael se sentir “fora de seu espaço”, não pertencendo àquele espaço-lógica-linguagem-discurso das Belas Artes**], tipo assim, com capuz na cabeça, uma calça bem larga assim. E como o Delegado já tinha dito para nós na delegacia: “se vocês verem pessoas com características de pichadores, fiquem espertos, senão vão fazer alguma coisa”. Então, tipo um domingo à tarde, temperatura por volta de trinta graus, pessoas todas encapuzadas, andando assim meio que na espreita. Aí eu fui atrás, quando fui atrás, eles desconfiaram que eu estava atrás deles, eu estava com crachá, eles gritaram: “corre”. E aí, quando gritaram “corre”, outros estavam atrás de mim e me jogaram no chão, os que foram pela rampa interna do pavilhão, desenhada

pelo Niemeyer, como eles não sabiam que tem um atalho para chegar no segundo piso, que tinha uma parede preta, quem não conhece, atrás daquela parede tem uma escada rolante. Eles foram pela rampa, para acessar o segundo andar, parte intelectual de exposição, não por falta de obra, o tema da exposição era “o vazio” **[no mínimo interessante chamar o andar “vazio” de parte “intelectual da exposição”]**. Aí eu fui com o chefe da segurança mais os rapazes, subimos a escada rolante para pegar o atalho para chegar no segundo andar antes deles.

J.: Quantas pessoas eram?

M.: Então, vou chegar nessa parte, eu achei que tinha três na minha frente, quatro ou cinco me derrubaram, achei que eram uns dez. Quando eu subo pela escada rolante para fazer a intercepção do grupo lá em cima, quando cheguei no segundo andar, tinha por volta de quarenta e oito, cinquenta, e já estavam pichando praticamente tudo. Não chegaram lá para “vou escrever com pincel e lata de spray”, eles agrediam as pessoas, eu fui muito agredido [pelo visto, com pincel o tratamento seria outro? Óbvio!] [...] Quando cheguei no segundo andar, tinha gente escrevendo: “fora Serra”, “abaixo a ditadura”, coisa sem nexo nenhum **[quando não se vê nexos de acordo com seu próprio conhecimento, sequer passa pela cabeça a possibilidade de você não ter as condições de decodificação, mais fácil ou mais preguiçoso julgar utilizando o seu “nexo” como universal]**, que não era manifestação por arte, era um arrastão, era igual àqueles do Rio de Janeiro **[me lembro de poucas manifestações estéticas mais potentes e significativas para a contemporaneidade da arte e da cidade como aquela]**.

Agora, focando nas acusações sobre a ré Caroline, a juíza continuou o interrogatório no seu papel de descobrir todos os crimes possivelmente cometidos:

J.: O senhor viu se a Caroline, fazendo uso de caneta, riscou uma obra de arte?

M.: Ela estava com lata de spray.

J.: O senhor viu?

M.: Vi, eu e todo mundo viu, e no jornal está lá a foto dela com uma lata de spray na mão.

J.: Pichando uma obra de arte?

M.: Não, eu vi ela pichando uma parede, o que é conceito da exposição, para a senhora entender, a edificação é um projeto tombado pela CONDEPHAT, porque, por se tratar de obra de Oscar Niemeyer, está dentro de um parque, que também é tombado pelo Meio Ambiente. Segundo o vazio, na exposição, era

uma obra de arte, o que as pessoas não entendem é isso, não entendem o conceito, todo o segundo andar da Bienal era uma edificação de contemplação de arquitetura e era uma obra de arte **[parece que, agora, ficou mais domesticado, enquanto o curador falava em experienciar a arquitetura, o diretor de recursos humanos e responsável pela edificação fala em contemplação, bem mais passiva, parece que quem não entende o conceito são eles, enquanto a menina entendeu tão bem, ficou tão ‘em vivo contato’ com a arquitetura que pôs a prova os limites deste conceito]**. [...] esses pichadores não foram lá com o intuito de preencher o vazio na Bienal, eles foram lá, porque têm uma rixa gigantesca com os grafiteiros e, hoje, o grafite é reconhecido como expressão artística, eles pintam hoje castelos na Europa, vendem obras caríssimas em galerias **[quanta limitação de pensamento! Se nem grafiteiros tinha na Bienal, como reduzir tal ação a uma rixa? Basta ler o chamado dos piXadores estudado acima, mas isso, pelo visto, não convém]**. [...] eles foram lá como animais depredadores **[nomes e mais nomes, vícios de um pensamento sem fôlego, moralista]** para agredir a instituição, para agredir a exposição e a Bienal, arrancar a imagem da instituição **[me surpreendeu, parece que agora fala algo mais lúcido, de todo modo, obviamente torna aquilo que subverte e que afronta em algo negativo, é preciso tomar como afirmativo os pensamentos mais ousados]**. O que acontece? Que museu no exterior, que galeria no exterior vai querer emprestar uma obra de arte, vale milhões de reais, para uma instituição que foi invadida por animais **[novamente o efeito jornalístico da nomeação, afinal de contas, se não compactuam dos mesmos valores da instituição que prima pelo patrimônio estético humano ‘oficial’, sobre eles já não vale nem a qualidade de humanos]**, como foi, e que poderia ter colocado em risco acervos de museus e galerias de qualquer parte do mundo **[Há como pôr em risco os regimes de verdade e junto com eles sua parte mais nevrálgica, a parte mercadológica, que sustentam o que se entende por valores artísticos, sem deixar, também em risco as suas obras valiosas? Será que só é possível conviver, respirar diante daquilo que é medíocre?]** O problema não foi somente a manifestação, porque se eles tivessem ligado para a Bienal, “queremos fazer uma manifestação”, a Bienal ia falar “vamos colocar uns painéis de madeira, vocês fazem o trabalho de vocês e tal” **[daí seria pichação, ou menos do que isso, jamais a mesma pichação da qual estou tratando. Da mesma forma que o “clipping”⁴³ da Bienal seria, certamente, na maior parte, reduzido]**.

[...]

⁴³ Atividade feita por profissionais de comunicação para mapear o que sai na mídia sobre determinada marca, produto, evento...

J.: Voltando à pergunta, não sei se o senhor já respondeu isso, quem agrediu o senhor?

M.: Foram outros pichadores, que não esses dois.⁴⁴

J.: E que também jogaram spray foram outros?

M.: Também foram outros, eles estavam por volta de quarenta e oito ou cinquenta [o nomadismo inerente a esta produção de uma meninada urbana-cosmopolita dá a elas o direito e a condição de serem inapreensíveis, eles continuam até agora na bienal, estão por toda a parte, zombeteiros de uma calma inexistente].

Dada a palavra à representante do Ministério Público, às reperguntas, respondeu:

Ministério Público: Ele falou que recebeu e-mail e tal. Em nenhum momento foi identificado como Caroline ou o grupo a que ela pertence?

M.: Era assinado por “Sustos” e ela assina o nome dela como pichadora “Caroline Sustos”.

MP.: Isso na internet?

M.: Isso na internet, pode vasculhar lá que vai encontrar quinhentas mil reportagens e *blogs*, ela assina a pichação dela como “Caroline Sustos”, e a gangue chamava “Sustos” [bastaria a ousadia de escolher para si um sobrenome que não o da certidão para tornar tal ação, a meu ver, ousada e recheada de significância. Agora quando este nome é ainda “Sustos”, quanta potência! Caminhar ágil, esconderijos táticos, sem ser vista, sem ser ouvida, conhecimento amplo do território, mesmo que seja tátil, em meio às sombras, mas, de repente, quando a luz irrompe, quando a vítima passa, descansada, em sua tirana monotonia diária, não esperando nada, SUSTOS! A meu ver, um reencantamento de mundo da maior força, um tumulto que desnormaliza, caos respirável! Indo além, enquanto ele chama de gangue ou de bando, Carol a chama de família, faz todo sentido]

Retomando, em seguida, o momento inicial do ATACK, quando desconfiou de três meninos encapuzados, Mário continuou:

M.: [...] Era muita gente, eu consegui identificar três, porque domingo, quatro horas da tarde, trinta graus, uma pessoa encapuzada, não dava nem para ver o rosto, de cabeça baixa, andando tipo assim, igual rapper, não sei, um dançarino

⁴⁴ Lembrando que neste dia a audiência também interrogou outro pichador que fora detido não dentro da bienal, mas quando foi levar os documentos da Caroline à delegacia, e lá, por azar deu de cara com este chefe de recursos humanos que o identificou.

de hiphop, daquele jeito, eu achei estranho e fui atrás. [A primeira vista, poderíamos parar na denúncia de preconceito, o que seria, de fato, uma pobreza-preguiça epistemológica. A meu ver, o que soa como mais significativo é que a estética, especialmente as vinculadas à postura e à aparência de como um corpo se apresenta, em especial o corpo juvenil, vem sempre junta a um discurso moral muito vizinho à ideia de comportamento. Reflete, então, tanto um processo de violência simbólica evidente nos ditos acima, como também, uma pobreza epistemológica sem tamanho, uma restrição de horizonte eXtrema, uma invenção de vida que condiz bem com a vontade jornalística de discursar como verdade sobre tudo, mais ou menos, também, o papel de uma juíza que, mesmo sem não saber nada sobre a cultura da piXaÇÃo, é, legitimada socialmente como detentora dos saberes-poderes para julgar tal prática, obviamente, com bases muito mais metodológicas e legislativas que filosofia, seria complexo e incerto demais. Conheço tantos taxistas, publicitários, camelôs, empresários, artesãs, analistas de sistemas, advogados, professores de educação física, garçons, estudantes, que sequer gostam de hiphop, que sequer ouvem rap, e que são piXadores. Cegueira!].

Como a principal acusação sofrida por Caroline era a de depredação do bem público, o seu advogado de defesa, com a habilidade de um piXador, começou a pôr em cheque, justamente, até que ponto a categorização e a denúncia de “depredação” não tem muito mais bases numa moralização da estética, num aniquilamento do que é diferente e do que é incompreensível, ou seja, numa questão de opinião, do que em alegações racionais e científicas baseadas em provas como se postula.

Defesa: Uma série de exposições são feitas na Bienal.

M.: Com certeza.

D.: Quadros são pendurados, acredito que por pregos.

J.: Qual é o objetivo da pergunta, doutor? **[Ops!]**

D.: A acusação é depredação do bem público. Gostaria de saber de manifestação de artistas não consideradas mais aceitas.

J.: Se o fato de colocar um prego na exposição estaria danificando?

D.: Os quadros em exposições feitas na Bienal.

J.: Quero entender a tese do senhor.

D.: Acusação de destruição de bem público, houve uma pichação, com certeza

essa parede foi pintada, gostaria até de perguntar isso.

J.: Depois disso, foi pintada?

M.: Foi.

D.: Tem algum resquício de pichação?

M.: Tem, por baixo, o prédio foi danificado.

D.: E o prego que pendura os quadros de uma exposição, danifica ou não a parede da Bienal?

J.: Aí é tese doutor. Indeferida a pergunta [**Se isso é tese, o que não seria? Os fatos? Fatos ou ficções?**]

D.: Na própria Bienal, que aconteceu nesse dia, algumas obras interagem com a parede, a pintura extrapolava a tela e ia para a parede?

J.: Havia isso?

M.: Não tinha nenhuma obra que saía da parede.

D.: Nunca houve isso na Bienal?

M.: Nessa Bienal ou em outra?

D.: Na história dos 16 anos que o senhor está lá.

M.: Qualquer um que vai à Bienal, que visita uma exposição, sabe que o prédio é completamente oco [se isso já não bastasse para absolvê-la, ao menos pode ser uma ótima metáfora, Arte oca], o prédio só tem vidros, laje e coluna, todas as paredes montadas dentro do pavilhão são de madeiras de MDF e compensado, e isso é construção provisória, não faz parte da edificação [**se só pensam os fatos, as evidências, as partes mais preguiçosas da vida, aí está ela**]. Nessa parede são pendurados quadros, pregava, pintados, amassadas, nas paredes provisórias, que o prédio é tombado e não tem parede, é vidro, coluna, teto.

[...]

D.: Se durante o período, um homem permaneceu em nu performance dentro da Bienal.

M.: Durante quarenta minutos um artista chamado “Maurício Iânes”, a obra dele era chamada “a bondade de estranhos”, era que ele chegasse nu ao pavilhão e que, a partir do momento que entrasse no pavilhão, ele só iria viver de doação. Ele chegou ao pavilhão nove e trinta da manhã, segundo a imprensa, porque a imprensa faz a cobertura, principalmente a Folha de São Paulo, e aí tiraram fotos dele nu. Nessa meia hora antes de abrir a exposição, estavam funcionários, bombeiros, segurança e tal, e a primeira coisa que ele ganhou foi uma cueca e uma camiseta tipo militar, e ele não ficou mais do que meia hora.

[...]

D.: A Fundação Bienal fez boletim de ocorrência por ato obsceno com relação ao artista?

M.: Não, porque é manifestação artística [vejam que até as artes contemporâneas, com suas performances, mesmo as mais corajosas, já não causam efeitos de subversão, são bonitinhas até. De todo modo, fico pensando, se um dos faxineiros da Bienal resolve fazer o mesmo, como seria a reação da bienal? A questão é muito mais sobre estéticas periferizadas que sobre ousadia estética, uma vez que as primeiras independem da arte para existir, são auto-suficientes, ou melhor, dependem de algo muito mais amplo – da condição humana e urbana, diferente das performances, classificadas como arte contemporânea, estas já precisam deste cenário para lançar suas amplitudes, limitadíssimas frente a uma São Paulo, a um Rio de Janeiro, a uma Roma, a uma Berlim, a uma Atenas, cosmopolitismo em reverberação. O que independe flagra a impotência, a limitação e a reduzidíssima amplitude da arte. Como isso incomoda! Como isso impulsiona reações pobres!] e já tinha sido divulgado na mídia [como isso ajuda a legitimar!], e tudo que sei é que artístico não é obsceno [uma pena, broxante!], sei de exposição [sabe de nada!].

Esta foi, portanto, a audiência mais significativa, mais rica para nossa aventura escriturística aqui, uma vez que as demais testemunhas e da própria Carol foram muito técnicas, sem muito detalhamento.

6.4.. ME MISTUREI. PESQUISADOR ALIADO!

Eu já estava pesquisando há um certo tempo a piXaÇÃO como fenômeno, porém focado na minha cidade, Rio de Janeiro, quando, inesperadamente, como maneira de tornar minha pesquisa ainda mais perigosa, explodiu a notícia sobre a audaz obra de Rafael Augustaitiz e seus amigos na Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Aquilo me parecia de uma potência, de um ineditismo, me parecia fonte anunciadora de tantas importantes questões, fiquei estarecido. De todo modo, como pesquisador afoito, não era sequer pensável deixar passar batido um acontecimento de tamanha força, algo que já, à primeira vista, dava indícios de ser, sem medo de exagerar, um marco, ou menos prepotente, um

indício histórico mais do que evidente de nossa contemporaneidade. Como eles mesmos já anunciaram na própria obra – “Abra os olhos e verá a inevitável marca na história”:



Choque Photos

Assim que soube do ocorrido, tratei de ler tudo o que saía sobre, até que descobri o nome do corajoso artista, protagonista, junto com seus amigos desta façanha. Rafael Augustaitiz, como já disse, é o nome dele. Pelo sobrenome pouco usual, pensei que poderia ser mais fácil buscá-lo pela internet, e eu estava certo, rapidamente cheguei ao seu perfil no orkut e, imediatamente, lhe enviei uma mensagem. Naqueles primeiros contatos, naturalmente, graças ao conturbado momento pelo qual passava naqueles primeiros dias pós-ATAACK, sua postura foi de desconfiança e receio, afinal de contas, era difícil encontrar, em sua página de recados, as mensagens de apoio, de encantamento, de surpresa ou de interesse. Grosso modo, eram repetições dos ditos *belasartianos*, ou melhor, repetindo mais uma vez, jornalísticos. Vândalo! Marginal! Tem é que apodrecer na cadeia! Esse tipo muito bem conhecido de vocabulário pouco vasto.

De todo modo, em pouco tempo, com honestidade, sempre falando de meus intuitos de pesquisa, nossa simpatia de ideias ia ficando cada vez mais evidente, o que nos tornava, progressivamente, mais confiáveis um ao outro. Em seguida, passamos a usar o

MSN como principal meio de contato, uma vez que a coisa ficava mais instantânea. Comecei procurando saber quais foram as motivações, como foi o processo de tomada de decisão para fazer tal obra, uma vez que pensava previamente que seria complexo organizar cerca de quarenta pessoas, além da dificuldade de pôr em risco sua vida acadêmica com tal trabalho. Além disso, já havia sido tornado público, inclusive por matérias jornalísticas, que Rafael teria feito, antes de decidir pela obra, um trabalho com cerca de 28 páginas que seria apresentado como trabalho final, mas que, obviamente, não foi. Tentei, também, ter acesso a tal texto, uma vez que tudo indicava ser um apanhado textual dos pensamentos que Rafael tivera para tomar a decisão pela invasão-obra de arte feita. De todo modo, como veremos no trecho abaixo, Rafael preferiu, por segurança, manter o texto em questão sob sigilo. Compreensível. No mesmo trecho abaixo, me surpreendeu a tranquilidade e a organicidade que ele atribuía à sua obra:

Rafael Augustaitiz: Salve

Gustavo Coelho: Opa rapaz... tudo mais tranquilo por agora? rs

R.: tudo bem com a sua pessoa ?

G: Tudo ótimo rapaz... obrigadão por ter aceitado o papo.

R.: de que local do Rio vc é?

G: moro em Olaria... zona norte.. conhece aqui?

R.: pouco... fiquei ai algumas semanas

G: saquei.. conhece alguém do Xarpi daqui?

R.: conheço uns cara ia sim

G: Bem.. então, gostaria de conversar sobre seu feito e claro se puder ler o que chamaram de “um trabalho de 28 paginas”

G: Tenho já alguns textos sobre meu trabalho, que tb posso te enviar..

G: Agora, meu grupo de pesquisa está com um projeto na faperj para publicação de um livro e um dos capítulos será meu... e quero que tenha como tema essa invasão da instituição, sem dó, pelo Xarpi produzida por vc e seus amigos **[por algumas questões burocráticas o livro acabou não saindo, mas o projeto de fazê-lo ainda se mantém]**.

G: Então, será que podemos fazer essa troca de textos? te mando uns meus e

vc me passa esse seu? gostaria muito de ler...

R.: faz um bom tempo que parei de escrever o texto. teria que fazer algumas revisões. tem muitas coisas pessoais

G.: mas é difícil um texto não ser pessoal né... bem, fica a seu critério é claro...

R.: iria apresentar

R.: te mandaria fácil. mas no texto tem idéias que pretendo executar. tenho que voltar a trabalhar nele. foi uma viagem minha quando escrevi. até então o meu trabalho seria um texto.

G.: entendi... bem, de fato eu não publicaria o texto.. talvez escolhesse algum trecho só como citação de impacto... mas tudo eu conversaria com vc pra saber oq vc liberaria ou não... tudo no maior respeito ateh pelos seus futuros planos neh

G.: e como foi que do texto, vc começou a pensar em de fato surpreender a arte como fez?

R.: no texto, argumento o que poderia fazer. de ultima hora resolvi executar, moderadamente.

R.: se tivesse mesmo apresentado ia serfoda. foi uma “chinfra”⁴⁵

G.: como assim moderadamente? mas pq desistiu de apresentar? (o que pra mim foi até indício da potencia do acontecido)

R.: transcendeu, porém eu particularmente peguei leve, a minha pira era saber que os caras estavam fazendo, tinha algumas coisas a mais em mente.

G.: os caras vc diz a galera q foi pixar... é isso?

R.: isso

G.: O que vc chama de algumas coisas a mais? acha que o impacto do acontecido precisava de algo mais?

R.: foi perfeito, porém, tinha algumas idéias a mais que acrescentariam, resolvi pegar leve, psicologicamente, poderia “causar”⁴⁶. foi legal. Espontâneo. tinham muitos caras que nem sabiam de nada. estavam num “rolé”⁴⁷ pra pixar

G.: E quais o valores vc pensa que conseguiu no mínimo balançar?

R.: cada um tem sua leitura. Eu, como artista plástico questiono o social, politica e religião. os índices seriam a obra de arte.

G.: Por isso uso Nietzsche, uma vez que ele ao estudar e se aventurar sobre a moral, ou as morais, vai denunciar a invenção de certos valores que só servem

⁴⁵ Gíria paulista que quer dizer, em certa medida, uma brincadeira. Em gíria carioca, uma “onda”, “tirar um sarro”.

⁴⁶ Gíria paulistana super significativa que significa “produzir o caos”, “tumultuar”.

⁴⁷ Gíria paulistana que significa algo como “dar uma volta”. No caso, pessoas que haviam para piXar normalmente sem saber sobre o lance das Belas Artes.

como privilégios para alguns determinados, mas que estes tem o poder de dizer quais são os bons valores...R.: é do caralho Nietzsche. conheço pouco, mas o que li é foda.

G.: pois é, sou um grande leitor dele... meio que me arrepio ao ler.. acho um escritor sem pudores, quase todas as frases deveriam vir com ponto de exclamação

A meu ver, aqui, a pesquisa – “em conversa”, como é minha proposta –, fica evidente, não se está mais somente focado numa “busca de informações”, mas numa troca intensa, no momento, tendo Nietzsche como tema. É interessante e, mais uma vez, denunciador da não clara distinção entre sujeito e objeto de pesquisa, a obviedade da ação ativa tanto da obra de Rafael quanto das nossas conversas em modificar, constantemente, meu trabalho, como também é evidente que estas mesmas conversas e meus textos passam a dar indícios de presença no que Rafael passa a produzir. Rafael está em mim e eu estou em Rafael, ou, mais do que isso, Rafael me torna possível ao passo que eu causo certo impacto nele também. Obviamente, a rede é muito mais complexa, as influências sobre ele e sobre mim são muito mais amplas que apenas nós dois, simplíssimos, porém, significativos pontos deste enredamento que nos constitui a cada instante. Não é à toa, a meu ver, portanto, que a expressão nietzschiana “ALÉM DO BEM E DO MAL” sai de nossa conversa e passa a frequentar de maneira protagonistas os próximos feitos de Rafael – nos convites para os ATACKs, nas paredes ATACKADAS e, com mais força ainda, quando de um quarto ATACK menos publicizado sobre determinadas obras de grafiteiros em São Paulo, que veremos ainda neste capítulo mais adiante. Continuando nosso papo:

G.: por isso queria muito muito ler seu texto.. ver oq foi construindo aquela explosão

R.: Transcendências horizontal da história e transcendência vertical de Deus

G.: como assim? explica ae... rs

R.: Mitologias. é muita “brisa”⁴⁸.

⁴⁸ Gíria paulistana que significa “ideia”.

G.: Eu faço parte de uma lista de e-mail sobre arte-educação... lá falaram muito que a educação falhou em te educar hauahuaha oq vc pensa destes discursos?

R.: Não dou ouvidos, é bom ver as pessoas julgarem. vc que le Nitezche. além do bem e do mal. se deus que era Deus não julgava, quem são essas pessoas. fiz o que deveria ter feito

G.: humm.. e sobre aquele seu dito: “A arte hoje em dia é para quem está na pegada. Para os bunda-moles ela morreu faz é tempo.” ...

R.: o sistema está cheio de falhas

G.: achei impactante, mas queria ouvir seu comentário sobre vc mesmo rs

R.: inverti a ordem Hierárquica

G.: e até agora, como a instituição tem se comportado com vc? oq acha q vai acontecer?

R.: estão me processando

G.: e como é pra vc o perigo de não pegar o diploma?

R.: Vivemos num mundo das aparências, isso pra mim não tem muito valor, conhecimento não é um papel, a vida nos ensina muito. Faço questão por algumas pessoas que presenciaram a minha correria! Me fale vc um pouco sobre o acontecido

A força de quem denuncia as aparências que constituem um mundo discursado como verdade, mesmo vindo de alguém que após quatro anos de faculdade, tem a audácia de denunciar o vácuo, o estado oco que constitui seu mais alto símbolo – o diploma – é, no mínimo indicativo de que Rafael é diferenciado, de que os valores que carrega em si e, consequentemente, em suas obras, são outros, circulante num arsenal de lógicas contraditórias para a força deglutidora do discurso-verdade que ainda é anunciado, grosso modo, pela academia. Mesmo anunciando, em nosso tempo, sua postura “aberta ao diferente”, “inclusiva”, quando posta frente a lógicas tão diversas e incompatíveis como a de Rafael e seus amigos, um olhar mais atento, um nietzschiano espírito mais livre verá evidências da insustentabilidade e da profundidade milimétrica deste discurso diante da vida, ainda mais diante da vida urbana contemporânea.

É importante, também neste trecho, focar, em sua última parte, quando mais uma vez os *sujeitosobjetos* da pesquisa se hibridizam, com uma ousada e inesperada pergunta

do que seria objeto que, na verdade, não parava de me pesquisar. Numa manobra habilidosa, a conversa ganha ainda mais força, se distancia ainda mais do que se entende por entrevista – “Me fale vc um pouco sobre o acontecido”. Empolgado com esta inversão, respondi:

G.: Pra mim que venho pesquisando os constringimentos das morais pilarizadas frente a produções estéticas extremas juvenis, foi de fato impactante, pois, mesmo que em qq lugar a moral atravessasse e seja atravessada, as instituições ainda se amparam em ilusórios mantos protetores que garantem seus sorrisos aparentemente sedutores e seguros... Ainda bem que há o Xarpi para que a vida volte a pulsar, na medida que não permite o sorriso eterno da moral benevolente

R.: moral benevolente

G.: é.. a moral da benesse, da beatitude cristã. do “vejam como eu faço o bem”
“isso será bom pra vc”

R.: acho que iria viajar com meu texto. simbólico

G.: pelo visto se sintonizou com a minha viagem tb rs

G.: sim.. tb gosto de me aventurar escriturísticamente nesse sentido

G.: me manda cara! per favore!

R.: vou sentar por esses dias e rever ele. De repente te mandarei

G.: mas oq achou do que falei? **[Resolvi retomar minha posição de pesquisador, talvez por vaidade, talvez por mania, mas a conversa é rebelde, em breve ela retoma seu lugar]**

R.: curti as idéias. por isso acho que iria curtir o texto

De todo modo, mesmo ele já, algumas conversas depois ter já me chamado de “da família”, a segurança diante de algumas ideias inéditas presentes em seu texto o fizeram optar por não me mostrar, mesmo eu deixando claro que só publicaria qualquer trecho mediante sua autorização. Faz sentido, afinal de contas, tudo pode se voltar contra ele. Nesta altura do campeonato, no entanto, nossas conversas não se focavam mais nessa relação entre textos:

G.: a advogada tah tentando te safar lah?

R.: está em treta. rompi o barato. cataram até uma carta da coordenadora pro reitor falando do constrangimento que provoquei. estão perdidos. vivem outra realidade

G.: hehehe.. claro claro.. não tem como haver julgamento entre duas logicas diferentes

R.: não falam nada além do que já foi dito. a advocacia inventa seus privilégios nessa hora. inverte a ordem hierárquica. **[Atento aos privilégios inventados como verdade, arte e advocacia andando juntas].**

G.: pois é.. mas o projeto civilizatório ousa se dizer para todos

R.: não entendi, pode reformular por favor?

G.: esse projeto de civilização que estamos mergulhados.. sempre vem com o discurso para o bem de todos.. mas oq é bem pra mim pode não ser para outro

R.: são os dois lados da moeda. mas a arte, a arte mesmo, ficarão ciente. ja era

G.: e acaba que nem são só dois a moeda é múltipla...

G.: como assim a arte ficará ciente?

R.: ficarão

G.: ciente do outro lado da moeda? é isso? sem bunda molisse... yeahh

R.: rrsrrsrrss.....vc é foda hem. gostou né? arte de guerrilha. podemos causar ainda hem

Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk **[Objeto e sujeito de pesquisa podem passar a “causar” juntos, acho que é justamente isso que está acontecendo com esse meu texto, ele estava certo em me convidar].**

G.: hauhauha.. bem.. vai lá.. to te atrasando... loko para q leia meus textos... mas vamos conversar mais sobre seus planos tb

R.: é malukce minha, pira. mas eu cato hein. sou obrigado a fazer. logo mais saberá. vc vai gostar eu acho

G.: arte misteriosa? Rsr [Aqui, ele ainda só tinha sido feito o ATACK às Belas Artes, suponho que o que eu “logo mais” saberei sejam os demais alvos].

Esta proximidade ficou tão evidente que, todo dia que ficávamos *online* no MSN, conversávamos por muito tempo e, logicamente, será impossível documentar tudo aqui, afinal de contas pesquisa misturada com a vida e com encontros e amizades como a minha não é passível de completa documentação, se é que algum tipo de pesquisa o é. De todo modo, as partes mais significativas para tornar meu texto, meu estudo mais contundentes,

tendo claramente quais são os alvos, serão utilizadas, manejadas “sem massagem” como gosta de dizer Rafael. Neste sentido que escolhi os próximos trechos de nossas conversas, uma vez que, o ápice de nossa relação quase cúmplice foi quando alguns meios de comunicação começaram a se interessar por ele, e, obviamente, o encontraram (se eu encontrei, que dirá eles):

R.: vc está na sua casa?

G.: opa. sim sim estou

R.: se estiver vou te passar uma resposta. o chicote vai “estralar”⁴⁹

G.: qual é da resposta?

R.: um texto que escrevi pros veículos de comunicação. ia ligar a sua pessoa pra armarmos algo. links, sei lá. os cara tinha me cederam uma coluna na folha

G.: Você já tem um texto ou quer que eu te ajude a fazê-lo?

R.: tenho, de repente vc pode cooperar. articularemos de forma que destruiremos

G.: fechadasso rapaz. contundir é a força que move minha escrita

G.: envia pro meu e-mail o que vc já tem, e ateh final de domingo te envio uma resposta porrada. que tal?

R.: então, precisamos alastrar a idéia, catando eles, envolve muito o social e a política.

G.: exatamente... alastrar não só a idéia, mas o balançar das idéias

R.: estou ajuntando os contatos, fecharei tudo que conseguir, penso em soltar um texto com link, onde até mesmo, meteremos o pau nos veículos de comunicação. são corrompidos

G.: sim, podemos usar espaços da mídia independente também cara

R.: se eles vacilarem, iremos dar uma estuprada no campo deles. os cara censuram a liberdade de expressão, ditadura camuflada, camuflada nada, cara larga.

G.: às vezes a força disso nem é tão projetada assim, já é naturalizada no discurso não só do meios de comunicação

G.: então rapaz... me manda o que vc já tem por e-mail?

R.: vou te mandar, faz o seguinte, te “trombo”⁵⁰ quando estiver de boa

⁴⁹ No lugar do gramaticalmente correto “estalar”, Rafael diz sempre “estralar”, o que preferi deixar como está, uma vez que, me parece mais forte, mais ativo que o estalar.

⁵⁰ “Trombar” é uma gíria paulista que significar encontrar.

R.: te passo pelo msn, vc da uma lida e já batemos um papo

G.: ok.. sempre q estiver em casa ficarei on. assim q me ver, dá um toque

R.: meu vai ser pancada, pretendo soltar uma idéia com um link. destruiremos daí. vc vai gostar do que fiz com eles. kkkkkkkk

R.: Gustavo, vc leu a ultima matéria na folha que saiu quarta?

G.: tem o link?

R.: é sobre a minha expulsão. cogitei indenização da obra que eles apagaram por impulso

G.: rsrsrs... tem o link da matéria?

R.: <http://www.pagina9.ufu.br/default.asp?link=noticia&id=25597>

R.: kkk, tá estralando, envolveu até o mané do prefeito de S.P

R.: vou arrebentar com eles agora nos veiculos de comunicação

R.: quando voltar às aulas, vai ser foda no debate que eles patrocinarão pra se enforçar

Por incrível que pareça, após a instituição apagar no susto a obra de Rafael e amigos, ela mesmo deu provas de suas incertezas, de sua incompletude, uma vez que, justamente graças a tais acontecimentos, para discuti-los, promoveu um seminário com o tema: “Limite e transgressão, até onde vai a arte e a liberdade de expressão”. Sobre este evento, articulando ainda à obra e à negação do diploma ao Rafael, uma jornalista me surpreendeu; foi, portanto, uma das poucas exceções que encontrei em minha pesquisa, onde o jornalista, no caso a jornalista, não se curvou aos vícios e mesmices jornalísticas quando o tema é a piXaÇÃo, ainda mais quando é piXaÇÃo nas Belas Artes. Falo de Laura Capriglione, jornalista da Folha de São Paulo, que, corajosamente, foi bem mais fundo que os demais, proporcionando a publicação de textos, de fato, inéditos, ativadores de pensamentos desvelados das comuns amarras morais que constituem, infelizmente, o grosso do jornalismo. As matérias:

Pichadores vandalizam escola para discutir conceito de arte⁷

Matéria de Laura Capriglione, originalmente publicada na Folha de São Paulo, no dia 13 de junho de 2008

Colegas classificaram ação como terrorismo; coordenadora do curso de Artes Visuais chamou de “ato de vandalismo”

Aluno da Belas Artes convocou grupo para realizar prova de conclusão de curso

*Cada um dos 37 alunos do último ano do curso de Artes Visuais do Centro Universitário de Belas Artes tinha de apresentar uma obra para garantir sua formatura. Três espaços foram reservados para a exposição dos trabalhos. Trinta e seis alunos preencheram esses espaços com sua produção. Um -Rafael Augustaitiz, 24-, não **[digamos que ele preencheu não somente estes espaços]**.*

Pichador desde os 13 anos, Rafael resolveu apresentar um trabalho diferente. “Uma intervenção para discutir os limites da arte e o próprio conceito de arte”, explicou.

Nos últimos dias, os locais de reunião de pichadores no centro da cidade tornaram-se focos de recrutamento de jovens para “a ação”, como se chamou. Às 21h de anteontem, horário de intervalo das aulas, 40 deles, idades entre 15 e 25 anos, compareceram ao “ponto”, na estação Vila Mariana do metrô (zona sul).

*“Estamos todos muito ansiosos”, disse um morador do Ipiranga, que assina suas pichações com o desenho de um monociclo. A maioria dos rapazes nunca pôs os pés em uma faculdade; sua estréia no ensino superior seria justamente em um trabalho de conclusão de curso **[Que potente ironia! Uma espécie de cotas tomada de assalto; o fim do vestibular por poucos instantes; séculos de uma hegemonia de saber, de uma posição vislumbrada da Arte, sendo alvejados em poucos minutos por esta garotada reveladora de contradições, ao mesmo tempo determinada e determinante da polissemia urbana, constituintes e constituídas pela velocidade e habilidade inalcançável, finalmente ocupando de maneira legítima um espaço refém da monofonia, ou melhor, um espaço que aguenta a polifonia, contanto que enquadrada dentro dos níveis de decibéis amparados pela lei, que perto do que é anunciado a todo instante pela metrópole, não aguenta quase nada. A meu ver a educação, em especial a pública, sem deixar de lado as universidades, também públicas, precisam, para que seus ditos democráticos tenham alguma legitimidade, refletir e amparar a caoticidade de lógicas e saberes que constituem a sociedade, por mais que isso ponha em risco seus planejamentos “pela qualidade”, quase sempre referenciados por valores importados. De todo modo, a meninada dá provas de que sua coragem reverberada por toda a cidade não tem limites, ou mesmo os reconhecendo, mesmo percebendo os locais onde são inesperadas, zombam deles, num ato político-prazeroso-estético de dimensões e forças sógnicas eXtremamente reveladoras, coisa que de fato revigora meu ímpeto de pesquisador-professor. Anuncio, então, minha esperança, exatamente, naquilo que é visto como fonte de falta de esperança. Não se trata de transformar, mas de admitir.]***

Em cinco minutos andando a pé, o grupo alcançou a escola. Muitos vestiram máscaras improvisadas com camisetas ou daquelas usadas para pintura com compressor. Logo, as latas de spray foram sacadas de dentro dos moletons folgados.

Os jovens pichavam suas “assinaturas” nas paredes, nas salas de aulas, nas escadas, sobre os painéis de avisos, nos corrimãos. Uma funcionária da secretaria, Débora Del Gaudio, 30, quis impedir. Levou um jato de spray no rosto.

*Usando a técnica do “pé nas costas” **[Aqui no Rio chamado de “ombro amigo”, devo dizer, prefiro o dos cariocas]**, os pichadores formaram escadas humanas (com até três jovens “empilhados”), uma forma de atingir andares superiores da fachada. Assustaram funcionários da escola enquanto escreviam aquelas letras pontudas e de difícil decifração **[Para quem?!]**.*

Os 30 seguranças da faculdade mobilizaram-se para acabar com a farra. “Deixa eu terminar a minha frase, pô”, pediu um jovem. Tomou um soco. Revidou. Virou uma pancadaria.

“Abra os olhos e verá a inevitável marca na história” e muitos símbolos do anarquismo, além das letras pontudas já cobriam o prédio, quando cinco carros da polícia militar

⁵¹ Todas as matérias jornalísticas que forem publicadas na íntegra neste trabalho virão assim, toda em itálico e com espaçamento simples, sendo que os rasgos textuais de minha autoria vêm entre colchetes e em negrito.

chegaram ao local, apenas dez minutos depois de iniciado o ataque.

Enquadrado pela PM, Rafael gritava ao entrar no camburão: “Olha aí, registra, isso é um artista sendo preso.”

A maioria dos alunos não achou nada legal “a ação”, “a intervenção”, “a obra” de Rafael. “Terrorismo. O que aconteceu aqui é terrorismo. Se isso é arte, então o maior artista do mundo é o Osama Bin Laden e o buraco das torres gêmeas é uma obra-prima”, disse Alan George de Sousa, 33, do curso de arquitetura e desenho industrial **[Pior é que a frase, apesar de ser muito boa, não é do arquiteto, mas do músico contemporâneo Karlheinz Stockhausen, a diferença é que este a anunciou de maneira afirmativa, bem mais interessante, portanto].**

“Eu pago R\$ 1.500 de mensalidade no curso de arquitetura porque trabalho e minha mãe também dá um duro danado para me manter aqui. Aí vem um filho da mãe dizer que fez essa porcaria toda porque a gente é tudo burguesinho. Ora, vai estudar, se preparar”, gritava uma aluna **[Vocês se equivocou! Rafael só causou tamanho alvoroço porque estudou muito, desde os 12 ou 13 anos, mas não só por isso. Ou você acha que para tamanha obra não precisa se preparar?]**

Rafael amanheceu o dia de ontem em companhia de mais seis acusados de pichação no 36º Distrito Policial, no Paraíso. Duas estudantes de publicidade da Escola de Propaganda e Marketing, que fica em frente à Belas Artes, estavam lá também, exigindo: “Essa gente tem de se ferrar.” As duas acusavam o grupo de pichadores de riscar o Honda Fit cor de champagne que saiu da concessionária “há menos de uma semana” **[Que habilidade da jornalista! De fato, o Honda Fit não era apenas um Honda Fit, ele era, além de tudo, cor de champagne. Vamos convir que não tinha como um Hond Fit cor champagne sair impune disso tudo, né? E se sáísse, a obra da meninada teria fracassado um pouquinho só. Missão Completa com Sucesso!].**

Ontem à noite, na parte interna da escola, já nem parecia que o aluno com 40 anos tinha estado lá. Tudo estava limpinho. **[Agora, a alma está marcada, e é justamente de ampliar ainda mais tal marca que estou aqui escrevendo isso. O ineditismo de tal feito não pode ser passível de um apagamento. A metrópole em mim não permitirá].** Às 20h30, a turma dos formandos (menos Rafael) [óbvio, né? Como conversar com aquilo que é incompatível e incompreensível? Prende logo!] ia se reunir para “processar esse trauma”, nas palavras da coordenadora do curso de Artes Visuais, a artista plástica Helena Freddi, para quem o que aconteceu na faculdade foi “um ato de vandalismo que extrapolou os limites da ação civilizada.” **[Exatamente! O que ela esqueceu de dizer é que extrapolar tais limites é bom e imprescindível para quem quer lidar com estética humana, de fato].**

No texto que escreveu para justificar “a ação”, 28 páginas encimadas pelo título “Marchando ao compasso da realidade”, Rafael desafia: “Somos abusados? Que se foda! É um orgulho para vocês eu estar dentro dessa podre faculdade. Não sou seu filhote, não preciso do seu aval. A arte hoje em dia é para quem está na pegada. Para os bunda-moles ela morreu faz é tempo.” O curso de Artes Visuais tem mensalidade de R\$ 900. Rafael é bolsista integral.

Escola expulsa aluno que vandalizou prédio para discutir arte

Durante apresentação de trabalho de formatura, estudante e mais 40 pessoas picharam prédio da faculdade Belas Artes.

Faculdade diz que está interessada em discutir os limites da liberdade de expressão; abaixo-assinado tenta reverter decisão.

O estudante Rafael Guedes Augustaitiz bem que tentou um diploma superior. Durante quatro anos, ele cursou como bolsista o Centro Universitário Belas Artes, na Vila Mariana. Vencidos todos os créditos, bastava apresentar um TCC (trabalho de conclusão de curso) para conquistar o título de “bacharel em artes visuais”. Mas, ontem, ele recebeu o aviso do reitor Paulo Antonio Gomes Cardim: foi expulso da escola.

Motivo alegado: “Prática de atos de vandalismo, lesivos à propriedade particular e (...) incongruentes com o espírito universitário; agressão ou ofensa a funcionários; ato sujeito a ação penal”.

A escola não levou na esportiva o que aconteceu em 11 de junho, quando Augustaitiz apresentou o que considerou seu TCC. Nas palavras dele, tratava-se de “ação performática e de protesto para discutir os limites e o conceito da arte”.

Na prática, o que se viu foram 40 jovens armados com sprays, chegando todos juntos a pé, muitos deles mascarados, por volta da 21h, e sacando, de repente, as latas que escondiam sob as roupas. Cobriram a fachada, recepção, escadas e salas de aula com as letras pontudas de difícil decifração que caracterizam a pichação paulista. ***[É importante lembrar que a categoria de difícil compreensão aqui é dada por quem está fora da cultura, para quem aquelas letras não são envolvidas de significados. Para a meninada faz o maior sentido, e a leitura é instantânea]***. Seguranças e pichadores trocaram socos e pontapés por dez minutos, até que chegou a PM e levou sete jovens presos -Augustaitiz, entre eles. No dia seguinte, a escola já limpou os rastros deixados pelos pichadores. “O impulso e a cegueira fizeram com que apagassem a minha obra. Quem vai me indenizar?”, pergunta o estudante, a sério.

“Considero criminosa a ação do aluno. Não considero esta ação como arte. Não considero a possibilidade de aceitar essa manifestação como trabalho de conclusão de curso”, tachou Helena Freddi, professora de Augustaitiz, em carta endereçada ao reitor, dias depois.

A faculdade, que outorgou em abril o título de professor honoris causa ao prefeito Gilberto Kassab, pela implementação do Cidade Limpa *[lógicas simpáticas inventam premiações e vinculações, agregam forças, sempre pelo terrível bem a todos]*, montou uma comissão de inquérito para decidir o que fazer. Presidida pelo advogado Carlos Alberto Rufino, dela participaram a chefe da biblioteca, Leila Rabello, e Marco Antonio Frascino, professor de legislação e ética em publicidade. Foi nessa comissão que se formou a convicção pró-desligamento.

Segundo o supervisor acadêmico Alexandre Estolano, a faculdade está, sim, interessada em discutir “limite e transgressão”. “Mas não desse jeito. Vamos patrocinar um seminário sobre o tema, em agosto.” “Limite e transgressão, até onde vai a arte e a liberdade de expressão”, segundo o texto de divulgação, serão debatidos por “jornalistas, artistas consagrados, colecionadores de arte, galeristas, curadores de museus”. E por nenhum pichador ***[este tipo de artista, destes que escrevo com X, sequer estão nas agendas de contato das Belas Artes, são fugidios, inapreensíveis para a lógica que a constitui. Enquanto Rafael teve coragem, fôlego e disciplina para completar seus longos 4 anos de curso, as Belas Artes não conseguiram aguentar poucos minutos da intensa e contraditória arte de seu próprio aluno, afinal nele estão misturados toda a complexidade do acontecimento metrópole contemporânea, com todas suas belezas, aqui em significado amplificado. E ainda têm coragem de se dizerem promovedores de seminários sobre os limites da arte, tudo aparências que mantêm, outra vez, seu charme descolado e alternativo. Profundidade milimétrica, incapacidade de estabelecer conversa com o que é dissonante às suas verdades! Promover discussões sobre limites da arte com pessoas que falam o mesmo vocabulário? Com lógicas em comum? Debates pobres e milimétricos que só serviram para salvar a alma da instituição que no fundo se sentia culpada! Vítima da própria vida! Mãos ensanguentadas, agora, devidamente lavadas, traumas velados, sonos garantidos]***.

Ontem, começou a circular um abaixo-assinado em solidariedade ao expulso, pedindo que a escola dê a ele a chance de se defender: “*” pichação “* pode ser crime (?), mas também é arte,

e a faculdade perdeu a chance de surfar na vanguarda da mais moderna e atual de todas elas. Sempre foi assim. O Moma (Museu de Arte Moderna de Nova York) torceu o nariz para os trabalhos de Andy Warhol e Basquiat foi ridicularizado pelos mesmos acadêmicos que hoje o idolatram. A arte de verdade incomoda e às vezes demora a ser entendida”. Entre os signatários, estão os grafiteiros Otavio e Gustavo Pandolfo, Osgemeos, cujo trabalho está até agosto em exposição na Tate Modern, em Londres. No dia 3 de julho, um mural gigante da dupla, na Bela Vista, foi coberto com tinta cinza por uma empresa a serviço da prefeitura.

(Jornal Folha de São Paulo, 18/07/2008).

Com estas duas evidentes aberturas a uma proposta de abordagem mais ousada por parte da Folha de São Paulo, indicando certa contradição na reação da instituição, ficou evidente que a editoria deste jornal percebia naquele acontecimento uma fala afirmativa, algo que não podia mais ficar reduzido a uma negação. É neste sentido, portanto, que destinaram um espaço do jornal para que Rafael o ocupasse, supostamente, com total liberdade, e é sobre este texto que conversávamos acima. Rafael, então, como foi dito em nossa conversa, produziu um texto. Porém, como já se podia esperar, foi um texto-piXaÇÃO, algo não enquadrável na lógica espacial que compõe o jornalismo, especialmente o de papel, algo cujo conteúdo e forma, para serem autorizados à publicação, dependeria de uma coragem, de uma indisciplina e de uma fuga dos padrões, possivelmente, jamais vista na imprensa oficial. Num blog, cairia bem; em um fanzine ou e-zine seria perfeito, mas o formato jornal ser ainda de difícil mudança e manipulação, a não ser em edições especial, mortes de celebridades.

Ao receber o texto, o qual, possivelmente passaria a ajudar na confecção, quase como um coautor, me encantei tanto pela potência subversiva do material, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, que fiquei em contradição: ajuda a enquadrar para que tenhamos mais chance de ocupar o jornal? Deixo como está, mais legítimo, mais ousado, mesmo que sua publicação não alcance as páginas jornalísticas? Escolhi pela segunda opção, afinal de contas, mesmo que a Folha de São Paulo tenha-se mostrado, de fato, mais corajosa, mais atenta com a contemporaneidade, não se pode negligenciar a força de todo jornalismo, especialmente este de tipo grande. O que quero dizer com isso é que,

mesmo tomando coragem e publicando o texto de Rafael, temos ciência de que tudo o que ele disse pode servir de arma contra ele próprio, e essa habilidade o jornalismo historicamente já comprovou que tem. Sendo assim, mesmo sabendo que o número de leitores não será tão amplo, uso também este meu estudo como plataforma para publicá-lo de maneira afirmativa. Amplitude esta que torço e lutarei para que alcance seus maiores índices, diferentemente da maioria dos trabalhos acadêmicos, limitados a seu mais fiel auditório – os próprios cientistas, em especial, os da banca.

*O texto*⁵²

Influenciado a prestar o vestibular, me questionei como iria pagar.

Uma luz no meio do nada!

Meteremos os pés na porta e o resto Deus prepara!

Mete o pé não, mas como é minha casa, vou escorar e me debruçar!

É tudo nosso!!!

[Mais constrangedor para as Belas Artes não é meter o pé na porta, mas entrar pela porta da frente, afinal é a casa dele, é artista, subvertendo pelo que ele faz, sem inventar, escorando e debruçando.]

*Com o domínio da técnica realismo que se dilui pras margens buscando conceitos e plasticidades, Sou uns do único humildemente, olha lá senão, o “primeiro pixador” da pIXAÇÃO Paulistana a se formar em artes visuais. Batalhador e sofredor de perifa⁵⁴ desde criança, busquei na **faculdade mais antiga de arte de São Paulo**, uma ajuda, e na arte o sustento e sobrevivência. Porem, propus ao **Centro Universitário Belas Artes de São Paulo** umas das maiores obras que tinha de melhor a oferecer dentro do que seria um trabalho artístico contemporâneo. São Paulo, umas das maiores metrópoles do mundo, das entranhas do social, espancando gritos na selva de pedra, encontra-se o **efeito colateral do sistema, as pixações**. [E não teria sido, justamente sobre os efeitos colaterais que a nomeação “crime” caiu melhor? É neste mesmo lugar que quem se aventura na estética precisa ir.]*

***Apresentei** como trabalho artístico a “**exclusão social**”. Uma chinfra, reforçando um protesto contra o sistema capitalismo e os direitos de um cidadão, cuja até então é “limitado” e surreal pro extrato de baixa renda. **Ao contrario de olharmos só pro nosso umbigo**.*

*Porem, eu aluno cidadão que a todo momento me apresentei como pixador que sempre respeitou a instituição, tenho o direito de **liberdade de expressão** no trabalho conclusivo de artes visuais, **livre arbítrio e não servo-arbítrio**. [Que invenção de palavra sensacional. Servo-arbítrio, jamais tinha lido isso e me parece que cai bem em vários setores da Arte.]*

Os índices seriam de extrema importância, “simbólico”, “derrepente um valor capitalista estimado”, “poderia me apropriar e substituir tudo o que seria móvel” e finalizar a mostra com os apagamento das paredes, isso se é que teria que apagar, afinal, é uma instituição Belas Artes ou é o que?

⁵² Aqui, como o texto de Rafael já vinha com alguns grifos em negrito, prestem atenção que as minhas falas não estão em itálico e estão entre colchetes, apesar de estarem também em negrito.

⁵³ O texto de Rafael está copiado e colado sem qualquer alteração gramatical, mantendo, portanto, sintonia com suas atitudes, com sua arte, com sua pessoa, ou seja, mantendo a força desconfortadora que sua coragem e audácia representam para tudo o que estiver instituído, coisa que a gramática não deixa de estar. Agora, se só por isso você não conseguir ver a potência de suas falas, nem sei como chegou até esta página. Perderá muito!

⁵⁴ Gíria paulista para periferia.

O impulso e a cegueira fez com que apagassem a minha “obra” preconceituosamente. Quem vai me indenizar??? [Boa pergunta, se arte e crime se mutantizam em minha pesquisa, um crime julgado e condenado levaria, invariavelmente a uma obra de arte indenizada.] *A minha “verdadeira” arte, a de peso, não é substituída facilmente, não é pra qualquer um, é pra quem eu queira ou vai que ter cacife, o peso capital não é paralelo a referente obra vendida de Beatriz Milhars. Com todo respeito a ela, servindo de referencia 1 milhão de dólares atingido. [Nada contra os artistas, tudo contra os regimes de verdade da arte.]*

No dia 16/06/2008 recebi um telegrama da instituição Belas Artes, me “intimando” a comparecer a sala de reuniões da Reitoria às 14h do dia 19 de junho de 2008, perante uma comissão para ser interrogado e, na mesma oportunidade, oferecer defesa prévia, especificar as provas que pretendo produzir e apresentar rol de até 3 (três) testemunhas.

De inicio, quando recebi, fiquei chateado e mordido da **forma hierárquica de tratar uma pessoa**, ou seja, nesse caso, eu, aluno, “intimado”! “**Intimando**”?! Já se passou dias do caso ocorrido, deu tempo pros acadêmicos pensar e refletir sobre o choque que o trabalho propôs, afinal, é uma academia de arte ou o que?

Resolvi a me submeter humildemente ao seu “intimato” mesmo achando uma falta de respeito, sendo que **a todo momento me apresentei**. [Sobre os artistas que habitam este lugar desamparado de produções estéticas criminalizadas, a arte se reveste de juíza, transforma, inclusive, seu vocabulário, e faço coro: intimando?!].

Passou pela cabeça a hipótese de o Reitor derrepente querer uma conversa sobre a discussão agressiva verbalizada saída no jornal Folha, onde a coordenadora Dr. Helena Freddi, artista plástica disse - “para quem o que aconteceu na faculdade foi uma ato de vandalismo que extrapolou os limites da ação civilizada”. Eu, (Rafael) - “Somos abusados? Que se foda! É um orgulho pra vocês eu estar dentro dessa podre faculdade. Não sou seu filhote, não preciso do seu aval. A arte hoje em dia é pra quem está na pegada. Para os bunda-moles ela morreu faz é tempo.”

Independente desse caso ocorrido, devia um agradecimento de coração a instituição pela bolsa concedida, e como sujeito homem uma satisfação sobre o debate acontecido, expor o motivo das palavras agressivas que se confrontaram. Apenas isso pendente.

Tinha consciência que, derepente o Reitor estaria leigo de alguns outros assuntos que colocaria em cheque. Como o meu **trabalho envolve a política** [Já disse, mas vale dizer novamente – e como envolve! Contemporaneizado, política do corpo, da cidade, da arte], nesse caso envolveu a da universidade, submeti a ir até vossa pessoa colocar pratos a limpo. Por insistência de uma pessoa querida, deixei a me acompanhar, chegando lá, cheirou preconceito. Não tiro suas razões também, mas depende do preconceito!!! Esse amigo que me acompanhou é aluno simbólico da universidade, artista visual, boicotaram-lhe da sala de reuniões, quer dizer, do tribunal [Como disse, a arte se transfigura em júri, as Belas Artes em fórum e a sala de reuniões em tribunal.]. Fiquei só, rodeado de dois advogados e o coordenador de arquitetura, perante duas testemunhas deles. Pego-me pensar, que triste o Reitor não estar aqui, meu coração parte e, ao mesmo tempo **por obrigação tenho e devo cobrar**. Gostaria de poder sumariar os acontecidos antes de tomar qualquer providencia, se quer saber, se eles me reconhecesse, e se “eu” não tivesse nada a contra, ambas parte sairiam ganhando.

Mas não, foi o oposto da conversa que esperava, estavam determinado a me julgar, ainda me tirando de cabaço e laranja. Pediram que eu assinasse um termo de desligamento, cogitei, um deles perdeu até um pouco da linha, me auto-advoguei, é engraçado, estou sim vinculado a vocês!

Se o academicismo do centro Belas Artes tivessem mesmo uma sabedoria com perspectiva tão elevada, tinham que ter visto isso rápido e interferido, tentado resolver da forma mais passível possível, mas não, uns ficaram quietos, alguns correram e outros preferiram abomina.

Tenho uma espécie de pacto com a instituição, tenho ela no meu currículo e ela me tem, e, cada passo em falso da política que esta regendo a Belas Artes, compromete a imagem da mais antiga universidade de arte de São Paulo, **a corda está dada na mão de cada um**, agora convido humildemente os amigos professores Dr. Carlos Tadeu Siepierski, Dra. Helena Freddi, Msc. Turguinev Roberto de Oliveira, Esp. Bertoneto Alves de Souza, Esp. Murilo

Kammer, Mstr. Ângela Barbour, Esp. Carlos Augusto Sampaio, Dra. Carla Longhi, Mstr. Dercy aparecido Pereira, Mstr. Juliana Martins Rodrigues de Moraes, Mstr. Rubens Zaccharias Junior, Dra. Geórgia Evangelos de Almeida Kyriakakis, Esp. Jacques Jesion, Mstr. Zandra Coelho Miranda dos Santos, etc, etc, etc para arena de discussão. [Ele está na instituição e a instituição está nele, mesmo que seja de maneira conflituosa, de tal fato não se pode escapar. A saída? A meu ver, a mesma proposta neste estudo, ou seja, a conversa, coisa que ele também sugeriu, convocando nome por nome seus professores.]

Sobre o **desprezo pela instituição** publicado nos veículos de comunicação - "podre faculdade." "Usei a estrutura da academia que se diz das artes para me articular, fazer a minha obra", como disse, foi um trabalho **"teatral performático"**, também sabemos ser maquiavélicos. Porém, agora sim tem cobranças pessoais.

Começarei cobrando um concurso onde um amigo (família) negro e pobre ganhou dentro desse invólucro e foi roubado (concurso Africanize)! A universidade não tem vergonha na cara, roubou de um pai de família sofredor que tem um coração de ouro, é tanta cara de pau que pediu o seu trabalho artístico emprestado pra no mínimo mandar um branquinho engravatado representando o seu Centro de Patifarias. Isso é a moral e a arte que pregam??? Preconceituosos, podem me processar se quiser, arrumarão nada, o certo prevalece, o negão tem cinquenta e poucos anos de sobrevivência, passa mó veneno, mó veneno mesmo, se submete a procura de uma melhoria, veste a camisa dessa faculdade, bate no peito que é da Belas Artes, tornou-se simbólico, e vocês fazem isso, o que vocês acham que são??? Não venham me dizer que criaram cobra não, agradeço o que fizeram por mim de coração, sei quem eu devo respeitar dentro do invólucro, a humildade prevalece, durante quatro difíceis anos nunca deixei a desejar, disciplina total, patifes foram vocês e não farei parte disso, além do mais quando se trata de **preconceitos!!!** E pode ir considerando isso "também" como o meu trabalho final, porque isso sim que é arte, a arte de sujeito homem, a atitude!!! Minha postura e caráter de cobrar rompe com suas patifarias e podridões de covardes!!! [Sobre este caso do concurso Africanize, não sei nada sobre, mas incluir este reclame, esta denúncia, esta união e apoio a outro periferizado dentro da instituição como parte de sua obra e vincular a "atitude" como forma de arte, da maneira que foi feito, é mais uma das produções de Rafael que me empolgam em admirá-lo – vida como obra de arte.]

Eu, moleque favelado como dizem, terei que ensinar alguns de vocês a ter postura? É uma vergonha! Vocês não se envergonham? Todos que viram e se acovardaram também! Agora vai dizer que algo seria mais importante. Xingar um pai de família de doido, maluco e "macaco" é normal? imagine que, com a sua cooperação a patifaria reinasse, estupro tornaria-se banal, achariam isso certo? imaginem sua família sendo atacada e "todos fingir não ver"! então sabem o que devem para essa pessoa! **Exigimos respeito!!!**

E para alguns despeitados que jogam na cara um saco de ração achando que somos cachorro, revê os conceitos, além da sua **hipocrisia** dobrada tangível em relação ao social, particularmente "eu" farei questão de insinua para os bicos-sujos que a **bolsa** que foi concedida para minha pessoa não foi dada de mão beijada não. Paguei um semestre inteiro, paguei todas rematriculadas, "me humilhei profundamente a cada semestre nos pedidos", prestei trabalho com pintura e me submeti por convocação a entregar planfets em portas de faculdades em épocas de processo seletivo, coisa que até então nunca tinha feito, fora aguentar calado de alguns que se julgam exemplos, **a falta de ética moral.**

Retomando o olhar panorâmico sobre os excluídos e o pedido de desculpas do choque que conflitou agressões.

O sofrimento estampa, somos só os parafusos da fábrica que reina, uma alienação da sobrevivência impede o individuo de viver; se sujeitar com migalhas ou se suicidar; presenciamos uma negligência no ar; desumanidades, "nesse mundo você vale o que tem". Sabemos o que é bom pro futuro, o presente nos amarra, e no presente momento não vivemos, sobrevivemos. E, se não despertarmos sem diferenças a procura de uma melhoria, nossos filhos que irão sofrer mais. [Apesar de não achar que "apenas sobrevivemos", mas que vivemos sim, isso não despotencializa a vontade de "não sujeição" de Rafael, pelo contrário. Um vínculo tão forte e tão apaixonante com a **piXaçãO** que nenhuma instituição, nenhuma moral estética o

Peidou, né!!!

*Na rua vc e seu aliado prefeito pode falar que é **vandalismo**, dentro do invólucro acadêmico artístico é outra ideia, então cheguem com a minha grana!*

Antes na minha mão do que nas suas, pelo menos poderia gozar e ajudar muita gente!!!

*E outra, antes que esqueça, o trabalho as vezes deixa sequela, portando por favor **não agrida e não apague caso ocorra novas pixações**. Te deixaria mais em débito, é grana pra caralho, afinal, é o meu **trabalho de TCC evadindo uma “loja maçônica” de mais de 80 anos**. [Belas Artes e a maçonaria, de fato, suas categorias elevadas, intocáveis, as tornam, de fato, cúmplices, simpáticas. Quantos grandes artistas não eram também grandes maçons! Que bem fez a nova metrópole contemporânea estampando as contradições! Que alívio!] [Todo apoio à indenização de Rafael. De maneira nenhuma acredito na ilusão de que vá ser paga, mas seu pedido, mais irônico que real, lança a questão urgente: se toda cooptação vem revestida de uma nova capacidade mercadológica, por que aquilo que não é cooptável, não é digerível, torna-se sumariamente apagável? Mercadização de pernas pro ar! Abrir os cofres das Belas Artes como se assaltasse um banco, é este o espírito! Que saudável seria para a vida, para a produção estética, para a condição humana!]*

*Como os **pixadores (30 – 40)** eram e são artistas fudidos que **constroem seus trabalhos numa linha entre “terra e céu, vida e morte”, “no limite”**. Como muitos integrantes do movimento já perderam a vida fazendo essa arte, outros continuam passando **mó veneno, preconceitos e agressões**. [É justamente aqui que reafirmo o anterior sentido simbólico do suicídio, aquele ligado à sujeição estética, à violência moral. Estas mortes não curvadas são como mártires, não como suicidas, ou suicidas sobrevivem, são pobres de espírito. Em outras palavras, quem se assujeita e se vislumbra, se suicida, mas sobrevive com sorrisos de aparência saudável; enquanto quem está nessa “no limite”, “terra e céu, vida e morte”, sujeitos não curvados, tem mais chances de morrer mais cedo, mas carregam em si suas gargalhadas que a cidade se encarrega de reverberar por toda eternidade.]*

*Pelo nosso povo, pela perifa, questões sócio-econômica Política. Quero 250 milhões de dólares de indenização, fora danos morais. E, “pensando bem”, como pra nós **pixadores** só foi mais um role, uma **chinfra** desmascarante transcendental, “doaremos toda a grana em estruturas beneficentes a comunidades carente, saúde, moradia e educação”. Nós **maloqueiros**, Deus nos abençoa. Agora “peço ajuda de todos” pra pegar a grana, o que é nosso, é tudo nosso!!!*

*Desde já **agradeço a todos que se dispôs** num auxílio e num apoio, a união faz a força, fiquem com Deus! **Viva a piXaÇÃO**, “um salve para todos”, em especial aos **pixadores** e o jornal **Folha**, vocês foram fodas, fazem e fizeram a diferença! Os Fortes Sobrevivem!!!*

Rafael Augustaitiz

*Sobre o vazio da **Bienal**, se quiser agora nos incluir, recolha e encha vários caminhos-pipas de “fossa” e jateiem internamente. Refletirá a muitos!*

Ivo Mesquita, você pode fazer esse favor? Ou ficará com medo de se misturar com as merda? É um desafio de fácil alcance, pelo menos acredito!!! Faz uma, a nossa estamos fazendo. Calará a minha boca e a de vários, sentirei firmeza, mostrará sua capacidade e ficaremos grato. Externo, liberem para cobranças, protestos!!! [Imaginem que bienal seria esta coordenada por Rafael, de todo modo ela já acontece, a todo instante, em cada metrópole mundial, estejam atentos às bienais ininterruptas do cotidiano.]

Venham com a grana que ganhei pro povo!!!

Recado aos grafiteiros - Grafiteiros caiam fora, estamos pensando em romper um acordo que a sociedade sempre acreditou que existiu, se não fizermos isso será por muita humildade, subiremos todos os grafites dos pop-star que se levantaram nas nossas custas colocando a

piXaçÃO como lado negro, correm com a política e nunca fizeram uma por ninguém a não ser só pensar nos seus bem star! Apagam vários pixos, estão se apropriando de nossa linguagem e ainda nos queimam! Já era, o grafite é a evolução da piXaçÃO o caralho, aqui é atitude e não bunda-mole, acabará o teatrinho, São Paulo a cena do loko é piXaçÃO. Tem o nosso respeito os grafiteiros marginais, eles sim são família!!! (ver p. 266)

De todo modo, devido ao tamanho e ao formato do texto aliados à exigência perspicaz de Rafael em apenas liberar a publicação caso fosse feita na íntegra, sem nenhuma alteração, a Folha, mesmo tendo uma jornalista como a Laura, assim como as Belas Artes, o silenciou. Lembrando que a Folha destinou um espaço do jornal para ele, afirmando justamente uma liberdade e uma garantia de não edição. Será que esperavam que ele se enquadrasse na lógica jornalística? Pelo visto sim. Quando Rafael enviou para a Folha o texto acima, o fez juntamente com uma ameaça, afinal de contas, mais uma vez, a meu ver, ele tinha claro em sua mente que, caso fosse editado, manipulado, tudo o que ele dissesse e a maneira que dissesse poderia, mediante uma simples e comum manobra jornalística, se voltar contra ele. A ameaça enviada, que publico abaixo, me soa, de fato, amedrontadora. A Folha não aguentou, deu pra trás.

De: Rafael Augustaitiz

Para: Uma série de jornalistas

Assunto: EXTREMA IMPORTANCIA “SUAS”! AVISEI HEM!!! Não desacredite!!!!

*É o seguinte! Por favor não me leve a mal! Tenho e devo fazer isso (Humanismo)! Estou mandando o texto, **se não publicarem amanhã cedo, incluirei o nome do jornal que peidou e, bombarei na net!** Já deixei diversos textos engatilhados, o mundo ira assistir, já sabem de nossas ligações nos veículos. Uns reconheceram pequenos comparecer e, outros anunciam a minha procura para sumareio. Espero que recuperem a consciencia e, façam seus papeis de emissores. Boa tarde para todos e, é pra amanhã cedo, na humilde, “ao contrario”, “a tarde farei seu ibopes”. Me desculpe mas, prezo pelo meu povo, **Humanismo**, Deus estará do nosso lado!!! Os fortes sobrevivem..... Se caso prefira se acovardar, será só uma queimadinha, a dimensão nem eu sei!!! porem, olha a minha fé, acha que é bobeira???*

6.4.1.. ENVOLVIDO ATÉ O PESCOÇO!

Foi mais ou menos, então, a partir desta não publicação de seu texto, que ele, como antes, voltou a se preservar, a não atender jornalistas, a não dar entrevistas, a não se expor,

afinal de contas seu nome estava em todos os veículos e isso poderia torná-lo um alvo fácil. Como ele mesmo dizia, “é pouca ideia”. Sendo assim, como já estávamos bem articulados, com, de certa maneira, uma amizade capaz de rir junto disso tudo, cada vez que um jornalista ou qualquer outra pessoa entrava em contato com ele, visando alguma publicação, ele, sem eu saber nem pedir, evidenciando uma grande confiança em mim, passava o meu contato. Afinal de contas, era óbvio para ele, que eu, anunciando minha condição de mestrando da UERJ, poderia ser mais bem digerido pelo jornalismo, afinal de contas, minha força é muito menor que a dele, ou seja, de certa maneira, falo o vocabulário dos jornalistas. De todo modo, minha experiência nessa ocupação do espaço jornalístico não foi nem um pouco tranquila, assim como veremos.

Continuando na Folha de São Paulo, desta vez na figura da jornalista Daniela Mercier de Oliveira, de alguma maneira, ela, quando procurava fazer uma matéria sobre o evento da “Choque Cultural”, contactou o professor Aldo Victorio, do Instituto de Artes da UERJ, justamente meu co-orientador deste trabalho, ou seja, obviamente, ele, além de ter colaborado com a jornalista, também me pôs em contato. As primeiras conversas foram por e-mail⁵⁵:

De: Daniela Mercier
Para: Gustavo Coelho
Assunto: Rafael Augustaitiz

Olá, Gustavo, é o seguinte: o que eu preciso agora é de uma entrevista, para comentar a intervenção de sábado. Qual é o seu envolvimento no grupo? Você participou desta ação? Pode me passar informações gerais?

Por enquanto, não posso fechar com você nenhuma coluna/artigo, pois precisaria conversar com o editor. Mas gostaria sim de saber qual é a sua opinião sobre o movimento, caso não tenha participado diretamente.

Se puder me passar seu telefone, podemos conversar melhor.

Obrigada,

Daniela Mercier – Repórter

⁵⁵ Todos os e-mails publicados nesta pesquisa virão assim, cabeçalho com espaçamento simples e em negrito, e o corpo da mensagem em espaçamento simples e alinhamento à direita, não justificado.

De: Gustavo Coelho
Para: Daniela Mercier
Assunto: Rafael Augustaitiz

Olá Daniela!

Sou do Rio de Janeiro, mestrando em educação pela UERJ. Minha pesquisa se dá justamente onde uma moral supostamente geridora de mundo não dá conta e a *piXaçãO* ganha papel protagonista.

Não participei da ação, meu campo de atuação é a escrita, a pesquisa. Não sou piXador, sou um pesquisador das produções estéticas amorais em especial no acontecimento contemporâneo da metrópole. Pode parecer estranho, um mestrando em educação encantado pela *piXaçãO*, mas é preciso profanar e dilatar a pedagogia. Bem, podemos conversar sobre.

Mas graças a pesquisa virei, de fato, amigo do Rafael Augustaitiz. Apesar de não nos conhecermos pessoalmente, conversamos muito pelo MSN, por isso, fiquei sabendo do ocorrido logo após o acontecido.

O Aldo, com o qual você já inclusive conversou é meu amigo e co-orientador de pesquisa.

Se precisar conversar com mais urgência, estou online no msn: gustavobateracoelho@hotmail.com

Tenho também um texto que escrevi junto com o Aldo, logo após o ocorrido nas Belas Artes. Pode valer a pena para uma compreensão mais densa do que estamos falando.

Aguardo Você.

Gustavo Coelho

De: Daniela Mercier
Para: Gustavo Coelho
Assunto: Rafael Augustaitiz

Oi, Gustavo, gostaria de ver o texto sim. É complicado falar por MSN, você pode me passar seu telefone?

Obrigada,
daniela

241

Desta maneira, passei meu telefone para ela e, logo e seguida, ela me ligou. Após cerca de 40 minutos conversando – e eu, obviamente, tentando passar para ela minhas ideia no mesmo tom deste trabalho aqui –, fui me empolgando, pensando que, dali, sairia uma matéria interessante que poderia anunciar novas plataformas afirmativas e significativas para se pensar o acontecido. Bem, eu deveria não ter me empolgado. Antes de mostrar a matéria resultante destas entrevistas, publico também uma pequena troca de e-mails entre ela e Aldo Victorio:

De: Daniela Mercier

Para: Aldo Victorio

Assunto: PICHADORES ATACAM GALERIA DE ARTE

Olá Aldo,

Seguem as fotos da intervenção do dia 6, na Galeria Choque Cultural, em São Paulo. Gostaria que você comentasse sobre a proposta dessa ação e se, na sua opinião, faz sentido falar na comercialização/institucionalização da arte de rua e se isso é prejudicial para o movimento dos pichadores. Se você quiser comentar, quero saber também o que você acha de iniciativas como a Galeria Choque Cultural (não precisa citar nenhum nome/instituição).

Por favor, não repasse as fotos.

Aguardo sua resposta.

Muito obrigada,

Daniela Mercier

De: Aldo Victorio

Para: Daniela Mercier

Assunto: PICHADORES ATACAM GALERIA DE ARTE

Olá daniela

Sobre a notícia que vc me traz da última atuação do artista Rafael,

entendo que, sob o que se denomina 'ataque', ou seja, a intervenção, interferência performática, etc. do grupo de artistas pichadores à galeria supostamente dedicada à comercialização da 'arte-de-rua' fervejam interrogações das quais não mais pode escapar o nosso regime de verdades tradutoras do mundo...

A aparente e só superficialmente contradição dessa recente ação indicia a aguda perda da validade da maneira hegemônica de ver a cidade e desta o mundo e a vida.

Reduzir mais uma vez a estética rebelde de Rafael e seu grupo a mero vandalismo, 'incivilidade' ou qualquer coisa que o valha é reconhecer antes de mais nada a fragilidade da arte que vêm nessa expressão: 'galeria de arte', assim como os discursos que trovejaram sobre a ação na Belas Artes mostraram como de Arte e de beleza pouco naquela instituição haveria...pelo menos da arte e da beleza que aventam esses tempos de fim de tudo, tudo que protegia uma visão única do mundo e neste, das artes e das belezas, visão arrogantemente auto-autorizadora do que caberia ou não na ação artística ...como se a produção estética, (energia fundante da condição humana) pudesse ser permanentemente controlada pelas estratégias institucionalistas... O episódio é mais um indício do crescente incômodo entre as investidas emancipatórias e as reações regulatórias que marcam os estertores da modernidade. Embora esteja certo de que a galeria saberá capitalizar esse acontecimento, vislumbro na surpresa do ato algumas possibilidades de reconfiguração daquilo que sabemos como mundo da arte, em prol da coletivização da beleza e da vida como obra de arte!

No entanto, mesmo após boas conversas, e dias ansiosos pela publicação, eis a frustrante matéria publicada:

Cerca de 30 pichadores invadem galeria de arte e danificam obras expostas

DANIELA MERCIER

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Um grupo de pichadores invadiu, no último sábado, a Galeria Choque Cultural, no bairro de Pinheiros (zona oeste de São Paulo), e danificou 20 obras de arte expostas no local.

A galeria é voltada à divulgação e à venda de trabalhos de arte underground, como grafite

e design gráfico.

A ação foi organizada pelo artista Rafael Guedes Augustaitiz, o Rafael Pixobomb, que foi expulso do Centro Universitário Belas Artes em julho deste ano, por organizar uma pichação no prédio da faculdade.

Os pichadores fazem parte do movimento intitulado “piXaÇÃo: Arte Ataque Protesto”, que tem como meta protestar contra a comercialização da arte de rua.

De acordo com o grupo, a galeria não representa a cultura urbana, e seus criadores não fazem parte do movimento de rua.

Entre as obras danificadas estão quadros de Gerald Laing, referência inglesa da pop art, e do artista de rua brasileiro Daniel Melim.

Invasão

A galeria estava em funcionamento quando o grupo de cerca de 30 pessoas, segundo informações do boletim de ocorrência, invadiu o local e pichou paredes, quadros e outros objetos em exposição. A ação durou aproximadamente cinco minutos.

O grupo foi chamado a fazer a pichação por meio de um “convite” enviado por e-mail, que dizia o seguinte: “Evadiremos com nossa arte protesto uma “bosta” de galeria de arte segundo sua ideologia abriga artista do movimento underground. Então é tudo nosso [sic]”.

Procurado pela Folha, Augustaitiz não quis comentar a pichação e disse que “a ação falava por si mesma”.

Baixo Ribeiro, um dos proprietários da Choque Cultural, afirmou que o evento teve “pouca importância” e não quis falar mais sobre a invasão ocorrida.

Na tarde de ontem, um boletim de ocorrência foi registrado no 14º Distrito Policial de São Paulo.

Segundo o DP, o proprietário já foi notificado para fazer representação contra o grupo, condição para abertura de inquérito no caso de um crime de natureza privada. O caso foi classificado como dano ao patrimônio. (Folha de São Paulo, 09/09/08)

243

Diante de tão pobre e irrelevante matéria, ainda mais sabendo que houve, de fato, uma certa pesquisa por parte da jornalista, um contato com outros pensamentos, respondi-lhe, mesmo tendo total certeza que minha resposta não daria em nada, e muito menos seria replicada. Bem, mesmo sabendo que a jornalista pode ter sido editada pelos terríveis editores-chefes, minha resposta se direcionou para ela, afinal de contas, que tal provar algumas doses da rebeldia de Rafael mesmo dentro de uma ordenada e hierarquizada redação de um grande jornal? Não tem coragem? Pelo menos faça um *blog*, use um outro nome, não seja pego!

De: Gustavo Coelho
Para: Daniela Mercier
Assunto: Matéria piXaçÃO

Daniela,

Devo admitir que, por conhecer o discurso jornalístico (minha primeira formação foi em comunicação social) já viciado em seus ditos violentamente redutores, ou melhor, falsificadores de mundo como o mero “vândalos” amplamente vomitado por vocês, quando fui contatado por você, fiquei surpreso com a vontade de ouvir “outros” pensamentos que, de fato, habitem lugares perigosos, ou melhor, que não se solidifiquem nos sorridentes ditos confortantes oficialóides. Era um fio de esperança. Assim como as Belas Artes tiveram a chance de respirar graças ao Rafael, desta vez foram vocês que do alto de suas aparências, negaram mais uma vez o necessário mergulho na complexidade da vida cotidiana, no convívio entre o desmantelamento e a estética, mas o jornal não pode se sujar, não conseguiria um mergulho com mais de meio-metro sem equipamentos de segurança. Sendo assim, com as artimanhas já óbvias, com o ranço da velhice, vocês pensam salvar seus ditos, ou melhor, distanciá-los do perigo, quando, de fato, escrevem a cada nova edição pensamentos mortos.

Mais uma vez, vocês escolheram continuar habitando de braços dados com as Belas Artes a cidadela inventada por vocês que, justamente, ao se pronunciarem como porta-vozes da impreensível e impronunciável produção estética humana, denuncia a um olhar mais irônico, mais sagaz, mais livre, os limite territoriais de uma vila, ou seja a irrelevância perante o mundo invejável em sua saúde plena. Ao menos o mundo independe da Arte e independe do Jornalismo, e vai além, ri disso tudo como quem diz, eles não sabem de nada, só sabem falar, mas de tanto falar o mesmo, já se tornou um murmúrio, cada vez mais abafado pela polifonia da cidade! É TUDO NOSSO!

Infeliz a matéria, infeliz o tom petulante, infeliz a opinião escolhida, mas tudo coerente. Coerência, esta é a palavra do jornalismo, enquanto a vida e a cidade pulsam, justamente, na incoerência, no incontrolável. Um sonora risada para a Folha!

Gustavo Coelho.

Como já disse, naturalmente, não obtive qualquer resposta após este e-mail, talvez nem tenham lido, talvez tenham-se constrangido, talvez tenham apenas rido de meu tempo perdido, de minha ingenuidade. De todo modo, foi mais um treinamento de escrita-ATACK, uma experiência de escrita que agora, ao menos, ganham as páginas deste meu trabalho. E não fui só eu que a respondeu, Aldo também se sentiu impulsionado a fazê-lo, provavelmente, de uma maneira muito mais bonita, sem deixar de ser contundente:

De: Aldo Victorio
Para: Daniela Mercier
Assunto: Matéria piXaçÃO

Daniela,

Não me surpreende a coerência de seu texto com a tradição reacionária da folha de São Paulo, mas, registro a decepção com a deselegância discreta da sua matéria...é constrangedor ler apenas (tanto no seu texto quanto na ‘opinião’ selecionada) a mesma ‘doxa’ de reação sem nenhuma preocupação em deslocamentos mínimos do território pequeno-burguês da certezas rotas ... Lembro que, afinal, vc tomou meu tempo dando-me a ilusória impressão de que haveria algum espaço para algo diferente da mera e sumária condenação do ato dos jovens pichadores.

Lamento também e profundamente o uso das palavras do Rafael (“Evadiremos com nossa arte...”) para, num jogo covarde, tentar ridicularizá-lo e agravar a desqualificação já deflagrada em seu texto (seria só anacrônico provincianismo?!). Não acredito que você nunca tenha lido ou aprendido nada sobre o sentido da comunicação e a guerra que se dá nos campos dos discursos e de seu registro escriturístico!

Talvez, sua postura não seja por concordância com a ideologia de sua ‘firma’, mas, por sujeição ao emprego... espero sinceramente que não seja por conta do somatório dessas duas condições! ah... ‘contexto da arte’... a única coisa que atrapalha o riso diante dessas bobagens é o enjoo que a reflexão de baixa intensidade provoca... lembre ao seu amigo que não existe ação ‘ vazia ‘, ah ele sabe que nesse país as ações costumam ser esvaziadas sempre que seus sentidos sugerem algum risco à tradicional diagramação do poder .

Os leitores desse jornal não teriam o direito de opiniões minimamente distanciadas para que, ao menos, tenham a ilusão de um jornalismo de verdade?

sem mais

aldo victorio

Sobre o que Aldo fala de “contexto da arte”, ele se refere à outra matéria publicada na mesma edição da Folha de São Paulo, mas sob responsabilidade de Fabio Cypriano, o qual Aldo se refere quando diz “lembre ao seu amigo”. Ponho em seguida, portanto, a matéria em questão:

245

Autores de ação não conhecem contexto da arte

FABIO CYPRIANO

DA REPORTAGEM LOCAL

Protestar contra a comercialização da arte por parte de galerias de arte é desconhecer o papel que esses espaços exerceram e exercem como local de experimentação e não apenas pelo valor mercantil que imprimem ao circuito.

Foram em galerias comerciais que algumas das mais radicais ações na história da arte aconteceram, como a performance de Vito Acconci, na Sonnabend Gallery, em Nova York, em 1972, quando o artista se masturbava sob um tablado por seis horas.

A ação foi considerada tão importante que foi reencenada, há dois anos, por Marina Abramovic no Guggenheim de Nova York. Sem galerias “comerciais” a história da performance, modalidade que pode ser considerada tão alternativa quanto o grafite, seria diferente.

A Choque Cultural é hoje um local já estabelecido que faz esse tipo de intermediação, isso é, incorpora uma ação artística mais radical, como o grafite, que tem na rua sua origem, ao espaço mais convencional da arte, o chamado cubo branco, que sempre precisa de renovação.

Uma ação de “piXaçãO” tem um caráter muito mais oportunista. Trata-se de uma ação vazia, de quem não conhece o contexto da arte, mas está é em busca de 15 minutos de fama, como dizia Andy Warhol, outro artista que sabia usar o espaço comercial para repensá-lo. (Folha de São Paulo, 09/09/08)

Nem preciso tecer mais críticas sobre a matéria acima, afinal de contas, já está alvejada durante todo o restante deste trabalho, além de ter sido muito bem exposta pelo Aldo. Contudo, um assunto delicado e problemático, que também ficou estampado em minha

relação com a Revista Veja, na figura do jornalista Daniel Nunes, foi, justamente, o que Aldo abordou quando disse: “Talvez, sua postura não seja por concordância com a ideologia de sua ‘firma’, mas, por sujeição ao emprego”. Em outras palavras, uma perigosa falta de autonomia do jornalista, muitas vezes, marionete na mão dos editores, estes sim, entre os mais terríveis pedagogos, educadores da informação. De todo modo, como, inclusive sugeri ao Daniel, por que não criar um nome falso, um *blog* com um servidor ucraniano, sem ser pego? O que mais me amedronta é, justamente, o que aconteceu com os editores-chefes, provavelmente, algum dia repórteres menores que podem a partir da sujeição ao emprego, terem vestido a ideologia da firma, ou melhor, cometendo suicídio simbólico. Como Aldo também disse acima: “espero sinceramente que não seja por conta do somatório dessas duas condições!”

Com a Veja, o contato foi feito, primeiramente, por telefone, eu estava, inclusive dentro de uma de nossas salas do 12º andar quando o telefone tocou. Bem, perdi a aula, afinal de contas, fiquei por 40 minutos no corredor conversando com o Daniel Nunes. De todo modo, apesar de, ao final, com a matéria publicada, a frustração ter sido a mesma que aconteceu com a Folha de São Paulo, desta vez, o jornalista foi muito mais honesto, já, ao ouvir minhas ideias pelo telefone, me dizer, inclusive com bom humor, que, dificilmente, os editores “vejianos” amplificariam aquela discussão. Tanto já ao telefone quanto por e-mail, sugeri a ocupação de outros espaços por meio de mídias independentes, internet. Não foi o que aconteceu, mas Daniel, ao menos, usava o riso de maneira subversiva, ironizava, ao menos em sua conversa comigo, a incapacidade de publicação de tais ideias. Ao final de nossa conversa, dei meu e-mail para ele. Aguardaria um contato para que eu enviasse o mesmo texto que já havia enviado para a Folha. Abaixo, publico nossa troca de e-mails, também muito significativa:

De: Daniel Nunes
Para: Gustavo Coelho
Assunto: meu contato

Oi, Gustavo,
Legal conversar contigo.
Vamos ver o que consigo incluir no meu texto.
Segue o meu contato para você me enviar seu texto, caso tenha interesse.
Obrigado e um abraço,
Daniel

De: Gustavo Coelho
Para: Daniel Nunes
Assunto: meu contato

Opa Daniel!
Foi bacana conversar com você também. Mesmo sabendo a impotência que deve ser escrever sendo rodeado por editores, no mínimo serve para vc Daniel e eu conversarmos.
Encaminho em anexo o texto que te falei. Mas me diga, quando deve sair a matéria? Fico ansioso, até mesmo esperançoso por discussões interessantes e não viciadas no óbvio... vai ver é ingenuidade minha rsrs.
Abração. Aguardo.
Gustavo Coelho

247

De: Daniel Nunes
Para: Gustavo Coelho
Assunto: meu contato

Mensagem recebida, Gustavo.
Só prefiro – eu, o Daniel – não criar expectativas.
A revista Veja entende o episódio como vandalismo.
E, como pede o bom jornalismo, estou apurando as informações para contar a história com diferentes pontos de vista.
Mais uma vez, obrigado pela atenção,
Daniel

De: Gustavo Coelho
Para: Daniel Nunes
Assunto: meu contato

Opa Daniel!
Uma pena a Veja, esta coisa abstrata, pensar por si só, fechada em seus regimes de verdade, quando o jornalismo poderia propor um pensamento mais perigoso, mais livre. O que será que rola em nossos pensamentos mais silenciosos, naquilo que respondemos quase que como resposta involuntária, vândalos? É preciso ir mais a fundo, ter mais fôlego.
Mas eu sei que o jornalismo só pensa com coerência, enquanto a vida, ironicamente, gargalha dele, mostrando todo o encantamento da incoerência que ainda faz pulsar a vida em sua pluralidade. Quando o discurso jornalístico for o discurso da vida, ou o jornalismo conviverá

melhor com a incoerência, com a imperfeição que nos constitui quase primitivamente, ou a vida não existirá mais, perderá a pulsão, será a morte. Em suma, o jornalismo não consegue viver, ainda mais em um muldo cosmopolita, cheio de metrópoles, mas os Blogs e coisas do tipo são um espaço para esta vida.

O Jornalismo maior, esse de Veja e companhia pensa morto, não ferve... uma pena.

Contar a história com diferentes pontos de vista é bacana, mas se a própria Veja tem seu ponto de vista hehehehehe FUDEU! hauhauha

Veremos como sairá a matéria... Recebeu meu texto? Penso que se ao menos um parágrafo dele for publicado remetendo a um trabalho "acadêmico" sobre a vida e suas produções, já será muito válido. Ao menos com meus diplomas, com minhas nomeações, o jornalismo consegue digerir melhor... sou um vírus irônico. Vamo q vamo.

A matéria sai na próxima Veja?

Guga!

De: Daniel Nunes

Para: Gustavo Coelho

Assunto: meu contato

Bem legal sua resposta. Aliás, Rafael e sua turma estão conseguindo algo positivo: alimentar uma discussão interessante.

Gustavo, você não conseguiria convencer o cara a me dar ao menos um depoimento, como o que você me deu?

Mais uma vez te agradeço por toda a boa vontade,

Daniel

De: Gustavo Coelho

Para: Daniel Nunes

Assunto: meu contato

248

Valeu Daniel!

Cara, acho que a ação dele já é uma fala muito bem articulada, cabe a sociedade conviver. E vc sabe, melhor do que eu que um depoimento dele para a Veja, será inevitavelmente usado contra ele...

Só quando o jornalismo tornar-se mais perigoso, conversar e conviver melhor com outras falas, aí sim a Veja sairá da sua sala que ainda reverbera somente a sua própria voz. O mais nefasto é que ela habilmente transforma a sua fala em um discurso a favor da pluralidade... mas só aquela que convém.

Estamos em contato.

De: Daniel Nunes

Para: Gustavo Coelho

Assunto: meu contato

Oi, Gustavo. Tudo certo? A matéria sai na edição desse sábado e só circula em São Paulo.

Preciso te dizer que, por uma questão de espaço, seu depoimento não foi publicado.

A matéria tem apenas uma página e, como eu tinha adiantado, a Veja adotou o tom crítico.

Agradeço mais uma vez por sua ajuda,

Daniel

De: Gustavo Coelho
Para: Daniel Nunes
Assunto: meu contato

Opa Daniel,

Você não tem idéia de como isso me frustra... mas ao mesmo tempo, me parece tão óbvio que isso aconteceria.

Vamo q vamo! Ocupando outros espaços, quanto mais marginalizados, maior será a eclosão do recalque... mas no final a culpa é sempre das maiores vítimas.

Agora, pra mim é mais que óbvio que a questão de espaço é a menos importante na hora de escolher entre a minha fala ou os ditos viciados.

Abraços. Boa batalha aí na Veja...

Guga!

Finalmente, a matéria que nem parece ter sido resultado destas conversas:

Vândalos à solta

Ex-aluno que pichou o Centro Universitário Belas Artes depreda galeria. [Eu diria, no lugar de depreda, contemporiza a galeria, legítima a galeria. Não é simpática a rua? Então que engula suas dissonâncias! Descoladinhos sem fôlego!]

Por Daniel Nunes Gonçalves

17.09.2008

Três meses depois de liderar quarenta vândalos [Não sabem de nada mesmo, amigos desde os 12 anos, essa obra, que não é individualista, mas tem o tamanho da metrópole, não se lidera, se mistura.] durante uma pichação no Centro Universitário Belas Artes, na Vila Mariana, alegando ser aquele o seu trabalho de conclusão de curso, o ex-estudante de artes visuais Raphael Guedes Augustaitiz, o Rafael Pixobomb, atacou [Um “atacou” com “c” é jornalístico, mas o feito pela meninada é com “CK”, assim como nas páginas da Veja a pichação é com “CH”, enquanto nas da meninada é com um “X” bem grande!] outra vez. Na tarde do sábado (6), ele comandou trinta arruaceiros [O que seriam dos jornalistas sem sua nefasta máquina de atribuir nomes e adjetivos a tudo que se põe em seu caminho? Sem sua postura de porta-vozes? Arrumam amplificadores de suas falas, mas mal sabem o que dizem, vomitam ao passo que pensam estarem articulando, defecam quando pensam dissertar! Beatos do pior tipo!] que sucatearam obras e paredes da galeria Choque Cultural, em Pinheiros, voltada à chamada arte de rua. [Pois então, se é voltada, se as vende, então que aguente até o talo! Não aguenta por incompreensão ou por ser invendável? Já era! O projeto faliu!] Entre os vinte pôsteres e gravuras danificados estavam dez quadros de pop art do britânico Gerald Laing. [Deveria entender como uma homenagem? Estava numa galeria simpatia à rua? Ser piXado, assim como foi, sem pudores, deveria ser a maior honra. Mas eu esqueci, esse deve ser artista] Pixobomb não dá entrevistas. [Se sem dar ele já é alvo, imagina se desse, ou alguém tem dúvidas do poder desta revista em utilizar tudo que ele dissesse para ridicularizá-lo?] Picha desde os 12 anos e hoje, aos 24, leva fotógrafo e cinegrafista para difundir suas delinquências pela internet. [Nem leva, nem contrata como vocês bem sabem fazer. No caso, tem é muita gente diferente de vocês que se empolga e gosta de ir junto registrar, ou você acha que, se não houvesse as câmeras, Rafael não faria, junto com seus amigos, os ATTACKs? É você não o conhecem mesmo, mas falam como se fossem íntimos. Óbvio, são o quê? Jornalistas!] Na rede, alega que seu gesto é um protesto “contra a comercialização, institucionalização e domesticação da cultura de rua por parte dos galeristas e do poder público”.

A idiotice desse blábláblá [Essa sua ignorância em não compreender, nem sequer conversar com aquilo que soa fora de lógica, não seria uma defesa diante do que te desconforta? Diante de tudo aquilo que foge aos seus projetos de civilidade? Já era! Seus sonhos cristãos, jornalísticos e civilizatórios faliram! E você nem sequer consegue ouvir as falas que vêm, justamente, de onde, historicamente, se negou a amplitude e o amparo da voz! Hoje, em nossa contemporaneidade, a cidade, seus centros, seus impulsos civilizatórios-jonalísticos são, a cada instante, ameaçados, justamente nesta gargalhada desenfreada, neste nomadismo juvenil periferizado que você, no

auge de sua cegueira só consegue chamar de “idiotice”, de “blábláblá”, agora, esteja atento, você não tem sequer o direito de não ser alvejado! Sua casa será piXada, ao abrir a janela ouvira uma rajada, ao passear na praia escutara o funk! Se esconda, se tranque, só assim sobreviverá, viva em seu vácuo, em seu suicídio simbólico, mas perderá o que tem de mais belo, a vida em seus impulsos reencatadores!] *não justifica os crimes. Na invasão da Belas Artes, no dia 11 de junho, alguns funcionários foram agredidos. “O ato de vandalismo extrapolou os limites da ação civilizada”*, [É preciso extrapolar, foram justamente sob a justificativa de tais “limites da ação civilizada” que se construíram secularmente os valores de Arte, de Bem e de Poder, ou seja, tudo aquilo que se projetou aniquilar, assujeitar e apagar a favor das coisas grandiosas.] *disse, à época, a artista plástica Helena Freddi, coordenadora do curso que Augustaitiz frequentou como bolsista integral – sem pagar um tostão dos 900 reais mensais – por quatro anos. [Reacionários! Toda instituição de ensino deveria estampar em seus participantes, a complexidade e polifonia que constitui a sua sociedade, se não for assim, será elitista! Que adiantam as cotas e as bolsas se o intuito é que os mesmos valores, os mesmos referenciais de saber, e de comportamento, sejam passados e cobrados para o sucesso? Que projeto é esse? Balançar as certezas e conviver com outros saberes, com outras lógicas – é por isso que sou a favor de cotas e bolsas, mas se o não curvar-se, se o não assujeitar-se às hegemônias de saber, de comportamento e de estética continua sendo justificativa para a reprovação, então é sinal que o “balançar” proposto precisa de alguma força ainda mais rebelde, ainda mais inesperada. Tomar de assalto? Invadir? É por aí. Que venham mais Rafaéis!] Seu ato no último dia de aula foi rechaçado pelos alunos. Ele acabou reprovado pela “apresentação” inválida e sua expulsão foi determinada por um comitê disciplinar. [Lembrando que, como já disse, a instituição, semanas depois, propôs um evento para discutir “os limites da arte” e não chamou nenhum piXador. Afinal de contas, estes não arranjaram o problema de querer ser artista. (ver p. 202)]*

Embora tenha sido levado à delegacia depois da baderna na faculdade, Pixobomb foi liberado. Crimes contra o patrimônio são considerados leves, com pena de até um ano, mas não preveem prisão em flagrante. Livre, deu para destruir galerias. “Não entendemos a razão de uma ação tão brutal”, afirma o arquiteto Baixo Ribeiro, um dos proprietários da Choque Cultural, junto com sua mulher, a também arquiteta Mariana Martins, filha do pintor Aldemir Martins (1922-2006). [Está explicado, de onde eles vêm?] Admirador da tal “arte de rua” [Até qual profundidade?], Baixo ficou tão abalado [Que pena! TADINHO!] com a afronta que tem evitado falar sobre o assunto. “Estamos mantendo a discrição porque não queremos amplificar a ignorância da qual fomos vítimas.” [Lembrando boaventuradamente que toda ignorância se refere a um tipo de conhecimento, e que todo conhecimento se refere a um tipo de ignorância, ou seja, Baixo Ribeiro pode até saber de alguma coisa, mas não sabe de nada!]. (<http://vejasaopaulo.abril.com.br/revista/vejaspedicoes/2078/m0167625.html> Acesso em 17/09/08)

De toda nossa conversa e de toda a aparente simpatia de Daniel Nunes, a incoerente coerência jornalística se fez presente mais uma vez, com toda a rigidez e reacionarismos mais do que tradicionais para a instituição “Revista Veja”. Desta vez, graças ao meu repúdio diante da pior matéria feita sobre o acontecido, intensificado pelo meu envolvimento em seu processo de construção, ou melhor, de invenção, resolvi, desta vez, como pôde ser visto, entrar dentro da matéria com meus colchetes-debates, rasgando as frases ao meio, metralhando a cada nova vírgula suspeita, colchetes-AK47, colchetes-G3, colchetes-AR15, colchetes-molotov! Como diz Rafael – “tem que ser sem massagem!”

Como parece moralmente indiferente escrever ou não uma linha a mais, e talvez ainda sem assinatura, um homem que possui dinheiro e influência pode fazer

de toda opinião a opinião pública. (NIETZSCHE, 2007d, p. 246)

Para finalizar de maneira otimista, devo, obviamente, dizer que todo meu destrato aqui com o jornalismo tem como alvo aqueles de coragem intelectual covarde, ou seja, aqueles que convivem bem com um senso comum sem graça, ou melhor, aqueles maiores em número e em grandeza mesmo. De todo modo, escolhi como última experiência a ser documentada, até como maneira de deixar marcada minha afirmatividade, minha esperança, o contato que tive com o jornalista Pedro Sanches, da Carta Capital, jornal de não tão grande circulação, porém, conhecido por sua honestidade e audácia em tratar questões delicadas como essa. Isso tudo fica evidente, desde o primeiro contato que fizeram por e-mail com Rafael:

De: Pedro Sanches
Para: Rafael Augustaitiz
Assunto: Carta Capital

251

Olá, Rafael, tudo bem com você?

Quem me passou seu contato foi o Ramiro Zwetsch, com que estou trabalhando numa matéria, agora para a CartaCapital, sobre toda essa história que anda rolando – e que, na minha opinião, é a guerra de classes de sempre, artistas de classe média (ou alta?) sendo tratados como queridinhos, e pobres e pretos sendo maltratados e presos.

Sei que você e o Ramiro trocaram uns e-mails, mas eu queria propor algo além. Queria entender melhor o ponto de vista dos pixadores que estão levando essas ações, sem preconceitos, sem pré-julgamentos, sem julgamentos. E aí é que te pergunto: você não aceitaria conceder uma entrevista para a CartaCapital? Não poderíamos imaginar um encontro meu com esse grupo, para que possamos fazer uma reportagem melhor – e uma reportagem em que, prometemos, os pixadores não serão, nem por um minuto, tratados do modo como têm sido tratados pela polícia, pela Bienal, pelos “grandes” veículos de comunicação de massa? Minha proposta é mais ou menos essa, fico à sua disposição pra conversar, seja por e-mail, telefone, pessoalmente, como você preferir. Se quiser conversar “em off”, com meu compromisso de que nada será publicado sem a sua autorização, por mim está valendo também.

Um abraço, e obrigado.

Pedro Alexandre Sanches

Como esperado, com toda precaução, Rafael respondeu a ele me encaminhando, apenas com algumas citações de Hakim Bey. A meu ver, ou por minha empolgação, tal encaminhamento para mim significava algo como “veja, mais um me procurou, se você

quiser, entre em contato”, afinal de contas, eu além de ainda acreditar na ocupação daquele espaço, falava de um local menos vulnerável:

De: Rafael Augustaitiz
Para: Pedro Sanches
CC: Gustavo Coelho
Assunto: Carta Capital

“As instituições tem oprimindo a imaginação e desonrando o intelecto, degradando as artes afim de estupificá-la e promover a escravidão espiritual, a propaganda para o Estado e o Capital, reações puritanas, lucros injustos, mentiras e arruinamento estéticos.”

“Recupere sua humanidade e revolte-se em nome da imaginação, ou será considerado um inimigo da raça humana!”

De: Gustavo Coelho
Para: Rafael Augustaitiz
Assunto: Carta Capital

A carta capital é confiável cara! Grande meio! Mete bronca... se precisar que eu vá junto, se quiser fazer a ponte também, estou dentro e junto com vc.

Te aguardo!

Gugaaa!

252

Pelo visto, eu mesmo já tendo me frustrado com Vejas e Folhas de São Paulo da vida, ainda via na Carta Capital um bom caminho para marcar de alguma maneira aqueles feitos que, de fato, não podem ser apagados da história com a mesma facilidade e impulso que saíram das paredes, a marca simbólica, se depender de mim, será reforçada, ainda mais por este trabalho que escrevo agora. Entrei, então, em contato diretamente com o Pedro. Mesmo a matéria não tendo incluído nossa conversa, afinal de contas já estava, em grande parte, pronta antes de eu ter entrado em contato, toda a conversa é um manancial para se pensar não só a força contemporânea da piXaÇÃo, incluindo aí os feitos paulistas, mas também a curiosidade muito mais flagrante deste tipo de jornalismo, diferentemente dos demais que tive contato, sempre ocupados com uma curiosidade que se encerra exatamente no momento da publicação, ou seja, que estão muito mais atrelados a uma anacrônica relação de trabalho produtivista que a uma de pensamento, de conhecimento e de

educação audaz, como, a meu ver, deveria ser, afinal de contas, qual o papel do jornalismo? Ah! É o pobre *informar* com seus vícios e ordens de discurso, eu preferia o mais instigante *provocar* também constituído de discurso, como é impossível escapar, porém, mais honesto e aberto, mais experiência, menos verdade.

Continuamos, então:

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaçãO e Rafael Augustaitiz

Olá Pedro!

O Rafael Augustaitiz me passou seu contato.

Eu me chamo Gustavo Coelho e faço mestrado em educação na UERJ. Educação parece uma palavra meio brega né, mas por incrível que pareça é lá que faço minha pesquisa com produções indisciplinadas nas metrópoles contemporâneas e por isso, a piXaçãO ganhou papel protagonista. E no meio da pesquisa acabei virando grandíssimo amigo do rafael. Estamos juntos.. ele me chama da mistura entre o “Maloka” e o “acadêmico” hauhauha...

Bem, como acabei de receber o seu contato através dele, aproveito pra te enviar um texto que escrevi após saber da nefasta continuidade da prisão da Carol.

Gostaria de conversar muito mais com vocês pq, como minha graduação foi em Comunicação Social, sei que a Carta Capital pode ser, de fato, um lugar mais livre, mais simpático à uma ocupação com pensamentos um tanto perigosos para as morais que tanto atravessam a grande mídia, força que nefastamente auto-intitula-se, não só nas entrelinhas, mas por todas as linhas, a porta voz da humanidade pelo bem! Quer coisa mais nojenta que isso?

Bem, estou aqui tendo que sair para a UERJ. Como não posso escrever muito agora, colo aqui o texto que acredito ser interessante de ser lido.

Torço pela continuação do papo e pela ocupação destes espaços um pouco mais desregrados e muito menos óbvios!

A Arte defende quem?

Bem, de fato, desde que essa menina foi presa, fiquei ainda mais estatelado não só com a capacidade nefasta no pior dos sentidos dos curadores. Pensando bem, essa, eu de fato já esperava. O que mais me assombra é a incapacidade de quem se julga e se intitula estudioso, expert ou seja lá o que for, da produção estética humana, em não só ativar, mas vivenciar um “olhar de lado” como já disse em outro texto, ou nas palavras do Canevacci, um olhar oblíquo, ou seja, um SGUARDO (em italiano) que se entrelaça e não só convive melhor, como também é constitutivo da inegável característica polifônica da cultura contemporânea. Uma enxurrada de urbanidade, de virtualidade e digitalidade que hoje, fazem da ironia, da gargalhada, do escatológico, os ecos juvenis do novo milênio.

Assim, a Bienal que, neste sentido, não tinha nada de contemporânea em seu projeto, foi paradoxalmente, ironicamente e escatologicamente salva pelos que supostamente a destruíram. E como toda ironia, e escatologia, ou seja, toda produção gargalhante das artes em sintonia com esta urbanidadedigitalidadevirtualidadejuvenilidade tem, justamente, na destruição, seu campo de atuação encantadoramente “desleixado”, podemos dizer que hoje, de fato, para se construir algo interessante, ou seja, para produzir algo que não veja distâncias entre o enrijecimento da ação pulsante indisciplinada e o relaxamento gargalhante, deve-se também, eliminar o espaço que há entre os conceitos de construção e de desconstrução. Aqui, mas não só aqui, o prefixo “des” perdeu seu peso antiquado e moralista que o engessava sob a vigilância

do antagonismo. Nada mais hoje é antagonista, tudo está em convívio, queira ou não queira, e a metrópole contemporânea é não só a sua perfeita metáfora, mas uma meta-metáfora, uma vez que nela, a força da demolição pode ter sido justamente, a força causadora da sua construção interminável, ou melhor, irrefreável. Uma bela pergunta feita pelo Canevacci: Onde termina São Paulo?

Neste sentido, tudo que parecia estar em pontos opostos, comunicáveis apenas por um sufixo gramatical, ganham os fluxos da metrópole comunicacional, ou seja, começam a se confundir, ou a se fundir-com. Em outras palavras, passam a se constituir em poesia concreta, onde nem mesmo as palavras aceitam seus limites escolásticos, onde a arte e a pesquisa antropro-comunicacional-artística se literaliza. Até mesmo as palavras começam a rir baixinho da nossa ingenuidade em separá-las entre espaços. Deste sorriso irônico, surge o hífen, um aglutinador de forças que, por essa capacidade comunicacional, ou melhor, por sua capacidade metropolitana, vem povoando cada vez mais os textos contemporâneos. Neste sentido, o hífen ou o itálico das palavras escritas assimtodasjuntas podem ser agentes demolidores que, ao jogarem para cima expectativas e funções sintáticas, gargalham enquanto elas voam e, assim que elas caem, retomam o trabalho e as repoetizam assim, tudojuntoemisturado como numa fusão reciclante.

Neste sentido, a menina arteira, mas claro, não só ela, toda sua galera de risonhos-pulsantes demolidoresconstrutoresdestruidores, podem ser como hífens, como junções que, neste caso, nem precisam estar em itálico, talvez inclinados por atuarem sempre “no corre”, “na pegada”, melhor ainda, sem uma formatação é claro, aglutinando e se remodelando constantemente numa arte que consegue aglutinar a tensão da fuga com a gargalhada do encontro juvenil. E talvez a metrópole ainda pulse, ou tenha sempre pulsado, graças a este fugir rindo!

De todo modo, é preciso ser contundente na nossa ação, cada um em seu campo, ou melhor cada um em seus campos e ainda nos campos dos outros em conversa, para formar uma também polifônica e pouco formulada resposta aos ditos, digamos assim, hegemônicos. Falar que é “feia, mas que faz parte da sociedade”, como disse Ricardo Basbaum em entrevista para o Estado de São Paulo, soa, justamente, como um “olha, por mim não teria, mas como tem, fazer o que?”. Desta maneira, nem se entusiasma com a potência invasora, nem se mantém nitidamente conservador, de todo modo, talvez, esse conservadorismo fingido de “open minded”, justamente assim em inglês para parecer mais “cool”, seja um conservadorismo ainda pior, pq se sustenta sobre pilares degradantes, onde nada o fará reagir, apenas discursar em planagem, em velocidade de cruzeiro. A distância para aqueles que estão longe permanece, mas para os que a ultrapassaram ela já caiu faz tempo. Está tudo em baixo dos narizes, tudo a poucos metros, e estes que não olham ao lado, uma hora são alvejados, e logo em seguida, sobre estes arteiros doadores de sangue à metrópole polifônica contemporânea, já são justificados todos os atos de limpeza. Não satisfeitos, os senhores do “bem” ainda se sentem com a missão cumprida, se ouve então um suspiro de alívio destes curadores que, de fato, dura pouco, afinal, estamos juntosmisturados e nem basta olhar pro lado, OLHA PRO ALTO MANÉ!

E pra quem lida com estética, dizer de antemão, sem saber de quase nada, que qualquer produção com teor violento já não é “legal”, como o fez Baixo Ribeiro, é sinal que seu estudo não lida com as estéticas em sua pluralidade menos disciplinada, mas só com as que te deixam confortável, ou as que te desconfortam por um momento mas não te sujam, podem até sujar mas que você possa correr para o banho depois. Quem quer estudar a produção humana buscando escapar das falsificações, deve, antes mesmo de começar o trabalho, não ter muita certeza do que é crime e do que é arte, do que é estética e do que é violência, porque assim como a demolição e a construção hoje se aglutinam, um crime pode, como certamente já o fez na história, diventar uma arte que, após algumas mudanças de tempo e espaço, volta a diventar um crime. Como a cidade atual atravessa e põe em contato comunicacional tempos e espaços antes jamais próximos, estas distâncias de conceitos, de categorias, de instâncias se complexificam, não podem mais ser tratadas ou estudadas como elementos unos.

Então, nesta complexidade, quem pode prender quem? Quem a Arte defende? A Arte denuncia quem arteia demais!



De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: PIXAÇÃO e Rafael Augustaitiz

Olá, Gustavo. Fico feliz em receber seu e-mail, e com o maior interesse em dialogar, claro. Infelizmente, tô nos instantes finais de concluir o texto dessa reportagem, nem conseguiria ler com atenção seu texto inteiro (mais um paradoxo aí, talvez nos moldes desses da “grande mídia” que você cita – eu precisaria lê-lo para fazer melhor a reportagem, mas não tenho tempo de fazê-lo porque preciso terminar a reportagem...).

O que queria te dizer, na corrida e na correria, é que tentei me aproximar do Rafael com uma intenção central: entender melhor quem ele é, o que o motiva, o que há no fundo desse protesto que, evidentemente, desconcerta (se não enfurece) fatias bem grandes desta sociedade muitas vezes imobilizada pelos “perigos” que vê só do lado de fora, nunca dentro de si própria.

Entrevistei o curador (Ivo Mesquita), por exemplo, e percebo que no entender dele o Rafael é um cara narcisista, exibicionista, infantil, doido para aparecer na mídia (todos esses termos são do Ivo, não meu). Me parece uma avaliação simplificadora, simplista (e talvez não muito diferente das opiniões dos pixadores em relação à Bienal, às instituições, aos curadores, não é mesmo?). Mas o problema é que eu próprio não tenho maiores subsídios para tentar entender o Rafael, sabe? Eu não acho que seja como o curador diz, mas não posso dizer que me surpreenda a imagem certamente distorcida do Rafael que chega a esses caras...

Enfim, algumas reflexões, a esmo, enquanto escrevo aqui a matéria.

Pedro Alexandre Sanches

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: PIXAÇÃO e Rafael Augustaitiz

Pois é Pedro, por isso fugi do jornalismo, ao menos desse cuja a pressa é elemento central de toda produção, e uma das coisas que mais me encanta no Rafael é a total consciência dele não só quanto a isso como quanto a capacidade do jornalismo em usar as palavras dele mesmo contra seu próprio anunciador, por isso para se aprofundar nele, no mínimo vc terá que ter tempo, uma vez que ele, como qualquer outro com um mínimo de esperteza consegue captar logo no primeiro contato o tom de voz do jornalista, se é que me entende. Me empolguei muito com seu contato e imediatamente mandei uma msg pra ele te dar uma atenção especial pq acreditava na carta capital como um lugar mais interessante de ocupação, onde as idéias podem estar mais em convívio com o perigo, com os perigos morais em especial. De todo modo, até a carta capital tem pressa e pra mergtulla nestes cenários perigosos é preciso cair com fôlego, é preciso treinar a apinéia, pesquisa em apinéia, jornalismo em apinéia...

Agora dizer que o Rafael é exibicionista hauhauaha.. esse Ivo sei lá do que nunca nem conversou com ele, até pq para se conversar com ele não tem como ser um Ivo sei lá do que. Já acompanho o Rafael tem muito tempo, desde os primeiros dias pós-obra de conclusão de curso nas Belas Artes, e neste caminho já o vi negando ao menos umas 10 entrevistas, respondendo de maneira impactante os pedidos, de forma que praticamente nenhum jornalista conseguiu o digerir de alguma maneira inteligente, apenas com reduções. De todo modo, Nietzsche ganhou muito espaço em nossas conversas, e uma vez citado alguns jornalistas se confortaram com palavras de “um filosofo conhecido” e aí sim conseguiram publicar.

Então, se tem uma coisa que posso dizer com toda certeza é que Rafael é da galera, está junto emisturado, não tem essa de narcisismo, isso é tudo o que ele não quer, aparecer. Quem o quer q apareça é justamente a Belas Artes que adora um AUTOR e claro o jornalismo que adora julgar no sentido mais nefasto do termo.

Seguimos nosso papo... Ao menos acredito que sua matéria possa ser uma ajuda a Carol, a maior vítima desta arte contemporânea que só artista mas nunca arteia.

Gugaaa!

2555

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXaÇÃO e Rafael Augustaitiz

Oi, Gustavo. A matéria sai amanhã, peço que vocês dêem uma olhada.

Seria chato eu ficar aqui defendendo os jornalistas (até porque é uma classe heterogênea, talvez tanto quanto a dos pixadores, ou a dos curadores de arte), ou mesmo tentando convencer o Rafael a mudar de idéia, mas quem sabe o modo como eu e o Ramiro tentamos conduzir a história advogue a favor de nós (ou, no mínimo, não advogue contra).

E, olha, eu concordo absolutamente contigo quanto às distorções praticadas pela mídia (esta é a minha profissão, tenho orgulho nela, e não paro um minuto só de me afligir com esse tema, e também de tentar agir contra ele). Mas nisto eu quero insistir: o modo como a imagem do Rafael é distorcida tem muito a ver com os meandros (muitas vezes lastimáveis), mas ainda assim é também de absoluta responsabilidade do próprio Rafael, você não concorda?

Abraço, obrigado pelo diálogo. [Digamos que nesta frase ele resumo, aglutina toda a diferença dele para os demais jornalistas com quem tive contato. Ahradecer por um diálogo a favor da piXaÇÃO e contra grande parte do jornalismo? Isso é o que eu chamo de fôlego e coragem.]

Pedro Alexandre Sanches

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaÇÃO e Rafael Augustaitiz

Perfeito. Amanhã comprarei e te mando um retorno com certeza. Sai integral na internet?

Sim, como te disse, a maneira como você chegou nele foi única, nenhum outro veículo chegou de forma tão digamos cotidianista, ou seja, verdadeiramente desarmado. Os demais, com exceção do Estadão, tentavam aparentar este desarme, mas era tudo tão óbvio, seja pelo tom de voz, seja pela posição das vírgulas, o intuito da redução, ou melhor, da nomeação era sempre muito claro.

Em um caso, a Veja de SP entrou em contato comigo, fizemos uma longuíssima entrevista e na matéria não saiu nada do que falei, nem mesmo meu nome hauhauaha. E o jornalista disse “para a Veja, isso é vandalismo, não tive esperanças de publicar nada do que você falou, tentei, mas foi impossível”. Disse mais ou menos isso...

Acho que a distorção do Rafael já foi feita e arquitetada muito antes dele nascer, não importa quem seja, é pixador e pobre. Fácil demais de distorcer, mais do que isso, seguro, confortável e nada perigoso distorcê-lo.

Vamo q vamo!

Gugaaa!

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXaÇÃO e Rafael Augustaitiz

Pois é, Gustavo, eu citei as responsabilidades do Rafael porque essa é uma dimensão importante, e às vezes me parece que todos os grupos em confronto são unânimes em desconsiderá-la.

Por exemplo, o Ivo Mesquita prefere chamar o Rafael de “exibicionista” em vez de aceitar contemplar qualquer gota de auto-reflexão por parte da “autoridade” que prende, da Bienal, dele próprio.

E o jornalista da “Veja” que você citou, culpa a revista por emparedar opiniões divergentes, mas será que ele também não é um pouquinho responsável pelo que a “Veja” é? Ou melhor, não caberia a ele (ou a mim, na “CartaCapital”) lutar pra combater aquilo com que não

concorda dentro da própria “Veja”? Jornalistas costumam ser muito brabos e seguros quando falam dos “outros”, mas, dentro das redações, costumam ser rebanhos de ovelhas daquelas bem mansinhas...

E o Rafael, e você? Tenho certeza de que em algum ponto se encaixam nisso também, embora eu não saiba qual é esse ponto, ou esses pontos. Porque a gente (ele, você ou eu) não consegue mudar o que foi arquitetado pra gente antes mesmo de a gente nascer, a gente não pode mudar o passado. Mas e o futuro, e o presente, não são as únicas partes do mundo a que temos acesso pra tentar mudar, se assim quisermos?

E, sei lá, tô conversando com um estranho aí do outro lado do meu computador, assim como você também está, daí para cá. Nenhum de nós sabe quem o outro é (como também não sabemos quem é o Ivo “sei lá do que”, nem ele sabe quem nós somos), um monte de ilhas, né? Mas gosto de acreditar que se, mesmo assim, a gente tá dialogando, é porque deve haver alguma semelhança entre nossas vontades quanto ao presente e ao futuro, não?

Ah, e só uma coisa sobre seu último parágrafo: será que é mesmo “seguro, confortável e nada perigoso” o modo como a sociedade distorce os pichadores? Se é assim, por que grande parte dessa sociedade tem tanto medo/pânico/terror dos pichadores?

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaÇÃO e Rafael Augustaitiz

Na verdade, como já estou convivendo com ele faz tempo, ele é apenas mais um. Volto a reafirmar que ele está juntoemisturado, porém, ganhou destaque após o seu ousado trabalho-obra de conclusão. Por isso, foi a ele atribuído um nome e a partir daí tudo em que ele se envolve, a mídia o nomeia como mentor, o que é uma mentira, uma invenção. Não existem mentores, existem amigos, existe uma zoada!

A Bienal é uma instituição que, assim como a Veja, possui fortíssimos pilares morais - “para nós isso é vandalismo e ponto”. De todo modo, são pilares fortes apenas para quem está dependendo da sua concretude, ou seja, quem vive acima deles e sustenta neles suas produções. Para quem está de fora, basta uma rizadinha para a sua demolição.

Pois é, ao menos o jornalista usou o “em off” como maneira de dar uma respirada e ser honesto comigo, dizendo claramente “para a Veja não rola”. Eu cheguei a dizer, “faça um blog e a gente publica”. OCCUPARE TUTTO como dizem os punks italianos.

De todo modo, estou realmente animado com a nossa conversa e com sua simpatia em se jogar. E acho que é justamente assim, se jogando, que vamos, mais uma vez com bom-humor, fazendo o mundo nos seus certames mais interessantes, ou seja, nos detalhes banais do cotidiano.

Disse que é “fácil, seguro e confortável” distorcer e falar mal da piXaÇÃo, pq ninguém vai te crucificar por isso, é um dito oficial e hegemônico falar mal e só isso da piXaÇÃo. Se vc começa a pensar mais perigosamente, encontrando nela elementos significativos para pensar a contemporaneidade, a nova metrópole comunicacional, aí sim é muito mais difícil e requer fôlego e coragem...

Uma coisa, isso que estamos conversando é só em off ou está te ajudando aí na matéria de alguma maneira?

Vamo q vamo!!!

Gugaaa!

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXaÇÃo e Rafael Augustaitiz

Gustavo, a matéria já tá prontíssima, na página, portanto não tô te entrevistando, não, só conversando. Até agora você não me disse se é pichador também, mas algo me leva a continuar

o papo com você, até pra minha própria educação – é a área em que você faz mestrado, não é?

Mas, considerando que tô aprendendo com você e que isso pode me levar a ter novas idéias, proponho um trato: se no futuro eu vier a fazer alguma outra matéria, e para isso desejar usar algo que você me disse, peço antes sua autorização e só publico se você permitir, ok? Aliás, peço a mesma coisa a você, quanto ao que estou te escrevendo, combinado?

Entendi o que você diz a respeito do papel do Rafael numa história que é muito mais coletiva que individual, mas posso arriscar um palpite? Não sei o que dizer sobre cada jornalista, cada órgão de imprensa e cada patrão que veicula notícias sobre isso, mas quanto a mim, o Rafael me chama atenção especial, e desconcertada, por uma razão central: seja ele quem for, tenha ele as motivações que tiver, ele era bolsista “pixador e pobre” (como você disse) numa faculdade burguesa, e, quando expressou as diferenças dele, teve cassados seu diploma, seu direito de exercer legitimamente a profissão pra qual estava se formando.

Isto é algo que não se fala (e você verá que nem eu falo muito na minha matéria, em parte por não ter informações suficientes e não saber nem ao menos se de fato o direito dele à conclusão do curso foi e continua cassado), mas por aí parece que, quando a sociedade se vê de frente com alguém que tenta ser a ponte (uma ponte dinamitada, talvez?) entre dois mundos que não se bicam, ela faz o quê? Reprova, pune, reprime quem está tentando fazer a ponte.

Falar nisso, você também parece ser um cara de ponte entre realidades divergentes, tô enganado? Farei aqui uma confissão agora: como não te conheço, nem ao Rafael, em certos momentos converso contigo fazendo de conta que você É o Rafael, disfarçado, hahaha.

Sobre piXaÇÃo, e agora quem vai falar é o Pedro, o indivíduo, e não “o jornalista”: eu sou um caipira do interior do Paraná que chegou a SP pela primeira vez quando tinha 23 anos (hoje tenho 40), e no início eu ficava muito, muito, muito chocado com as pichações. Quando eu era moleque, não tinha nada disso lá na minha cidade, e chegando aqui fiquei muito impressionado – e achando tudo bem feio, pra ser sincero. De lá pra cá se passaram 17 anos, e eu pensei nesse assunto um monte de vezes, mas me esqueci dele mais vezes ainda. Ultimamente, até por ser forçado a pensar mais nisso por tudo que anda acontecendo, constatei uma coisa que eu ainda não sabia: que hoje eu não saberia mais viver em São Paulo se não existissem os pixos (e os grafites, que eu também adoro).

P.S.: concordo totalmente com o que você diz no parágrafo sobre o “fácil, seguro e confortável”, táí outra coisa que a gente precisa começar a mudar, não? ou será que já estamos tentando, na base da intuição?

Pedro Alexandre Sanches

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaÇÃo e Rafael Augustaitiz

Fala Pedro! A conversa tah boa.. vamo q vamo.

Isso, meu mestrado é em educação, mas, de certa forma, é uma pesquisa que vira do avesso uma idéia de educação baseada em uma civilidade dócil, e que encara a cidade como um grande manancial educativo mais amplo.

Pode usar, desusar, estuprar, dizer que fui eu, faça o que quiser, sem muitas leis, nem precisa me pedir muito, pode chegar “robando mermo”! hauhauha.. Sobre nossos emails, também estou guardando pois, assim como os da Veja e da Folha, numa situação de contraste será importante em um possível capítulo sobre mídia... veremos. Gostaria de sua autorização também, mesmo que eu mude seu nome ou só diga jornalista da carta capital, como você achar melhor. [Será, portanto, Pedro Sanches, o seu nome de fato?]

Ótima sua metáfora da ponte dinamitada, encantadora! Brava! O mais interessante é que esta é uma palavra e um conceito muito utilizado nas falas do próprio Rafael.. ele fala muito em “fazer a ponte”, e em “atuar além do bem e do mal”. Muito significativo foi seu atropelo sobre alguns grafites escrevendo justamente isso “Além do Bem e do Mal”.. até me arrepio em ver. De fato, ele foi audaz, e como a sorte está com os audazes...



..., melhor pra ele! Mais audaz foi sua resposta quanto ao diploma “To cagando Gustavo, e se eles me derem o diploma um dia, vou limpar o cu com ele”. E ele ainda quebrou o lance da autoria, um trabalho de conclusão, uma obra de arte assinada, ou melhor, a obra é a assinatura e basta, de mais de 40 pessoas. Quem recebe o diploma? hauhahaha Tudo é muito irônico na arteiragem que me interessa.

Huahauhauha não sou o Rafael disfarçado, mas na cidade tudo se aglutina, mais uma vez, reafirmo que estamos juntos e misturados, mesmo alguns querendo dinamitar a ponte, não tem jeito, a centrifuga da cidade, joga todo mundo no reencontro em algum momento. Para cada dinamitada, o decibel da rizada aumenta, e o nível alcoólico também.

De fato, eu trabalho forçando a porta, dando pesada. Pq vc imagina que eu frequento uma instituição, onde grande parte são professoras de escola e diretoras de colégio, assim, no feminino, pois este universo é, de fato, muito feminino. Imagina eu indo aos grupos, às disciplinas, sempre falando e me encantando com algo que elas simplesmente dinamitariam. Já fiz muita diretora olhar ao lado, olhar pra cima, e deixar um pouco de olhar só pra frente. Já teve diretora tirando foto de piXações pra mim, então, na base da pesada, a gente vai conseguindo fazer os que eram encrustrados apenas pelo bem, a darem, ao menos, tímidos sorrisos para o mal que, de fato, não é algo a ser execrado, mas a ser melhor convivido, decomposto e não suprimido, conversado e não sumariamente calado.

Algo por aí... gosto destes campos onde, mesmo estudando muito, nunca sabemos muito bem o certo.. e isso, é, talvez, fundamental para a pesquisa interessante.

Gugaaaa!

De: Pedro Sanches

Para: Gustavo Coelho

Assunto: piXação e Rafael Augustaitiz

Oi, Gustavo.

Então, se você quiser usar nosso papo pros seus propósitos acadêmicos, fica à vontade, e por mim não precisa despistar meu nome, não.

E, sei lá, entendo que o Rafael não se importe em perder o diploma, mas, ainda assim, é mais um direito dele, como cidadão, que está sendo suprimido. Eu confesso que não sei se existe amparo legal pra isso (os argumentos da deprecação de patrimônio, e tal), mas é um ponto que me deixa perplexo. Antes você disse que as distorções contra Rafael (ou Caroline, ou qualquer pichador, imagino) já estão programadas antes de eles nascerem, mas eis aí um elemento a mais, um confisco a mais – quando o cara consegue chegar à faculdade, por cima de todos os obstáculos, o desfecho é esse, direito cassado? Mas, por outro lado, naquela linha

que venho insistindo: será que o Rafael também é responsável, será que lá no fundo ele queria mesmo entregar de mão beijada à Belas Artes esse direito?

Tem uma coisa que ouço com frequência, de rappers e/ou jovens negros que chegaram a escolas particulares como bolsistas, e lá começa todo um outro problema, de eles se sentirem deslocados, inadaptados, e mesmo agredidos pela condição social dos outros alunos. Não teria um pouco disso também?

E com você (não sei se você também é de origem pobre), será que acontece algo parecido com isso, junto às diretoras e professoras que você mencionou?

Por fim, esqueci de falar até agora, mas se vocês quiserem uns exemplares da revista com a matéria, me aponta algum endereço que eu mando, ok? Enquanto isso, pegue aí o link da CartaCapital onde ela já está publicada, na íntegra (ah, e me dá algum retorno sobre o que achar, essa parte do diálogo também é importante, não é?):

<http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=10&i=2947>

Abraço!

Antes mesmo, portanto, de mostrar minha réplica sobre a matéria, publico abaixo a matéria em si:

O Direito de Intervir

Pedro Alexandre Sanches e Ramiro Zwetsch

Apelidada algo jocosamente de “Bienal do Vazio” e encerrada no sábado 6 de dezembro, a 28ª Bienal de Artes de São Paulo se mantém alvo de debate, mas menos pelo que era intrínseco a ela e mais por algo que veio de fora e a instituição se esforçou por extirpar. Logo no primeiro dia de exposição aberta ao público, cerca de 40 pichadores “roubaram” para eles grande parte da atenção cobiçada por um evento já de antemão esvaziado. Naquele 26 de outubro, invadiram o pavilhão do Parque do Ibirapuera para imprimir suas marcas nas paredes imaculadas da criação de Oscar Niemeyer, munidos de spray e alguma agressividade. A mostra, que neste ano ostentou o lema Em Vivo Contato, entrou em vivo contato com os manifestantes. Mas para reprimi-los e prendê-los.

Os desdobramentos não param. A artesã Caroline Pivetta da Mota, de 23 anos, foi presa naquele dia e até 10 de dezembro permanecia na Penitenciária Feminina Sant’Ana, no Carandiru. O taxista Rafael Vieira, também presente no chamado protesto, foi levar documentos para a colega e terminou preso por oito dias.

Caroline, em especial, é evidente bode expiatório de um confronto social de contornos violentos que aterroriza instituições, autoridades, curadores e parte volumosa da sociedade. A ação dos pichadores e a repressão também violenta a Caroline abrem diversos territórios de embate simbólico, entre arte “nobre” e arte de rua, entre o que é considerado arte e o que não é, entre arte, entre repressão e liberdade, entre elite e favela. O confronto é ilustrado até na dimensão ortográfica. Os pichadores se auto-representam como “pixadores”. A norma estabelecida, “cultura”, trata os pixadores de “pichadores”. Abre-se um leque de contradições do qual ninguém escapa, e entre o picho e o pixo está o xis de uma complexa questão.

A cicatriz da cisão social aparece no discurso do curador da 28ª Bienal, Ivo Mesquita. “É claro que ninguém esperava que eles pedissem para pichar. Mas aquilo foi um arrastão, e arrastão não é a melhor prática”, diz, em alusão indireta à origem social da maioria dos integrantes de grupos como piXaçãO – Arte Ataque Protesto, Sustos, Maligno e Túmulos.

O curador critica a atitude “exibicionista”, “narcisista” e “vaidosa” de um suposto líder do grupo, Rafael Augustaitiz, que na opinião de Mesquita é “doido para aparecer na mídia”. Mas em seguida inverte a direção: “O exemplo está aí, vem de cima para baixo. Todas as classes sociais são mal-educadas. Temos uma elite preconceituosa, uma sociedade classista”.

Augustaitiz, codinome Pixobomb, vem da periferia paulistana e estudava artes visuais no

Centro Universitário Belas Artes, como bolsista. Seu primeiro ato célebre, em julho deste ano, foi defender a pichação como trabalho de conclusão de curso. Levou a turma para pichar a faculdade de classe média alta. Foi reprovado, acabou expulso da faculdade e ficou sem diploma. Arredio, o ativista pop responde com citação ao filósofo Friedrich Nietzsche a uma tentativa de aproximação por e-mail. “Como falta tempo pra pensar e ter sossego no pensar, não se estuda mais as opiniões divergentes. Contenta-se em odiá-las”, reproduz.

O grupo é heterogêneo e formado por diversos subgrupos. Outro integrante conta que as manifestações são convocadas por e-mail ou em filipetas distribuídas nos vários points de pichadores pela cidade. O ato mais violento aconteceu em setembro, numa galeria privada, ironicamente chamada Choque Cultural. No que apelidam de “atropelamento”, picharam por cima de grafites de outros artistas. E agravaram contradições entre os grafiteiros, artistas de rua em processo de assimilação pela sociedade, e a corrente mais crua e agressiva, adepta do “picho”.

“Todo mundo está assustado”, afirma Mesquita, em referência ao ataque à Bienal. “Não só a Fundação, mas também os museus da cidade tiveram de reforçar a segurança, e isso tem custo.”

Tanto a pichação como o grafite são enquadrados na legislação como crimes ambientais. O artigo 65 da Lei 9.605/98 determina detenção de três meses a um ano para quem “conspurar edificação ou monumento urbano”. Mas, por trás de implicações policiais e ambientais, há outras, de natureza política. O pichador Tatei, que trabalha como segurança e integra o grupo Túmulos, cita pichações contra Gilberto Kassab e José Serra, na casa do primeiro e junto à “cratera” aberta numa obra do Metrô. Há poucos dias, o Túmulos pichou no muro da casa de Celso Pitta as frases “a cadeia é só para pobre” e “liberdade, Carol”. “A gente não está de bobeira. Agora todo mundo está metendo o pau, mas ninguém quer saber como a gente vive”, diz Tatei.

Mas, para cá desses casos mais agudos, a pichação está fixada na pele da cidade de São Paulo como tatuagem irremovível. Nem o implacável projeto Cidade Limpa consegue combatê-la. Arrancados outdoors e placas, a tinta reluz ainda mais cintilante, no centro ou na periferia, e compõe a paisagem urbana, mesmo incompreensível aos olhos da maioria. Quem a rejeita se acostuma a conviver com ela sem sequer notá-la.

Num sábado, a reportagem encontra-se com um grafiteiro e quatro pichadores participantes das manifestações. Todos são unânimes quanto ao prazer em fazer algo ilegal. “A graça é a ilegalidade, dar vários bonés na polícia”, argumenta o pichador Sustos. “Se fosse legalizado, eu não ia querer mais pixar. Ia perder a graça”, completa o rapper R Hip-Hop.

Outro ativista, o vendedor Alemão, da gangue Larápios, sintetiza intenções por trás das ações: “Deixo uma parte de mim na cidade. Sangro, suo, me desgasto nos rolês. Tenho tanto pixo por aí que me sinto como se eu tivesse um bem material. Tenho uma obra, aquilo me completa”.

Do outro lado da muralha social, há quem seja crítico tanto à arte estabelecida quanto aos invasores. O pintor Rodrigo Andrade, que participou da Bienal de 1985, repudia o que chama de “curadorismo” e declara simpatia pela pichação, mas bombardeia os homens-bomba de spray: “A invasão esvazia a força da pichação, é tiro no pé. É vandalismo travestido de idéia artística. É tudo autopromoção”.

“O que importa é a idéia que fica. Acho que é a primeira vez que surgiu um diálogo mais aberto sobre a *piXaçãO*”, contrapõe o fotógrafo Adriano Choque, que acompanha essa movimentação há três anos e clicou as três imagens reproduzidas nesta reportagem.

O designer francês François Chastanet, autor do livro *piXaçãO* – São Paulo Signature, amplia o foco. “*piXaçãO* é vandalismo, e por isso é tão interessante. O fato desses escritos serem ilegais é essencial. Os pixos são um alfabeto desenhado pela invasão urbana”, argumenta Chastanet. “Os pichadores de São Paulo foram capazes de formar sua própria identidade pela tipografia, este fato é único no mundo da comunicação visual de subculturas.”

Questionado sobre o ponto delicado do direito de todos ao acesso ao mundo das artes que ele representa, Mesquita concentra-se nas contradições do lado oposto: “Mas por que eles querem ter acesso a este mundo que eu represento? Por que querem ser institucionalizados? Você deixa de ser transgressivo quando entra na instituição”.

Mas essa contradição parece recíproca. A tentativa de entrada forçada por parte dos pichadores contrasta com o confinamento progressivo da chamada arte oficial. Ao expulsar os segmentos

transgressores mais violentos e estranhos a seu dia-a-dia, a Bienal arrisca-se a expulsar a própria transgressão de suas entranhas.

Fora do ambiente de invasão, uma das ações consentidas com maior repercussão na Bienal foi a performance Sem Título – A bondade de estranhos, de Maurício Ianês. Completamente nu a princípio, ele “morou” no prédio da Bienal entre 4 e 16 de novembro, intervalo em que dependeu exclusivamente dos visitantes para obter alimentos e roupas.

Se a nudez, por exemplo, incomodou a sociedade em outros tempos, hoje curador e artista são unânimes em afirmar que não se trata de um trabalho de transgressão. “É mais no sentido de ele ficar morando aqui dentro”, diz Mesquita.

Para Ianês, o conflito trazido pelos pichadores diz respeito à lei, e não à Bienal ou à arte. Mas ele também contempla a contradição, quanto aos limites entre o que as regras vigentes permitem ou não: “Tive a oportunidade de ver outros artistas, músicos e performers que usaram meu trabalho para apresentar o seu, coisa totalmente condizente com a idéia da performance. E não foram barrados”.

O curador cita alguns desses exemplos, como o homem que tocava acordeão e pedia dinheiro aos visitantes dentro do prédio ou o manifestante que espalhava pequenos sinais pelo prédio, e nunca foi identificado.

É fato que tais exemplos não contemplam depredação nem violência explícita. Mas algumas perguntas incômodas rondam a arena de confronto. Quanto da distinção de tratamentos diz respeito ao grau de agressividade de quem se sente excluído de um clube seletivo? Quanto diz respeito ao grau de domesticação atingido pela arte de pavilhão? Ou, em termos mais diretos, quanto de tal conflito se explica pela classe social de cada visitante disposto a penetrar (com ingresso gratuito) no santuário de Niemeyer? (<http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=10&i=2947> Acesso em 13/12/08)

De: Gustavo Coelho

Para: Pedro Sanches

Assunto: piXaçãO e Rafael Augustaitiz

262

Obrigadasso mesmo Pedro por liberar o papo pro meu trabalho, de qualquer maneira, acho que meu ímpeto, esse mesmo que uso para me encantar pela piXaçãO, não ia ficar moralmente ofendido em pegar sem pedir, mas como você pediu, fui recíproco hauhauaha.

De fato, acho que caberia uma ação mais veemente contra a instituição das Belas Artes pq se na Arte não tem certo nem errado, então como intitular uma obra de conclusão como reprovada? Bem, você me deu até um ímpeto de ir mais a fundo nisso e botar um pouco mais pra quebrar. Pena que estou no Rio, mas em Janeiro irei a sampa encontrar o Rafael para uns bons papos. Veremos o que nos espera.. minha pesquisa, meu trabalho será assim sujo, se jogando, nada de distância entre objeto e sujeito, quase em confusão, em mutação, assim como na cidade não dá mais conta a dicotomia entre coisas e seres, as coisas já tem sua própria biografia e minha pesquisa tb.

Concordo, com certeza o Rafael se sentiu deslocado por um bom tempo também, senão durante toda a faculdade, mas um professor ou outro mais entusiastas da vida continuam vendo nele um manancial de potenciais discussões pra arte e pra vida, assim sem distinção.

Meu caso é um tanto diferente, apesar de morar no suburbio carioca, em Olaria, a apenas umas 3 ruas do grandíssimo complexo do alemão, o Rio de janeiro propicia uma mistura já em sua geografia. Digo, portanto, que sempre fui de classe média, nem muito rico, nem muito pobre. Tive inclusive uma educação católica, com 1a comunhão e colégio de freira, acredite se quiser! Talvez isso tenha me dado mais ímpeto contra estas ações que de fato tem algo de religioso ao se anunciar limpa, higiênica.

Blz, pode me enviar uns 3 exemplares pra eu deixar lá na biblioteca do grupo de pesquisa também. Meu endereço é:

[Óbvio que eu não ia deixar meu endereço aqui dando sopa!]

Sobre a matéria, foi de longe a que mais fez pensar desde os incríveis julgamentos sofridos

pela galera da *piXaçãO* após o episódio das Belas Artes. Uma matéria muito mais cheia de dúvidas do que de certezas (digamos que na veja, em cada edição deve ter um ou dois pontos de interrogação e mesmo assim daqueles que vem depois de uma afirmação e só servem para confirmar retoricamente como um “né?”) e isso faz, a meu ver, a matéria ganhar vida, deixar de ser preguiçosa, pq as afirmações muito seguras, pra mim, são indícios, se não provas, da preguiça de um jornalismo sem graça, de um jornalismo que basta ver a foto, ou ler a manchete para saber em detalhes o que vem nas linhas fúteis abaixo. Bela Matéria, assim em sintonia com a polifônia de pensamentos dessa nova metrópole comunicacional, assim, sem saber muito bem o que é crime e o que é arte, e indo além, sem saber muito bem de nada.

Que o papo siga!!!

Guga!!

Infelizmente, o papo não seguiu. Depois deste dia, não obtive mais respostas do Pedro, nem sequer recebi as 3 revistas prometidas, o que, de maneira nenhuma diminuirá a intensidade e a importância que tal conversa, que tal encontro, teve em meu percurso de pesquisa, especialmente como prova evidente de que, por toda parte, a filosofia-metodologia da conversa como investigação pode propiciar reflexões muito mais profundas quando produzidas assim, honestas, desvestidas de morais e recheadas de curiosidades. Um jornalismo menos em tom pedagógico e mais em tom de “pior” aluno? Por aí...

Antes de terminar este capítulo, preciso reforçar um medo que andou me atravessando, durante estes contatos com jornalistas, especialmente os das grandes mídias. Precisava ser feliz, precisava, ao mesmo tempo, defender a *piXaçãO*, defender Rafael e ocupar os espaços que iam aparecendo, sempre procurando ser o mais contundente possível, era preciso marcar páginas e locais ainda não marcados. De todo modo, sabia muito bem, que os poderes e habilidades destes grandes veículos, numa manobra fácil, em poucos segundos, podem nos tornar suas vítimas. Afinal de contas, eu poderia muito bem ser taxado como um “pesquisador da UERJ que pratica incitação ao crime”, uma vez que, se dissessem isso, não estariam, de maneira nenhuma, mentindo. O que está em jogo é que, ao chamar a *piXaçãO* de crime, diferente deles, não é, para mim, um adjetivo negativo, longe disso, é afirmativo, no melhor dos sentidos.

Abaixo, publico uma pequena conversa entre mim e meus dois amigos orientadores – Paulo Sgarbi e Aldo Victorio –, justamente, sobre este meu receio que era tão forte

quanto minha vontade de vivê-los, afinal de contas, a intensidade e a felicidade da pesquisa dependiam disso, de pôr a vida em risco.

De: Gustavo Coelho

Para: Paulo Sgarbi e Aldo Victorio

Assunto: Risco

Olá queridos orientadores.

Acabei de chegar em casa de uma Reú de piXadores na Penha. Tenho que dividir com alguém minha ansiedade. É incrível estar no meio deles, no caso uns 12, e perceber que existem mundos completamente diferentes, valores, vocabulários, e nosso corpo ficando, ao mesmo tempo, encantado com a pluralidade da vida e angustiado por não 'fazer parte', de fato, daquele mundo... cheguei em casa muito inquieto com isso. Um turbilhão de sensações, no mínimo enriquecedor, sem palavras, é uma explosão que para eles é a coisa mais banal, um encontro semanal...

Hoje também tive outra preocupação. Como fui procurado por meios de comunicação de grande circulação como Folha e Veja, tenho medo de cair nas garras habeis destes caras e acabar tendo meu discurso rotulado como uma possível apologia ao crime, mas na minha cabeça é um encantamento com a vida sem falsificações. Fiquei meio inquieto com isso... O que vocês acham?

Fervilhações de pensamentos perigosos....

Guga!

De: Paulo Sgarbi

Para: Gustavo Coelho e Aldo Victorio

Assunto: Risco

264

Meu amigo, a vida é esse eterno inventar maneiras felizes de estar no mundo, de ser nele e nas relações que, nele, também inventamos. A sedução do estranhamento é encantadora, e "não 'fazer parte' de fato" pode ser tão somente, mesmo que majestoso, uma maneira de pertencimento. Isso é mágico e toda magia implica riscos. Mas será que, para os iniciados, uma Reú é 'réumente' banal? Ou a banalidade é uma atribuição do seu encantamento em ser estranho no que você deseja banal?

Sua preocupação é justa. Ser público implica, igualmente, riscos, tanto ou mais do que ser anônimo ou desanônimo apenas nas Reús. "É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte.", já disse o poeta. E é preciso ter coragem de, às vezes, não omitir o que pensa pela possibilidade de manipulação desse pensar. Mais do que isso, é preciso estar preparado para correr o risco de, iniciado no "fazer parte", ser estranhado e pensado como traição ao pertencimento o que foi apenas manipulação de outros.

Você não me parece alguém que evite riscos. Se, um pouco, a sua preocupação é com o seu outro pertencimento, o acadêmico, e os respingos possíveis dessa manipulação, nunca fui de evitar riscos também. Fique à vontade e se saiba solidarizado.

Abraço,

Paulo Sgarbi

De: Aldo Victorio
Para: Gustavo Coelho e Paulo Sgarbi
Assunto: Risco

Guga e Paulo
Tudo me encanta: o encantamento do Guga e as encantadoras e pertinentes palavras do Paulo!
Nada tenho a acrescentar, o que o Paulo disse, até eu precisava saber mais uma vez.
Estamos juntos, sem dúvida!
abrações!
aldo

De: Gustavo Coelho
Para: Paulo Sgarbi e Aldo Victorio
Assunto: Risco

Valeu Paulo e Aldo.
Aproveito para agradecer aos dois a solidariedade, ou melhor, a formação de quadrilha, assim fica mais fácil não peidar! rsrs..
estamosjuntosmisturados!
Guga!

De: Paulo Sgarbi
Para: Gustavo Coelho e Aldo Victorio
Assunto: Risco

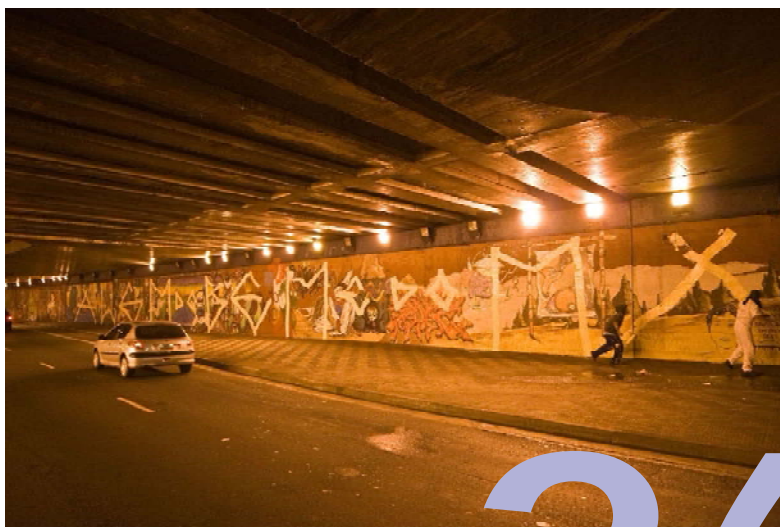
Como você mesmo diz: vamo que vamo.
Abraço,
Paulo Sgarbi

265

Medos, ousadias, felicidades, zoações e amizades, acho que foi por aí que esta pesquisa caminhou. Sendo assim, não posso deixar de mencionar ainda minha aproximação de Carol, a mesma presa após a obra na bienal. De todo modo, esta nova amizade se deu muito mais quando fui a São Paulo para prosseguir com as filmagens do documentário que também faz parte desta pesquisa. Desta maneira, deixarei para contar isso no capítulo em que narrarei as aventuras do documentário.

Para finalizar, então, este capítulo sobre meu envolvimento com esta galera paulista que inevitavelmente deixou suas marcas na história, deixo uma prova em muro, uma prova em obra urbana desta falência contemporânea dos compartimentos que tornam distin-

tos objetos e sujeitos de pesquisa e não só isso, que proíbe a amizade, a felicidade e a confusão entre eles. Após um tempo de conversas, quase sempre trafegando entre a seriedade e o bom-humor nietzschianos com uma rapidez líquida, especialmente com Rafael, Nietzsche misturado comigo e com ele, invade sua obra:



Ataque sobre alguns grafites de São Paulo - "Além do Bem e do Mal"

266



Afinal de contas, se nossas conversas estão em suas obras, em suas piXações; se nossas conversas estão em minha obra, em minha pesquisa, em minhas aulas; quem assina o quê?

7.. LUZ.. CÂMERA.. PICH.AÇÃ0



Apesar de já ter ido a algumas reús, assim como ter conhecido e conversado com uma série de piXadores, eu, mesmo antes de ter a câmera em mãos, já tinha muita vontade de usar vídeo, não só como plataforma de pesquisa, mas também para documentação desta cultura. Na verdade, desde minhas primeiras incursões no mundo do Xarpi, grande parte de meus achados, de minhas primeiras empolgações e surpresas, se deram a partir de vídeos feitos pela própria galera, seja de reús, de churrascos, de missões, de pastas, em sua maioria, encontrados, especialmente, através do site *youtube* que, junto com a popularização e a cotidianização da captação de imagens, fizeram com que, hoje, não haja mais qualquer cultura jovem que não destine às suas produções audiovisuais, posição central e protagonista dentro da cultura.

De todo modo, como eu era um pesquisador de fora da cultura, nunca tinha vivido o Xarpi, sentia, sempre, um incômodo do tipo que, a cada novo passo, colocava em cheque, para mim mesmo, a legitimidade, a honestidade e a tensão que, a meu ver, seriam fundamentais para minha felicidade junto à pesquisa. Desta maneira, não bastava a segurança de assistir aos vídeos já produzidos, era preciso sair de casa na madrugada, sem saber muito bem quando nem como, voltar, pôr meu próprio corpo em íntimo contato com a cultura, sujeitando, portanto, eu mesmo, em certa medida, aos riscos necessários para uma aproximação intensa que conduzisse, de fato, a não só um conhecimento mais intenso, mas a uma mudança-experiência de vida minha. Não faria sentido nenhum o encanto por tão forte contato com lógicas e poéticas de mundo tão diferentes se. desta experiência,

eu não flagrasses algumas de minhas transformações, até porque o primeiro movimento de pesquisa já é uma importante mudança – justamente, esse encanto.

É neste sentido, então, que a proposta de acompanhar missões, ir às reús, estar em churrascos, marcar conversas portando uma câmera de vídeo foi escolhida, uma vez que a captação em vídeo, ao aglutinar e documentar com mais fidelidade tanto as imagens quanto os sons, permitirá uma aproximação mais cotidiana tanto dos detalhes de tal cultura quanto de minhas aflições, medos, constrangimentos, riscos, e, obviamente, também, encantos, afetos e surpresas. Sujeitos e objetos de pesquisa irreconhecíveis, misturados e, devidamente, flagrados. Bem, então, como filmar missões criminosas pela madrugada sem qualquer autorização, com toda certeza, seria, no mínimo uma mistura de arriscado e interessante, resolvi não ser egoísta e compartilhar tal experiência. Mentira! Obviamente não o chamei por qualquer sentimento de egoísmo ou coisa do tipo, mas sim porque fazer qualquer coisa ilegal e perigosa é sempre mais legal quando acompanhado por um amigo, afinal de contas, sobrevivendo, tudo se tornará engraçado, e como a chance de sobreviver é sempre maior, a probabilidade de rirmos muito depois de tudo seria sempre grande, e como quem tem coragem de topar tal convite, geralmente, também tem bom-humor, prato cheio. Chamei, então, um amigo da área de cinema – Marcelo Guerra – que, obviamente, ficou no comando da câmera; contudo, isso não foi o fator principal para tê-lo escolhido, mas sim o fato de ele ser chamado pelos amigos, constantemente, de “um cara sem noção”, ou seja, a chance de ele topar e se empolgar era grande. E eu estava certo.

Devo dizer que, graças à grande proporção que esta prática de filmar a cultura do

Xarpi tomou, ainda impulsionada pela presença do Marcelo, como pessoa de cinema, aquilo que era para ser simples vídeos para pesquisa, tornou-se, rapidamente, o início de um projeto de documentário. Foi devido, também, a estes impulsos que alcançamos, sem

nem percebermos muito bem, a enorme quantidade de 45 horas de material bruto, filmado durante um período de cerca de 3 meses. Sendo assim, fica evidente que, caso fosse narrar aqui todos os acontecimentos, todas as histórias vivenciadas por nós, seria outro trabalho, outro livro. É por isso, então, que escolhi aqui, apenas alguns poucos momentos que julguei extremamente significativos entre os tantos outros também significativos. Lembrando que tal referência de significância é precária, parcial e autoral, e poderia ter sido outra, caso escolhida pelo Marcelo, ou seja, está intimamente relacionada à minha memória por vezes falha e aos meus afetos, muitas vezes confusos.

7.1.. PRIMEIRA MISSÃO: FERRUGEM



Nossa primeira missão

Em nosso primeiro dia de filmagem, marcamos com um pessoal em uma praça em Botafogo, por volta das 11h da noite. Supostamente, iríamos filmar uma conversa e também alguma ação. De todo modo, assim que encontramos o pessoal, uma chuva torrencial caiu, cancelando todos os nossos planos. Bem, toda a água que caiu, serviu para conhecer-

mos dois piXadores de duas gerações diferentes do mesmo bairro. Flit, ainda adolescente, da sigla SL (Sem Limites) e Nado's figura representativa da geração 80 de Botafogo, este que fez parte da antiga GBF (Galera de Botafogo). Batemos um rápido papo em baixo do toldo do bar e deixamos acertado que voltaríamos a nos falar para reagendar.

Apesar da frustração de termos nosso primeiro dia de filmagem impossibilitado, foi super significativo, muito menos para mim, que já conhecia a galera, que para Marcelo, que teve ali seu primeiro contato com aquelas, para ele, ainda misteriosas pessoas que, há tempos, protagonizavam seus nomes, suas assinaturas no ambiente que sempre havíamos circulado. Nas palavras de Marcelo: *“Pô cara, quando você me chamou fiquei já pensando que só ia encontrar maluco, pessoas perigosas, criminosos dos brabos, mas já há algum tempo que penso que dizer sim nos faz ganhar mais experiência que dizer não. Fui com medo, mas fui, e me surpreendi por conseguir, normalmente, conversar com eles, me aproximar, foi inesperado.”*

Em nossa segunda tentativa de iniciar as filmagens, resolvemos aceitar o convite de Nuno de irmos junto com ele e Fyt em sua próxima missão, afinal de contas, era o piXador com o qual eu havia feito mais contato e, conseqüentemente, era, naquele momento, a pessoa em quem eu mais confiava, até mesmo para aumentar, ainda que ilusoriamente, nossa segurança. Nuno era, e continua sendo, junto à sua esposa, dono de uma barraca de sopas no centro da cidade, por sinal, deliciosa, especialmente a de ervilha. O plano seria chegar mais cedo à sua barraca, enchermos a barriga com uma sopinha, filmemalo trabalhando e, depois, partirmos junto, a pé, para a missão que era próxima. O alvo era um ferrugem⁵⁶ da Av. Perimetral, que fica na altura do cais do porto, em frente à Rua Rodrigues Alves. Minha ansiedade nem me deixou apreciar tanto a sopa de ervilha, tomei

⁵⁶ Ferro que serve de base e sustentação para uma série de viadutos. Na medida em que é sempre exposto à ação da natureza, torna-se, quase sempre, muito sujo e enferrujado. Daí a expressão comum: “vamos pegar um ferrugem”. Por ser um local de difícil acesso, onde o risco de vida, seja pela subida complicada, seja pelo espaço mínimo para pôr o pé e caminhar, é sempre imenso, tornou-se um estilo de piXação feito por poucos – apenas pelos mais audazes entre os já audazes.

sem nem perceber muito bem o gosto, com o qual me encantaria em outra oportunidade. Esperamos, então, que ele guardasse a barraca, trocasse de roupa pela oficial de ferrugens, uma vez que, lá em cima, a grossa camada de fuligem deixava a roupa inutilizável, a não ser para outra missão. Até por isso, Nuno passou a preferir subir sem camisa, apenas de calça, tênis e mochila nas costas, diferente de Fyt que subia descalço e, mesmo trocando de roupa, só o fazia para “chegar em casa limpo”.

Antes de chegarmos ao local, paramos em uma esquina pouco movimentada, Nuno retira da mochila sua corda de alpinista⁵⁷. Ali mesmo, começa, ajudado pelo Fyt, a desatar alguns nós que já estavam feitos em toda a corda. Perguntei, então, o porquê daquilo, e ele respondeu: “Isso aqui é um técnica para pegar outra coisa, mas é melhor eu ficar quieto senão neguinho vai copiar”. E, brincando com a câmera, diz: “Corta, corta!”

Antes de chegarmos à Rua Rodrigues Alves, passamos por uma casa de festas que parecia estar lotada de estudantes em formatura. Fazendo a segurança do local, tinha uma viatura da PM, pela qual passamos lado a lado. De fato, eu gelei, afinal de contas, quatro homens andando àquela hora por ali, com mochilas nas costas, bem, demos nossa primeira sorte, nada disseram e seguimos. Chegamos, então, a poucos metros do local, paramos em outra esquina, Nuno retirou novamente a corda da mochila e, desta vez, retirou também um fitilho, o dividiu em dois e amarrou uma de suas pontas na corda e a outra numa pedra. “Isso aqui é para fazermos como marimba, jogaremos a corda feito uma marimba e daí subiremos.” Guardou tudo, novamente na mochila e caminharam os últimos metros em direção ao alvo, Marcelo e eu fomos um pouco atrás para poder filmá-los. Chegamos lá embaixo do viaduto e Nuno, como sempre muito estratégico, já havia, inclusive, pensado o local em que eu e Marcelo ficaríamos. Para isso, pensou em quesitos como segurança, esconderijo e visibilidade, nem tivemos tempo de pensar de onde filmaríamos, Nuno

⁵⁷ Lembrando que ele já foi do setor de alpinismo do exército e, mesmo quando não piXa, volta e meia vai à URCA ou à Pedra da Gávea para praticar e relaxar.

facilitou tudo: “fiquem aqui neste canteiro, esta parede esconde vocês dos carros que vêm e aquela luz do poste iluminará a gente no ferrugem. Posso ir?” Fingindo estar muito calmo, respondi: “claro que pode, não se preocupe com a gente.”

Ficamos, então, num canteiro, em meio a algumas plantas, que ficava na quina do prédio da empresa Xerox do Brasil. Percebi que, ali perto, havia uma câmera, mas que não nos enquadrava. Lá foram eles, então. Atravessaram a rua, subiram um pequeno trecho da descida do viaduto e logo sentaram na mureta de segurança. Neste momento, eu já tremia de adrenalina e percebia, também no Marcelo, especialmente em sua testa, muito suor. Em contraste, olhava para eles, ali sentados, olhando para cima, uma calma que me encantava e me assustava ao mesmo tempo. Retiraram, então, a corda da mochila, desenrolaram, Nuno pega sua ponta, aproveita que não vem carro algum, chega ao meio da pista, começa a girar o fitilho com a pedra já amarrada e, de primeira, acerta com perfeição por sobre um grosso cano que havia na quina entre a coluna de sustentação e o viaduto. Não me segurei e tive que falar – “Caralho, de primeira!”. Tudo isso flagrado pela câmera.

Nuno foi o primeiro a subir, com uma agilidade e rapidez surpreendente que, de fato, flagrava sua história com o alpinismo. Fyt, por sua vez, por ter tido um pouco mais de dificuldade, tendo, inclusive, parado em alguns momentos no meio do trajeto, segurando apenas com as mãos, nos deixou com o coração na mão, especialmente nos últimos centímetros da subida, uma vez que era o momento mais complicado, sair da corda, pegar o cano e passar para o ferrugem. Resultado, um longo suspiro de alívio por parte de nós dois, nada acostumados àquele nível alto de risco de vida corrido por escolha, por vontade. Restava, então, a angústia e o medo de testemunhar um possível pior. Vivíamos a contradição entre o encanto diante daquela fervilhante coragem a preocupação misturada ao medo que nos fazia tanto torcer para o sucesso da missão, para que fosse feita velozmente para antecipar nosso alívio definitivo. De todo modo, todas estas sensações eram apenas

nossas, os inexperientes, os que viam de fora. Enquanto isso, lá em cima, apesar dos sustos causados pelos pombos escondidos por lá e apesar dos caminhões que, ao passarem, balançavam o viaduto, não se percebia nem metade de nosso nervosismo e muito menos de nossa pressa.

O espaço que tinham para caminhar, para pôr os pés, era mínimo, mais ou menos metade do próprio pé, o que levavam a caminhar com todo o cuidado e, por isso, devagar. Mas não era só isso, era preciso, ao escolher o local que seria piXado, limpar toda a fuligem antes, uma vez que tamanha sujeira, caso não fosse retirada, sugaria toda a tinta, deixando o nome mais fraco e mais suscetível a sumir com o tempo. Além, portanto, deste cuidado e paciência com a limpeza prévia do local, havia, obviamente, um cuidado especial com o próprio desenho do nome, feito com calma, devagar, com a intenção também de “foscar”, ou seja, de deixar a tinta mais forte, os traços mais grossos, mais visíveis. Percebíamos, claramente, que o nome não era feito no impulso, mesmo com todo aquele contexto de perigo, a atenção maior não estava em se equilibrar, mas em deixar o nome o mais perfeito e visível possível. Após cada traço, era preciso, perigosamente, se inclinar para trás em busca de uma visão mais geral do nome para continuar da melhor maneira. E não era apenas um, mas uma sequência grande de nomes. Caminhando naquele chão mínimo, vizinhos ao abismo, foram colocando seus nomes, até que chegaram ao local mais iluminado, de frente para o poste, e foi ali que Nuno, inteligentemente, já pensando na posição de nossa câmera, escolheu para por a frase “Luz.. Câmera.. Pich.Ação”, que daria nome ao documentário.

Vale a pena, aqui, voltar um pouco e contar como foi a história desta frase que batizou o documentário. Como já disse, era nossa primeira filmagem, já uma missão, e Nuno, sabendo que seria gravado, tirou do bolso um guardanapo com uma série de frases, dentre as quais, escolheríamos a que seria estampada. Por unanimidade, nos chamou aten-

ção, justamente, a evidentemente criativa “Luz.. Câmera.. Pich.Ação. Não podíamos deixar este nome tão forte ser esquecido. Acho que, mesmo sem falarmos nada naquele momento, ali estava decidido, não podíamos parar, era preciso seguir, fazer, de fato, um documentário, e foi o que aconteceu.

Retomando, junto à frase, Nuno começou a desenhar um personagem, era mais um de seus fantasmas, o qual costuma desenhar quase sempre que pega um ferrugem como aquele. Segundo ele, um amigo, ao ver seu primeiro ferrugem, ficou assustado com a altura e com a habilidade de chegar até ali e disse, mais ou menos assim: “Como você sobe ali? Não tem como subir você é um fantasma, simplesmente aparece lá em cima.” A partir de então, ele começou a desenhar, sempre em situações diferentes, um fantasma, o qual, na missão em questão, foi feito com o polegar levantado.

Depois de tudo feito, Nuno sentou no canto do ferrugem, escorado pelo concreto da coluna e, descansando, aguardou Fyt terminar seus nomes. Terminado, Fyt retorna com todo cuidado, se esgueirando, se equilibrando a cada novo lento passo, em direção ao local de descida. Já Nuno faz seu caminho de volta, admirando e retocando cada um de seus nomes, incluindo a frase e o fantasma, deixando-os ainda mais foscados e evidentes. Enquanto isso, Fyt, já próximo à corda de descida, parecia descansar se apoiando ao cano, e foi então que percebeu – ao lado, tinha uma caixa preta em que cabia mais um nome. Pensamos que ele colocaria, naturalmente, mais um como os demais, mas não, ele primeiro, desenhou um coração e, ao lado, o nome “ISA”, que, naquele momento, não sabíamos quem era.

Enquanto, então, filmávamos Fyt deixando seu último rastro, Nuno desceu quase como um bombeiro, com uma agilidade, mais uma vez, impressionante. Fyt, após deixar a lata de tinta vazia lá em cima, desceu também. Puxaram a corda, enrolaram e já vieram visivelmente eufóricos e adrenalizados em nossa direção. Apertamos as mãos, comemora-

mos o sucesso e o alívio por tudo ter dado certo, e Nuno, que antes da missão já havia nos dito que tinha composto um rap para a ocasião, se empolgou em cantá-lo para a câmera:

*Não mudo meu estilo em lugar nenhum
Qualquer bairro que invada
Sou sempre o Nonu
Aquele que é insano, mas não bebe nem fuma
Acostumado a ver de cima quando passa a viatura
Marquise, recuado, topo ou cabo de aço
Lateral do prédio ou de cabeça para baixo
Gosto de botar meu nome em cima
Mas também, tenho nome no baixo
"N" "U" "N" "O"
Destruidor do visual e tudo ao seu redor
Feio pra caralho
Faz bonito no gogó
Amante do silêncio
Inimigo do barulho
Para a grande maioria só um pichador de muro
Mas eu quero que se foda a maioria
Porque eu sou pureza e fecho com a minoria
Desde pequeno aprendi com meu pai
Que muito não é nada e menos é mais
Vou levando minha vida com a boca e com a mão
Com a mão eu boto o nome
Com a boca eu faço o som
Sirvo de exemplo pro seu filho
Que acha que a tinta é uma arma
E o birro é o gatilho
Não sou fotografia
Mas também, me revelo no escuro
Nas ruas, me conhecem como NUNO
Levanta a mão pro alto quem usa branco fosco
Quem sabe que na rua todo cuidado é pouco
Levanta a mão pro alto quem usa preto fosco
Quem suja a sua cara enquanto lava o rosto*

(NUNO)



Contemplando...

Fomos caminhando, então, por ruas ainda mais desertas que as da ida, mas que, apesar do silêncio, e em detrimento de meu profundo desejo de escapar de fininhos, sem ninguém me ouvir, correndo os menores riscos, Nuno e Fyt continuavam estravazando suas euforias, falando tanto os detalhes da missão quanto os nomes que viam pela rua em alto volume, e eu ali pensando “ai, se alguém ouvir isso, estaremos ferrados.” Eu, naquele momento, só pensava em ir embora logo e deixar a minha vida e a câmera salvas. Chegamos, então, à mesma praça onde ainda rolava a tal festa. Paramos ali, mostrei alguns trechos das filmagens através do visor da própria câmera para eles, que, ao se verem, se espantavam com a beleza. Decidimos, em seguida, Marcelo e eu, pegamos um táxi para a segurança muito mais da câmera e do material filmado que propriamente nossa. Nos despedimos deles, que retornaram para o local onde Nuno guardava a barraca, tomariam uma ducha, se arrumariam e retornariam para suas casas. Enquanto isso, Marcelo e eu, desce- mos do táxi no Flamengo, em frente a um bar, e resolvemos, ainda, àquela hora, beber uns dois chopps, afinal de contas, tínhamos passado por uma eXperiência eXtremamente nova e, de certa forma, inesperada pela nossa história de vida, fato que a intensificava ainda

mais. Era preciso sentar, conversar, relembrar os melhores momentos e, acima de tudo, rir daquilo tudo, dissolver os nervosismos e adrenalinas evidentes. Depois disso, pegamos o ônibus na direção da Zona Sul, eu saltei na Rua da Passagem, em Botafogo, uma vez que ficaria na casa da minha namorada, Débora, à qual devo agradecer muito, afinal de contas, se não fossem seus generosos acolhimentos em plenas madrugadas, tudo isso seria muito dificultado, uma vez que retornar para minha casa, que ficava um tanto longe, na Zona Norte, no bairro de Olaria, seria penoso para não dizer quase impossível. Já Marcelo seguiu um pouco mais, morava em Ipanema.

7.2.. SEGUNDA MISSÃO: TOPOS, PASTILHAS E CORRERIA!



Kel subindo e Vuca em baixo

O segundo momento escolhido foi, talvez, o mais assustador, o dia em que, de fato, pareceu estarmos em real perigo. De todo modo, esse grande perigo veio somente ao final da missão, vamos do começo. Marcamos com Tokaya e Kel de nos encontrarmos por volta das 11 da noite na Praça Panamericana, na Penha, bairro da Zona Norte carioca, bem próximo à minha casa. Sendo assim, marquei de Marcelo vir para minha casa e, de lá,

partirmos juntos. Por volta de 10e meia, então, ele chegou, comemos alguma coisa e fomos. Pegamos um ônibus e, em menos de 10 minutos, estávamos lá, onde Tokaya e Kel já nos esperavam. Sem sabermos, eles também haviam convocado o Vuca, pichador da Ilha do Governador, que também teve importância vital para a constituição da família 5 estrelas. De todo modo, o tempo passava e Vuca não chegava, resolvemos caminhar um pouco, escoltar os locais a serem pegos e, depois, irmos para um boteco sentar e esperar a madrugada chegar mais pesada, com sua mistura de invisibilidade com o paradoxo mais seguro por ser menos visível e mais inseguro por ser a noite. Sentamos, pedimos duas cervejas, papeamos sobre uma porção de coisas, de futebol a rap *underground*, mas, claro, grosso modo, sempre sobre Xarpi. Quando já nos preparávamos para levantar e fazer a missão, um carro todo escuro chega buzinando alto, sem nem ligar para os silêncios da noite: era o Vuca, que, por não nos ver na praça, foi direto para o boteco onde, pelo visto, o Tokaya sempre ia. “– Fala coronel!” – gritou Tokaya – era assim que todos chamavam o Vuca, de coronel.

Se já conversávamos antes, agora, então, com a presença do Vuca, que adora falar, e alto, falamos mais ainda. Resultado, pedimos mais umas 3 cervejas e só saímos para a missão ainda um pouco mais tarde. Saímos do bar, então, e entramos no carro do Vuca. Foi então que perceberam que não havia tinta suficiente para todo mundo, até porque seriam duas escoltas, dois topos. De todo modo, eles conheciam um cara que vendia *jet* de tinta bem mais barato que no mercado normal. Segundo eles, era um cara que trabalhava em uma loja de tintas e que conseguia revender, em casa, para piXadores, por um preço mais em conta. Como a casa dele ficava mais ou menos próxima, nas imediações da Penha, fomos até lá, paramos o carro e eles dois, Tokaya e Vuca, entraram, por uma fina porta que parecia ficar aberta mesmo. Retornaram rindo com uma lata na mão, disseram que o cara estava com a maior cara de sono, e que, com certeza, acordaram ele. Voltamos para o carro

e rumamos para a missão. Enquanto dirigia, Vuca enrolava um baseado de maconha sem o menor pudor, sem demonstrar qualquer preocupação com um possível flagrante policial, com qualquer provável *blitz*, receio este que era muito mais meu e do Marcelo, com toda certeza, afinal de contas, quem ali conhecia mais a rua de madrugada, quais locais para possíveis *blitz*, como pegar caminhos alternativos? Após algumas poucas tragadas, Vuca apagou e guardou o baseado, já estávamos chegando à missão. Paramos o carro a umas três ruas de distância, provavelmente para não ficar na cara e, claro, para caso rodássemos, a polícia não percebesse que aquele carro poderia ser nosso. Ao sairmos do carro, foi unanimidade, seja pela cerveja bebida, mas claro, também pelo nervoso e ansiedade, todos estavam querendo fazer um xixizinho pré-missão. Cada um escolheu sua árvore, inclusive a Kel, que, por ser mulher, escolheu um local mais reservado e escuro, atrás de um caminhão.

Chegamos ao local, um prédio industrial de três andares, com janelas próximas e todas protegidas com grades, o que facilitaria a escalagem. Outro ponto de segurança da escolta era o fato de estar sempre in-habitado durante a noite, justamente por ser industrial. Eu e Marcelo resolvemos ficar do outro lado da calçada, até mesmo por facilitar o enquadramento. Ficamos ali então, utilizando, inclusive, uma árvore como possível esconderijo, não só para a gente, mas para a câmera também. Tokaya e Kel foram os primeiros subir, enquanto Vuca permanecia, por enquanto, em baixo, dando uma olhada para a rua, que era, de fato, muito quieta e deserta naquele horário. Quando Tokaya e Kel já atingiam, juntos, um ajudando o outro, o segundo andar, Vuca, maior e mais forte, começou a sua escalada sem qualquer aparente dificuldade. De repente, parece que os cachorros da casa ao lado acordaram, ou perceberam que alguns ratos passavam, o que a rataria tomava tudo, passaram a latir constantemente. De todo modo, como sempre, o medo está muito mais em mim e no Marcelo do que neles. Enquanto eu e Marcelo ficávamos, o

tempo todo, olhando para as janelas das casas para ver se alguém acordava, eles sequer tentavam fazer menos barulho, especialmente o Vuca, que, além de falar alto, mesmo lá de cima, ainda preferiu jogar na calçada seus tênis e continuar descalço, ou seja, rua silenciosa, cachorros latindo e tênis jogado do terceiro andar, tudo, a meu ver, parecia indicar que, uma hora, alguém testemunharia. Felizmente, nada aconteceu, e fico pensando, de fato, quem mora em casa, especialmente, está sempre ouvindo, vez ou outra, os cachorros vizinhos latirem, e até mesmo nosso sono, já está acostumado com aquilo.

A cada carro que apontava na esquina, eu retirava meu celular do bolso e fingia falar alguma coisa, caminhando pela via mesmo, fora da calçada. Com isso, parecia que eu atraía para mim os olhares de quem estivesse no carro, e como eu estava do outro lado da calçada, diminuía os riscos de a galera ser vista. E como, naquele horário, grande parte dos carros que passavam era táxi, estes logo imaginavam que, por estarmos ali, naquela hora e com celular, poderíamos ser potenciais clientes. Vários passavam, piscavam os faróis e, ao chegarem perto, eu fazia que não com a cabeça agradecendo. Enquanto isso, a sequência no topo ia sendo feita, Tokaya, Kel e Vuca, colocando, ao final a frase “só acredita vendo”, mais uma vez com referência ao fato de estarem sendo filmados.

Contudo, antes ainda de descerem, uma pessoa apontou na rua e, naquelas circunstâncias, não havia o que fazer, não havia disfarce que escondesse, fatalmente a pessoa veria. Restava esperar que ela se aproximasse, visse e torcer por uma reação amena, ou ainda uma não reação, comum, afinal de contas, quem ia querer arrumar confusão àquela hora da madrugada? Seus passos cada vez mais altos, eu gelando, abria e fechava o celular, acreditando e desacreditando nele como uma camuflagem de minha situação de cúmplice. Quando faltavam poucos metros, percebia que era um mendigo, daí já pensei que a chance de ele não reagir seria grande, afinal de contas, aquela figura, junto com o piXador, são constituintes do que se pode chamar de um panorama dos que tem na rua seu local de

produção estética, de produção de vida. De todo modo, obviamente, isso não era garantia de nada, mas foi o que aconteceu. O rapaz passou, deu uma olhadinha, e sequer mudou a velocidade do passo, parecia ser, para ele, uma paisagem e situação corriqueira. Que conforto! Que alívio!

Missão completa com sucesso, todos desceram bem, Vuca recolocou o tênis, todos muito suados, partimos, então, filmando o caminho, rumo à segunda escolta. No caminho, tinha uma pedra, tinham algumas pedras ainda não piXadas no meio do caminho, ou seja, já estão piXadas. Nomes rápidos, habilidade no encaixe perfeito do nome na pedra, riscos precisos, sem escorregar. Uns nomes aqui, outros ali, e fomos chegando à segunda escolta. A subida começava pelo portão da garagem de uma casa, passava para o teto desta garagem, pulava para o parapeito do galpão ao lado e, dali, ganhava o topo. Kel parecia já meio cansada da primeira escalada, mas Vuca, sem nem avisar a ninguém que começaria a subir, sem nem dar tempo de religarmos a câmera, já estava em cima da garagem, chegamos a ouvir um “calma” da Kel, mas que não adiantou muito, lá foi ela também, junto do Tokaya. A subida pareceu tranquila, chegaram ao topo e foram andando até seu final, dobrando a esquina, ainda ser pôr nomes. Como do local de subida até o topo a ser espancado se girava uma esquina, fomos para lá, para um melhor ângulo possível. Ficamos, então, sentados em um canteiro, abaixo de uma árvore e ao lado de um poste, até certo nível, camuflados. Ficamos ali esperando que começassem a piXar, levaram um certo tempo, a meu ver, devido ao parapeito onde colocariam os pés, uma vez que parecia ser velho e desgastado, perigando ceder com o peso deles. Por isso, apesar de aparentar ser mais fácil que o outro, este detalhe não percebido de baixo deixou todos mais tensos, mas nada que abortasse a missão. Saindo novamente do topo, ficando em pé no parapeito nada seguro, lá foram eles, passo a passo, nome a nome, com todo cuidado, especialmente de Tokaya e Vuca com a Kel, segurando suas costas, como maneira cuidar mesmo. Neste

momento, durante o segundo ou terceiro nome, no começo ainda da missão, escutamos um carro vindo em direção a rua em que estávamos, Marcelo desfez o *zoom* a fim de captar o carro em primeiro plano e os três lá em cima, em ação, quando, para nossa surpresa, não era um carro comum, era uma blazer da polícia militar com, no mínimo, quatro policiais dentro, todos com seus fuzis para fora. Como só percebemos ser a polícia, no próprio momento em que passaram, nem, sequer tivemos tempo de nos esconder, mas, por alguma manobra de sorte, eu estava escorado em um poste, enquanto Marcelo permanecia sentado no canteiro, sob uma árvore. Talvez, por isso, a blazer tenha passado bem ao nosso lado, sem, sequer, perceber que tinha alguém por ali. Com toda certeza, se tivessem visto dois caras filmando alguma coisa na rua, na Penha, àquela hora da madrugada, no mínimo seríamos enquadrados, interrogados sobre o que fazíamos. O ritmo é esse:

O terrorismo, a repressão, ela não é só física, é psicológica. O lance do piXador, é saber lidar com esse terrorismo psicológico que existe. Aqui no Rio que tem essa cultura, que nem é só de policial ou de bandido, mas da população, que se você justificar que o cara fez uma coisa errada, que faz uma coisa que não é do perfil que a gente entende como normal, se justifica uma agressão psicológica ou física, é normal. A gente está o tempo todo sendo agredido não só por policial, mas por segurança e até por morador. Morador se te pega fazendo uma parada ilícita, ele se acha no direito de te pintar, te agredir, te xingar. Na verdade isso é contra os próprios direitos humanos. Eu posso estar fazendo a parada mais errada que for, mas eu tenho direito de não ser agredida e ir para um julgamento justo. O policial quando te pega ele é tão sem vergonha que ele não te leva para a delegacia, ele não quer ter trabalho, perder a noite dele, tá ligado? Ele quer te dar umas porradas, pegar seu dinheiro, que é muito mais fácil. Isso é a cultura da população, isso é muito errado no Rio. (ANARKIA em conversa)

De todo modo, ficamos sempre naquela situação paradoxal, torcemos e fazemos de tudo para não sermos pegos, mas, caso nossas táticas dessem errado e fôssemos pegos, se conseguíssemos filmar o enquadramento e sair dali com a câmera e a filmagem em mãos, teríamos um material e tanto. Ao menos, como Marcelo reduziu o *zoom* e enquadrrou per-

feitamente a polícia junto com seus fuzis em primeiro plano, enquanto os três continuavam pondo nome em segundo, conseguimos, de fato, uma bela imagem. Nossas surpresas não pararam por aí. Logo após a passagem da polícia, percebemos um homem adulto, manco, portando uma muleta, se aproximando. Tensão. Nunca se sabe a reação de qualquer um que veja aquelas cenas. De um encantamento a alguma possível revolta. Sentei ao lado de Marcelo, aguardando a pessoa chegar, eis que ela pára ao lado de nossa árvore e percebe o que está acontecendo. Fico atento à sua reação e, felizmente, ele comenta: “– Caraca, esses caras são loucos.” – e solta um sorriso. Ao perceber que estamos ali filmando, ele se aproxima de nós e diz: “– Tem que ter muita coragem.” Resolve, então, ficar ali, junto da gente, para acompanhar a missão até o seu final, comentando, inclusive, o que fazia àquela hora ali na rua: “– Fiquei ali na praça esperando minha vizinha chegar do trabalho, para acompanhá-la até em casa, que ela me pediu, mas estou lá há uma hora e ela não chegou, resolvi voltar.” Diante daquela pessoa desconhecida lá em baixo, Tokaya olha para mim e, com um gesto, pergunta quem é. Eu faço sinal de positivo – tudo sob controle.

Tokaya, Kel e Vuca continuavam pondo seus nomes, cada vez de maneira mais insegura, parecia que, quanto mais se chegava ao final, pior ficava o estado do parapeito que os sustentava. Tensão até que, quando Kel dá um passo, um grande pedaço do parapeito despenca. Medo máximo. Como eu, naquele momento, estava olhando o final da rua, naquela de antever possíveis problemas, nem percebi o que tinha caído, apenas ouvi um alto barulho. Foi, portanto, aquele meio segundo de desespero, já pensando no pior, felizmente durou apenas o tempo de girar o corpo e perceber que nada havia acontecido. Depois daquilo, Vuca, sempre engraçado, mesmo nas situações mais perigosas, lá de cima, disse para Kel, bem alto: “– Deixa eu te dar um beijinho, porque se você cair, pelo menos eu já te beijei.” E deu um beijo no pescoço dela. Perigo, riscos iminentes, parapeito apodrecendo, e tudo o que se ouvia eram risadas, inclusive nossas, minha, de Marcelo e do

novo espectador surpresa. Com medo de o parapeito ceder, os nomes foram sendo postos com mais rapidez, e logo tomaram, novamente, o topo a fim de descerem pelo mesmo caminho que subiram. Como era preciso pisar na telha acima da garagem, com o barulho, os cachorros começaram a latir e, desta vez, a janela da casa tinha a luz acesa, e, antes que eles descessem, o morador apareceu e ficou olhando. Antes que ele dissesse qualquer coisa, Vuca, nada tímido, disse, mais uma vez bem alto: “Fala morador! Fica tranquilo, estávamos só dando uma piXadinha, só diversão. Fica tranquilo que eu também sou morador daqui.” O morador nem teve reação, continuou apenas olhando. Desceram, então, rapidamente, antes que alguém pudesse chamar a polícia. Tokaya e Kel já foram virando a esquina, já em direção indo em direção ao carro. Enquanto isso, o diplomático Vuca, meio que para assegurar que tudo estava, de fato, sob controle, foi em direção ao nosso inesperado espectador, que ainda nos acompanhava, apertou sua mão, disse, mais uma vez, que também era morador, que conhecia todo mundo ali, e pronto, nos despedimos do cara, seguimos.

Todos eram unânimes em achar que esta última missão, apesar de aparentar ser muito mais fácil, graças ao parapeito apodrecido, tornou-se bem mais perigosa. O importante é que deu tudo certo, chegamos de volta ao carro, entramos e saímos rapidinho para evitar qualquer ainda possível olhar escondido. Vuca acendeu novamente seu baseado e fomos em busca de algum bar aberto para finalizarmos a noite com algumas cervejas. Era neste momento pós-missão que eu e Marcelo nos sentíamos mais incomodados, uma vez que, de fato, nosso movimento natural seria retornar rapidamente, no caso, para a minha casa, não só pela nossa segurança, mas mais ainda pela segurança do material filmado. De todo modo, topamos a cervejinha de final de missão. Na verdade, era aí que começava o principal risco que ainda viríamos a correr. Percorremos boa parte da Penha, chegamos a Brás de Pina e nenhum dos bares indicados por Tokaya estavam abertos. A saída, segundo

ele, era ir pra favela onde ele morava, porque lá tinha um *trailer* aberto 24 horas. Marcelo propôs de não aceitarmos, de ficarmos por ali mesmo e pegarmos um táxi, usando como justificativa a segurança da câmera, quando, na verdade, o que estava em jogo era sua visível preocupação e desconforto em entrar numa favela às 3 da manhã, ainda mais ele, vindo de Ipanema. A mesma preocupação também me ocorria, contudo, eu estava mais disposto a ir, em virtude, justamente, do que já disse sobre pôr nosso corpo de pesquisador em risco, em sintonia com o que é pesquisado, sendo marcado por aquilo, e é até por isso que escolhi este momento para documentar aqui. Marcelo não teve escolha, fomos.

Chegando próximo, já na rua de entrada da favela, Tokaya, morador e, portanto, conhecedor do local e de suas regras, pediu para que Vuca fosse bem de vagar e na esquina piscasse o farol duas vezes, o que significaria que quem está entrando naquele horário era uma pessoa que conhecia o local e que não deveria recair sobre nós qualquer suspeita. Vuca, mais uma vez brincando, pergunta – “E seu eu piscar três vezes?” Tokaya, então, responde, também na zoeira: “– Pisca, então, para você ver.” Ainda bem que Vuca não o obedeceu. Logo em seguida, Tokaya disse que estes cuidados eram necessários não só porque estávamos chegando de madrugada, mas também porque a favela estava em um período “quente”, de alerta, uma vez que, naquela semana, já tinha sido vítima de alguma tentativa de invasão por parte de um grupo miliciano. Bem, só soubemos disso quando já estávamos lá dentro. De todo modo, ao passo que, para nós, a tensão aumentava, neles não se via qualquer tipo de preocupação. Domínio e conforto total em um local que, para nós, desconhecedores, parecia exalar um cheiro, um clima, uma força inapreensível, no ar, que nos conduzia ao receio, ao medo – tudo aquilo que eu já estava predisposto a, de fato, correr.

Estacionamos na entrada do beco e já avistamos o bar, Tokaya foi na frente e logo nos avisou que aquele bar também já estava fechado. E agora? Segundo ele, apenas o tal

trailer 24 horas estaria funcionando, mas que tínhamos que ir a pé, por dentro da favela, até uma quadra de esportes. Marcelo, cada vez mais assustado, deixava claro para mim que queria ir embora, mas já estávamos ali, sugeri a ele que “curtisse a experiência”. Ao chegarmos à quadra, avistamos o *trailer*, e logo em frente a ele, do outro lado da calçada, uma “boca de fumo” com cerca de seis ou sete jovens, todos bem armados, mas que pareciam estar tranquilos, em uma situação costumeira. Nem eu nem Marcelo, ao vermos, emitimos qualquer comentário, a meu ver, parecia que, ali, assinamos um contrato, não podíamos aparentar surpresa, mas sim uma falível e frágil segurança de quem quer mostrar-se acostumado. Sentamos, então, nas mesas e cadeiras acimentadas que cercavam a quadra e o *trailer* e pedimos duas cervejas. Não éramos, de maneira nenhuma, os únicos ali. Apesar do horário, a quantidade de pessoas não era pouca, grande parte delas sentadas bem de frente à televisão, em que assistiam algum filme em DVD. Tokaya foi até os caras da boca cumprimentá-los e voltou chamando a Kel, uma vez que, segundo ele, o pessoal queria conhecê-la, graças à sua fama no Xarpi. Rapidamente, surgiu uma lata de tinta e fomos para um muro atrás da quadra. O pessoal convidou Vuca e Kel, assim como Tokaya, para marcarem, ali, seus nomes, como uma lembrança do dia que estiveram lá. Ficamos ao lado assistindo colocarem os nomes e comentei baixinho para o Tokaya: “– Vou tirar a câmera para filmar.” Imediatamente, ele respondeu, rindo: “– Se você tirar esta câmera aqui, vai surgir fuzil até de dentro dos bueiros”.

Quando estavam terminando de colocar os nomes, um dos caras olhou para o local onde estaria o pessoal da “boca”, atrás de mim, e fez uma cara de quem estava, ao mesmo tempo, assustado, preocupado, mas também já pronto para o combate. “Por que eles correram? O que está acontecendo?”. Quando me virei e olhei para a “boca”, não tinha mais ninguém por lá, pronto, gelei, olhei para o Marcelo, e ele já estava bem mais à frente, junto ao Vuca. Enquanto isso, falei com o Tokaya, tentando dissimular meu susto e medo: “– É

melhor irmos embora, o Marcelo está assustado.” Fui andando em direção ao Marcelo, que já tinha passado o *trailer*, quando uma das moças sentadas no *trailer* me diz: “– Os caras estão escondidos atrás daquela van”. Pronto, na minha cabeça, o tiro ia comer a qualquer momento. Pensei, inclusive, em sentar ali em frente ao DVD mesmo e me camuflar, sem aparentar estar “saindo correndo”. Mas quando vi, muitos dos ali sentados estavam, anteriormente, na “boca”, tinham armas na cintura. Resolvi ir caminhando, sem mostrar grandes desesperos, até Marcelo e Vuca, que, neste momento, já estavam junto da Kel. Logo atrás de mim, veio o Tokaya, fomos direto em direção ao carro, entramos e saímos dali. Vuca, como sempre generoso, deixou o Tokaya em Brás de Pina, foi até a esquina da minha rua, nos deixou, e, depois, ainda foi levar a Kel em casa, no Catete, do outro lado da cidade.

Estávamos, então, sãos e salvos, em casa. Apesar dos riscos, como disse, a chance de sobrevivência é sempre maior, e estávamos ali, na minha cozinha, pondo uma pizza no forno e contando os detalhes de nossa missão. Depois de rirmos de nossa coragem falida, Marcelo, mesmo reclamando que eu não tinha retornado antes, se declarou: “– Gustavo, de qualquer maneira, depois de tudo, quero te agradecer, se não fosse você, eu jamais teria tido esta eXperiência.” Fomos dormir, depois de muitos minutos rolando na cama, acalmando a adrenalina.

7.3.. TERCEIRA MISSÃO: AMIGA CAROL E UM PESQUISADOR CRIMINOSO.

O último episódio de todas as dezenas de horas de documentário que vou publicar aqui sai um pouco do Rio de Janeiro e vai a São Paulo. No entanto, antes de começar a contar, de fato, a aventura em questão, será importante sair por um instante do documentário em si, para contar um pouco como se deu minha aproximação e minha amizade com a

Carol “Sustos”, aquela mesmo que foi presa durante a obra imposta à bienal. Já conhecendo Rafael e alimentado por minha vontade de me misturar, assim que soube de tal inédito acontecimento e, conseqüentemente, da prisão de Carol, entrei em contato imediatamente com ele para deixar claro que, no que eu pudesse ajudar, ele, e toda a galera da piXaçãO paulista poderia contar comigo. A partir daí, durante os absurdos quase dois meses em que Carol esteve presa, mantive, na medida do possível, certo contato com Rafael para saber notícias sobre o estado dela.

Falando um pouco sobre esta irreparável manutenção de Carol por quase dois meses dentro de uma cadeia, mesmo antes de ser julgada, vale a pena dizer que só foi possível por ela ter antecedentes criminais – cinco outros boletins de ocorrência –, sendo todos por piXaçãO, intensificado, ainda, pelo fato de ela morar na casa de um amigo, ou seja, não possuir endereço fixo oficialmente reconhecido. Mesmo assim, mesmo com todos estes agravantes, seu advogado, o Sr. Augusto de Arruda Botelho, afirma que, *“na verdade, essa não foi uma prisão preventiva, não foi uma prisão cautelar, foi, especificamente, o cumprimento de uma pena muito maior do que a pena que ela pode vir a ser condenada. É um absurdo jurídico.”* Vale a pena dizer que, mais adiante, ele, o advogado, foi uma pessoa super acessível e que me recebeu muito bem, ajudando em determinados aspectos que focarei mais à frente.

Durante este tempo em que ela esteve lá, presa, me sentia comovido e inquieto, não queria que minha pesquisa fosse morna, que não se visse, também, responsável por isso, que não visse nisso um lugar de atuação necessário para sua condição misturada, nada intocável, era preciso, então, atuar – pesquisa em atuação, ativa, nada satisfeita com a observação pura. Neste sentido, durante ainda sua condição de presa, houve duas situações marcantes nas quais atuei: uma foi durante um seminário de pesquisadores em artes do Instituto de Artes da UERJ, que aconteceu poucos dias após a prisão, no qual haveria

uma mesa apenas com pesquisadores sobre arte de rua. Obviamente, fui assistir. Fiquei pasmo, uma vez que, em nenhum dos cinco trabalhos apresentados, qualquer menção à situação de Carol foi feita. Diante disso, mesmo tendo sido avisado de que não poderia fazer qualquer pergunta, pois o tempo havia-se esgotado, pedi o microfone, já dizendo que não seria uma pergunta, mas um comentário, ou um aviso. *“Estamos num instituto de artes, numa sessão que comportou apenas pesquisadores em ‘arte de rua’ e ninguém sequer lembrou da arbitrariedade cometida sobre a Carol ‘Sustos’, a menina presa por ter pichado a bienal. É preciso, no mínimo, pensar sobre isso, conversar sobre isso, ainda mais aqui.”* Alguns concordaram através de gestos com a cabeça, mas o tempo se esgotara e, logo após a minha fala, a sessão estava encerrada. De todo modo, serviu para eu e mais alguns amigos sairmos da sala e irmos conversar no corredor.

A segunda situação aconteceu quando o professor italiano Massimo Canevacci foi convidado para dar uma palestra intitulada “Fetichismos visuais”, na mesma UERJ, desta vez em um projeto conjunto da Faculdade de Educação e do próprio Instituto de Artes. Como eu havia estado com ele, estudando durante dois meses em Roma, tinha um contato muito próximo, resolvi entrar em contato com ele e pedir para que, como estávamos falando em um lugar que se destina a estudar a arte, e como o trabalho dele tem um foco muito grande na metrópole comunicacional, na cultura urbana, seria fundamental que ele desse alguma atenção a esta reação descabida sofrida pela Carol. A partir do meu pedido e de nossas conversas, ele deu uma pesquisada no que tinha acontecido e destinou não só uma parte de sua fala, mas também um de seus *slides* da apresentação, com uma série de fotos tanto da ação quanto do momento da prisão, para lembrar a todos ali que destinam a maior parte de suas vidas a pesquisar a produção estética que uma menina estava presa por ter pichado um local reluzente da arte instituída.

É importante destacar, também, o tamanho desta “reluzência”, que foi tamanha,

capaz de atribuir a si, ou seja, à bienal, na figura de seus curadores, a capacidade e a segurança absurda de se postularem estar numa posição indiferente à denúncia e à prisão sofrida por Carol. E isso nem sou eu que estou falando, se bem que poderia ser, sem problemas, mas sim, eles mesmos:

Coube à Fundação Bienal de São Paulo registrar boletim de ocorrência após a pichação. A Fundação não possui qualquer ingerência sobre o caso, que é de responsabilidade única e exclusiva da Justiça”, declarou a Bienal, por meio de sua assessoria de imprensa.

(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u475414.shtml> Acesso em 05/12/08)

Obviamente que, para acusar e aprisionar alguém, é preciso que este seja alvo de alguma acusação vinda de algum acusador, que, no caso, para os âmbitos legais, é a Fundação Bienal. O que me soa mais deselegante e nojento não é nem o fato de tê-la acusado; afinal de contas, é coerente com a história da arte instituída estes momentos de fúria contra aquilo que não se curva a ela ou diante daquilo que não surge de dentro dela, mas que a invade, mas sim a covardia imensa de escolher o discurso do “não podemos fazer nada”, ou pior, “não temos mais nada com isso”, estampada, principalmente, na palavra “coube” que associação a reação da Fundação Bienal a uma suposta “naturalidade”, da qual seria inevitável escapar, ou seja, em outras palavras, retiraram da acusação seu evidente caráter de escolha para revesti-la de algo que a mantém, como sempre, distante, intocável, algo que “mesmo que ela quisesse, não poderia fazer diferente”. Por trás desta máscara do “coube”, que mantém a Fundação Bienal com todas suas pompas e elegâncias burguesas, fica evidente para mim, que pode ser lido “isso tudo foi uma barbárie, merecem toda a punição necessária, até que este tipo de gente desapareça, não nos incomodem mais. Eles precisam aprender que não devem se meter com a gente.” Agora, indo além, se tivessem tido a coragem de se pronunciar assim, ao menos teriam, pela primeira vez na história, tido

alguma audácia, teriam sido, apesar de sanguinários, pela primeira vez, legítimos. Mas eles não podem ser sisudos, precisam apunhalar camuflados sob faces convidativas, semblantes de saúde, de civilidade, nunca “baixar o nível”, não lhe convém, afinal são grandes salvadores de almas. O que seria da humanidade sem eles? Quanta petulância!

Fechados a toda produção estética que tenha seus embriões nos locais historicamente periferizados; hoje tidos com ameaçadores da ordem civilizatória de toda cidade, e, quando chamo locais, obviamente não os separo de toda a gente que o habita – são indissociáveis como Carne e Pedra (SENNET, 2008); especialmente àquelas com referências morais e estéticas não enquadráveis numa lógica cristã-burguesa-ocidental de comportamento e que, por isso, tem na juventude periferizada contemporânea seus principais praticantes, a instituição arte, diante destas forças não enquadráveis, desobedientes, continua, pelo visto, a perpetuar a estratégia da indiferença, afinal de contas, foi justamente assim que todo seu projeto de valor, refletido nas morais e nas estéticas (*moralestética*) praticadas e teorizadas por ela, conseguiu seu sucesso.

Agora, o que este projeto não anteviu, por pura ingenuidade, por se achar, de fato, universal para o “bem”, foram os inescapáveis contra-ataques que sofreria tempos depois, ou seja, hoje! Aquela cidade, de cuja projeção e construção a arte participou ativamente, hoje, para detrimento de todos os sonhos de reerguimentos e de restaurações, flagram, às vistas de espíritos mais livres, menos vislumbrados, toda sua falência. Aquilo que foi periferizado, aquilo que não era bem-vindo aos centros planejados das cidades, passou séculos a rodeando, cercando, ocupando lugares não planejados, por isso, também aglutinou-se e, sem que o centro desse conta, foi ganhando um corpo cada vez mais denso, fortíssimo. Cada vez mais, então, o que era para ser periferia, o que foi condenado a habitar lugares não amparados, subúrbios, passa a, de alguma maneira, denunciar a fragilidade de um centro que se aparentava inabalável, inclusive, esteticamente, claro. Esta época já chegou,

já tem até um certo tempo que ela se mostra evidente. Não é à toa que se ouve, geralmente em caixas de som potentíssimas, “TÁ TUDO DOMINADO”, “TÂMO JUNTO E MISTURADO”, “É TUDO NOSSO”. E, para pesadelo da arte e da civilidade cafonas, até mesmo quem nunca habitou os locais periferizados, quem nunca foi corpo periferizado, acaba encantando-se pela evidente sedução destas estéticas de força atrativa juvenis evidentes. Não há mais Leblon que escape a uma bala perdida, não há mais carro blindado que escape a uma ponto 30, não há mais Zona Sul que não toque, em altos decibéis, um proibidão, não há mais cercas elétricas intransponíveis, tem até piXador morador de Botafogo, e quantos! Enquanto isso, a arte continua, em seu sonho sem fim, fingindo não perceber sua limitação evidente diante da complexidade estética que sua cegueira histórica, não só permitiu como também encorajou.

A arte, portanto, volto a dizer, instituída, evidenciada na reação aparentemente indiferenciada da Fundação Bienal, continua, por trás de seus discursos contemporâneos, se mostrando ainda anacrônica, afinal de contas, tudo aquilo que não vê graça e nem sentido algum num possível curvar-se a ela, que atribui à arte uma pieguice sem tamanho, nem ligando para ela, com toda a força de quem vem de fora, lá do fundão, passa a ser alvo já autojustificado do nome “ignorantes”, “sem educação”, “estes piXadores são desconhecedores do conceito de arte”, esta última, dita pelo Baixo Ribeiro durante um debate na FUNARTE do Rio de Janeiro, chamado “Da rua: que pintura é essa?”, quando interpelado por mim, justamente sobre sua reação diante da invasão que sua galeria sofreu pelos piXadores. Como se este conceito fosse, de fato, não só congelado, único, conhecível, mas, mais do que isso, como se deste conhecimento dependesse não só a condição humana, mas alguma possível vida mais digna, pior ainda, quem sabe até uma felicidade. Ainda sobre este evento, vale ainda ressaltar duas falas, uma da organizadora que, diante da minha pergunta – “Se o nome do evento é um generalista ‘da rua: que pintura é essa?’ e,

grosso modo, é evidente que a parte mais evidente desta pintura é a piXaçãO, por que entre os convidados palestrantes, não tem nenhum piXador? Quais são os valores, as morais, os desconfortos que regem esta impossibilidade?” – respondeu aparentando estar bem segura que a aproximação com “esse pessoal” é muito difícil. Enquanto isso, outra palestrante se sentiu incomodada com a pergunta e tomou a palavra: “Quem é você para dizer que aqui não tem nenhum piXador? Eu me considero uma piXadora. Além do que, estamos numa galeria, aqui é um lugar diferente, não faria sentido tê-los aqui, eles ficariam acuados, seria desconfortável para eles.” Respondi: “Então, é justamente isso, se a arte e este evento postula abraçar a rua e suas pinturas por completo, essa ausência, essa incapacidade flagra os limites da arte, o quanto ela só diz respeito a uma ou duas ruelas da cidadela.” Não pude responder à primeira senhora, a organizadora, mas, se eu pudesse, contaria minha experiência, o quanto a dificuldade de aproximação com “esse pessoal” está muito mais atrelada a nós mesmos, os de fora, que a eles. (ver p. 314) A negociação mais trabalhosa é muito mais uma autonegociação com nossas lógicas, nossos valores, nossas morais, uma vez que as vemos como muito diferentes, quase antagônicas às deles.

Porém, esta tensão pessoal de você com você mesmo só se resolve no momento do contato, a partir da tomada de coragem, e é aí que, por eXperiência própria, o que era antagônico, incompatível, se insinua ser, paradoxalmente, muito mais próximo, mais misturado, aflições e angústias parecidas, sintonias, simpatias, confluências, tudo vai desabrochando, se revelando, como disse anteriormente, os bonés vão subindo, o rosto se faz visto e as tarjas pretas caem, enquanto o volume dos risos e os níveis de álcool aumentam, para os que bebem, é claro. Entendo, então, quando ela fala sobre esta dificuldade de aproximação, mas é preciso entender que a dificuldade está em si e não neles, no artista e não no arteiro. Não perca esta chance! Como disse o grafiteiro carioca Marinho neste mesmo debate, “a melhor coisa do piXador é que ele não arrumou o problema que eu

arrumei – o de querer ser artista.” Agora, para aquela moça que disse se achar piXadora, piXadora não se acha, se perde, corre, vida em risco, a cada semana um sangue piXador escorre por aí, mas eles não param nunca, só dão um tempo. Infeliz comparação a sua! Ainda ao final deste mesmo encontro, uma artista plástica, que declarou também trabalhar com intervenção urbana, disse: “– Sobre os piXadores, o que eles fazem pode até ser uma coisa de atitude, mas não é artístico.” Ainda bem, diria eu, e completaria, se tivesse tido a oportunidade: “Isso seria indício de que sua arte não tem atitude alguma?”

Um dos pontos altos e de ótima surpresa para mim foi a postura do Ministro da Cultura, não só diante da prisão como reação excessiva, mas também condenando, justamente, a indiferença da Fundação Bienal diante do ocorrido. Abaixo, publico na íntegra a nota divulgada pelo Ministério na época:

Texto do ministro da Cultura sobre prisão de jovem por piXaçãO:

O Ministério da Cultura defende a busca de uma saída na esfera cultural para o impasse decorrente do ato e da prisão da jovem Caroline Piveta da Mota, de 23 anos de idade. Ela integrava o grupo que pintou com tinta spray o edifício da Bienal de São Paulo, no local onde os curadores da 28ª edição Bienal estabeleceram um espaço vazio de interação com o público. Esta solicitação é devida à preocupação que muitos artistas e agentes culturais do país têm manifestado com os desdobramentos que podem criminalizar um ato que tem características culturais, muito embora não concordemos com a agressão simbólica proposta em manifestos e textos divulgados como de autoria do grupo. [A não concordância aqui me parece muito mais uma forma de tornar a nota mais palatável para a imprensa, e que, mesmo assim, não trata tais manifestos como negações.]

Temos buscado o diálogo constante com grupos jovens dos centros urbanos e das periferias das grandes cidades por acreditar que esta é a forma mais eficaz e duradoura de combater os impulsos violentos que são gerados em meio à desagregação reinante em muitos ambientes de fragilidade socio-cultural nos quais vivem estes indivíduos. [Finalmente um documento oficial trata tal fragilidade de maneira honesta, enxergando no que chamou de “impulsos violentos”, não meras negações, mas acontecimentos afirmativos, enunciadores também de nossas fragilidades. Poucas vezes se viu um discurso oficial não tratar tais violências como ‘coisas a serem duramente combatidas’. Cabe aqui um parabéns pela nota, a meu ver, inédita, revelando possíveis posturas diferentes do Estado.] Contudo cremos que a agressividade simbólica aparece como “alternativa” a estes jovens submetidos a um cotidiano de violência, e ela é a “compensação cultural” por vezes ao seu alcance para fugir do crime ou da marginalidade. [Sendo a agressividade simbólica aqui amparada, mais uma vez, como algo a se levar em consideração, sem recair, outra vez, na vontade de aniquilamento, me conduza pensar que, inclusive os manifestos agressivos criticados anteriormente, merecem este interesse, repetindo, afirmativo.] Desde muito essas populações têm suas formas de expressão e de linguagem enquadradas como atos de violência e desrespeito, como foram as rodas de capoeira no passado, os bailes funks nos dias correntes, mas não podemos esquecer que a cultura toma caminhos que fogem do padrão estabelecido para expressarem conteúdos latentes nas formações sociais emergentes. [O

294

Estado, em todo seu papel de oficialidade, aceitando, sem pôr o corpo fora, a histórica violência simbólica sofrida pelas produções estéticas periferizadas. Isso me parece de um ineditismo surpreendente e esperançoso, ainda mais quando trata a cultura como algo indisciplinado e desobediente, uma vez que, como dito, “fogem do padrão”.]

Não desconhecemos que estas situações podem, vez ou outra, superar o âmbito criativo, mas devemos ainda lembrar que isso ocorre também pela falta de comunicação e pela pouca acessibilidade destes cidadãos aos bens diversificados de nossa cultura e de nossa arte. Sabemos que tais conflitos precisam ser trabalhados pelas políticas públicas e pelas instituições de modo a evitar uma maior desagregação do tecido de nossa sociedade. [Propor a conversa, a comunicação justamente com aquilo que estaria fora de nossa capacidade de compreensão! Bela alternativa, e é, justamente assim, que o tecido que começou a ser construído de forma desagregada, pode, pacientemente, a custos de muito solavanco, retomar, até certa medida, alguma convivência mais agregada. Agora, é preciso que a voz deste outro seja legítima em si, sem precisar de qualquer transformação referenciada pela nossa lógica, afinal de contas, essa é a pior das violências simbólicas. Por isso, fico ainda receoso quando a nota fala numa maior acessibilidade à nossa cultura e à nossa arte. Se for com algum vislumbre, nada vai adiantar.]

Acreditamos que os mais de 40 dias de prisão guardam uma desproporção com o ato da jovem, porque tal medida pode gerar uma intensificação dos conflitos que buscamos combater, uma vez que se tornaram um problema real. O ato dos jovens, por mais que discordemos dele, não deve ser criminalizado como se ocorresse uma piXaçãO e degradação do patrimônio cultural ali protegido por lei. [A meu ver, nem esses. Ser crime não deveria vir junto com ser punido e pronto, mas com uma conversa mais audaz, uma compreensão mais abrangente.] Ele aconteceu num espaço específico em que era permitido a todo visitante exercer seu livre e vivo contato com o lugar simbólico da Bienal, uma mostra de arte, no qual, segundo a imprensa, muitos outros grupos e indivíduos se manifestaram com ações diferentes. [Neste caso, fica ainda mais evidente que a questão é muito menos sobre o que foi feito do que sobre quem fez. A condição periferizada é desculpa histórica para o aniquilamento. Ao menos hoje, mesmo que com certa prudência, o Ministério da Cultura já discursa um pouco mais perigosamente.] O grupo de jovens reivindica o estatuto artístico e cultural ao seu ato. [É mais do que óbvio que eles não precisam deste estatuto, a coisa independe. O que está em questão vai além.] Quem deve julgar e avaliar tal mérito são as instituições culturais, os críticos e historiadores da arte, através dos recursos da reflexão e do debate público. [Será que são estes mesmo que tem a competência para tal? A questão não é a maior amplitude da comunicação? Não deveríamos descer todos de suas especialidades, afinal estamos falando de cultura e estética, coisas comuns a qualquer existência humana? PiXadores não seriam bem vindos neste debate?] Peço sua ajuda no sentido de garantirmos esse espaço público de discussão e apreciação, evitando que o estado decida em favor de nenhuma parte, e apenas cuide para que possa ser mantido o ambiente de diálogo e o direito de todos a suas manifestações culturais. [De todo modo, apesar de alguns escorregões e de certo cuidado ainda maior que a audácia, condizente com sua condição de oficialidade em cultura, o Ministro me surpreendeu e muito, afinal de contas, o que a lei e a Fundação Bienal viram como crime, ele viu como manancial, como incrível chance para um rico e urgente diálogo, chance que, mesmo com tal pedido, foi perdida, mais uma vez.]

Juca Ferreira

Ministro da Cultura

(http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2008/12/11/ministro_da_cultura_divulga_nota_sobre_prisao_de_jovem_por_pichacao_da_bienal-586965876.asp Acesso em 11/12/2008)

Além disso, o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, anunciou que o Ministro ainda entrou em contato com o governador José Serra, solicitando que ele, se fosse possível, intercedesse em favor de Carol. Apesar de Serra ter dito que ia ver o que poderia ser feito, deixou claro que sua condição de governador não lhe dava, obviamente, qualquer condição de mandar soltar alguém. Nesta mesma matéria, Juca Ferreira ainda compara a con-

versa que teve com o governador à que teve com os curadores da Bienal:

O governador foi mais receptivo do que o presidente da Bienal. Disse que não se sentia com o poder de pegar o telefone e ligar para mandar soltar, mas ia ver o que podia ser feito. Enfim, foi simpático, acolheu minha demanda e ia ver o que poderia ser feito. (<http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2328830.xml&template=3898.dwt&edition=11285§ion=1003> Acesso em 12/12/2008)

Ainda presa, Caroline concedeu uma entrevista à Folha de São Paulo que, a meu ver, mostra algumas aflições comuns ao nosso tempo, especialmente quando ela aborda o conceito de “vazio”, que ela vivenciou durante a Bienal e foi presa por isso, e também que conversar com essa galera pode ser enriquecedor socialmente. Em outras palavras, mostra o quão ignorante é a Fundação Bienal com suas reações policiárias:

Acho que eu me identifico um pouco assim com o vazio, também. Quando eu comecei a piXar, eu estava sentindo falta de alguma coisa na minha vida. Sentia falta de alguma coisa e eu não sabia o que que era. Eu fazia várias coisas e nada cobria aquilo ali, ta ligado? Aquele sentimento de falta, sentindo um buraco assim. E daí, quando eu comecei a piXar, parece que foi tapando aos poucos assim, e daí ali eu encontrei um refúgio. Se eu estava feliz eu ia piXar, que nem bebida, né? Se eu estava triste, eu ia piXar, se estava tudo normal, eu ia piXar. Era assim. Então, eu me identifiquei assim um pouco com esse negócio do vazio, também. Acho que muita gente sente um vazio dentro de si, independente do que esteja faltando ali. O que que tu precisa para cobrir aquilo ali. Acho que todo mundo tem um vazio dentro de si, uma parte assim.

(<http://www1.folha.uol.com.br/foha/ilustrada/ult90u475414.shtml> Acesso em 05/12/2008)

Eu piXo por dois motivos, pela parada do protesto, de agredir a sociedade, agredir os burguês, sabe? De causar o transtorno mesmo neles mesmo. E pela fama do bagulho, de ser conhecida. (*ibidem*)

Se eu fizer um trampo estilo Miró lá em cima de um prédio, vai ser bem visto por quê? Por que ele é colorido e tal? Por que uma piXaÇÃO, que também está expressando o que eu sou ali também. A maneira que eu fiz, o que eu estava

pensando, com quem eu estava. Eu acho que quando um artista vai pintar quadro, independente da arte do cara, assim, ele está sentindo várias coisas ali naquele momento também. Então, eu acho que pode ser visto, também, como uma arte sim. (*ibidem*)

E se a Carol fosse curadora da bienal? Competências culturais ou adequações culturais? A bienal não deveria ser pública? Alguém já foi questionado sobre o que gostaria de ver lá dentro? Quem pode fazer a curadoria do que é público, do que é cultura, do que é estética? Especialistas ou, mais uma vez, adequados?

Até então, não havia conhecido, ou sequer conversado com ela. Assim que ela foi liberta, Rafael passou meu MSN para ela e começamos a conversar. Rapidamente, especialmente por Rafael já ter falado muito sobre mim para ela, ficamos à vontade e passamos a conversar frequentemente, tendo inclusive, como fiz com Rafael, enviado alguns de meus textos para ela. No entanto, apesar de já termos certa intimidade, minha atuação junto a ela se intensificou a partir do agendamento e da aproximação de sua audiência, marcada para o dia 17 de fevereiro de 2008, sobre a qual, inclusive já falei anteriormente. Foi nesta época, então, cerca de três dias antes da audiência, que marquei minha ida, junto com Marcelo, a São Paulo, não apenas para filmar, mas, claro, para conhecer pessoalmente essa galera.

Tentamos até ir de avião, mas o preço da ponte aérea estava bem mais caro que a passagem de ônibus convencional que, apesar de durar pouco mais de cinco horas, nos dá a chance de ir vivenciando um panorama horizontal da cidade que, ininterruptamente, vai passando aos nossos olhos, nos confundindo. Onde estamos? Em que cidade estamos? Quando mudou? Uma placa, um *outdoor* e até os nomes das lojas de beira de estrada nos dão imprecisos indícios de localização. Alguém me liga e me pergunta onde estou. “Sei lá, na estrada.” “Mas onde?” Fico perdido, olhando para os lados, procurando alguma pista de nome de lugar, pergunto ao Marcelo, que sabe menos ainda. “Não tem como saber,

estou no caminho, sabe-se lá o nome disso aqui”. Experiência essa somente possível com viagens terrestres. De todo modo, como estávamos mais de olho nas piXações, elas também nos davam certa ajuda neste sentido. Aos poucos, alguns traços paulistas iam ganhando espaço, até que não se via mais qualquer lembrança do Xarpi carioca, pelo visto, havíamos já ultrapassado a fronteira entre os estados. Se descêssemos, será que o sotaque também já havia se modificado? Onde mudou? Tudo diluído pelo ar da estrada, dos traços retos pontiagudos ao sotaque, tudo ia-se apaulistando, até que o rio Tietê não nos deixava qualquer dúvida, chegamos.

Era uma quinta-feira, propositalmente programada para nossa chegada, uma vez que é neste dia da semana que sempre os piXadores se encontram no *point*⁵⁸, foi lá, portanto, que conheci, entre tantos outros, a Carol. Como esperado, mediante nossa já boa interação via MSN, pessoalmente nos demos bem também. Tentamos marcar de filmar uma missão naquele mesmo dia, mas, coincidentemente, assim como em nossa primeira missão no Rio, São Paulo fez as honras de cidade da garoa – graças a uma chuva tivemos que cancelar. No dia seguinte, conversamos por telefone e marcamos de tentar finalmente, naquela mesma noite, filmarmos a Caroline em ação. Marcamos, então, no bar que ficava no local do *point*, ficamos por lá, eu, ela e Marcelo, tomando umas duas cervejas, esperando um amigo dela que a acompanharia na possível missão. Ficamos por lá cerca de uma hora e meia esperando o cara, ligávamos para casa dele e ele não estava. Bem, sugeri, então, na brincadeira, esperando, claro, apenas um sorriso, uma negação, que eu a acompanhasse já que o cara não apareceria. Ela não só aceitou como ficou tentando, de fato, me convencer, apoiada ainda por Marcelo, que mantinha um discurso “eu não vou, mas eu acho que você deveria ir.” A questão da companhia era importante, uma vez que o local a ser piXado era o topo de um prédio com cerca de quinze andares, ou seja, seria usado um

⁵⁸ Parecido com as reús cariocas, mas que, por ser único e semanal, agrupa uma quantidade maior de piXadores, que vêm de toda a cidade.

plano raríssimo no Rio de Janeiro, mas muito comum em São Paulo, que é o que eles chama de “fazer uma portaria”. Em outras palavras, enganar, de alguma maneira, o porteiro e, como se fosse um morador, subir de elevador ou de escada até seu último andar, encontrar a porta que dá para o terraço, pôr seu nome no topo, geralmente, neste caso, de rolo e não de *spray* (prática também comum em São Paulo e quase não utilizada no Rio de Janeiro), e, depois, sem ser descoberto, descer normalmente, como se apenas saísse do prédio.

Até ali eu tinha quase certeza de que não subiria junto, muito mais por falta de coragem do que por falta de vontade, mas ficava pensando, se eu sempre reafirmo a necessidade de se pôr em risco para se pesquisar em sintonia com aquilo que é produzido fora da lei, por que não? Se, como digo também, é preciso não ter muito claro o que é arte e o que é crime, por que não? Já me arriscava, é claro, indo às missões e filmando, mas ali, caso topasse, meu envolvimento se potencializaria exponencialmente, estaria, de fato, cometendo um crime, definitivamente esfacelando qualquer ainda remoto vestígio de separação entre sujeito e objeto, aquilo que eu sugeria misturar em *sujeitobjeto*, agora era muito mais um *soubjjeitto*, ou melhor, não teria mais nome, e a cientificidade de um trabalho científico sobrevive a um pesquisador criminoso? Ainda não sei, ainda escrevo a dissertação, os julgamentos ainda não foram feitos, a defesa ainda não foi agendada. De todo modo, se a reprovação vier, flagrará a incompatibilidade entre o crime e a ciência, enquanto que, se a aprovação surpreender, será a prova de que a academia tem, sim, fôlego para atribuir ao crime seu caráter móvel e mutante, portanto, pesquisável, vivenciável em nome do humano despidorado. Contudo, esta mesma aprovação, pode, também, ser a evidência de que meu trabalho não foi nada demais, foi, na verdade, palatável. Nada perto da obra não diplomável de Rafael. Resta dizer que, apesar de aparentar não me curvar, perto do que ele fez, ando sim, de cócoras. Acocorado pelo simples fato de me preocupar em ser aprovado.

Um trabalho de um homem de pé, ágil, livre, não ligaria para isso. Trabalho não diplomável, como disse, só vi um, o de Rafael, ou melhor, de todos seus 50 amigos, ou melhor, de São Paulo inteira. Agora, para puro salvamento de orgulho, posso atribuir, com habilidade, a este meu acocoramento, sua possível condição de camuflagem. Assim eu entro, assim ocupo espaços e, já lá dentro, me espreguiço, alongamento, flexibilidade, coluna reta.

Cabeça em nó. Topo ou não topo. Topar e ter, junto ao risco evidente, uma das mais adrenalizantes e memoráveis eXXXXXXperiências da minha vida, ou não topar e apenas vê-la lá de baixo, e, se tudo desse certo para ela, me arrepender logo depois? Pelo tom das linhas anteriores deste trabalho, vocês veem alguma chance de eu não topar? Seria, sim, um crime, mas seria, também, nada autêntico, incoerente, apesar de medo e receio serem sentimentos legítimos. Bem, sem ainda decidir, mas muito mais pendente para a negação, fomos caminhando rumo ao alvo. Assim que avistamos o prédio, do outro lado da rua, o porteiro estava em pé do lado de fora, o que para ela, era prova de que devíamos entrar naquele momento, para ela, assim seria mais fácil. “Temos que ir agora!” – dizia ela.

Gustavo: Calma, vamos sentar rapidinho aqui neste bar para eu decidir, tomar coragem.

Carol: Tá bom, mas tem que ser rápido. Vou até comprar um refrigerante de 600ml para pôr a tinta na garrafa. O Marcelo bebe e dá tempo de você decidir.

G.: OK. Aiaiai que merda!

Marcelo: Sério, cara, acho que você deve ir, será, no mínimo, uma eXXXXXXperiência inesquecível.

C.: Vamos, você pode confiar em mim. Não te colocaria em uma furada. Esse prédio aí eu conheço, lá em cima não está trancado, não precisa arrombar nada. Já piXei lá.

G.: Pô, e o porteiro não vai te reconhecer?

C.: Não, era outro.

Marcelo terminou de beber tudo e deu a garrafa para Carol, que foi ao banheiro do botequim pôr a tinta. Enquanto isso:

G.: Porra, cara, vou mesmo? Se algo acontecer, não conhecemos ninguém nessa cidade.

M.: É perigoso, mas é o que você pesquisa, faz sentido você ir. Eu é que não tenho coragem, mas você, acho que tem.

Carol retorna:

C.: É agora. Vai ou não vai.

Olhei para o Marcelo novamente, apertei forte a mão dele e disse: “– Me espera aí.”

M.: Ah moleque! Vai lá, boa sorte!

Carol pôs um boné na cabeça, talvez para fazer uma camuflagem muito mais para ela que para os outros, me deu a mão e fomos atravessando a rua. Linha reta, sem vacilo, direção à portaria. No meio da rua, ela me disse: “– Qualquer coisa, somos namorados!”. Naquele nervosismo, só deu para eu balançar a cabeça positivamente. Porteiro em pé na porta já nos olhava percebendo que iríamos entrar no prédio dele. Com um sorriso simpático no rosto, assim que nos aproximamos da porta, ele nos cumprimentou:

Porteiro: Oi!

C.: Oi, tudo bem?

Nisso, já estávamos dentro do prédio, mas, para ingressar de fato, era preciso que o porteiro liberasse uma segunda porta de acionamento elétrico. “– Estão indo aonde?” – perguntou ele. Enquanto eu gelava, Carol parecia ter toda a situação sob controle, como se aquela pergunta já estivesse sido ensaiada com o porteiro, e respondeu: “– Vamos no sétimo.”

P.: No sétimo?

C.: É, ué! No sétimo.

Pronto, ele já estava desconfiando, seríamos pegos. Enquanto ela pensava em maneira de enganá-lo, eu pensava em como, agora, com nosso fracasso decretado, poderia-

mos simplesmente abortar a missão e sair. Um silêncio de poucos segundos perdurou, até que, uma fala surpreendente nos alivia:

P.: Eu sei que você é a prima da Joana do sétimo. Eu estava brincando com você.

Eu ainda não tinha decretado vitória total, a meu ver, aquilo poderia ser um blefe para nos deixar subir e depois nos pegar em flagrante, mas até para isso a Carol tinha um plano como veremos.

C.: É, pô, pensei que não fosse lembrar.

P.: Claro que eu lembro, eu te vi bebezinho, sendo carregada no colo. Cresceu, mas continua baixinha.

Eu apenas ria daquilo tudo, ria tanto pela reação absurdamente inesperada do porteiro quanto de nervoso por perceber que ao menos a subida iria dar certo. Parecendo confiar de fato, ele abriu o portão eletrônico sem nem interfonar. Demos um até logo, pegamos o elevador. Enquanto minha ansiedade já pensava logo em apertar o último andar, Carol salientou: “– Calma, temos que parar no sétimo, vai que ele olha o painel do elevador.” Toda razão para ela, óbvio. Chegando ao sétimo, fomos para a escada, esperamos um pouco e retomamos o elevador até o último andar. De lá para o terraço havia mais um lance de escadas; em sua esquina, tinha uma portinhola que daria para o terraço e, no seu final, logo em frente, as portas dos apartamentos dos zeladores, com as luzes perigosamente acesas. Quando avistamos mais de perto a portinhola, percebemos que estava muito bem amarrada com um arame que, segundo ela, da outra vez que ela esteve ali, não tinha, ou seja, provavelmente eles deram conta de que piXadores haviam estado ali. Sendo mais alto e homem, ela pediu para que eu tentasse retirar. Subi no corrimão para atingir a portinhola que ficava um pouco no alto e comecei a forçar o arame que parecia muito bem apertado. Tentei, tentei, mas parece que o nervosismo naquele instante perigoso crucial

para a missão não me deixou utilizar de toda força, até que eu, mais uma vez, pensei em abortar a missão.

G.: “Não dá, vamos descer.”

C.: “Claro que dá!”

Com muito mais habilidade e segurança, Carol, mesmo com sua baixa estatura, deixava claro que o frágil ali era eu, e com toda razão. A única ajuda que dei foi segurar em suas pernas para que tivesse melhor equilíbrio. Com uma força que assustou, ela forçou, forçou, até que o arame pulou fora. Portinhola aberta, subimos para uma saleta escura, sem nenhuma luz. Acendi o celular. Havia outra porta que, esta sim, dava para o terraço de fato. Retiramos uma barra de ferro que segurava a porta, segundo ela, também não presente em sua anterior missão. A princípio, a barra foi colocada para que ninguém que viesse do terraço pudesse conseguir entrar. Quando a porta se abriu, o céu estrelado de uma noite fria paulista se revelava infinito, o vento frio que batia e refrescava aquele suor nervoso serviu de memória. Chãos de telhas, fomos, cuidadosamente, tentando fazer o mínimo de barulho até o parapeito da esquerda. Enquanto ela foi mais adiante e começava a reparar a tinta, sacolejando a garrafa PET, eu sentei na telha, retirei, só então, a câmera da mochila e comecei a filmar o preparo. Ao mesmo tempo, não parava de olhar para os prédios ao lado com medo de que fossemos vistos. Um prédio em especial me preocupava, por estar razoavelmente próximo e por ser maior, ou seja, alguém da janela ou da varanda poderia, com certa atenção, nos ver ali. Poucos minutos depois, antes mesmo de começar a pintar, avistei uma mulher na varanda. Imediatamente apaguei a luz da câmera e ficamos quietos. Felizmente, ela, logo em seguida, retornou ao interior do apartamento.

De repente, um barulho altíssimo. Era óbvio que alguém nos vira e estava abrindo as portas que fechamos. Já era! Carol vendo meu desespero, calmamente sorri e diz: “– É a casa de máquinas do elevador, calma.” Depois disso, mesmo que rindo, pedi: “– Por

favor, Carol, faz isso o mais rápido que puder!” Ainda rindo, ela aceitou: “– Pode deixar!”

Em seguida, ela pede para ficarmos mais quietos e me aponta uma janela acesa atrás de mim que ainda não tinha visto: “– É a casa do zelador, o banheiro, cuidado.” – avisou ela.

Tratei de prestar atenção nas imagens, ângulo de baixo, ângulo de cima, *close* nas mãos, tinta no telhado, rolo na tinta, Carol em primeiro plano e o abismo de 15 andares abaixo de nós. Filmei, inclusive, uma viatura da polícia com a sirene acesa passando, ao menos foi passando, e não parando. Segurando no cabo de aço da borda para me equilibrar, busquei uma imagem vinda de fora do prédio, mas o que mais me causava encanto era ver a cidade de São Paulo sob nós, um horizonte aberto em plena megalópole, ao fundo a torre da Av. Paulista servia de cenário para o corpo de Carol, que esgueirava para fora do prédio na busca de uma melhor posição. Quando já me acalmava, esperando ainda ficar por ali mais um tempo, Carol chega na câmera e diz: “– E aí, gostou?” Surpreendido, perguntei: “– Já acabou?” “Acabei, vem filmando a descida.” De fato, o alcançar o topo e o descer dele parecia mais adrenalizante que nossa permanência ali que, se fosse um pouco maior, seria até mesmo relaxante, diante daquela aparente calma ironia que a cidade insinua para quem pode vê-la de cima, pairando. Abrimos novamente a porta, com todo cuidado, fechamos pusemos de volta a barra de ferro no local, iluminei a segunda porta com a câmera para que ela encontrasse o trinco, abrimos, pés no corrimão, pulamos para a escada, relocalamos o arame, tudo parecia estar intocável. Para nossa tranquilidade, também, as luzes do zelador, antes acesas, haviam-se apagado. Descemos uns dois andares pela escada sem luz, respirações ofegantes, obviamente não era de cansaço. Apertamos o elevador, seu painel não mudava, parecia não funcionar, mas sequer ouvíamos barulho de elevador. Estava parado? Alguém estava segurando? Um barulho de chave abrindo uma porta, luzes do corredor se acendem, resolvemos descer ainda mais por precaução. Chegamos ao sétimo novamente, apertamos e, desta vez, ele chegou até rapidamente. Entramos, ainda com

a câmera na mão:

G.: Missão completa?

C.: Quase, mas tinha que ser um prédio inédito, né? Nesse eu já vim.

G.: Mas, para mim, é inédito.

C.: É, para você é!

Estávamos de volta ao térreo, faltava pouco para o sucesso completo, mas algo ainda iria entrar para a memória, não só minha, mas de Carol também. Com a porta eletrônica fechada, Carol grita pelo porteiro com um inusitado:

C.: Amor! Amor!

P.: Ô menina, você pequena assim, não vai ter voz para me gritar não. Você parece até a minha mãe, ela é baixinha assim como você.

C.: É mesmo?!

E quando eu pensava, ótimo, vamos logo embora, ela ainda diz:

C.: Esse porteiro aqui é muito sangue bom. Filma ele aqui.

P.: Isso eu sou mesmo!"

Os dois ainda se abraçaram e fizeram pose para a minha câmera. Eu, sem jeito, sem saber o que dizer do porquê de estar filmando, o que, na verdade nem precisava ser explicado, afinal, ele estava sendo simpático e topando, disse uma frase que deixava clara minha condição inexperiente, enrolado e nervoso:

G.: É, a gente está filmando aí...

E antes de irmos embora, ainda deu tempo para:

C.: Então tchau! Fica com Deus!

P.: Já vai embora mesmo? Quando vai voltar aí?

Acostumada à adrenalina, naquele mesmo momento, ela ainda tem capacidade de criar em ironia:

305

C.: Não, não, eu já volto. Vou dormir aí hoje.

Peguei no braço dela, segurando ao mesmo tempo o riso e a vontade de sair pulando, gritando pelas ruas na madrugada. Uma vontade imensa de extravasar, de ocupar o mundo inteiro com meus movimentos e meus gritos, mas ainda não era possível, o porteiro acharia estranho, era preciso manter a compostura, estávamos saindo com sucesso total. Chegamos ao bar, Marcelo já estava no caixa pagando por um sanduíche que havia comido. Ele também manteve a seriedade e não fez alarde ao nos ver, mesmo que nossos semblantes não escondessem que algo de inédito havia ocorrido. Como crianças que descobriram algo tão óbvio, parecíamos flutuar, ao menos eu me sentia assim, e fomos ainda até o outro lado do prédio para avistar, agora lá de baixo, misturados à cidade, perdíveis, a obra de Caroline, na qual também me via.

Caroline deveria, então, seguir para sua casa, enquanto eu e Marcelo voltaríamos ao hotel por outro lado, por outro caminho. Nos despedimos, um até amanhã. Nem preciso dizer que, naquela noite, graças à minha excitação com tudo aquilo e com a empolgação do Marcelo após saber de cada detalhe e, claro, de cada imagem, saímos pela noite paulista e, para ser bem comportado, experimentamos uma série de novos *drinks*, alcoólicos, obviamente. E, enquanto alguns artistas, quando da sua prisão, se sensibilizaram, promoveram abaixo-assinados e caminhadas em favor de Carol, o que não é ruim, mas também pouca ajuda, minha maneira de defendê-la, de apoiá-la, tinha sido ali escolhida na hora, digamos que foi menos burguesa, criminalizei junto, afinal de contas, assinar um abaixo-assinado e pronto pode soar como “ela está errada, piXou, mas não merecia tamanho castigo”, discurso incompatível com minha pesquisa não em vivo contato, mas em eXtrema mistura. “— Continue piXando, não deixe isso te curvar, mas não seja pega novamente, seja sagaz, escape!”. Como conduzir uma pesquisa com este discurso? Só há uma saída que eu quase não segui por total medo, criminalizar junto. Que eXXXXXXXXXXXXperiência!

Ainda sobre meu envolvimento com Carol, vale a pena, para finalizar este capítulo sobre o documentário, contar como foi nossa atuação na audiência dela. Antes mesmo de viajarmos, entrei em contato com o seu advogado, o Sr. Augusto, via e-mail, perguntando se havia a chance de não só assistir a audiência, como também filmá-la, usando como justificativa minha condição de pesquisador, mestrando de uma instituição pública bem conceituada. O advogado achava difícil que conseguíssemos filmar, uma vez que, segundo ele, a juíza que estava conduzindo o caso era bastante rígida, ruim de jogo, mas que assistir seria mais fácil, uma vez que, em tese, a audiência seria pública. Bem, como tentativa de convencer a juíza, propus ao advogado que eu escrevesse uma carta formal solicitando tal pedido a ela. Ele não só concordou como me encorajou a fazê-la, se propondo, inclusive, ele mesmo a protocolar a carta. Foi o que fiz:

Solicitação de Autorização para Filmagem

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 2009.

Excelentíssima Senhora Juíza Márcia Tessitori,

Meu nome é Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira e como estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo como título de pesquisa “Jovens eXtremos: há saberes no vácuo”, a qual é financiada pela agência de fomento à pesquisa, o CNPQ; peço, por meio desta carta, autorização para filmar a audiência que acontecerá dia 17 de fevereiro deste ano, onde estará em julgamento a ação de uma série de jovens, em especial de Caroline Pivetta da Mota, ocorrida no dia 26 de outubro do ano passado, no segundo andar do pavilhão da Bienal de São Paulo.

Como minha pesquisa se baseia muito no que se convencionou chamar, no meio acadêmico, de antropologia urbana, em especial com produções juvenis indisciplinadas, cujo cenário seja a metrópole comunicacional, a pichação ganhou papel protagonista, uma vez que é, a meu ver, um elemento muito significativo e importante para se pensarem as novas características das metrópoles. Importância evidente quando se percebe que o fenômeno não é exclusividade brasileira, mas já acontece há mais de duas décadas nas maiores cidades do mundo e, até mesmo, nas nem tão grandes assim. Neste caso em especial, o impacto é ainda mais interessante para mim como pesquisador da humanidade, uma vez que põe em cheque, uma série de regimes de verdade, aos quais, grande parte dos discursos da arte estão amparados, e, por isso, tornou-se um arsenal de possibilidades de pensamentos e discussões no meu campo de pesquisa, ou seja, das ciências humanas, da comunicação, da arte e da antropologia. Até mesmo por isso, apesar de ser carioca e residir no Rio de Janeiro, venho acompanhando bem de perto estes últimos acontecimentos da pichação paulista.

Em suma, meu interesse em filmar esta audiência se dá por dois motivos. Primeiro,

307

pois, influenciado por Michel Foucault, em especial por seus Vigiar e Punir, A Ordem do Discurso e A História da Loucura, acredito que o estudo minucioso do discurso no campo do direito e do julgamento é um histórico manancial interminável para quem se interessa por este tipo de pesquisa humana. Somando-se a isso, como segundo motivo, o fato de a facilidade do uso atual da filmagem, da captação imagética, da câmeradocumentário permitir potencializar o citado estudo do discurso, uma vez que o vincula ainda mais intimamente àquilo que jamais está desatrelado – seu cenário semiótico, importantíssimo na pesquisa contemporânea do acontecimento antropológico.

Reafirmando esta audiência do dia 17 de fevereiro como um incrível e imensurável material para minha pesquisa, desejo imensamente sua compreensão e a consequente autorização para esta filmagem destinada, exclusivamente, em todos os seus fins, ao projeto de pesquisa vinculado à UERJ - “Jovens eXtremos: há saberes no vácuo”.

Certo de sua compreensão,

Gustavo Coelho

Bem, como já se podia esperar, esse “certo de sua compreensão” parou na minha ingenuidade. Segundo o advogado, a juíza negou o pedido justificando que na sala teriam outras pessoas e que o direito da imagem delas deveria ser preservado. Como eu, de certa forma, já esperava por esta negação, ao menos, como a audiência era pública eu estaria lá dentro vendo tudo. Não foi muito bem o que aconteceu.

Chegando ao fórum criminal, encontrei o Sr. Augusto na porta, como combinado, o qual me aconselhou a entrar normalmente, como todo mundo e caso já lá na entrada para a 4ª vara eu fosse impedido por não ter meu nome na lista, que eu o aguardasse. Chegando à entrada da vara, o lugar onde estaria o “porteiro” que controlaria a entrada estava desocupado, vazio. Eu e Marcelo, então, entramos, obviamente. Quando Sr. Augusto chegou, perguntou se tinha dado tudo certo, fiz que sim e ficamos ali, aguardando que nos chamassem para entrar na sala de audiências. Para não ficarmos ali muito visíveis, dando sopa, podendo, quem sabe, por algum desconforto, sermos convidados a sair, ficamos meio que escondidos logo na sala das testemunhas de acusação. Na verdade, entramos sem saber, mas, quando o advogado, a artista, os seguranças, todos vinculados à Fundação Bial começaram a entrar na nossa sala, percebemos, mas, para nosso interesse, ficamos ali, quietinhos, de ouvidos atentos ao que eles conversavam. De todo modo, nada de muito relevante foi escutado, mas duas situações valem ser publicadas. A primeira aconteceu quando, em certo momento, nem a artista nem o advogado estavam por ali, apenas os

seguranças. Então, um comentou com o outro: “– Cara, se não tivessem me obrigado, eu nunca que viria aqui perder meu dia para isso.” A segunda situação foi com a gente mesmo, quando a artista que, por engano, estava na sala junto à Caroline e sua mãe, chegou comentando: “– Nossa que bom estar aqui, que clima estava naquela sala e eu tendo que fazer comentários do tipo: ‘está calor, né?’” Enquanto isso, nós dois só nos olhávamos e semi-riamos, até que, logo em seguida a este comentário, ela nos pergunta: “– E vocês, são testemunhas também?” Respondemos que não, que estávamos ali apenas acompanhando, mas ela retrucou: “– Mas são da acusação também?” Marcelo me surpreendendo, nem dando tempo de ela terminar a pergunta já rebateu, inclusive, com um tom de voz seguro, forte: “– Não, de defesa!” Ela se limitou a dizer, flagrando certo desconforto com sua posição: “– Ah, ta.”

Depois disso, saímos de lá e fomos direto para a sala onde estavam Caroline e sua mãe, a senhora Rosemari, com a qual já havia conversado via MSN e orkut, uma vez que meu já dito íntimo contato com Caroline, mesmo antes de conhecê-la pessoalmente, a fez me apresentar a sua mãe virtualmente. Chegando à sala, falamos o que havíamos apenas ouvido na sala ao lado e ficamos lá rindo disso, tentando, também, de alguma maneira acalmar principalmente a dona Rosemari, uma vez que Carol parecia, até certo ponto, bem relaxada e resolvida quanto àquilo tudo, apesar de um tanto apreensiva por saber que teria que falar em juízo. Foi naquela sala, também, que Caroline, ao perceber o quanto estava em dando bem com sua mãe, contou para ela o que havíamos feito juntos. Primeiramente, a mãe fez uma cara de assombro, mas comecei a conversar sobre a piXaçãO no tom deste trabalho aqui e, ao final de tudo, mesmo sabendo de minha aventura com sua filha, chegou a me deixar um depoimento via orkut que dizia: *“Oi!! Espero que estejas bem!!!! Sei que nos vimos apenas uma vez, mas me deixaste uma ótima impressão. Assim, por conta disso, desejo que sejas abençoado constantemente, em tua caminhada, mas especialmente hoje.*

Que Deus te ampare segundo teu mérito e tua necessidade e que tenhas sempre saúde, harmonia e muito boa vontade em tudo que fizeres, para que o sucesso também faça parte de tua vida! Grande abraço!!!!”

Antes de a audiência começar, fomos informados que nem mesmo assisti-la seria permitido, sob a desculpa de que a sala era pequena, não comportaria a gente, além de que, se nos deixassem entrar, teriam que deixar também os jornalistas. Bem, me parecia estranho, uma vez que, se, de fato, a audiência é pública, o tamanho de sua sala passa por cima de sua condição pública? Torna-se impedimento? Se a sala não comporta uma audiência pública, o que fazer para que a coisa continue sendo legal? Impedir a sua publicização ou mudar para uma sala maior? De todo modo, perguntei à secretária da vara se todas as audiências que tinham ali impediam assim a sua publicidade ou se era algo especial daquela, e não é que ela, honestamente, sem titubear disse: “– Você tem razão, só está acontecendo nessa.” Sendo sincero, me deu muita vontade de invadir, mas eu sabia que aquele ato, vide minha simpatia com Caroline, poderia submetê-la a uma posição de ainda maior fragilidade e risco do que a que ela já estava, portanto, resolvi me acalmar. Mesmo assim, algo ainda me tiraria do sério. Logo depois que Caroline foi chamada até a sala para ser interrogada, sua mãe quis beber água, mas o bebedouro ficava apenas do lado de fora da vara. Na inocência, ela foi, mas, quando voltou, foi impedida de entrar pelo porteiro que, naquele momento, já ocupava seu lugar e permitia ou não a entrada de pessoas ali, paradoxalmente, um lugar legalmente público. Quando vi que ela chorava na porta querendo entrar para estar, de certa forma, mais próxima à sua filha, aí sim fiquei enraivecido. Fui tirar satisfação com porteiro, justificando que aquele lugar era público, se ele não sabia disso e por que ele impedia ela e não me impedia. Ele só sabia dizer que eu tinha que ficar quieto, que ele não queria se estressar comigo. Pois bem, na porta da audiência, havia dois policiais militares, fui até eles e perguntei: “– Este espaço aqui é público, certo?” E um

dele prontamente me respondeu: “– Sim, o senhor tem toda razão.” Aproveitei e emendei a anterior dúvida: “– E a audiência, também é?” E ele repetiu: “– Sim, senhor.” Continuei perigando: “– Então, se eu resolver entrar, o senhor não vai-me impedir, certo?” Mais uma vez ele me encorajou: “– Sem problemas, o senhor pode entrar, é claro.” Então, pus a mão na maçaneta, abri a porta e visualizei a sala toda por poucos segundos. Não queria atrapalhar, apenas entrei e disse: “– Augusto, expulsaram a mãe da Carol daqui, cara!” Ele me mandou um sinal de positivo com o polegar, indicando que estava tudo bem e que, a meu ver, podíamos, ao menos naquele momento, ficarmos tranquilos. Quando Carol soube que sua mãe estava chorando por não poder estar mais lá, ela se transformou, chorando inclusive de raiva, chegando a dizer bem alto: “– Quem foi que fez minha mãe chorar? Podem até me fazer chorar, mas com a minha mãe nego não vai mexer!” Como percebi que, se ela perdesse a compostura, aquilo poderia testemunhar contra ela, eu, Marcelo e, em seguida, o assistente do Sr. Augusto passamos a acalmá-la. Este último, inclusive, alegando que tínhamos que ficar calmos, pois tudo estava caminhando muito bem, em breve aquilo tudo iria acabar. Logo que acabou, portanto, solicitei à secretária que ela pedisse à juíza, que fizesse um documento oficial afirmando as justificativas por ter negado a nossa presença na audiência. Surpreso, mas nem tanto, fiquei quando a secretária, constrangida, veio me dizer que a juíza pediu para me informar que se negava a fazer tal documento.

Ao final da audiência, cujos detalhes já trabalhei acima a partir de seus documentos escritos, me despedi de Carol, marcamos de nos encontrar à noite e ela saiu por alguma saída alternativa, em carona com uma conhecida do seu advogado. Antes de sairmos de lá, fomos até a diretora da vara para fazer uma reclamação e esclarecermos se, de fato, as audiências são públicas. Segundo ela, em suas palavras, “– Não são tão públicas assim.” O que seria algo legalmente “não tão” público assim? Como justificativa ela disse que aquele fórum não tinha auditório, o que para mim, significa que possíveis limites de espaço

valem mais do que a lei que publiciza a audiência judicial. Comuniquei a ela, também, sobre a negação dada pela juíza em produzir o documento pedido, e ela confirmou que ela não tem obrigação alguma de produzir este tipo de ofício.

Sáímos da vara, encontramos com Rosemari e mais duas amigas no *hall* de entrada do fórum. De lá de dentro, já avistamos o Sr. Augusto dando entrevista para uma série de jornalistas em frente à portaria de entrada. Fomos, então, saindo e tentando camuflar a dona Rosemari que, com toda razão, não queria ser reconhecida, não queria passar pelas penosas perguntas jornalísticas que não ajudariam em nada a sua filha, pelo contrário, a exporia ainda mais. Pusemos o chapéu larguinho de lã de sua amiga na cabeça dela e, lá de dentro, traçamos um caminho por onde a fuga fosse mais fácil. Ela saiu, portanto, abraçada à amiga, pelo lado direito dos jornalistas, que sequer a viram.

Sr. Augusto ainda respondia algumas perguntas quando nos aproximamos dele. Deu tempo, então, de ouvir uma bela resposta a uma pergunta que revela bem a milimétrica capacidade intelectual do jornalista que a fez. “– Ela, em algum momento, se mostrou arrependida?” Augusto rebateu com certa dureza misturada com beleza: “– Você já viu algum artista se arrepender de sua obra?” Estávamos ali naquele bolo de jornalistas, também com uma câmera na mão, quando um deles, talvez me julgando conhecido de Caroline pela minha proximidade com Augusto e, também pelo meu braço tatuado perguntou: “– Você sabe por onde a Caroline saiu?” Poderia ter respondido com mais ironia, mas, na hora, não fui tão criativo e disse um simples e seguro “– Não”. Fiquei por ali e escutei este mesmo jornalista conversando com seu amigo câmera:

Jornalista: Pô, o cara vai ficar puto com a gente, não conseguimos imagens dela.

Câmera: Fica tranquilo cara, ninguém conseguiu.

Imagina só, se eles soubessem que, no HD da câmera que estava em minhas mãos,

tinha armazenado não só cerca de 40 minutos de conversa com ela, mas também, minha ação junto dela, o que seriam capazes de fazer por este material. Lembrando ainda que, no dia anterior à audiência, Caroline disse ter recebido uma oferta de um jornalista televisivo, oferecendo mil reais para que ela deixasse ser filmada em ação. Agora, imaginem o poder de uma imagem dela em ação um dia antes da audiência. Ganhar mil reais para baixar a guarda? Para dar armas nas mãos de quem, fatalmente, as usaria contra ela? Cara de otária? Mesmo passando um aperto danado, habilmente, ela não se encantou por tão pouco, afinal de contas, quanto vale a sua obra?

Finalizando nossa estadia em São Paulo, no último dia, ainda passeamos com ela por vários lugares alternativos, sempre com uma cerveja à mão. Paramos, então, em um bar, justamente na mesma rua do prédio que filmamos juntos, e passamos um bom tempo conversando sobre uma série de assuntos, inclusive sobre seu tempo dentro da cadeia, suas angústias. Agora, se ela não quis falar sobre isso quando a entrevistamos com a câmera ligada, mas se abriu intimamente em uma conversa de botequim, não pensem que terei aqui, o descolamento e a frieza jornalística de publicar tudo o que ela me disse. Pesquisa misturada não é simples documentação, não é caça de material, não é medida pela quantidade de achados, mas pela densidade da experiência de vida, ou melhor, nem é mensurável. A vida ainda nos gruda. Poderia nem falar nada, mas, ao simplesmente indicar aqui uma intensificação de nossa intimidade, não indo além, parando por aí, deixo evidente essa responsabilidade e a condição nada completa de tudo o que aqui possa ter sido ou ainda ser escrito-filmado.

8.. 0 dia em que piXadores invadiram a UERJ

Seria bom se a palavra “invadiram” estivesse sem aspas, seria mais potente, mas, de todo modo, não atingiria a ideia da abertura de um espaço para conversa, uma vez que tal ato seria visto imediatamente, sem a menor sombra de dúvidas (vocês têm alguma?), como mais uma prova não só da sua criminalidade, mas da nossa justificativa, mais uma vez, evidente, em exterminá-los. Desta maneira, resolvi propor ao Paulo o que eu já tinha total certeza que ele toparia, afinal de contas foi suficientemente corajoso para não atrapalhar minhas aventuras e os riscos corridos durante esta pesquisa, este seria apenas mais um, e, com certeza, um dos mais fracos. Fraco perante o risco à vida física, porém potentíssimo se pensarmos o quão inédito isso pode ser, o quanto levei ao eXtremo a experiência de pôr em convívio lógicas de pensamentos, formas de conhecimento e processos de identidade tão – aparentemente – diferentes, ou, sendo mais enfático, tão incompatíveis à primeira vista. Onde já se viu um piXador, ou melhor cinco piXadores e uma piXadora serem convidados para participarem de um encontro acadêmico, de um grupo de pesquisa reconhecido pela Capes, CNPq e afins? Deveriam convidar pós-doutores ou não? Mas vocês convidaram grafiteiros, né? Não! PiXadores mesmo, daqueles que riscam tudo e você não compreende nada, sabe? Mas o que esse bando tem a dizer de interessante? Onde a universidade vai parar? A Capes deveria saber disso!

Com a ideia dada ao Paulo, prontamente aceita com uma empolgação evidente, alimentei ainda mais meu ânimo e coragem para tornar este acontecimento, de fato, real. Imagina o quanto perderia um orientador medroso? Uma pena, posso ser grosseiro e leviano, mas, pelo cheiro que sinto em alguns corredores, me parece que são maioria. De todo modo, isso pode estar também a nosso favor, assim, a coragem eXtrema torna-se rara, própria dos melhores vinhos, ou para homenageá-lo mais uma vez, Paulo, daquelas cacha-

ças paraibanas perigosíssimas que, para você, não passam de inofensivo cotidiano (se é que existe cotidiano inofensivo).

Chega de bajulação, afinal de contas estas sérias linhas de dissertação não são espaço para isso, só naquelas primeiras páginas entre uma folha em branco e outra – os agradecimentos (certo, configuradores?).

Retomando, assim, sem deletar o que deveria ter sido para tornar o texto mais conciso, comecei a entrar em contato com o pessoal que eu tinha maior proximidade, intimidade e confiança. Comecei o convite ainda meio medindo as palavras com medo que eles se assustassem com a proposta, mas, de fato, eu estava enganado, acho que só se espantariam se conhecessem, de fato, a academia. Neste sentido, como o poder acadêmico não tem lugar algum na vida deles, o seu significado se dilui e, assim, os convites foram todos aceitos de imediato, demonstrando, inclusive, uma forte vontade de se jogar mesmo, de se pôr à prova, em conversa. Era evidente também a confiança que tiveram em mim, e isso era de fundamental importância para minha posição de ponte naquele momento. Como prova de afeto, simpatia e em resposta pela confiança depositada em mim que, mesmo não comentada, ficava cada vez mais evidente, eu seria como um sentinela naquele encontro, como um guarda-costas, era preciso estar extremamente atento a todos os discursos, especialmente as inevitáveis reduções e simplificações tão comuns nestas situações de incompreensão.

Aos poucos, foram todos confirmando presença, menos o Nuno, uma vez que o horário do encontro o impediria de trabalhar. Portanto, inclusive como pôde ser visto anteriormente em uma postagem no *fotolog*, Runk, Tokaya, Tatá e Nath confirmaram presença, mas como isso de manter o previsto, de pedir permissão não é muito a deles, a Nath trouxe, por conta dela, mais dois piXadores ali das redondezas da UERJ, o JJ e o Tigre, logicamente, super bem recebidos também. Ingenuidade a minha esperar que tudo fosse

como combinado, ainda bem que não foi. Cheguei, portanto, alguns minutos antes ao local combinado (na frente mesmo da UERJ), logo depois chegou o Tokaya (grande tricolor, como eu e... meu orientador! Já ia esquecendo!), e já chegou perguntando se eu estava com a câmera fotográfica em mãos, por sorte, por metodologia ou por filosofia, de fato, eu estava.

– Tenho um topo bem aqui em frente, junto ao nome do Vinga. Fotografa lá para mim.

Como tínhamos um tempo e era bem ali na frente, atravessamos a rua até o canteiro central e, de lá, fiz umas 3 ou 4 fotos.



No topo, já meio apagado, o nome do VINGA, e, logo abaixo, os de Bola, Tokaya e Tas.

Retornamos ao local indicado e ficou prometido que eu enviaria por e-mail para ele assim que desse – promessa cumprida no dia seguinte. Com um mínimo atraso mais que normal para quem anda olhando em diagonal, apontando e lembrando de seus amigos e aventuras, chega Nath com seus dois convidados e me pergunta, creio que já sabendo da resposta afirmativa se eles também podem participar – alguma dúvida? Logo em seguida chega Runk, à primeira vista com um ar mais misterioso, sombrio, talvez com certa timidez misturada a uma – plenamente justificável – desconfiança. O tempo passava e nada de

o Tatá aparecer, liguei para ele e, por alguns outros problemas, ele chegaria meia-hora atrasado, estava ainda em Bonsucesso, no ônibus. Resolvemos subir, começar a conversa e deixar que o Tatá entrasse no meio mesmo, pedi para que ele me ligasse assim que chegasse.

Durante o caminho até a entrada, Runk me confessou que tinha uma certa relação com UERJ. Quando tinha uns 14 anos de idade, havia trabalhado como funcionário da UERJ, no NUSEG.

– Fazendo o que Runk?

– Ah, tudo, entregando documento, tirando xérox, qualquer coisa. Tenho um grande sonho de piXar isso aqui, e olha que dá hein!

Neste momento, pensei: “Será que essa galera está pensando em piXar isso aqui logo hoje?” Fiquei num misto de animação, receio e ansiedade, afinal de contas quem os convidou? De todo modo, tal tensão era não só esperada, mas bem-vinda, afinal, como tê-los ali sem nenhuma tensão, seria frustrante. Bem, então pegamos o elevador e começamos a fazer, de um modo mais seguro, o que eles já estão acostumados, ou seja, subir até o 12º andar. Chegamos, começamos a subir a rampa e o visual lá de cima já os encantava, de fato, a UERJ possui uma posição privilegiada e nem se dá conta – de um lado o Maracanã, do outro o Morro da Mangueira, à frente Vila Isabel, Pico do Papagaio e a Serra para Jacarepaguá. Bem, infelizmente tínhamos pouco tempo para curtir a vista, fomos então em direção à sala de reunião do grupo. Devo confessar que, desde o começo da ideia, eu estava eXtremamente receoso quanto à participação e presença do restante do grupo, afinal de contas, apesar das minhas constantes falas que, de certa forma, com algum alcance, já faziam muitos pensarem um pouco diferente o fenômeno da piXaÇÃO, ainda assim, a presença ali, frente a frente, ou melhor, lado a lado com os atores daquela artistagem proibida produziria efeitos de tensão, desconfiança e, talvez, até certo medo,

que não havia como eu calcular ou prever. Isso, na minha cabeça, poderia tanto atraí-los, afinal seria uma experiência inédita, como afugentá-los, acovardá-los, uma vez que, muitas vezes é natural que evitemos encontros com este grau de desconforto. Bem, assim que cheguei ao corredor, só avistei Paulo. Pronto, meu receio se concretizara, seria um encontro só entre mim, Paulo e a galera do Xarpi, ou seja, um tremendo fracasso, vergonhoso. Para meu alívio, isso durou pouco, assim que cheguei perto, já avistei o restante do pessoal que, a meu ver, estavam juntos em outra sala ou algo assim. Após a sempre calorosa e simpática recepção do Paulo, fomos entrando e ocupando nossos locais naquela mesa meio quadrada, meio redonda. Estavam presentes, além de mim, Paulo e a galera do Xarpi – Paula, Cleonice, Ney, Winston, Andréa, Brown, Melissa, Bruno e mais alguns que minha memória acabou vacilando. Assim que entramos, já liguei meu gravador de som. Na verdade, meu desejo era filmar, mas já sabia que não seria possível, uma vez que, no convite feito semanas antes, pedi a eles permissão para filmagem, o que causou um certo desconforto, especialmente no Runk, preferindo não permitir. Sem problemas, meses depois, afetos e confianças mais estabelecidos, eu conseguiria imagens sensacionais...

Runk e Tokaya estavam de boné e, assim que se sentaram e as demais pessoas começaram a entrar na sala, como reflexo daquela tensão inicial, do encontro forçado entre diferenças e lógicas eXtremamente diversas, abaixaram as abas de seus bonés, aproximando, ao mesmo tempo o pescoço do peito, cobrindo quase toda a face, permitindo a nós enxergar, basicamente, em meio a sombras, as suas bocas. Tal gesto, ao mesmo tempo que refletia os medos e agonias, também os alimentava, os potencializava. De todo modo, os únicos que se espantaram com aquilo fomos nós, enquanto o restante da galera do Xarpi sem boné começou a rir deles e a zoar – Coé Tokaya, tá com medo? Por debaixo dos bonés, em meio àquela sombra, o que se podia ver era um sorriso, uma risada, aliada a um balançar de tronco, um riso contido, mas irrefreável. Em meio àquela figura que causava

certo espanto, toda coberta em tons escuros, rosto quase totalmente escondido em sombra, que aumentava as distâncias, seus sorrisos, sua incapacidade em manter a seriedade, o barulho contido de suas risadas flagravam sua humanidade, nossa proximidade frente ao diferente, o desconforto que não era só dele, mas nosso também. Era o momento de pôr a metodologia-filosofia em prova.

Ainda com os bonés abaixados, antes mesmo de a conversa começar de fato, o amigo Winston retira da bolsa sua câmera de filmagem, imediatamente, em respeito ao que combinei com o Runk, fui até ele e comuniquei o que eu havia combinado com a galera. Pedido feito, pedido aceito, lá fomos nós mergulhar na conversa.

Comecei pedindo a palavra, afinal de contas, meu papel ali, como ponte, era justamente este de estar atento às falas e tentar, de alguma maneira, intervir para que a conversa acontecesse, não no sentido de manter a harmonia e o clima ameno, a meu ver empobrecedor de encontros assim, muito pelo contrário, justamente de animar, de dar vida às tensões. Em outras palavras, tornando o encontro perigoso para quem chegasse nele com pensamentos já previamente bem construídos, estáticos. Mesmo que saíssem daquela sala com o mesmo pensamento que entraram, mas que, a partir de então, ao reafirmá-lo, histórias e momentos daquele dia viessem à mente, pondo em risco a segurança do discurso.

– Antes de qualquer coisa, este encontro é super significativo para mim, uma vez que, estamos aqui semanalmente no grupo sempre falando em respeitar o outro, em legitimar o que o outro diz, em conviver com outras lógicas de pensamento e de conhecimento, mas tudo é muito confortável quando falamos somente entre nós que, apesar de sermos diferentes (e como!), em certa medida, não alcançamos o eXtremo da diferença de lógica, afinal de contas, quem aqui, apesar de todo o peso e cafonice que ela tem, não quer seguir uma carreira acadêmica? Portanto, hoje, com certa audácia e coragem, ou melhor, com toda saúde, convidei essa galera do Xarpíi tão criminalizada, violentada e marginalizada não só para que conheçamos a experiência de vida deste pessoal, mas para que ponhamos em risco nossas lógicas, para que flagremos a incapacidade, a incompletude e os vacilos de nossos discursos tão bonzinhos

de igualdade. E não só isso, é preciso marcar também este dia, mantendo a sua proporção micro, como uma atividade, uma ação que, em certa medida, rasga os muros da universidade, amplia seu alcance, mostra sua urbanidade, o, mesmo ainda quase apagado, poder de promover o imprevisível, ao passo que também a põe em risco, risco de tornar-se conhecida – talvez o maior risco para sua grandiosidade. Quanto perigo!

Após minha fala, propus que, quem se achasse confortável, começasse a apresentar o Xarpi para “nós”, cujo contato com esta cultura, fora as óbvias relações urbanas, na maioria das vezes superficiais, se limitava ao que eu já havia dito durante os outros encontros. Tokaya (ainda com o boné abaixado) tomou a palavra e se preocupou, basicamente, em retirar do Xarpi o peso de ser uma cultura de “moleque revoltado”, de “marginal”.

– O pessoal pensa que piXador é só aqueles moleques da favela, revoltado. E hoje em dia, podem ver aí, a maioria tem família, tem casa, tem estudo, tem trabalho, e piXa mesmo porque gosta da arte de ver o nome dele ali espancado na parede. A gente gosta de ter nome mais alto que o do outro, de ter mais nome que o do outro. Então, antigamente o piXador era visto como um cara revoltado, e hoje não, piXa quem gosta mesmo, é cultura mesmo, é diversão.

E completa:

– PiXador é maluco porque gosta de fazer aquela arte ali, mas maluco também tem uma porção por aí e muito pior.

O quanto essa primeira fala, ainda mais tendo sido escolhida como a primeira, como fala de abertura e apresentação, revela um conhecimento de uma lógica de civilidade, cuja legitimidade do discurso só será ouvida ou legitimada caso seja pronunciada por alguém que nem seja revoltado e muito menos um marginal? Não há, portanto, discurso interessante, não há sequer experiência em quem é revoltado, em quem é marginal? Mais uma vez, ousou dizer o quanto se perde! De todo modo, é significativo pensar que este discurso é bem comum a qualquer cultura indisciplinada, fora dos padrões do bem-estar.

Quantas vezes já vimos tatuados skatistas, metaleiros, camelôs dizendo, especialmente em situações em que se encontravam diante de uma pessoa de fora de sua cultura, ou pior, ignorante à sua cultura, muitas vezes jornalistas (se não são, fazem papel de): “– Não somos marginais, as pessoas precisam perceber isso”. Aos meus ouvidos soa como “se fôssemos marginais, vocês tinham todo o direito de nos extirpar deste mundo”. De todo modo, é interessante o conhecimento de que, ao se desvincular da marginalidade, seu discurso passa a ser interessante, ou melhor, legítimo, digno dos ouvidos mais civilizados, digno de aprovações e estudos acadêmicos. Em outras palavras, põem, ao menos, um pezinho na nossa lógica cidadã, e ficamos super satisfeitos com isso! E como! Pode-se até escutar um suspiro de alívio. Não precisamos mais matá-lo. Toleraremos! Mãos limpas!

Tokaya, logo em seguida, fez questão de dizer que, apesar desta busca pelo lugar mais alto e pela maior quantidade de nomes pela cidade, a maior parte dos piXadores acabam virando amigos, mesmo que, em alguns casos, esta rixa ganhe maiores proporções resultando em algumas brigas. De todo modo, as reús, os churras, isso tudo é forte indicativo do caráter agregador desta cultura, da vontade de pertencer e de estar junto. Na época deste encontro, as reús da Penha estavam acontecendo dentro do *shopping* da Penha, na praça de alimentação, local seguro, mas que inibia a ação dos piXadores, afinal de contas, piXar dentro do *shopping* toda semana, no mesmo dia e horário, não seria audácia nem coragem, mas burrice. Brown, então, sem entender muito bem, perguntou justamente isso:

– E aí como é que fazia na hora de fazer a piXaçãO? Era dentro do próprio *shopping*?

– Não, não, no *shopping* é só a réu. Onde as pessoas se reúnem para poder trocar ideias e informações. Beber uma cerveja, confraternizar – disse Runk.

Quando ouvi a palavra “cerveja”, já olhei pro Paulo. Por que será? De imediato ele interpelou:

– Ah, esse negócio de cerveja eu gosto.

Estava quebrado o gelo, Runk não só perdeu o ar sério como, mais que sorriu, gargalhou, e alto. Bonés já uns 2 ou 3 centímetros levantados. Já era possível, quase claramente, avistar seus olhos.

– Inclusive, hoje este encontro quase foi no meu escritório – um barzinho que tem aqui na frente – continuou Paulo.

– Pô! Bem que podia ter sido! – continuou rindo Runk.

– Hoje é terça-feira, e toda terça é dois por um, então, com certeza, depois daqui iremos para lá. Todos estão convidados.

O riso e a gargalhada já não era mais só do Runk, tomou a sala, soava quase como um alívio dos dois lados. Sobrevivemos! Talvez neste som tão primitivo, animalesco nosso, também ressoava a ironia daquele encontro estar tomando um lugar tão aparentemente inapropriado. Uma sala fechada, ar condicionado ligado, corredores vazios (estávamos em greve), e ali uma sensação de encontro ilícito. O que piXadores têm a dizer num/para o ambiente acadêmico? Num programa de pós-graduação em educação? Se ainda fosse em arte! (eu diria, muito menos lá!). O mundo virou de pernas pro ar, “tá tudo dominado”, “é tudo nosso”, “estamos juntos e misturados”. Não deveriam ter este privilégio, diriam alguns, outros, já doutores, os invejariam, gostariam também de ser convidados a dar palestras na UERJ (estes, mais facilmente se incomodariam com gargalhadas durante suas falas). Naquele momento, aquela inversão de lógica, doutores, doutorandos, mestrandos, coordenadores estavam ali, mesmo com a greve, para prestigiar os arteiros, piXadores. Talvez por essa despudorização acadêmica, a sala, os corredores, tudo amplificava aquelas gargalhadas. Era possível sentir uma vibração no chão, a UERJ parecia não conseguir segurar seu riso perante tal constrangimento, em desequilíbrio, a gargalhada, a tremedeira dos corpos reequilibrava a alma. Poucos viram, mas eu juro, ao final do dia, a UERJ, olhada lá de baixo, do ponto de ônibus parecia muito mais bem-humorada, ao menos para

mim.

Antes de continuarmos, Runk pareceu ainda não saber muito bem, ainda, o que era aquele espaço, quem eram aquelas pessoas, o que estávamos fazendo ali. Inteligentemente quis saber, afinal de contas, isso seria importante para segurança de sua cultura, era preciso, ao menos, ter uma ideia de quem eram aqueles que conversavam com ele:

– Isso aqui então é um grupo de estudo que vai resultar, então, em um trabalho acadêmico?

Paulo tomou a palavra e explicou que aquilo era um grupo de pesquisa baseado, grosso modo, no estudo das imagens, mas que cada um tinha um projeto individual relacionado, de alguma maneira, com a imagem, seja ela fotografada, filmada, desenhada, pintada. O assunto Xarpi, portanto, ficou claro que era um projeto meu, mas que o grupo servia como uma maneira de discussão, de troca de ideias e que, por isso, os convidei, afinal, me parece urgente nos pôr em conversas assim arriscadas, ainda mais com quem vivencia e é ativo no intenso fetiche imagético-comunicacional que, hoje, mais do que nunca, constitui a cidade. Tudo, mais ou menos explicado, parecia que a tensão já havia diminuído de todos os lados, as cadeiras pareciam até mais confortáveis que há 10 minutos atrás.

Ney Trevas (tenho inveja deste sobrenome, o que seria de um coelho em meio às trevas?), o matemático do grupo, contou que, no dia anterior, já sabendo sobre o encontro com os piXadores, estava com seu filho no carro, voltando para casa, quando lançou um desafio a ele – contar quantas piXações haviam até a casa deles (um percurso de cerca de 4 minutos). Frente à grande quantidade, tiveram, inclusive, que diminuir a velocidade do carro, alterar a naturalidade e eficácia de seu percurso, da mesma forma como os piXadores em seus passeios e escoltas pela cidade. **(ver p. 92)** Após a contagem chegar a exatamente 232, o filho cansou e disse: “– Pai, são muitas mesmo, então, chega”. Não teve como, os

piXadores riram muito desta proposta, afinal de contas, para eles, é mais que óbvio a impossibilidade de a contagem ser feita – mas ele é matemático. Paulo, a partir desta história, lembrou que, Há alguns meses, estivera em Portugal, numa viagem destas com objetivos acadêmicos (mas nunca só acadêmicos):

– Fiz um passeio de trem de Lisboa até Cascais. Então, nesta linha de trem, de um lado e de outro, são casas, inclusive casas de veraneio, de pessoas com poder aquisitivo alto. Não tem um muro sem uma marca, é impressionante! Nenhum!

Nath, aproveitando a deixa, põe em cena seus conhecimentos de mundo e de Xarpi, atrelada às possibilidades do digital e do virtual. Afinal de contas, principalmente por *fotolog*, ela conhece pessoas de Portugal, Inglaterra, Holanda e nas palavras dela, “até do Marrocos” que fazem e se interessam por isso.

– Lá (na europa) eles chamam de “tag”. Eles se interessam muito por isso. Eu nunca fui para à Europa, mas eu sei o que acontece lá. Londres, Paris. Paris está cheia. Até no Marrocos, com uma cultura tão diferente, você vê.

Mudando de assunto sem nenhuma preocupação em fazer pontes, como a filosofia-metodologia da conversa deve ser, Nath retoma algumas tentativas de definição para a piXaÇÃO.

– O porque é uma coisa do ego né. Você piXa porque... (pequeno silêncio típico de perguntas irrespondíveis)

– Pela aventura também, né? – interrompe ou ajuda Brown.

– É a adrenalina. Você mora num bairro da Zona Sul e vai até a Zona Oeste piXar. Aí alguém chega e comenta – “poxa vi seu nome lá em Bangu.” – e vem outro e diz “poxa, vi teu Xarpi em Copacabana”. Se sente um respeito das pessoas do meio.

– O que ela disse é interessante, a adrenalina. – comenta Tokaya. Muita gente confunde a piXaÇÃO com grafite. Um grafiteiro pode chegar na gente e perguntar: “Vem cá, porque vocês não passam a fazer grafite?” – Bem, não é a mesma coisa a adrenalina. O grafite você pode fazer meio-dia, passar um tempo, todo

mundo passa e ninguém vai te perturbar com nada. Já o Xarpi na madrugada, é uma adrenalina danada e é isso que dá a emoção da parada, sabe qual é? O grande barato é ser ilegal. A maioria dos grafiteiros, se você for perguntar para eles, querem ser piXador cara. Não é o piXador que quer ser grafiteiro, é o inverso.

– Tem grafiteiro que também taca nome. – interrompe Nath. Tipo, está grafitando aí começa a pensar, vou tacar um nome, vou piXar. Tem bastante grafiteiro que também é piXador, e muitos.

E ainda tem gente, educadores de mão cheia, que acreditam piamente no domínio da técnica como maneira de ajudar na domesticação de uma fúria juvenil. E ainda chamam isso de inclusão ou coisas do tipo.

– Tokaya, retomando o que você disse sobre o piXador não ser mais aquele menino revoltado, você acha que isso mudou só para vocês ou você percebe que está mudando para quem está de fora também? Porque a primeira coisa que minha vizinha gritou quando viu o seu muro piXado foi – “devem ser uns revoltados da vida para fazer isso com a casa dos outros!”. – Ney faz a conversa se mover, idas e vindas, sem começo nem fim.

– Não, muda sim. Você vê aí, quando a gente começou a piXar eram só aqueles moleques, os mais ratões do mundo. Eram só os ladrõezinhos da favela, os drogados, os viciados.

Paula resolve interromper, azar o dela:

– Eu tinha essa dúvida, porque eu não via meninos pobres piXando, só rapazes bem alimentados com dinheiro para comprar os melhores *jets*.

Imediatamente Tokaya não a deixa continuar.

– Muito poucos! Na piXação, tem os melhores e os piores. Os melhores, os que subiam mais, os que tinham mais nome, eram sempre os mais ratão, os da favela. Os que não tinham nada a perder, os mais revoltados mesmo. Nem compravam *jet*, roubavam mesmo.

– E antigamente tinha, também, o *desodorjet*. – emendou Nath. Pegava a embalagem do desodorante e colocava uma tinta qualquer, porque a tinta era muito cara. Hoje em dia, uma lata de tinta é 7 reais.

– Hoje, você vai numa loja de tinta, compra 8 latinhas por 50 reais e, porra,

acaba com metade de um bairro – disse Tokaya.

Frente a uma fala destruidora dessas, como se comportar? Talvez o receio de ir contra estes desconhecidos, ou por respeito ao meu trabalho, ou por ficar sem saber o que pensar mesmo, nestes momentos, a única coisa que se ouvia eram mais e mais risos. Não sei dizer muito bem quais risos eram por achar de fato engraçado, por achar constrangedor ou apenas por medo de pôr, honestamente, seus fascismos à mostra. Muitos ali, provavelmente, desejam o fim dos piXadores, com todas as forças, mas, por alguma vaidade acadêmica, continuam sorrindo, talvez isso lhes dê uma chance a mais no doutorado ou no mestrado. Alguns podem até estar aqui, presentes nesta sessão de defesa, batendo palma ao final, me cumprimentando, inclusive. Por isso, prefiro os fascistas honestos, aqueles que, durante as minhas falas, me interrompem e digam: “Mas se for na minha casa, eu meto é bala.” Fico, extremamente puto, minhas veias pulsam, parto pra cima, mas, de todo modo, ao menos assim, são abertas as conversas mais perigosas, as francas, as no limite, as que mais valem a pena. Diferente daqueles que, em estado de pausa, só riem por rir, em invisível defesa, estáticos, fascistas do pior tipo, covardes que só sabem trabalhar em silêncio, camuflados por uma, terrivelmente nefasta, simpatia beata. Agora, dou esta chance a você que, ao ler isso, se identificou, venha falar comigo, interrompa minha defesa, peça a palavra, me incomode, ao menos uma vez!

– Com é que é seu nome mesmo? – perguntou Runk.

– Ney.

– Ney, retomando a sua questão, o piXador é o seguinte, quando ele vai colocar o nome dele em algum lugar, ele não visa assim – ah é a casa, ah é o muro, ele visa a pedra, o tintão, o concreto, a lajota. Não é aquele muro de pedra da casa de não sei quem, é só a pedra. A gente não tem essa visão de ah, é a casa de alguém. Não é para agredir, é uma atração.

Super significativo para mim ele ter atribuído à plataforma, à superfície visual da cidade, o fenômeno da atração, fazendo referência, mais uma vez, ao fetichismo visual

que compõe o grosso de nossa experiência urbana contemporânea, lembrando, também, do conceito de *atrator* de Massimo Canevacci, desenvolvido mais profundamente na **p.55**. De todo modo, não poderia ser Runk o autor deste conceito? E não o foi? A juventude e sua indisciplina mostram, mais uma vez, o quanto ela pode antecipar estudos antropológicos, o quanto ela pode conviver cotidianamente com seus conceitos, sem nem proclamá-los como tal. Tudo é tão óbvio.

Passando batido por isso, uma vez que nos debruçaremos sobre o tema mais adiante, continuando no papo, Runk põe em cena uma nova possibilidade para o entendimento do *Xarpi*, possibilidade esta que o afeta, e, utilizando a mesma palavra, o atrai. O *Xarpi* pode ser, também, alimentado por um possível vício referente ao cheiro da tinta:

– O *Xarpi* também está muito relacionado com o que está dentro da lata que é a tinta. Aquilo ali, pra mim, aquele cheiro da tinta mexe com a gente, entendeu? Com a nossa sensibilidade, aquilo me atrai. Na minha visão, o *Xarpi*, deveria ser tratado como questão de saúde pública porque mexe com a nossa fisiologia, aquele cheiro.

Paula entra em cena novamente:

- Na verdade cria-se uma dependência?
- Pó, é um vício mesmo – responde Runk.

Agora é a vez do Paulo lembrar suas audácias.

– Psicologicamente, a adrenalina vicia mais que o cheiro de tinta. Eu sei porque eu fui alpinista, eu escalava, eu também ia para as alturas. Só não levava a tinta.

Bem, fico pensando, aqui, também, pois sei que Runk, mesmo durante o tempo em que esteve parado, continuou mexendo com *jet* de tinta, uma vez que pintava as letras de sambas enredos de escolas de samba. Isso me faz simpatizar mais com o poder da adrenalina viciante, mesmo entendendo que tudo o que constrói o cenário de um tipo de adrenalina,

se associa a ela, seja o visual para um alpinista, seja o gosto salgado do mar para um surfista ou o cheiro da tinta e o barulho da lata para um piXador, portanto, assim como o conhecimento, mesmo sem qualquer embasamento fisiológico, posso dizer, como quem não quer nada, que os vícios também podem-se dar em rede, e provavelmente têm uma ligação íntima com afetos e memórias.

Paulo, talvez achando este papo fisiológico meio pouco interessante, pediu a palavra e, após dizer que, com a minha pesquisa, estava começando a dar mais atenção a este fenômeno e tinha passado a pensar de maneira diferente, afirmou seu incômodo maior quando via monumentos históricos, patrimônios culturais piXados.

– Inclusive, na Europa, vi muitas piXações, mas pouquíssimos monumentos piXados, pouquíssimos.

Mesmo eu vendo nestes atos contra monumentos e patrimônios fortes indícios super significativos para se pensar até que ponto a cidade nos reflete, até que ponto a história oficial é a nossa ou de todos como se postula, além de como a superfície visual mesmo dos monumentos não deixar de ser um *atrator* repleto de fetichismos visuais, a meninada do Xarpi presente foi enfaticamente contra:

– Isso é de cada – disseram três quase ao mesmo tempo.

– Esse piXador ele está procurando a fama imediata – afirmou Tokaya.

– Mesmo porque, ele sabe que monumento, a prefeitura vai lá e limpa – confirmou Runk.

– Então, quer dizer, ele piXa ali para aparecer logo. Para mim não vale – Tokaya bem seguro. – Esses que piXam monumentos, igrejas, são piXadores babacas, cara. Ele quer piXar, quer aparecer na TV, mas ele é um nada, ele é um merda.

– Assim como tem piXador babaca, tem professor babaca, médico babaca – disse Paulo.

– Tem, pô. Todo lugar tem – Runk.

Após mais um momento de risadas, tive a impressão de que Runk e Tokaya levantaram um pouco mais os bonés, mas pode ter sido só impressão, uma vez que, eu nem estava mais prestando a atenção nisso.

– Então, não é a minha forma de expressão, mas é uma expressão que está aí presente. E muito mais forte hoje do que estive há algum tempo atrás. E pode estar, inclusive, globalizada, ou seja, já está no mundo inteiro. A gente pode até não gostar, mas não dá pra não reconhecer que a coisa existe, que está aí. Não dá pra esconder. Somos nós, a sociedade que estamos um pouco ainda escondendo o trabalho que vocês fazem – contemporizou Paulo.

Parecia que a discussão sobre meninos revoltados e marginais já tinha sido encerrada, mas tal encerramento em conversa aberta jamais pode ser previsto. Desobedientemente, ela retorna sem pedir licença. Runk toma a palavra:

– Se for falar aquela coisa de marginal, mas se formos fazer um paralelo. Eu sei que não tem como comparar uma coisa com a outra, mas se você for analisar, o samba, antigamente, também era só coisa de marginal. Era recriminado, era repudiado. Então, quer dizer, tudo no início é marginalizado, mas, hoje... – foi interrompido pelo Tokaya:

– Como pode uma coisa que tem linguagem própria, organização, internet, rádio, estudos sobre isso e não é considerada cultura, sabe qual é?

Ao menos ela já é tão complexa e forte que não é, nem um pouco, assim como qualquer produção cultural juvenil criada assim, de baixo, dependente desta nomenclatura, desta consideração. Ninguém precisa ter consideração por ela para que ela se sustente e cresça exponencialmente. A prova científica disso? Vá para a rua!

Tatá finalmente chega. Entramos juntos novamente para a sala, ou seja, durante esse tempo todo, eu só fui saber do papo depois que escutei a gravação.

Durante o burburinho da nossa entrada, surge o assunto dos riscos, quais eles correm, a que eles estão sujeitos:

– Acontece de tudo, queda, morte assassinato. Por segurança, polícia, milícia, morador, tem de tudo. Todo mundo está ciente que estamos sujeitos a isso, não é só aquela diversão – lembra bem Runk.

Érica, uma pesquisadora que trabalha com adolescentes especiais e suas produções estéticas, lembra que, no caminho que ela faz até a casa dela todo dia, ela passa por uma comunidade:

– É estrada né, asfalto. Então tem uma empresa, e essa empresa tem o muro todo pintado de bege com umas marcas que não sei como se chamam, escritas “comunidade não picha, preserva”. Daí, depois, tem uma escola e o muro da escola também tem essas marcas, “comunidade não picha, preserva”.

Tokaya curioso ou já sabendo onde era pergunta:

– Onde fica isso?

– Próximo a Irajá.

– Ah! Já sei onde é. Isso geralmente, a empresa usou a influência do tráfico.

– Ah! Então é o tráfico que faz esse controle, não é porque colocaram aquilo ali e todo mundo respeita, então?

– Claro que não, uma placa assim é como se estivesse me chamando: vem e me piXa.

Seria indicativo que era, justamente, em todos estes momentos onde se falava livremente sobre a potência da ação, assim com certa violência – “vem e me piXa”, que as pessoas riam mais alto? Acredito que sim e já meio que falei o porque penso isso.

Érica continuou:

– Eu estou conhecendo esta cultura através do Gustavo, e realmente me incomodou, não tinha nenhuma piXaÇÃO, eu me perguntava, mas gente, ninguém piXou?

– É porque nessa situação, todo mundo sabe, que se piXar vão limpar no dia seguinte – disse Runk.

– É, mas nesse caso é influência do tráfico ali mesmo – reconfirmou Tokaya.

Ainda se ouvia um burburinho sobre este tema, quando Winston pediu a palavra:

– Olha só, de uma maneira, um artista convencional, vamos chamar assim. O sujeito vai lá e pinta um quadro, ele, de alguma maneira, não importa qual, parece que existe a preocupação em comunicar algum tipo de mensagem a partir do que ele pintou ali, né? O sujeito que faz um mural, um grafite, de alguma maneira você uma figuração, uma representação, algum tipo de forma. Aqui mesmo (próximo à UERJ) nas paredes da linha do trem, você vê um montão.

Aproveitando uma tomada de ar do Winston, Tokaya já o interrompeu:

– Depende, e aquele grafiteiro que só sabe escrever o nome dele coloridinho?
– Isso, o bomb – acrescentou Runk.
– É exatamente isso que eu queria perguntar a vocês – retomou Winston. Como é que vocês imaginam, que tipo de impacto vocês imaginam que causa em quem vê? Pensando a produção de vocês como obra de arte.
– O que a gente admira muito é a grafia, os traços. Somos muitos fascinados por isso, por conseguirmos identificar – completou Runk.

Tokaya me parecia um tanto inquieto e aumentou o tom da voz:

– Imagina você subir um prédio de 5 andares por fora, sem grade, bota 30 assinaturas iguaizinhas uma à outra. Se isso não é arte, eu não sei o que é.

Winston tenta dar uma contornada:

– Vocês pensam no impacto de quem vê?
– De quem vai ver? Pra mim, eu não quero saber... – crescendo o ímpeto, Tokaya, agora levanta seu boné sem receio algum, mas sim cheio de confiança.

Até agora, Tatá havia chegado de mansinho, calado, mas, neste momento, ele tomou a palavra, e não será a única vez, muito pelo contrário:

– Já causou impacto, só em hoje, tremendo século XXI, a gente estar aqui, dentro da UERJ sendo convidados por vocês para debater sobre isso. **[Que perspicácia! E ele ainda reformulou a mesma pergunta diretamente para o Winston]** Qual impacto quando você vê isso, você tem? O que você acha? Cada um terá um modo de ver. Ela (apontando para Érica) vai olhar e vai dizer “aquilo ali é uma sujeira”, o outro ali (escolhendo Brown) vai olhar e vai pensar

“esse cara é maluco, é uma aventura”. Cada um verá de uma forma, e o impacto causado é esse, brother!

– Isso que você está falando é legal – interrompe Brown, talvez tentando torná-los mais compreensíveis frente à sua matriz de conhecimento, uma vez que Brown, além de pesquisador, é desenhista.

– Tem uma estética sim, você vê a piXaçãO, quer dizer, eu vejo como arte porque eu vejo que tem um desenho ali na letra, tem uma maneira como se usa o *spray*, se aproxima ou se afasta, são efeitos diferentes. Agora, o que eu acho é o seguinte, isso tem uma relação até com as outras artes visuais, por exemplo, com a programação visual, que hoje utiliza a estética do grafite para fazer algum outro trabalho visual, entendeu? Muitas vezes eu percebo que o grafiteiro – e também o piXador – poderia usar esse conhecimento, essa arte também para produzir, ganhar dinheiro, fazer disso um trabalho.

Uma pena o Brown ter dado essa escorregada, alinhar e, mais do que isso, limitar a noção de produção a de trabalho, quanta força se perde nessa armadilha, mas vale a pena estarmos atentos, vez por outra podemos cair nessa falsificação também. E ele continuou:

– Eu acho que isso é possível, uma vez que o programador visual consegue fazer isso, ele pega a estética do grafite e transforma em outras coisas, por que não o próprio grafiteiro e piXador não poderia?

Tentando tornar a ação desta galera compreensível, enquadrando-as em sua lógica, Brown cometia um equívoco epistemológico, mais do que isso, uma violência. Quem disse que o piXador já não usa suas habilidades, suas percepções em outras atividades? O que, de maneira nenhuma, estará vinculado ao fim de sua ação adrenalizante, muito pelo contrário, a técnica e o trabalho não eliminam a experiência, e muito menos a substitui, ainda mais quando falamos de juventude. Já falei sobre isso em algum outro momento da dissertação, mas estamos cansados de ver na história, especialmente dos últimos dois séculos, estéticas marginalizadas que, quando devidamente enquadradas em uma lógica higiênica, compreensível mediante uma matriz produtivista, trabalhista e financeirista, passa a ser justificável e ainda torna-se, inclusive, carreira de sucesso quando não vira política

pública. O fascismo estético está por toda parte e, volta e meia, se não estamos atentos, caímos nele. Ficava evidente o que falei no começo deste capítulo sobre a capacidade deste encontro pôr em jogo francamente nossa capacidade de convívio e conversa com pessoas que vivenciam e, mais do que isso, artistam em outras lógicas. Nem intervi muito, estava, justamente, a fim de ficar atento, esperto aos micro fascismos que, como disse Foucault, “constitui a amena tirania de nossas vidas cotidianas”.

Sabiamente, Tatá, sem precisar ir ao mundo do trabalho, conseguiu ampliar a nossa noção, muitas vezes tão limitada, como aconteceu na fala do Brown, de produção e de desenvolvimento:

– A piXaçãO como o senhor **[Brown riu, e pediu para deixar de lado a formalidade do senhor]** disse, é um submundo e é uma vida. Para você chegar aqui hoje, você passou pelo jardim de infância, pelo CA, a mesma coisa é a piXaçãO cara. Para alguém alcançar um estilo, ter aquele visual na letra, ele pegou a primeira vez no spray. Eu mesmo não sabia pegar, a primeira vez que peguei, pô, foi tinta na minha cara, eu não sabia qual era o lado do birro. Então, isso vai tendo uma evolução.

Logo depois, Tatá falou sobre suas éticas particulares no mundo da piXaçãO:

– Eu tenho uma conduta comigo, que eu não piXo escola, não piXo cemitério, não piXo denominação religiosa, entendeu? Não sei por que, então, se teu muro é branquinho, eu não vou piXar, a não ser que tu seja um FDP **[ele falou assim mesmo, em siglas, provavelmente pelo peso do local, se fosse no escritório do Paulo, provavelmente sairia um filha da puta, assim ao natural, em forma de brinde talvez]** que me sacaneou aí eu vou lá e vou detonar teu muro.

Mônica, não pela primeira vez, resolve falar. Justamente porque falou-se em casas branquinhas, a meu ver, seu único tema de interesse naquele encontro, obviamente mais que legítimo, afinal, para ela, isso, certamente, tinha um valor alto. Portanto, quando, durante a conversa, surgia algum mínimo elemento que pudesse ajudá-la a criar táticas que diminuíssem o risco de seu muro não ser mais branquinho, ela parecia, de fato, muito

interessada. Mais uma vez, uma única lógica rege os níveis de interesse e as vontades de participação, de fala. Uma hora depois, do que ela se lembraria?

- Peraí, então você falou que se o muro dele **[no fundo ela queria falar do dela]** estiver branquinho, você não vai lá piXar, é isso?
- Não, não vou, porque está na cara que, daqui a uma semana, ele vai limpar, cara **[apesar de ela ser mulher]**. O lance é deixar o mais eterno.
- Então tem um processo de escolha, entre colocar em um muro branco ou em outro que, de repente você saiba que não vai apagar – afirmou Brown.
- Eu prefiro pegar um velhinho...
- Tipo terreno baldio, então? – pergunta Brown.
- É, isso é bom.

Incrível como a beleza, a atração estética para alguns, e não são poucos, está, muitas vezes, onde só vemos pedaços mortos da cidade que, na nossa lógica, deveriam ser restaurados. Que poder de restauração é esse que nem precisa de especialistas em restauro arquitetônico? Para esta meninada, bastou achar alguma forma de beleza naquilo, de reencantamento, para que a vivência daquele reduto aparentemente abandonado fosse ocupada não só por corpos, mas por suas produções estéticas.

Logo após, Paulo puxou um assunto interessante e coerente frente aos interesses de pesquisa e de vida dele. Ampliando, saudavelmente, o que se entende por processo de ensino e aprendizado, Paulo propôs perceber como esta noção se dava na cultura do Xarpi.

- Lembro de um trabalho de etnografia feito pelo Winston com skatistas e ele percebeu como é que era o processo de ensino, que não só havia um código de ética que era passado, então havia, de fato, um sistema de ensino. Algo assim, no Xarpi, rola?
- Você está querendo dizer o que, uma progressão pedagógica? – pergunta Runk, usando muito bem o vocabulário daquele lugar que estávamos.
- É isso – concorda Paulo – estou querendo sacanear vocês também, dizendo que vocês também têm coisas da academia, bicho. **[Bela sacada! Somos todos muito diferentes, mas, em conversa, se percebe o quanto as diferenças podem ser menores que as semelhanças e, frente ao desconhecido, isso causa**

um grande desconforto.]

– Rola, mas é na interação do dia a dia mesmo – responde Runk.

Claro, assim em culturas juvenis não institucionalizadas, me parece que as avaliações e os progressos são menos sistemáticos e mais diluídos, cotidianizados. E continua:

– Às vezes um mais antigo tem afinidade com um mais jovem, chegam pra conversar, trocam uma ideia. De repente o mais velho fala determinada coisa que o jovem vai absorver para ele, o que ele achar que tem de bom ali ele vai absorver, se ele achar que não, vai mais de cada um.

– Quem está começando, procura se espelhar em alguém que já está a mais tempo, entendeu? – indica Tatá – é um submundo, *brother*, o cara é o astro desse submundo, e não é um só, são vários.

– Existe uma idolatria – interrompe Runk.

– Um garoto que começa no futebol, hoje, quer-se espelhar no Robinho, no Ronaldinho. Na piXaçãO é a mesma coisa, só que são outros nomes – retomou Tatá.

Que cultura não valoriza, não perpetua, não lembra seus heróis, seus maiores feitos? Na pedagogia, seria quem? Paulo Freire? Acho até que já falei sobre isso em algum outro momento.

– E quando alguém passa por cima (atropela) um nome desses caras, rola, por exemplo, dar um toque? – pergunta Paulo, com todo cuidado.

– Rola, pô. Chega e diz: *olha, não é bem assim* – continuou Runk – pode, inclusive, rolar uma cobrança. Vai de cada um. Um chega, vai e te agride. Eu não vou agredir ninguém por causa disso, mas uma ideia é válida. Tem cara que já chega agredindo, não conversa. **[Volto a dizer, em qualquer lugar, a conversa pode ser uma metodologia-filosofia de ação e mais que isso, de avaliação.] (ver p. 28)**

– Depende da educação, da idade do cara, entendeu? – continuou Tatá – vocês estão chegando a um ponto aí, veiculando as perguntas realmente para saber se entre nós há violência. Antigamente até tinha, *brother*, mas lance de gangues rivais nunca foi forte, como é para São Paulo e Brasília, lá a chapa esquentada. Aqui no Rio, a piXaçãO, ela entrou num esquema em que ela está unindo classes, cara. Por exemplo, há algum tempo atrás, a juventude, ela convivia com guerra

de torcidas organizadas. Depois teve o lance de lado A e lado B em baile *funk*. Pô, eu nem te conhecia, mas se eu soubesse que tu morava que era lado B, meu cumpadi, eu ia querer te panhar, você ia me panhar. Eu mesmo, nunca participei disso, mas assistia, entendeu? Hoje em dia, aquele cara que era da Força Jovem e o outro que era da Jovem Fla, eles se encontram através da piXaçãO, tomam cerveja juntos, põem nome juntos, rola uma integração.

Runk, mais envolvido em sua juventude com esta cultura das torcidas organizadas, ponderou:

– Mas isso já acontecia.

Winston interrompe a discussão:

– Deixa eu perguntar uma coisa para vocês aqui. Grupos como, por exemplo, skatistas, surfistas, cantores MCs, por mais que, de alguma maneira, em alguns setores, sejam vistos como marginais, marginais não no sentido de praticarem ato ilícito, mas de estarem à margem de um modelo. Mas, ainda assim, as atividade que eles fazem, que eles praticam, são consideradas lícitas, ou seja, não nenhuma restrição legal ao ato do cara cantar *hiphop*, andar de *skate*. No caso da piXaçãO, existe um impedimento por ser crime, uma cultura criminalizada. Vocês percebem algum reflexo disso na produção de vocês? Na hora de piXar, o fato de saber que a todo modo está passível de entrarem em cana, de tomar um sacode, isso reflete no registro de vocês?

– Interfere sim – confirma Runk – eu não vou piXar patrimônio público porque eu sei que se eu for pego, serei preso e não terá apelação. O agravante nesse caso, será a prisão. Se você for pego piXando um muro ou um terreno vazio, isso não vai repercutir tanto.

– Mas de todo modo são crimes – replica Winston.

– São, mas perante o lei, o artigo 163, agrava a situação, entendeu? Ta interferindo, eu não vou pegar ali porque entrarei em cana – continua Runk.

Winston tentando explicar melhor sua pergunta:

– Eu digo assim, no que vocês produzem, no que vocês registram, entendeu?

Mediante o impasse, pedi a palavra:

– Eu acho que a própria piXaÇÃo é muito mais do que o nome no muro...

Runk se anima, sobe a voz e me interrompe:

– É muito mais do que isso, já é comportamento.

E eu continuei:

– É o ato de subir, de andar na madrugada zoando. Eu acho que o nome por ele ser feito com uma única tinta, precisando ser rápido de ser feito por tática de sobrevivência mesmo. Diferente do grafiteiro, que gasta um bom dinheiro com uma enorme variedade de tintas e gasta horas em um mesmo muro. Então, a estética da piXaÇÃo ela acontece em um lugar que é ilícito mesmo, se fosse lícito, seria outra coisa, não existiria a piXaÇÃo como a entendemos hoje.

Ou seja, é óbvio que o fato de ser crime, de ser enquadrado como ilegalidade não só interfere na produção como a torna possível, como é, também, característica constituinte, a constitui, não de fora, mas de seu interior, de sua força produtora mesmo. É só mais uma fonte, mais uma matéria-prima para ser artistada e é por isso, também, que já falei, quer pesquisar e trabalhar com estética? Assuma seus riscos, porque a distância entre o crime e o fazer estética, não existe somos capazes de estetizar, de atribuir significados e de manipular o inestetizável, o insignificável, o imanipulável.

Como mais um flagrante de nossas tentativas vorazes de atribuir àquela produção alguma mensagem codificável mediante nossos códigos, grosso modo, civilizados e produtivos, ou melhor, que, de alguma maneira, mais clara e íntima, flerte com nossas formas mais confortáveis de entendimento e significação, a próxima pergunta de Érica foi interessantíssima:

– Vocês saem para fazer piXaÇÃo, basicamente, que nem é tão básico, é até bem trabalhoso. **[Perspicaz a Érica, uma vez que, muitas vezes, atribuímos às produções fora de nossa lógica, de nosso tipo de racionalidade, a categoria de básica, de fácil, de pouco penosa.]** Fico pensando quantas produções fáceis eu já adorei também e quantas tão complexas, super demoradas

e trabalhosas sequer chamaram minha atenção – é deixar essa marca do nome ou também saem pensando em deixar uma mensagem?

– Aí é, também, uma escolha visual – indica Nath – se você sobe numa marquise para pegar uma janela, às vezes faz um sequência, eu quero colocar uma frase, é evidente. Agora, por exemplo, com horário político, por que não colocar uma frase como “vote nulo”. “Vote nulo” é ótimo. Então, alguém pode olhar pra cima e pensar, pô, o cara fez uma sujeira, mas deixou uma frase ali, por que não?

Tanto a pergunta da Érica, quanto a resposta da Nath são super significativas para se pensar nossa cegueira, ou melhor, nossa capacidade ou incapacidade de enxergar somente aquilo que, para nós, tem certo nível de sentido, atribuindo ao que não conseguimos decodificar, ou a invisibilidade, ou a justificativa para cruéis violências reducionistas. E não só isso se torna interessante, o contrário também, uma vez que, logicamente, os piXadores sabem que seus símbolos, suas marcas, grosso modo, não significam muita coisa para quem não está inserido, de alguma maneira, dentro desta rede de conhecimento, desta cultura. Sendo assim, atribuem às frases um lugar especial, um maior poder de alcance. Por isso, talvez, eu também tenha dado especial atenção neste trabalho, às frases.

(ver p. 129)

Paulo, deixando um pouco de lado o assunto “mensagem” e partindo para o que foi dito sobre política, perguntou se algum político já tinha tentado contratar aquela menina para espalhar pela cidade sua campanha.

– Contratar não, mas tem alguns que já são simpatizantes com a ideia, com o movimento, né? – respondeu Runk, parecendo meio preocupado em dizer nomes.

– Lá no Rio Grande do Sul, tem um cara chamado Tony que usa a piXaçãO – lembra Tatá.

Mas, antes que ele continuasse, Runk e Tokaya se olham e começam a rir, denunciando, provavelmente, alguma relação com algum político. Logo depois, Runk entrega:

– E aí Tokaya, vai falar?

– É que a família 5 estrelas tem um deputado que está apoiando a gente. É simpaticante.

Mais uma vez, por ser impensável um grupo de piXadores ganharem a simpatia de um candidato a deputado, o riso, a gargalhada, especialmente a do Brown, por ser mais alta, ganhou, mais uma vez, o tom da conversa. Nesse momento, acho que nem havia mais bonés por ali.

– Essa semana vai ter um peladão⁵⁹ com churrasco aí que será toda bancada por ele. Até porque, qualquer encontro desses podem ser 500 novos votos, né? – analisou Tokaya.

Lógico que eles não pensam que tal simpatia esteja desvinculada de qualquer relação com a quantidade de votos, mas se é possível ter um churrascão regado e uma pelada bem estruturada com os amigos, porque não usá-lo em nosso favor? Não é mesmo? Afinal de contas, a força da piXaÇÃO e do encontro entre esta meninada não tem, nem de longe, qualquer relação com esta tão pouco sedutora, tão pouco encantadora, tão pouco juvenil, tão fora de moda e tão pouco contemporânea política partidária. Azar do deputado que acredita mesmo, que essa galera o terá como grande herói, que lembrará dele daqui a um mês, ou pior, que todos votarão nele, de fato.

– A5★ está dando um passo importantíssimo *brother*, ela está se tornando uma produtora de eventos – lembra Tatá, que nem é da 5 estrelas – do submundo e vou te falar, é muito mais fiel que essa mídia televisiva que tem aí e que é destrutiva. Esse negócio de Faustão ou Gugu, eu mesmo que também tenho uma banda, vou te falar *brother*, nem penso em ir nessas porcarias aí. Podemos pensar os Racionais, que é um grupo de *hiphop* que tá aí, se ele for fazer um *show* ali na esquina, ele não precisa de propaganda na Globo ou no SBT. Isso aí vai de boca em boca e se você não comprar seu ingresso antes, esgota, entendeu?

⁵⁹ Gíria carioca para partidas informais de futebol.

Vale a pena se pensar, de fato, que outras mídias independentes são essas que fazem de um cultura tão criminalizada, tão perseguida, ser, ao mesmo tempo, tão abrangente e ter tantas pessoas, das mais diversas idades, dos mais distantes bairros, e com diferentes situações financeiras, se encontrarem e conviverem.

Winston, mais ou menos nesse tema, voltou a lembrar de sua pesquisa, tentando fazer alguma ponte com o pessoal do Xarpi.

– Nesse trabalho com skatistas, eu acompanhei, durante três meses, aos domingos, aquele pessoal que se reunia ali em baixo do prédio do MEC, no centro da cidade, depois eles iam ali para aquela praça abandonada do fórum, sabem onde eu estou falando? **[Será possível que esses andarilhos não saibam?]** E aí, o que acontece, quando eu cheguei lá, logo de início, o que eu imaginava? Eu imaginava que fosse encontrar, basicamente, garotada, com pouca escolaridade, desempregado, e eu encontrei tudo isso, mas eu encontrei também, e não foram nem 1, nem 2, gente trabalhando, com emprego estável, pai de família, ou seja, gente, entre aspas, “normal” e que estava ali, naquela atividade, entre aspas, “marginalizada”. Um deles, inclusive, num belo dia, eu encontro em uma das minhas turmas do mestrado na PUC, adotava, digamos assim, uma outra identidade. Qual o perfil, hoje, pelo menos no meio onde vocês circulam?

– Para você ver, olha a cara desse menino aqui – Tokaya aponta para JJ – filhinho da mamãe cara e é, hoje, um piXador que está despontando aqui no Rio de Janeiro. Hoje em dia, a piXaÇÃO mudou pra caramba. Tem policial, tem bombeiro, advogado, empresário, músico, tem de tudo.

– Se a gente for analisar, tem outras atividades marginalizadas que tem pessoas de todas as classes, por exemplo, baloeiro – completa Runk. E continua – já é um lance cultura, nunca vai acabar. Nós vamos morrer, nossos filhos virão, nossos netos e sempre vai ter balão.

Seria tão bom se os jornalistas, ao invés de continuarem preguiçosamente viciados em um discurso que, grosso modo, fala em nome da humanidade, passassem a vivê-la. Que tal transformar a linguagem jornalística, baseada, quase sempre, numa voz narradora e, mais do que isso, julgadora, em um discurso/estética documentarista? Será possível que só os piXadores se encantam com uma indústria abandonada? Será possível que só os

baloeiros se arrepiam quando este sobe retinho e ganha a imensidão de um céu urbano? Responsabilidade ambiental? Runk disse bem, isso nunca vai acabar, afinal de contas, cotidiano, estética e cultura convivem muito bem com o que é imperfeito, destruidor, indisciplinado e irresponsável, enquanto o jornalismo, pobre, pobre, pobre, coitado, continua só perdendo. Enquanto postulam ser possuidores de um discurso mais verdadeiro, não passam de ilusórios personagens de uma ficção muito da sem graça. O que resta aos que não conseguem nem mesmo chegar próximo ao nojento, ao imperfeito? Criminalizar, fazer caras e bocas, e ainda se dizer bem educados. Nem vi, mas com certeza no *Youtube*, deve haver vídeos fabulosos não só de *Xarpi*, mas de balão também. Que tal uma proposta de um jornalismo feito somente com vídeos enviados, bem, mas isso eles já fazem, o problema é que, de todo modo, são eles que escolhem. Não só eles, nós também, não é mesmo? Quanto de nossas próprias falas está no discurso jornalístico? Bem, acabei indo ao *Youtube* e procurando alguns vídeos sobre a cultura dos baloeiros, e, logicamente, tem aos montes⁶⁰, inclusive, em um deles, encontrei uma linda poesia de um baloeiro desconhecido:

*Os balões são como nossos filhos,
Nós os fazemos,
Montamos como nossa vida,
Cuidamos o tempo todo,
Protegemos, depois eles se abrem,
E só aí, vemos do que fomos capazes,
Daí, eles sobem, bonitos, vivos, alegres, livres,
E nós ficamos, alegria e lágrimas,
Torcendo para que o vento seja aquele que sempre esperamos
para eles,
Mas eles vão embora, somem de nossas vistas,
E o importante é o que fica registrado nos nossos olhos,
Na nossa mente,
Lá dentro do coração,*

⁶⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=TVhI9If4ESY&feature=related> ou <http://www.youtube.com/watch?v=b9g-HrOmrUk&feature=related>

Balões, tem gente que não consegue enxergá-los

(BALOEIRO desconhecido)

Sem perder muito o foco do Xarpi, esta pequena e rápida ligação entre culturas tão criminalizadas vale a pena para, mais uma vez, usarmos, como fez muito bem o poeta anônimo, o olhar, a visualidade como metáforas para se pensar o exercício, a meu ver urgente, de ampliação do alcance de nosso olhar, e aí não mais o olhar somente físico, mas o olhar epistemológico. Urgência ainda mais evidente quando falamos do campo da estética humana, uma vez que ele, mesmo tendo sofrido séculos e séculos, especialmente após o século XVII, de regulação tanto das primeiras teorias aristocráticas de arte, quanto de sua reelaboração por parte da burguesia, carrega em si, ainda assim, uma capacidade impressionante de utilização de qualquer material cotidiano, mesmo os mais desconfortantes como a indisciplina e a desobediência. Sendo assim, reafirmo, nem mesmo o *status* de crime pode ser mais obstáculo para nossas curiosidades, ou melhor, deve ser até mesmo impulsionador, afinal de contas, são estas as que mais “tem gente que não consegue enxergar”.

Tatá continuou, talvez dando uma alfinetada em Winston:

– E skate, maluco, tem que ver que skate, hoje em dia, já é um esporte radical, cara, patrocinado pela Red Bull. **[Neste momento, nem tem como não lembrar de uma letra do Leonel que, reelaborando ironicamente o slogan da RedBull, diz “RedBull não te dá asas para voar, então vou ter que escalar.”]**

Interrompendo e dando uma zoada na situação, Runk mandou:

– Tem até crente piXando, né, maluco? Não querendo discriminar ninguém, né? Mas é uma coisa meio contraditória, né?

Todo mundo riu, e se alguém ali era crente, pelo visto, não aguentou e riu também.

Passado o riso, ele retomou uma certa seriedade e propôs outro assunto:

– Acho interessante vocês conhecerem também o aspecto comportamental do

piXador. Não é só colocar o nome ali em cima, existe todo um comportamento que prevalece entre os piXadores. PiXador gosta de quê? Pixador gosta, além de piXar, gosta da grafia, de colecionar reportagens de jornal e revista. É um comportamento básico do piXador. Gostamos também de colecionar assinaturas de outros piXadores, de outros estados, hoje já tem interação, tem intercâmbio entre os piXadores. Você vai daqui pra Santos, vai daqui pra São Paulo, os de lá vem pra cá, fazem confraternização aqui e lá. A gente consegue identificar quando o cara é aqui do Rio, quando não é, só pela grafia. O piXador gosta de *fotolog*, de trocar informação pela internet, gosta de se reunir.

Eita complexidade! Agora, tente institucionalizar isso, controlar esta organização coletiva, orgânica e verás de onde surge a burocracia.

– Eu tinha a impressão de que vocês têm, ao mesmo tempo, uma vontade de se expor e de permanecer no anonimato, porque, vamos lá, o Tokaya, ele está expondo o nome dele. Mas é importante, você mostrar quem é você, quem é o dono daquela marca? Ou o anonimato é importante também? – perguntou Ney.

– Vou te falar que, anonimato, hoje em dia, com tanta informação, é meio difícil, porque todo mundo te conhece – lembrou bem Runk. Só acho que o todo mundo dele é bem diferente do todo mundo nosso.

Ney continuou:

– Tudo bem, mas todo mundo te conhece porque está todo mundo junto, ou porque você quis que todo mundo te conhecesse? É importante pra você dizer assim: *sabe aquele cara que colocou o nome lá no décimo andar? Aquele sou eu*. Isso é importante dizer para as pessoas ou só a tua marca lá já é suficiente?

Para mim, eu já achava que nem precisava dizer, todo mundo já sabia quem foi, mas claro, limitado a quem, de alguma maneira, faz parte daquela cultura, de quem compreende tais códigos. Foi mais ou menos o que Tatá disse:

– Cara, essa fama que rola ela é fechada, só entre quem curte mesmo a piXação. Agora se for para fora, já é diferente. Por exemplo, há um tempo atrás, um cara me chamou para ir num programa de televisão para divulgar um documentário. Daí, parei, pensei: pô, vai ser maneiro, vou ajudar o cara a divulgar. Mas aí, depois entra a controvérsia, né, cara? Eu vou estar mostrando pra muita gente, e aí, às vezes, amigos meus de outra parada, outro ciclo, o cara vai me olhar

assim “*esse cara é piXador*”. Meu vizinho vai me olhar lá, e aí quando aparecer um rabisco qualquer lá a culpa vai cair sempre em mim. Se o filho dele começar a rabiscar, vai achar que foi por influência minha. Então, a gente estuda muito aonde nós vamos. Por exemplo, aqui foi por que esse cara (eu)... para mim vir eu tive que fazer um monte de perguntas pra ele, entendeu?

Paulo, mais uma vez, com seu bom humor natural:

– Mas Gustavo, você não contou para ele sobre as câmeras escondidas não, né?

Após as risadas, Tatá retomou:

– Hoje, pode ser que mude, dependendo da visão de cada um. Por exemplo, ela (agora apontando para Mônica), de repente, tem a opinião de que nós somos vagabundos, que isso é sujeira. Mas, de repente, ele (apontando para o Ney), que pensava a mesma coisa, já pensa “não, pô, o pessoal é gente boa” (se tivéssemos em vídeo veríamos os gestos de Tatá descrevendo o pessoal como sendo boa gente). De repente, amanhã ou depois, eu to vendo até esse cara numa reú.

Mas, algumas risadas à parte, é significativo pensar esta proximidade e este conforto que alcançamos naquele momento, chegando ao ponto de, tranquilamente, sem nenhum medo de causar possível rixa, Tatá dizer o que disse. A partir dali, ser amigo de um piXador, ou até mesmo tornar-se um piXador, ganha um peso bem mais leve, um convívio mais saudável. Parece-me que a maioria ali começava a, mesmo forçando um possível torcicollo, a olhar ao lado, acima, em diagonal.

Paula, retomando a psicologia como seu campo de estudo, interrompe os últimos risos e aponta uma pergunta:

– Eu já pinte com tinta óleo e não é a mesma coisa, né? Ela é muito mais branda, mas, acredito que essa de vocês seja mais agressiva pela composição. Eu não me sinto estressada cheia de adrenalina para pintar um quadro, mas, pro piXador, isso já faz parte do universo dele. Então, será que todos fazem carreira na piXaÇÃO, de repente alguns já abandonaram, outras não. Essas que abandonaram substituíram essas atividades por outras adrenalinas da vida?

[Certamente não foi pintando quadros com tinta óleo.]

Sabidamente Runk imediatamente diz:

– Tem um ditado entre nós que diz: *o piXador não pára, o piXador dá um tempo*. Isso já é de praxe. Daí vem o *boom* da G80, o pessoal aí com quarenta e poucos anos retornando. (ver p. 176)

Tokaya completou:

– Eu acho que, se ele parar, ele vai reprimir a adrenalina, mas um dia ela vai voltar.

Nath contou um caso:

– Tem um amigo pixador (ela está falando do NUNO) que deu um tempo de piXar, mas como ele sabe escalar, passou a subir a pedra da Gávea, o morro da Urca. Ele falou que a adrenalina da escalagem é igual, mas que o cheiro da tinta muda, te instiga.

Paulo, aproveitando a retomada do assunto sobre o cheiro da tinta, retoma a ideia de Runk sobre tonar a piXaçãO um problema de saúde pública:

– Runk, se a piXaçãO passasse a não ser mais crime, mas sim um problema de saúde, você faria tratamento?

– Se tivesse eu faria. Porque, falando por mim (neste momento todos os demais piXadores começam a rir dele). É uma luta diária que eu tenho contra isso, é uma luta para não sair rabiscando todos os dias. Porque não envolve só a mim, envolve a minha família, meu filho, tenho também outros interesses, mas, se não fosse isso, com certeza, eu todo dia iria rabiscar, todo dia.

Paula, me parecendo desconfortável com a possibilidade de qualquer um ser piXador, inclusive nós, começa tentativas de traçar perfis psicológicos bem definidos do que seria uma pessoa propensa a ser um piXador.

– Me chama atenção porque já faz parte da composição da personalidade do grupo. Você não vai encontrar um sujeito super *zen* que queira ser grafiteiro. [Não?] É um sujeito que ele tem tendência a procurar atividades que requeira

adrenalina, entendeu? Ele aqui [**Apontando para mim!!!! Acreditem se quiser!**], tem uma cara de *zen budista* da vida, mas a personalidade dele requer alguma atividade que tenha adrenalina.

Quando comecei a pensar uma resposta, Tatá, com toda habilidade da fala, já veio não só me salvar, mas salvar a adrenalina de ser aprisionada e condenada a estar presente só em alguns. Dissolveu e democratizou a adrenalina:

– Ele passa uma imagem *zen*, né? Mas você sabe o instrumento que ele toca? Bateria. Ele está colocando a adrenalina dele para fora, é a mesma coisa do cara que está na academia fazendo luta livre.

E ele continuou:

– Isso do cara pegar e rabiscar, é muito individual. Eu mesmo, pô, estou parado, não tenho nem vontade. Nego me ligou neste domingo e eu tive que arrumar uma desculpa. Até estava com vontade de fazer algo diferente. Mas diferente na vida atualmente, eu trabalho de madrugada, então tem sido dormir de madrugada, normal, como todo mundo. Então vou fazer algo diferente hoje, eu vou é dormir, cumpadi! [**Se ouviam as risadas, mas a do Brown sobressai, como sempre.**]

Continuou:

– O meu caso, quando eu retornei, no final de 2006, eu te falo, meu lance foi a auto-estima. Eu agradeço até a cada um deles aqui pela amizade, porque eu conheci o que era depressão, *brother*. Eu fiquei em depressão porque, imagina só a minha vida. Eu conto os casos e eu gosto de contar as derrotas, porque, quando passa o tempo, elas se tornam mais engraçadas. [**E ainda querem criar um mundo ideal, sem derrotas, o quão sem graça seriam não só os filmes e livros, como também as nossas memórias.**] Então, eu peguei uma representação do Rei do Bacalhau (restaurante tradicional do Rio) com o sócio da baixada. Então, o que tivesse lá do Rei do Bacalhau, era meu, ou seja, tudo para ganhar uma grana maneira. Tinha um casamento. Tinha minha banda que, tudo indicava que o Arnaldo Antunes ia gravar uma música nossa, então estava tudo... [**Mais uma vez, em gestos, se percebia que era algo de grandioso.**] Mano, de repente, perdi a mulher, a firma quebrou, a banda acabou. [**Logicamente, como ele já tinha anunciado, as tragédias tornaram-se comédias, todos riam alto.**] A mulher ainda morava de frente para mim, então

eu tenho um lance de escrever do nada, daí peguei e escrevi um poema para ela. Fiz num papel e coleí papel da frente da casa dela até a clínica onde ela trabalhava, foram trezentos e vinte e sete postes! Os colegas da rua me zoando, “esse cara é doido”, mas as coroas e as meninas já pensavam “Pô, ele é romântico!” **[Nem preciso dizer sobre os decibéis das risadas neste momento, que dirá a do Brown!.]** Então, fiquei naquela empolgação, será que vai dar certo, será que não vai? Uma semana depois, eu vou lá e vejo um cara mais bonito que eu, e era o namorado dela, maluco! Peguei, olhei assim pro céu, ferrou parceiro, vou dar um tempo daqui. Aí, eu saí, voltei a morar no centro da cidade, e aproveitei para ir visitar um pessoal da minha infância e juventude no bairro de Fátima. Perdi a noção do tempo. Quando vejo, fulano barrigudo, casado, o único que estava solteiro era eu. Fiquei sozinho, e agora? Aí, chegava do trabalho, ia para casa, ficava só dormindo. Aí resolvi dar um rolé no domingo de manhã, quando saio encontro o Bali virado. O Bali, na época de 90, era desse tamaninho, daí vejo um cara desse tamanhão, maluco, bêbado, gritando “Pô, Tatá, e aê como que você tá?” Daí, me convidou para um churrasco e disse “Tá vendo aí o que a galera está fazendo? Todo mundo voltou.” Realmente eu estava vendo alguns nomes novos de uma galera mais antiga que eu aí, como o próprio Runk. Aí, eu pensei, eu vou. Minha banda acabou, minha firma quebrou, perdi a mulher e ainda vou virar piXador, cara, isso vai dar merda! Daí acabou que relutei muito ainda de ir nessa reunião, que era na lapa, porque tinha um evento na Lapa também, de teatro, de bandas, aí, eu falei para ele “Pô, vamos lá assistir esse lance”. “Vambora, mas é no mesmo dia da reunião”. Ficamos no evento e depois fomos para a reunião, chegamos lá, vejo uns caras mais velho que eu, mais barbado que eu, mais gordo que eu. De certa maneira, estar ali, me incentivou a voltar a botar nome, porque o ser humano... por exemplo, você de barba! (era o Brown!) Você trabalha com o quê?

– Eu? Educação e desenho.

– O que você almeja no seu trabalho?

– Ah, eu acho que você é feliz quando seu trabalho é reconhecido.

– Você fica feliz quando qualquer um desses colegas seus aí chegam e dizem “pô, teu trabalho está maneiro”? Então, é a mesma coisa. Eu estava necessitando de, depois de tanta porrada na vida, que alguém chegasse para mim e dissesse que tinha valor em alguma coisa. E, por incrível que pareça, eu voltei a ter esse valor piXando, *brother*. Me deu a auto-estima de eu acreditar que eu podia, e fui canalizando, canalizando, e acabei transformando, voltei a minha vida normal, hoje em dia, a fazer as coisas que eu fazia antes, mas de uma maneira melhor, mais apurada, entendeu? E apiXaçãO está meio de lado, mas eu não

quero perder esse lance que eu conquistei com eles, que, hoje em dia, é diferente. Na época, em 89 e 90, naquela época, por eu ser mais novo, eu não ia chegar perto dele, igual eu chego hoje em dia e falo “pô, sou teu fã”. Naquela época, eu não ia chegar, porque a gente era moleque, 16 ou 15 anos, “e, vou falar isso para ele? Ele vai achar que eu estou babando o ovo dele”. Hoje em dia, não tem esse esquema, então foi conquistado, amizade, admiração.

– É, mas também, não precisa estar com baixa auto-estima para piXar não – relutou Runk.

Perfeito Runk! Quantos professores da UERJ devem sofrer com baixa auto-estima e nem por isso piXam e nem por isso procuram alguma adrenalina mais alternativa? Quantas vezes já ouvi pessoas comentarem, após saberem sobre minha pesquisa, que essa galera de piXaÇÃO é “um bando de gente com problema de auto-afirmação”? Claro que muitos podem até ter, mas a quantidade de médicos com o mesmo problema não deve ser baixa, que dirá professores (desculpem, eu não resisti)?

Ed, que apesar do nome curto não é piXador, mas integrante do grupo, pergunta se o menino piXador que começa agora já começa direto na parede ou passa antes pelo papel. Tatá responde, como sempre, alfinetando e propondo exemplos que nos ligam, que nos tornem cúmplices de histórias parecidas, justamente as que mais incomodam.

– Tudo começa no papel, na escola. Vai dizer que tu nunca piXou teu caderno? A diferença é que você foi amador, a gente se profissionalizou!

Pode parecer repetitivo, mas, desta vez, os risos foram tão alto que nem pôde se ouvir bem o do Brown!

Tatá continuou:

– Vou te falar, eu tenho um filho de 14 anos e uma de 6 anos.

Antes que ele continuasse, Mônica, que aparentemente adora os assuntos casa e família, perguntou:

– Eles sabem que você é pixador?

– O meu filho, eu acho que ele desconfia. Se ele chegar para mim e falar, eu abro o jogo para ele, até porque é preferível ele conhecer comigo que com um desconhecido da rua. E outra, vocês acham que eu incentivo os molequinhos novos? Não, sempre que tem churrasco e tal, que eles chegam perto de mim, e você nota que eles chegam perto da gente, é como eu chegava, por exemplo, quando era fanático em futebol, quando ainda pensava em seguir carreira nisso, pô, a primeira vez que eu cheguei perto do Roberto Dinamite e do Romário, meus olhos brilharam. Então, eu vejo isso na molecada que chega perto de mim, só que é o seguinte, o Roberto Dinamite e o Romário fizeram algo bom para eles e para a alegria dos torcedores. Pô, o moleque vai-me admirar porque eu piXo muro cumpadi? Então, eu tento colocar na cabeça dele que é bom ele estudar, e depois, com seus 20 anos, fazer um concurso para a Petrobrás, pro Banco do Brasil, e aí, depois que passou, estará, portanto, o carro dele, vai estar legal, aí, se ele quiser virar piXador, aí é a melhor idade, depois dos 30. Vou te falar mesmo, você já não pode se aventurar muito, você vai estudar melhor o perigo. Eu te falo, eu fiz o melhor depois dos 30 do que quando eu tinha meus 17 anos.

Ney, aproveitando esse momento de “pai preocupado com o filho, justamente por já ter passado por isso”, esperou ansiosamente um sim:

349

– Você acha, então, que isso não é exemplo para ninguém? Por isso que você não incentiva seu filho então?

– Cara, eu não gostaria de saber que meu filho está piXando não, na boa. Eu não vou gostar de saber que ele rodou, que apanhou, e tal.

– Mas e se ele resolver ir por aí? – alfinetou Paulo.

– Vou tentar mandar um papo legal, eu não posso é entrar em choque com ele, ele tem que me ver como um amigo dele. Se eu começar a querer proibir, ele vai me ver como um oponente. Então, essa juventude rebelde aí, as senhoras aí que tiverem filhos adolescentes, pô, não adianta tu chegar e falar “não pode, que não pode, porque não pode”. E aí tu não dá uma explicação, tu tem que tentar no diálogo, fazer o cara entender no diálogo.

Sem querer, mais uma vez, a conversa se insinuava para mim, mais uma vez, como metodologia-filosofia muito além da pesquisa.

Paula, em tom de psicóloga, respondeu a tudo, prontamente:

- Ouvir o “não” é tudo o que eles querem para afirmar.
- Ô Paula, o ser humano parece que tem um apego, gosta de tudo o que é proibido. Quem aqui na sala nunca fez nada que fosse proibido? Proibido pelos pais, proibido de alguma forma.

Se um filme é sem graça quando não possui seus enredos perigosos, que dirá uma vida? Comece a escrever um diário e, após 20 anos, releia, em quais páginas você se debruçará com mais tesão?

Paula continua:

- Perceba que seu discurso já é diferente do dele, você tem uma relação mais com auto-estima que com adrenalina. Então, existem várias vertentes, então talvez você consiga o que você procura, mas talvez outras pessoas não consigam.

Runk, mais uma vez ponderando, afirma, também, a simples vontade de encontro, a tão primitiva e atual socialização como fonte de impulsão para além de adrenalinas e auto-estimas:

- Ah, mas sei lá, nesse sentido, eu também lembro da questão da socialização, porque existem os churrascos, as reuniões, onde as pessoas param para beber uma cerveja, trocar uma ideia, às vezes está rolando um jogo e os caras tem aquela afinidade no futebol, além de novas amizades e outras atividades.

Será que alguém com problema de auto-estima pode adorar adrenalina e ser fanático por futebol? Será que alguém super confiante, cheio de auto-estima pode ir sempre ao Maracanã, justamente ela adrenalina do jogo?

Percebam que Mônica, em sua próxima fala, dá uma certa volta, talvez com receio de enfrentá-los, desta vez com mais uma pergunta que busca, já que não se pode acabar com eles, torná-los mais confortáveis, justamente tentando ultrapassar o limiar entre o arteiro e o artista:

- Por um acaso, tem algum grupo que tente fazer da atividade, uma que não agrida a sociedade, seja mais aceita?

Tatá, sendo até bem tranquilo, sugeriu:

– Você quer que seja mais liberado, caminha pro grafite, *brother*.

Mônica interrompe:

– Para ser uma atividade que satisfaça, precisa ser uma atividade ilegal, ou já se pensou em fazer com que, e aí não coloco nem ilegal, mas no sentido de não ser uma agressão...

Antes que ela terminasse, Runk já declarou a falsificação de mundo que acontecia naquele discurso:

– Impossível! A nossa intenção não é, não pensamos se é ou não agressão, mas é impossível, porque ninguém vai concordar que sua casa seja piXada.

Tokaya propõe uma solução:

– Eu gostaria de tirar a piXaÇÃO do artigo 163, que é vandalismo, e dá cana braba mesmo, e deixar apenas no 65, que é mais branda e que é só piXar e grafitar, que já assinei até três vezes.

351

Tatá também propõe uma experiência:

– Se alguém chegasse e perguntasse a um policial, se ele pudesse, em um passe de mágica, mudar, pra ele continuar policial, porque se não existisse crime, ninguém fosse contra a lei, não ia precisar de polícia, então, vamos fazer um pedido a Deus ou ao gênio da lâmpada? Então vamos abolir o tráfico, o furto, tudo, deixa só a piXaÇÃO, porque não “largo o dedo” neles.

– Conta então sobre a repressão – pediu Brown com toda sua pinta de delegado.

Para não mudar muito, Tatá, mais uma vez, é o primeiro a falar.

– Outro dia, em Olaria, tava eu e o Rino e ele botando mó pilha para tacar um nome no muro do Clube do Olaria. Daí, na hora, do nada, chegaram os caras, ficaram mais de uma hora colocando terror. “O que vamos fazer com vocês?” Daí, pensamos, vai ser terror psicológico, melhor fingir que cai cara. O cara dizendo que ia ligar pro meu trabalho, que ia falar que me pegou piXando, e daí pensei, vou cair. “Por favor, não faz isso não, o senhor vai destruir a minha

família.” Eu sei que, no final de tudo, ele falou assim: “Se eu entregar vocês para um pessoal dali que é milícia, eu vou ganhar um dinheiro com isso”. Daí, eu já pensei que se envolve grana, né, cumpadi, o cara faz mermo. Resumindo, quando chegou à delegacia, o delegado titular de lá era uma mulher, mas demos sorte porque ela não estava, porque se ela tivesse íamos assinar. Mas chegamos lá, estava um cara no lugar dela, aí quando chegou o policial e disse: “Pegamos esses senhores piXando.” Crente, crente que o cara ia exaltar ele, aí... “Porra, tu traz estas porra pra cá cara? Tomou um dinheiro deles? Pintou eles? Não fez não? Então senta eles aí, vamos ver.” Então, ele puxou nossa ficha no sistema e não tinha nada. E detalhe, ainda nos demos bem porque o Rino é protético e o policial era banguela! O Rino ofereceu os serviços gratuitamente, mas o cara se ofendeu: “Não, eu não quero nada de graça não, minhas paradas eu pago, mas eu vou te procurar.” Rino deixou o cartão com o cara e mostrou que era trabalhador.

Como me incomoda esse discurso super presente no senso comum, isso de, ao se afirmar trabalhador, você ser absolvido de todas suas imperfeições. Ainda hoje, basta trabalhar, basta produzir, basta ser um elemento confortante do sistema para ser mais facilmente absolvido. Fascismos nada micros.

Tatá continuou:

– Agora, o perrengue eu passei em Deodoro. Porra, tomei uma tapa de um gordo, maluco. Cara, a mão do cara era assim (mostrando ser gigante). Mas eu dou tanta sorte, porque eu, fora isso, tenho minha espiritualidade também. Todo dia, eu pá (juntou as mãos e com uma mímica de reza arrancou altos risos da galera que, a meu ver, não esperava isso dele). Eu estava com dois amigos, sendo um grandão e careca, um cara que se você encontra na madrugada você até atravessa a rua de medo. Aí, o policial segurou eles e perguntou: “Vocês estão fazendo o que aí?” O grande problema do piXador é quando a gente é pego longe de casa. Porra, eu moro no centro da cidade, o outro mora em Belford Roxo, você está em Deodoro, 3 horas da manhã. “Tu está fazendo o quê?” Ah! Vamos falar que estamos vindo da casa das mulher, mas vai que o policial diz: “Então vamos na casa delas”? Tu vai bater na casa de quem ali? Então, não deu para a gente combinar antes o papo que a gente ia dar, aí os caras manjaram. Como eu estava um pouco afastado, fui, disfarcei com o celular, eu não posso meter o pé e deixar os caras sozinhos. Então eles me viram e gritaram: “Oi, cidadão!” Eles ficaram desconfiados, mas como eu estava todo social, vindo

do trabalho, eles perguntaram: “Você está com eles?” Tive que dizer “Estou sim.” “Encosta!” Aí, a ideia é a seguinte, policial não gosta que você minta para ele. Depende, policial da baixada eu nunca rodei não, mas o policial daqui, ele não gosta que minta, cumpadi. Tem que dar logo o papo reto, então cheguei: “O negócio é piXar mermo, ninguém aqui nem é usuário de drogas, nada, a gente estava piXando ali.” “Ah! Estavam piXando, é?” Pá, já tomei a primeira. Aí é que tu se arrepende, né, maluço?

Em meio a mais risos, Ney relembra:

– É por isso que você não quer que seu filho passe, né?

– Claro, ainda mais com ele sabendo minhas histórias. É o que eu falo, a história se torna até com uma pitada de humor, mas, na hora... aí, acabou que eu, na minha oração de mente, né, cumpadi. Fiquei foi com pena dos amigos, tomaram uns bicos, tomaram uns tapas, foram pintados e eu não fui pintado. Tudo bem, não vou mentir, pintaram só um pedacinho da minha orelha, mas peguei só papel, pronto saiu. Eles não, tiveram que passar em posto cara, pegaram gasolina e tudo para limpar. Pintaram a careca do cara toda. Mas aí, resumindo, sabe o que a gente fez? Tínhamos mais três latas no carro: “Agora é que a gente vai pixar mermo!” Fomos parar lá em Edson Passos, fomos parar só às 5 horas da manhã. Então, o grande piXador, quando ele é pego, é o “está vindo da onde?” Esse “está vindo da onde” é brabo.

Paula tinha horário e pediu para sair, Runk aproveitou:

– E o cachê, quem vai pagar? Era ela?

– Ela não deixou o cachê não, mas depois eu deixo o endereço dela – mandou Paulo em ácida ironia.

Paulo continua, tentando fazer uma reflexão mais ampla quanto ao encontro:

– Eu estava pensando em outras coisas, como é que a gente tenta, e isso é coisa da academia, enquadrar as pessoas e os movimentos nas coisas que a gente já sabe. Então, muitas perguntas que nós fizemos foram porque a gente queria compreender vocês através do que a gente já sabia. Isso é um dos piores defeitos da academia e, ao mesmo tempo, é o que alimenta a academia. Eu acho, que, dentre várias, uma grande lição que vocês nos trouxeram hoje foi isso. Não adianta a gente querer enquadrar porque cada um fez a pergunta quis, mas recebeu a resposta que quis, né? E o quanto essa coisa da compreensão do

movimento do outro é importante. Então, o que a gente quer é poder dizer “o pixador tem que ser um revoltado”. Sabe, então a gente tem um monte de explicações já iguais a essa para dizer por que vocês fazem isso. Na verdade, cada um faz isso pelos motivos mais diversos, mais diferentes. Existem algumas coisas que unem vocês como nos une aqui e como une todos os grupos, ou seja, todos nós somos um pouco loucos e um pouco normais.

Tatá aproveita e canta um pedaço significativo de um *rap*:

– Loucos e doidos, se é assim que eles querem, é assim que vamos ser.
– Então, eu acho que essa reunião, para mim, significou muito. E fica também o convite para vocês frequentarem o grupo e se sentirem parte desse grupo. Podem vir o dia que quiserem. Vir para cá, conversar e depois descer para o “dois por um”.

Enquanto isso, nosso cartunista Brown, em silêncio, produzia uma caricatura (**ver p. 358**) para cada um dos piXadores presentes. Então Paulo anunciou o trabalho que, inclusive para a minha surpresa, já tinha sido pensado anteriormente:

– Eu pedi ao Brown, que é nosso chefe desenhista, para registrar esse momento de alguma forma.

Brown, então, após mostrar a caricatura de todos ali, pede para que interajam no desenho, da maneira mais óbvia para um piXador, pondo seu nome:

– Eu queria, na verdade, que vocês completassem esse trabalho aqui, que dizer, é uma arte conjunta, uma arte minha e de vocês, colocando aqui o Xarpi de cada um, ao lado de cada rosto – explicou Brown,

Tatá, sempre perspicaz e irônico:

– Ih! Isso já é retrato-falado!

Após altas gargalhadas, Brown continuou a brincadeira:

– Não, mas eu não vou levar para a DP não.

Tatá retoma, interrompendo o clima leve, brincalhão:

– Só gostaria de voltar em um ponto aqui, galera, que me incomodou. Uma palavra que ele usou ali (o Ney). Nada contra você. Quando você falou que o piXador precisaria ser abusado, por que o abusado?

– Não, abusado de chegar assim e tomar o muro da pessoa, um abuso neste sentido. Porque quando um cara pinta e cuida do seu muro e vem vocês e piXam, para mim, ele vai pensar que vocês são abusados.

– Entendi o que você quis dizer. Mas se ele pensa isso de mim, o que será que ele pensa dos políticos?

Paulo continua:

– Engraçado, que eu nunca tive um pensamento violento contra isso. Na verdade, eu nunca pensei muito sobre isso, estou sendo obrigado a pensar agora por causa desse mala aí (eu!). Mas está sendo bem legal, até esta viagem que fiz pra Europa me fez olhar para a cidade e ver que a coisa é muito mais ampla. Lá, a noção de perigo é diferente, tudo rasteirinho, não tem isso de escalagem. Aqui quando vejo estes nomes lá em cima, a única reação, a única coisa que consigo dizer é “puta que o pariu.” Mas agora que estou, de certa forma, mais por dentro, a gente começa a perceber o que causa essa adrenalina, se misturar com a tinta então, dá o maior barato.

Finalmente, eu fiz um comentário:

– Eu acho que, além disso, é bacana percebermos que todo mundo tem ou teve uma certa vontade de rabiscar, parece o nosso ambiente tem um ímã que atrai a vontade de rabiscar. Outro dia, apareceu, no Fantástico, um cara que desenvolveu uma máquina que faz pichação (mais uma vez com “ch”) com laser. Então, você rabisca e depois que desliga a máquina a piXaçãOo some, né? E era incrível, a quantidade de pessoas que paravam para experimentar e rabiscar os muros com seu nome. Aí você vê assim, até que ponto todo mundo não quer rabiscar alguma coisa. Não satisfeito, ao final da matéria, o repórter pegou e escreveu numa parede “é fantástico”.

Continuei:

– Lá em Brasília, o pessoal da secretaria de segurança desenvolveu um projeto para acabar com a piXaçãO. E o nome do projeto era “Picasso não pichava” (e põe “ch” nisso).

Nath já me interrompe sem pudores:

– Nossa! E eu acho uma porcaria o que ele fez. Não dou um centavo por aqueles quadros, com um olho aqui outro ali.

– Então, baixei o projeto pela internet e veio uma cartilha ensinando a identificar um piXador. A primeira lição é: fique atento aos cadernos e fichários de seus filhos, caso esteja piXado, é um indício de que ele é um piXador. Pô, qual o caderno e fichário de colégio que não é piXado?

Winston, desejando voltar ao que Nath falou sobre Picasso, pergunta:

– Tem algum nome, no campo da pintura, que chama a atenção de vocês? Tem alguém?

– Salvador Dali. Dali é meu preferido – afirma prontamente Runk.

– Dali e Romero de Brito – os lembrados pela Nath.

– Acabou? – perguntou alguém.

– Acabou para eles, já estamos no 12º andar aqui – Tatá já antevendo uma possível missão mídia máxima na UERJ.

– Vamos só com *fat cap* – Nath querendo já tacar uns nomes bem grandões.

Paulo dá um conselho talvez mais importante para ele, para mim e para o grupo que para a meninada:

– Aconselho a deixar passar esse período de greve porque, por incrível que pareça, tem muito policial rondando por aí.

– Mas isso aqui é, de fato, um alvo em potencial – reafirma Runk, talvez lembrando seus tempos de trabalho por aquelas mesmas rampas anos atrás.

– Quem aqui já foi da UERJ, mesmo? – perguntou Paulo.

– Trabalhei no Proderj, dos 15 aos 18 anos – Runk reafirma.

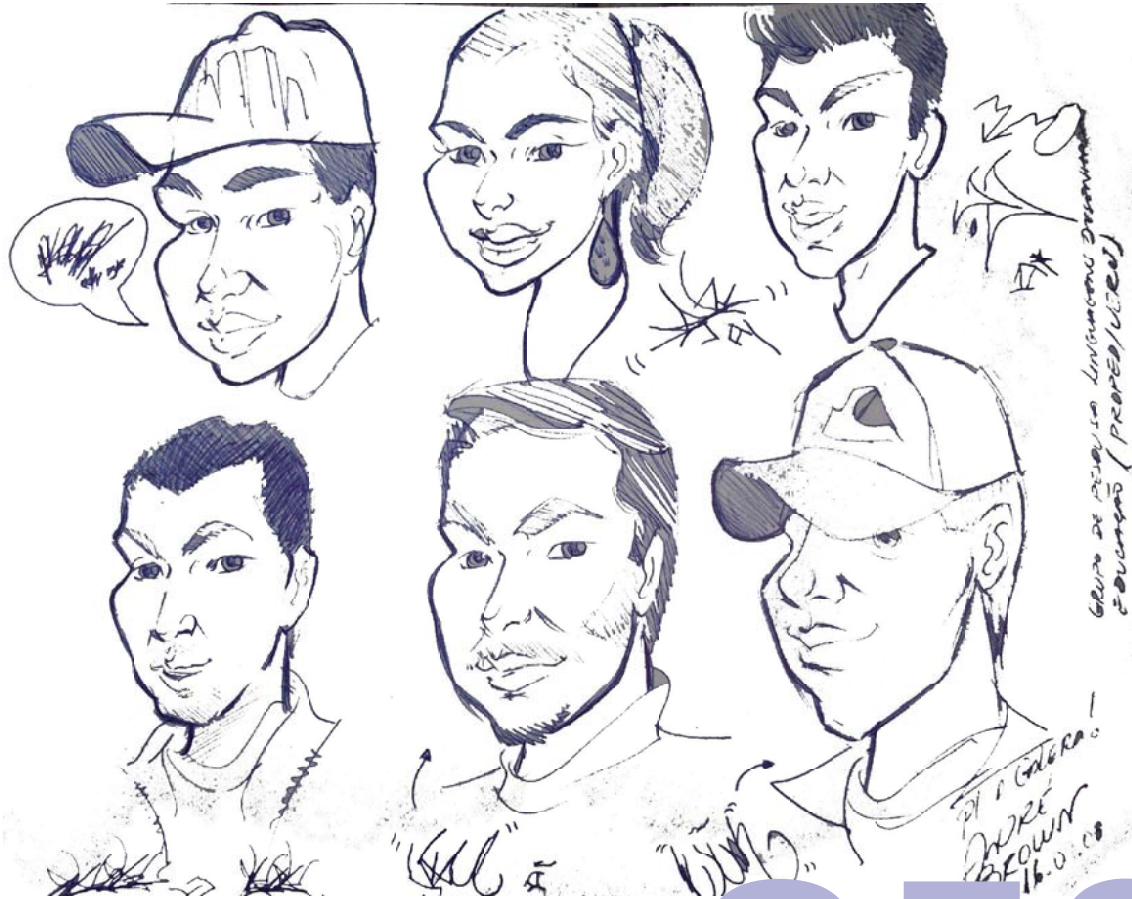
– Qual vai ser a boa, então? Uma cervejinha? – pergunta Runk.

– Nem precisa ser cerveja, pode ser cachaça! – Paulo, mais uma vez.

Se, ao início, então, os capuzes e os bonés figuravam, materializavam e metaforizavam a distância, tal interrupção visual que garantia certa segurança de identidade, em menos de meia-hora não era mais necessária. Ao final, a metáfora muda de lugar.

Agora, era a cachaça o símbolo de uma possível simpatia e convivência com o diferente, que, ao rir, mais ou menos das mesmas piadas por cerca de 2 horas, nem era mais tão diferente assim, apesar de continuar sendo.

Runk, Tatá e Nath não puderam ficar, porém, Tokaya, e os caladões JJ e Tigre (não foi questão de edição, eles não emitiram uma palavra durante todo o encontro, mas rir eles riram) foram, junto com o restante do grupo, ao Planeta do Chopp, carinhosamente e alcoolicamente chamado pelo Paulo de “meu escritório”. Dois chopes para cada um, sendo o do Paulo, chope claro com espuma de chope escuro, como sempre; mais uma pizza calabresa, logicamente bancada pelo grupo, ou melhor, pelo Paulo. Após alguns papos não mais gravados, resolvemos, então, sair, eu para minha casa e os 3 piXadores, para um churrasco na Praça Varnhagem e, certamente, missões logo em seguida. No caminho pela calçada, recebemos um material de campanha do senador Marcelo Crivella, na época, candidato à prefeitura do Rio de Janeiro, eu recusei, mas eles pegaram e abriram. Eu, ingenuamente, pensava, eles estão mesmo lendo? Tal dúvida durou pouco mais de 1 segundo e meio, uma vez que, logo se ouviu uma risada entre os três. Como o material era todo recheado de fotos da cidade, naqueles breves instantes, eles já haviam percebido quais os bairros ali estampados e, mais do que isso, obviamente, assinalado e identificado os nomes que espancavam os muros fotografados. Enquanto alguns só viram fotos de campanha, eles pareciam ver fotos dos amigos. Que cidade é essa que eu não sou capaz de viver?



358

9.. PEDAGOGIA, ARTE E CRIME, EM ÍNTIMO CONTATO.

Apesar de já ter abraçado a questão da educação, seja através da arte de seu ensino ou por meio das provocações à pedagogização do comportamento urbano, até como maneira de praticar, de fato, uma dissertação pouco *capitulável*, conversável, destino estas últimas páginas a me debruçar mais especificamente sobre estes desafios que propus, durante todo o trabalho, à educação. De todo modo, assim como, lá no primeiro capítulo sobre a juventude, cheguei a dizer que os pensamentos mais interessantes e profundos sobre ela poderiam nem estar naquele capítulo, mas *perdidosachados* pelos outros cantos da dissertação, é bem capaz de, aqui, acontecer o mesmo, provavelmente o que meu trabalho tem de maior contribuição para quem quer pesquisar , ineditismo, com toda certeza. Contudo, sigo.

Após evidenciar, por uma série de noções, a força da condição juvenil como protagonista, assinalo, nas suas “artistagens” cotidianas, em especial nas que passei um bom tempo mergulhado, no Χαρπι, um campo primordial para quem busca pensar os desafios da educação, especialmente no campo do ensino da arte e seus possíveis ‘des’limites curriculares. De que maneira a arte entendida não como instituição, mas como a própria produção estética inerente à juvenildade, pode vir a tomar corpo na construção cotidiana do currículo, ou seja, de um currículo volátil?

A própria moral é unicamente uma interpretação de certos fenômenos [...], uma interpretação equivocada. [...] O juízo moral não deve ser tomado nunca ao pé da letra. (NIETZSCHE, apud LARROSA, 2005, p. 29)

Ao dismantelar a moral atribuindo a ela a noção de “*interpretação equivocada*”, ou seja, de criatura ou invenção de necessidades humanas, ou de determinados humanos, Nietzsche propõe diferentes caminhos para a aventura do pensar epistemológico, ou seja, um pensar que ponha em cheque exatamente os valores aparentemente ou naturalmente

inquestionáveis. Desta maneira, a discussão neste momento se dará exatamente, na necessidade de eclosão do que foi recalçado sob as premissas de uma ‘bondade’ moral, de uma positividade, muito evidente em diversos estudos sobre a educação, especialmente sob a tutela benfeitora do muito comum ‘educar para civilizar’.

“Hoje, a aspiração dos arte/educadores é influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes” (BARBOSA, 2005, p. 98). Depois de tamanho mergulho no cerne de uma cultura tão rechaçada pela moral que sustenta esta última citação, não há como não pôr em cheque este “*influir positivamente*”. É evidente, neste caso, a cicatriz deixada pelos atravessamentos morais que sorrateiramente marcam o ensino da Arte. Após sair marcado e com uma respiração acelerada, mas com fôlego redobrado para novas incursões, deste mergulho, não há como não desconfiar de qualquer ação educativa que, já em seus primeiros dizeres, evidencie uma benesse sobre o “*desenvolvimento cultural*” do outro. Assim como “*uma obra de arte só tem sentido para os que nela se reconhecem e para quem a criou*” (MAFFESOLI, 2005, p. 24), este “*influir positivamente*”, tão corriqueiro nos estudos sobre o ensino da arte só fará sentido para quem nele sustente algum privilégio, ou para quem dele necessite como afirmação e conforto, ou quem apenas se vislumbra.

A Rua educa
Com uma educação bem diferente
Já cai, já levantei
E já nadei contra a corrente

(Leonel – Rap do Xarpi)

Ao estudar as orientações curriculares para o ensino médio (volume 1, 2006), em especial no campo das artes, fica evidente sua ênfase em relacionar sempre o aprimoramento técnico com a contextualização nas manifestações concretas da linguagem, ou seja, com acontecimentos da vida no cotidiano, que de alguma maneira evidencia organicamente a utilização de tais técnicas, a fim de tornar o aprendizado mais “*atrativo e interes-*

sante” (op. cit., p. 185).

A questão não é criticar o que está em tais orientações através de um romanceado encanto pelo “bonde do Χαριπ”, mesmo que eu esteja, de fato, romanticamente encantado! Já estamos na página **361**, vocês ainda têm alguma dúvida? O que proponho é flagrar a incapacidade deste ensino da arte que, amparado apenas por suas atrativas e interessantes técnicas evidenciadas em algumas produções cotidianas, age e discursa quase como um ‘salvador de almas’, ou seja, que trabalham no objetivo de fazerem os estudantes cada vez mais se reconhecerem e criarem a partir e dentro daquilo que se entende por instituição lucrativa da arte.

Somos adestrados desde pequeno na escola, o que é certo e o que é errado. Se a gente foge um pouco deste padrão, somos uma anomalia. O conceito de πιΧαçÃO é isso, é uma coisa anormal, que não faz parte, não é lógico. Como a Bienal é uma coisa que faz parte do mundo real, digamos assim, da construção da nossa sociedade, você colocar uma coisa que não é aceita pela população em geral lá, foi o que chocou, uma agressão. Como que o cara pode dizer o que é arte e o que não é arte, se é tão óbvio que é. (ANARKIA em conversa)

Basta dilatar, maffesolianamente, o entendimento da arte para toda a profusão estética da completude vida, seja no sombrio ou na multidão, para evidenciar o interesse do instituído por uma estética moralizadora. Quando um πιΧador aprende as técnicas de “*ponto, linha, forma, plano, textura, cores, [...]. Efeitos de movimento, ritmo, peso e direção visual. Efeitos de volume, profundidade espacial, representação em perspectiva, entre outros*” (op. cit., p. 184), passa a grafitar, mas as usa inclusive como tática de segurança, visto o seu maior aceite social e escolar, para garantir suas escaladas noturnas e seus ‘espancamentos’, torna-se inegável a valorização da adrenalina, da pulsão-vida, como ferramenta e plataforma de obragens artísticas juvenis.

O que sempre vai faltar pro grafite, o que o πιΧador tem que o grafiteiro não tem, é a adrenalina. Não rola. Não rola porque o grafiteiro não vai pegar a casa

de ninguém, o beiral de ninguém, a janela. Ele faz ali em baixo, no muro e tal, não está agredindo ninguém. Que tipo de adrenalina você pode sentir grafitando o muro da estação? Com todo respeito. (RUNK em conversa)

Se o fato, já dito durante o trabalho, de que grande parte dos grafiteiros, especialmente os que vieram da escola da rua e não das oficinas de grafite, ou seja, aqueles que estão ligados e alguma vez já conheceram a adrenalina que compõe a $\pi\chi\alpha\zeta\tilde{\alpha}\omicron$, mesmo após desenvolverem toda uma técnica e um estilo no grafite, continuam destinando, muitas vezes, com uma frequência boa, parte de suas tintas para o $\chi\alpha\rho\pi$, é mais do que óbvio que a condição juvenil e tudo que vem com ela, incluindo, claro, suas produções estéticas, suas fruições vitais, não podem ser limitadas ao conhecimentos destas técnicas, ou seja, em português claro, técnica não salva ninguém, ou melhor não há ninguém a ser salvo, mas a ter vozes amplificadas, isso sim. E então, como a educação, como o ensino da arte pode lidar ou amparar toda esta contradição, toda essa polifonia constrangedora escancarada por esta meninada do tamanho da cidade que, apesar de toda fragilidade, ressurgem sem nunca ter sumido com força total? O grande perigo, a meu ver, e já muito comum, é que este amparo não veja na audácia, na ousadia, na indisciplina, ou seja, em tudo aquilo que, por eu ter-me encantado, tornaram, até mesmo, este trabalho possível – no poder desconcertante da juventude, algo afirmativo, algo a ser levado em conta, mas recaia, novamente, naquilo que é mais fácil, mais preguiçoso, ou melhor, nada audaz, nada ousado e nada indisciplinado, porém, em contrapartida, mais educativo. A saída que proponho para a educação é que ela seja menos educativa? Isso! Que a educação seja mais o reflexo da sociedade e da cidade que a constitui, que a educação, corajosamente, não só conviva com aquilo que a constrange, mas que ativamente proponha e abrace discussões à primeira vista indiscutíveis, mesmo que estas caminhem com força rumo à destruição de toda a moral que permitiu existir o que se chama educação hoje. Que ela, assim, abraçando tudo aquilo que ela deveria aniquilar, produza algo de novo, algo que mude quase que para seu

contrário o que costumamos entender por “boa educação”, que esta expressão se torne uma expressão, ou seja, que se afaste ao máximo de “bons modos”, “bom comportamento”.

Puxando a coisa para algo mais palpável referente ao meu trabalho, exemplos de ações educativas, no caso até mesmo públicas, que levem em consideração o $\chi\alpha\rho\pi$, até acontecem, afinal de contas, é inegável a sua participação na construção de nossa visualidade urbano-contemporânea. Contudo, quando feitas, geralmente são pautadas justamente, no aniquilamento do que se entende por $\chi\alpha\rho\pi$, se pode até usar o $\chi\alpha\rho\pi$ como assunto, mas sempre com um cunho salvador, sob o discurso claro e auto-justificado de que a vida, neste sentido, seria muito melhor se não existisse o $\chi\alpha\rho\pi$. Qual a saída? Retirar todos dessa vida que seriam um ‘mal’ – afinal de contas, é crime – em favor de alguma outra que seja referenciada, muitas vezes, por estéticas do ‘bem’, isso tudo sem em nenhum momento sequer promover algum debate mais interessante, algum fôlego epistemológico mais demorado, afinal de contas a educação e, em especial, o ensino da arte parecem não conviver bem com discussões mais filosóficas que metodológicas. Então, em nome do que se vomita por aí como “transformação social”, se promovem, em alto e bom tom, políticas públicas muito bem financiadas de aniquilamento da imaginação. Ao invés, então, de promover conversas perigosas, ou seja, aquelas que, mesmo tratando de estéticas criminosas, consegue pôr esse adjetivo em suspenso, ou seja, uma conversa que não se sabe como começará nem onde terminará, sem objetivos finais, ou melhor, com um objetivo sim, mas bem solto, o de ampliar a discussão, de deixar entrar na conversa as complexidades que possibilitaram o $\chi\alpha\rho\pi$ ser o fenômeno com as proporções que tem. O quanto ele é significativo? O quanto a busca pelo seu aniquilamento não reforça nosso distanciamento, não nos tornam bienais do vazio? Enquanto isso, estas perguntas são muito mais fontes de esquivas que de mergulho, e o que se vê por aí:



Estas são as camisas utilizadas pelo projeto “Picasso não pichava” desenvolvido pela Secretaria de Segurança Pública de Brasília, um projeto de prevenção e combate à pichação com um nome mais do que enunciativo de todo o processo simbolicamente violento que, mesmo patrocinado pelo Estado, tem na arte, na maior delas, sua principal cúmplice. “Grafite é Arte. Pichação é crime” na frente e o nome do projeto nas costas. Já as fotos que seguem, são de um livro voltado para a educação infantil – “Muita água e sabão... mas pichação não”.



Reacionarismos educativos do pior tipo, medos, agonias, falta de fôlego diante da complexidade exponencial de nossos dias, desta juventude e suas estéticas, desta cidade e suas novas possibilidades não autorizadas, rasgadas sem permissão. “Respeitar o vizinho”, “Direito ao Patrimônio”, “Sujões”, sobre isso, sabem falar muito bem, mas e a força de criar para si um nome não registrável oficialmente, e assiná-lo, ou melhor, espancá-lo por toda a cidade, ocupando e acionando seus fetiches visuais, numa prova evidente de

que tudo aquilo parece não ter sido feito para ele, mas que, de uma madrugada para a outra, passa não só a pertencê-lo, mas a sê-lo, organicamente, passa a estampar naquela pedra os seus fluxos, a sua carne, o seu sangue. Urbanidade reencantada, forças não-humanas eXtremamente humanizadas, pedras que passam a respirar, pedras que não só estão, mas se insinuam, cidade erótica – sequer pensam nisso? O que impede? Alguma moral? Algum ranço rancoroso? Sonhos? Filantropias? Igreja? O bem? Ou será que é a arte?

Até que ponto, projetos deste tipo não apenas reforçam e aumentam os abismos que constituem o, talvez, mais evidente problema de nossa sociedade – sua situação hiperfragmentada? Aos que se enquadrarem, que reagirem como o esperado, todo o *glamour*, todo o vislumbre do nome ‘artista’; já os melhores alunos, aos Rafaelis, os que não deixam sua produção estética criminosa morrer, merecem outros ditos – ‘esses não tem jeito mesmo’.

Então, qualquer projeto que ampare, de alguma maneira, a pichação, ou seja lá qual outra estética ameaçadora-periferizada, que não seja habitado pelas vozes e ações afirmativas de seus praticantes, daqueles que a vivem na maior das intensidades, daqueles apaixonados, não fará qualquer sentido, e é bem melhor que sequer aconteça. Com toda convicção, devo dizer que não só Brasília, mas a humanidade viveria melhor, mais saudável, mais respirável, sem o projeto “Picasso não pichava”, e muito menos sem esse ‘livrinho’ aí.

Arte é o que está na galeria, se o grafiteiro pinta e vende na galeria é arte. A do muro não é arte, alguém pode ir ali e mijar em cima. A arte é pro olho de quem vê. Tem coisas que alguma pessoa dá milhões, que eu não dou 3 reais. A arte está no olho de quem vê, ou melhor, de quem compra, principalmente de quem compra. (HAIR em conversa)

Se, como eu disse, então, anteriormente, quem quer lidar com estética e ainda mais com o seu ensino, hoje, mergulhado nesta sociedade fragmentada, cada vez mais em fran-

galhos, mas, ao mesmo tempo, recheada de gritos indisciplinados vindos justamente dos abismos abertos nestas fragmentações, que anunciam suas chances cada vez mais revigorantes de reencantamentos disso tudo, precisaria, de antemão, assumir para si a inadequação e a limitação de nosso arsenal moral de avaliação, então, este projeto tornou-se, assim, potentíssimo para meu trabalho, afinal de contas, flagra lodo de cara, na parte da frente da camisa de lidar com aquilo tudo que é contemporâneo no aspecto mais significativo, ou seja, aquilo que não compreendemos, que não damos conta, ou melhor, achamos que damos, afinal, conhecemos tanto e tudo que damos até nomes – crime ou arte.

Eu vejo a piXaçãO como a forma mais pura de arte, muito mais pura que qualquer quadro que esteja por aí. É uma coisa, mesmo que inconsciente, é o ato mais puro artístico. Ele não tem o objetivo de fazer arte em si, mas aquilo dali é arte, porque ele vai estar expressando, vai pôr para fora uma desilusão da vida dele. Ele não piXa porque a vida dele está maravilhosa, porque ele está satisfeito, são pessoas que não se enquadram na maneira que a gente vive, são pessoas que estão insatisfeitas com a vida que a gente tem. É uma forma inconsciente de mostrar que tem algo de errado na organização de nossa sociedade. (ANARKIA em conversa)

Evidenciando não só os frangalhos de nossa sociedade, mas também, os piXadores como anunciadores destes frangalhos, a meu ver, Anarkia diz, mais ou menos o que acabei de dizer, ou seja, que é, justamente do interior da parte mais frangalhada da sociedade que surgem as vozes anunciadoras do novo, de tudo aquilo que nós, como pessoas que escolheram trabalhar com educação e com estética, devemos não ouvir como ameaças inimigas, mas como proposições mesmo que, de fato, ameaçadoras, mas também, firmes e ativas mesmo, afinal de contas que vozes de fato deveriam vir das partes em frangalhos? Vozes cômodas? Vozes confortáveis? Onde estaria, então, o frangalho? Nada das que deveriam, mas as que vêm, as que estão por todos os lados, a todo momento, nos açoitando – Vozes dissonantes então, como novas e desafiantes chances “*extra-morais*” nietzschianas para este possível reencantamento, para uma reagregação do tecido de nossa sociedade

que, obviamente para mim, não virá com o conforto ao qual a educação e o ensino da arte estão acostumados, mas com muita dor, com movimentos inesperados, com rompimentos e solavancos de todas as bases, especialmente aquelas mais bem fincadas, e são logo, e justamente estas, que, não por acaso, tornam-se primeiros alvos dos atrevidos e abusados arteiros que vêm de fora, do fundão. Rafaéis nas belas artes, Caróis nas bienais, Molecadas em Choque Cultural, piXadores na UERJ, Joëzinhos na sua sala de aula. Educação sob pressão!

Em suma, “*se o texto da moral, esse texto inscrito em nosso próprio corpo e cuja origem podemos ler no passado da Humanidade, se esse texto é agora uma interpretação, trata-se então de atrever-se a lê-lo de outra maneira, de forçá-lo a mostrar um sentido diferente*” (LARROSA, 2005, p. 29).

*Não sou formado, mas sou informado, e estou ligado.
Xarpi na veia, é isso que eu tenho, se tomo uma dura, eu falo que
faço só desenho.
A arte que emociona não se vende, nem depende de ninguém,
surpreende a quem está do lado do bem.*

(Leonel – Rap do Xarpi)

É preciso, portanto – ou melhor, se faz urgente –, encararmos as leis e nossas amarras morais não com a rigidez que elas se postulam, é necessário um golpe, um solavanco como ataque surpresa ao que supostamente é *inatacável*, para que estes conceitos, postos como imobilizados, recarreguem e tornem inegável sua real e constitutiva mobilidade, mutabilidade. Em outras palavras, temos que impedir que as leis e as morais nos impeçam de encontrar, justamente na ilegalidade, no imoral e no crime, fontes para nossa epistemologia; afinal de contas, em pouco tempo, como a história já cansou de provar, o crime torna-se arte e a arte torna-se crime, mas isso tudo sem nunca deixar de ser produção estética, aquilo que torna nossa vida menos penosa, fruível. Pode doer, pode até levantar alguns mortos que gritem, alguns mudos, mas acredito que esta desvestida ao menos oxi-

genará a pedagogia e, em especial, o campo do ensino que mais se propõe ao estudo da estética, ou seja, o ensino da arte. Mesmo que cause uma série de desconfortos, angústias, medos e faltas de ar, mas uma olhada para o lado, para o fundão, como já descrevi, faz encontrar o que já está em baixo do nariz de todo mundo, uma série de formas de vida, e de produções fervilhantes que, em muitos sentidos, nos ajudam não só a compreender e a conviver melhor com a vida, mas que também implodem, jogam por terra uma série de regimes de verdade que ainda sustentam o mundo do conhecimento. Simpatia pela vida. Mesmo que, num primeiro ímpeto, suas pernas te façam correr do perigo, volte lá, escolte, com todo o cuidado, minuciosamente, em pouco tempo você vai rir dele, sentir falta. Há vida, há ar respirável, onde, supostamente, não deveria ter ninguém.

368

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.) *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Tereza V. R. Rir por pura crueldade. In: KANGUSSU, Imaculada. et al. *O cômico e o trágico*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 2: a experiência limite*. São Paulo: Escuta, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos da metrópole*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CANEVACCI, Massimo. (2001). *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A.
- CANEVACCI, Massimo. *Fetichismos visuais: corpos erópticos e metrópole comunicacional*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. – 2ª ed. – São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens – filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CROUZET-PAVAN, Elisabeth. Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII – XV). In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Introdução à vida não fascista*. Preface in: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento, New York, Viking Press, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, Vol. IV , 1994, pp. 41-95.
- FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- GALLO, Sílvio. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Cien-

tíficos, 1989.

JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, SP: Itaú Cultural, n. 5, (abr./jun. 2008), 2008.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LAROCHEFOUCAULD, François. *Máximas e reflexões*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

LARROSA, J., A arte da conversa. In: SCLIAR, Carlos. *Pedagogia Improvável da Diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LARROSA, Jorge. La operación ensayo: sobre el ensayar y el ensayarse en el pensamiento, en la escritura y en la vida. In: SOUZA, Pedro; FALCÃO, Luis. *Michel Foucault – perspectivas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

LATOURET, Bruno. *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. São Paulo: EDUSC, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

LUCHETTI, Daniela. *Writing: storia, linguaggi, arte nei graffiti di strada*. – 2ª ed. – Roma, Itália: Castelvechi, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Escala, 2007a.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. São Paulo: Escala, 2007b.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Escala, 2007c.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala, 2007d.

SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente - Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, B. S. *O fim das descobertas imperiais*. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. (Org.) *Redes culturais, diversidades e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, B. S. *Por uma concepção multicultural de direitos humanos*. In: SANTOS, Boaventura de Souza. (Org.) *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *História dos jovens: da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SENNET, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SMIERS, Joost. *Artes sob pressão: promovendo a diversidade cultural na era da globalização*. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensarte, 2006.

TAYLOR, Roger L.. *Arte inimiga do povo*. São Paulo, SP: Conrad, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone Moisés, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

371

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)